

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS ESTRANGEIRAS E  
TRADUÇÃO

MARIA LÚCIA GUILHERME

O livro *Le Judaïsme* em relação dialógica com a Declaração *Nostra Aetate*:  
uma resposta à proposta de aproximação entre cristãos e judeus

**Versão Corrigida**

São Paulo  
2023

MARIA LÚCIA GUILHERME

O livro *Le Judaïsme* em relação dialógica com a Declaração *Nostra Aetate*: uma resposta à proposta de aproximação entre cristãos e judeus

**Versão corrigida**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras Estrangeiras e Tradução.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos

Orientador: Professor Dr. Gabriel Steinberg  
Schvartzman

São Paulo

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G9561 GUILHERME, MARIA LÚCIA  
O livro Le Judaïsme em relação dialógica com a Declaração Nostra Aetate: uma resposta à proposta de aproximação entre cristãos e judeus / MARIA LÚCIA GUILHERME; orientador GABRIEL STEINBERG SCHVARTZMAN - São Paulo, 2023.  
167 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

1. ANTIJUDAÍSMO. 2. CRISTIANISMO . 3. MIKHAIL BAKHTIN. 4. JUDAÍSMO . 5. NOSTRA AETATE . I. SCHVARTZMAN, GABRIEL STEINBERG , orient. II. Título.

2023

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**

**Termo de Anuência do (a) orientador (a)**

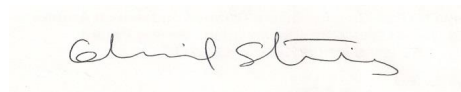
**Nome do (a) aluno (a): Maria Lúcia Guilherme**

**Data da defesa: 09/10/2023**

**Nome do Prof. (a) orientador (a): Gabriel Steinberg Schwartzman**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 16/11 /2023



---

*(Assinatura do (a) orientador (a))*



Universidade de São Paulo

Janu

## ATA DE DEFESA

Aluno: 8163 - 11343125 - 1 / Página 1 de 1

Ata de defesa de Dissertação do(a) Senhor(a) Maria Lucia Guilherme no Programa: Letras Estrangeiras e Tradução, do(a) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Aos 09 dias do mês de outubro de 2023, no(a) Sala de Defesas realizou-se a Defesa da Dissertação do(a) Senhor(a) Maria Lucia Guilherme, apresentada para a obtenção do título de Mestra intitulada:

"O livro *Le Judaïsme* em relação dialógica com a Declaração *Nostra Aetate*: uma resposta à proposta de aproximação entre cristãos e judeus"

Após declarada aberta a sessão, o(a) Sr(a) Presidente passa a palavra ao candidato para exposição e a seguir aos examinadores para as devidas arguições que se desenvolvem nos termos regimentais. Em seguida, a Comissão Julgadora proclama o resultado:

Nome dos Participantes da Banca	Função	Sigla da CPG	Resultado
Gabriel Steinberg Schwartzman	Presidente	FFLCH - USP	Aprovado
Saul Kirschbaum	Titular	Externo	Aprovado
Donizete Luiz Ribeiro	Titular	Externo	Aprovado

**Resultado Final:** Aprovado

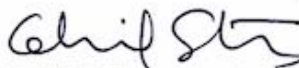
### Parecer da Comissão Julgadora \*

A banca aprova a candidata e reconhece a relevância da sua pesquisa, sugerindo um ulterior aprofundamento visando a publicação em livro e/ou um projeto de doutoramento.

Eu, Regina Celi Sant Ana \_\_\_\_\_, lavrei a presente ata, que assino juntamente com os(as) Senhores(as) examinadores. São Paulo, aos 09 dias do mês de outubro de 2023.

  
Saul Kirschbaum

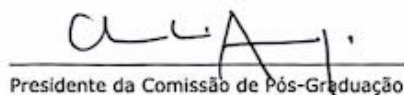
  
Donizete Luiz Ribeiro



Gabriel Steinberg Schwartzman  
Presidente da Comissão Julgadora

\* Obs: Se o candidato for reprovado por algum dos membros, o preenchimento do parecer é obrigatório.

A defesa foi homologada pela Comissão de Pós-Graduação em 09/10/2023 e, portanto, o(a) aluno(a) faz jus ao título de Mestra em Letras obtido no Programa Letras Estrangeiras e Tradução - Área de concentração: Estudos Linguísticos.

  
Presidente da Comissão de Pós-Graduação

Prof. Dra. Gaudia Amigo Pino  
Presidente da Comissão de  
Pós-Graduação  
FFLCH-USP

## AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos por quem me permitiu chegar neste momento: Professor Dr. Gabriel Steinberg Schwartzman, meu orientador. Acreditando em mim, me concedeu um motivo para acreditar também. Deu liberdade para que eu trabalhasse a partir das minhas ideias, mas me emprestou sua objetividade porque eu poderia me perder sem ela.

Dentro do espaço de estudos agradeço aos professores de meus cursos, laboratório de letramento da USP e grupos de estudos. Não dá para nomeá-los porque foram muitos e em diferentes espaços. Agradeço a um em lugar do todo: Professor Saul Kirschbaum, pois me incentivou, através de suas atitudes, a ter uma posição ativa, crítica e persistente diante da escolha de invadir e permanecer no mundo da pesquisa.

Aprendi neste período a procurar raízes e a raiz deste estudo precisa aqui ser registrada a quem agradeço de modo particular pela amizade e incentivo: Januário Beo. Através dele e de Ivete Holthmam agradeço a toda a Congregação *Notre Dame de Sion* que me permitiu adentrar em seus arquivos e bibliotecas dando um grande suporte para o desenvolvimento deste estudo. Registro aqui meu mestre Vitório Cipriani que regou meus conhecimentos com a mesma dedicação que o faz com suas plantas.

Inspiração para iniciar e por onde caminhar academicamente vieram de Adriana Abuhab Bialski a quem agradeço o dinamismo e abertura que fizeram com que eu me sentisse segura dentro de espaços culturais que enriqueceram minha pesquisa.

Agradeço a Sônia, Hélène e José de Souza que fizeram com que minhas buscas na França fossem amparadas pelo acolhimento, apoio, sabedoria e amizade. Viajando comigo dentro da literatura judaica tive a companhia de Olívia e Valter: a força foi grande. Para eu empreender minhas viagens nos saberes, a presença e cuidados de Cilene foram indispensáveis. Marianne foi quem estabeleceu a paz entre mim e meu sumário.

Enfim, sou grata às pessoas que me são próximas e queridas que entenderam a necessidade de minha ausência. As palavras que eu poderia devolver são insuficientes para o tanto que me apoiam mesmo sem entender minhas opções. Seguindo estes ramos mais novos é possível chegar aos nomes da árvore completa: Renan, Lara, Cauê, Lavínia, Lívia, Laura e Luísa.

## לאור הגדול

### קוהלת

פרק ג: א-ח

- א לכל זמן ועת לכל חפץ תחת השמים: ס
- ב עת ללדת ועת למות עת לטעת ועת לעקור נטוע:
- ג עת להרוג ועת לרפוא עת לפרוץ ועת לבנות:
- ד עת לבנות ועת לשחוק עת ספוד ועת רקוד:
- ה עת להשליך אבנים ועת פנוס אבנים עת לחבוק ועת לרחק מסבך:
- ו עת לבקש ועת לאבד עת לשמור ועת להשליך:
- ז עת לקרוע ועת לתפור עת להשות ועת לדבר:
- ח עת לאהב ועת לשנא עת מלקמה ועת שלום.

### **Ecclesiastes**

Capítulo 3,1-8

1. Existe tempo para tudo debaixo do céu:
2. Tempo para nascer e tempo para morrer. Tempo para plantar e tempo para arrancar a planta.
3. Tempo para matar e tempo para curar. Tempo para destruir e tempo para reconstruir.
4. Tempo para chorar e tempo para sorrir. Tempo para lamentar e tempo para celebrar.
5. Tempo para jogar pedras e tempo para juntar pedras. Tempo para abraçar e tempo para se afastar do abraço.
6. Tempo para procurar e tempo para perder. Tempo para guardar e tempo para jogar fora.
7. Tempo para rasgar e tempo para costurar. Tempo para calar e tempo para falar.
8. Tempo para Amar e tempo para odiar. Tempo de guerra e tempo de PAZ.

## RESUMO

**GUILHERME, M.L.** O livro *Le Judaïsme* em relação dialógica com a Declaração *Nostra Aetate*: uma resposta à proposta de aproximação entre cristãos e judeus. 2023. Dissertação. (Mestrado em letras estrangeiras e tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.

Vaticano II é o nome do último concílio realizado pela Igreja Católica e ocorreu de 1962 a 1965. Constatou entre seus documentos finais uma declaração de nome *Nostra Aetate* que aborda a relação da Igreja com as religiões não cristãs. Nela, o artigo 4º destina-se especificamente às relações entre cristãos e judeus. Este documento se contrapõe a todo o discurso anterior da Igreja Católica que, desde o primeiro concílio datado do ano 325, dezesseis séculos antes, tinha uma forte pregação antijudaica que determinava a conversão forçada ou perseguição, expulsão e morte àqueles que não aceitassem agir conforme suas determinações. Esta nova declaração, atendendo forçadamente a demandas do mundo moderno, trazia em sua mensagem a palavra: diálogo. Pautados em pressupostos teóricos do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, sobre gêneros do discurso, analisamos este documento visto como inovador, aplicando o método qualitativo-interpretativo de pesquisa. Elencamos as possibilidades de diálogo do texto da *Nostra Aetate* a partir das vozes que a análise linguística revelava. Com os resultados, construímos uma narrativa onde pode-se observar as relações de aproximação e afastamento entre cristãos e judeus sendo marcadas de um lado pelas decisões conciliares que interviram de forma direta nestas relações e que representam o poder da Igreja e das monarquias; e de outro lado, pelo movimento de indivíduos que, independente de terem ou não vínculos com instituições, se opunham ao caráter violento da opressão destas decisões. Estes indivíduos, através do estudo da história e do que havia em comum entre estas duas tradições, encontraram elementos para desconstruir a história de oposição arquitetada por séculos. Indicamos a participação do historiador francês-judeu Jules Isaac como pedra fundante deste movimento. Uma vez reconhecida esta dentre outras participações, nos voltamos para a análise do segundo texto: o livro *Le Judaïsme* de Dominique de La Maisonneuve. Fazer esta leitura sob a perspectiva Bakhtiniana, nos permitiu registrá-lo como ato responsivo à proposta de diálogo entre cristãos e judeus feito pela *Nostra Aetate*. A autora do livro é membro da Congregação *Notre Dame de Sion*. Esta Congregação, antes da *Nostra Aetate*, dedicava-se à conversão de judeus e, a partir da publicação desta declaração, passou a travar diálogos para aproximação entre cristãos e judeus através do estudo de suas tradições. No livro *Le Judaïsme*, Maisonneuve registrou o resultado de seus estudos sobre a cultura judaica com a finalidade de trazer para o mundo cristão aspectos desta cultura a fim de promover o entendimento e a aproximação.

Palavras-chave: *Nostra Aetate*. Judaísmo. Mikhail Bakhtin. Cristianismo. Antijudaísmo.



## ABSTRACT

**GUILHERME, M.L.** The book *Le Judaïsme* in dialogic relation with the Declaration *Nostra Aetate*: a response to the proposal of rapprochement between Christians and Jews. 2023. Dissertation. (Master in Foreign Languages and Translation) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2023.

Vatican II is the name of the last council held by the Catholic Church and took place from 1962 to 1965. Among its final documents was a declaration called *Nostra Aetate* that addresses the Church's relationship with non-Christian religions. In it, Article 4<sup>o</sup> is specifically aimed at relations between Christians and Jews. This document opposes all the previous discourse of the Catholic Church which, since the first council dated to the year 325, sixteen centuries before, had a strong anti-Jewish preaching that determined the forced conversion or persecution, expulsion and death of those who did not accept to act according to its determinations. This new declaration, forcibly meeting the demands of the modern world, had in its message the word: dialogue. Based on theoretical assumptions of the philosopher of language Mikhail Bakhtin, about speech genres, we analyzed this document seen as innovative, applying the qualitative-interpretative research method. We listed the possibilities of dialogue in the text of *Nostra Aetate* from the voices that the linguistic analysis revealed. With the results, we built a narrative where one can observe the approximation and distancing relations between Christians and Jews being marked on the one hand by the conciliar decisions that intervened directly in these relations and that represent the power of the Church and monarchies; and on the other hand, by the movement of individuals who, regardless of whether or not they had ties to institutions, were opposed to the violent nature of the oppression of these decisions. These individuals, through the study of the history of what was common between these two traditions, found elements to deconstruct the history of opposition architected for centuries. We indicated the participation of the French-Jewish historian Jules Isaac as the foundation stone of this movement. Once this, among other contributions, is recognized, we turned to the analysis of the second text: the book *Le Judaïsme* by Dominique de La Maisonneuve. Reading this from a Bakhtinian perspective allowed us to record it as a responsive act to the proposal for dialogue between Christians and Jews made by *Nostra Aetate*. The author is a member of the Congregation Notre Dame de Sion. This Congregation, before *Nostra Aetate*, was dedicated to the conversion of Jews and, from the publication of this declaration, began to engage in dialogues to bring Christians and Jews closer through the study of their traditions. In the book *Le Judaïsme*, Maisonneuve recorded the results of her studies on Jewish culture with the aim of bringing aspects of this culture to the Christian world to promote understanding and rapprochement.

Keywords: *Nostra Aetate*. Judaism. Mikhail Bakhtin. Christianity. Anti-judaism.

## SUMÁRIO

---

<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>CAPÍTULO 1</b> – <i>Nostra Aetate</i> : apresentação e aspectos linguísticos	18
<b>CAPÍTULO 2</b> – A origem do confronto entre cristãos e judeus	29
2.1 – A cristalização da oposição entre o cristianismo e o judaísmo	30
<b>CAPÍTULO 3</b> – O Movimento para a inclusão do artigo 4º da <i>Nostra Aetate</i> no Concílio Vaticano II	42
3.1 – Jules Isaac: uma voz judaica presente na <i>Nostra Aetate</i>	42
3.2 – Abraham Heschel: concretização da presença judaica na elaboração da <i>Nostra Aetate</i> .	45
<b>CAPÍTULO 4</b> – A Congregação <i>Notre Dame de Sion</i> (NDS): da catequese de conversão ao diálogo fraterno	48
4.1 – As origens da Congregação <i>Notre Dame de Sion</i>	49
4.2 – Théodore Ratisbonne	50
4.3 – Alphonse Ratisbonne	53
4.4 – Formação da Congregação NDS: por Théodore Ratisbonne	66
<b>CAPÍTULO 5</b> – Dominique de La Maisonneuve: diálogo através do conhecimento	71
<b>CAPÍTULO 6</b> – O livro <i>Le Judaïsme</i> : ato responsivo à proposta de diálogo da <i>Nostra Aetate</i>	76
6.1 – O livro <i>Le Judaïsme</i> : apresentação	79
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	113
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	121
<b>APÊNDICE A</b> – Entrevista com Dominique de La Maisonneuve	126
<b>ANEXO A</b> – Discurso de Alexis Blum, Grão Rabino de Paris	153
<b>ANEXO B</b> – Discurso do Padre Patrick Desbois	159
<b>ANEXO C</b> – Os Dez Pontos de Seelisberg	163

---

## INTRODUÇÃO

As relações entre cristãos e judeus há muito suscitam discussões envolvendo aspectos religiosos, políticos, filosóficos e sociais. Como a sua origem data de milênios, os estudos nesta área apresentam uma complexidade de difícil condensação. Partindo de estudos inicialmente desprezíveis há mais de uma década, esta dissertação apresenta um recorte do estudo destas relações delimitada pela análise linguística de dois textos: *Nostra Aetate*<sup>1</sup>, artigo 4º, publicado em 1965 e *Le Judaïsme*, publicado inicialmente em 1998, com novas edições em 2007, 2017 e 2019.

Este recorte surge como moderador de um vasto material pesquisado em livros, arquivos, museus, revisões em livros que abrangem estas relações, viagens a lugares históricos, entrevista com a autora do livro *Le Judaïsme*, discussões em grupos de estudos e cursos nos quais eram mencionadas bibliografias que se somavam e que, muitas vezes, questionavam leituras anteriores. Muitos materiais carregam narrativas pautadas no olhar religioso ora cristão, ora judaico. Surgiu o desejo da produção de um material que agregasse estes olhares abrindo um diálogo entre estas narrativas. A semente deste mestrado estava plantada. Neste percurso aconteceu o encontro com os pensamentos de Mikhail Bakhtin que clarearam o espaço que esta nova narrativa poderia ocupar. A imersão nestes estudos permitiu trazer à tona um material pretensamente organizado que propõe a leitura do olhar de um para o outro tendo como fio condutor cronológico as decisões conciliares da Igreja e os pressupostos linguísticos em análise de discurso do círculo de Mikhail Bakhtin.

O primeiro texto, *Nostra Aetate*, é uma declaração<sup>2</sup> resultante do Concílio<sup>3</sup> Vaticano II que foi iniciado pelo Papa João XXIII e concluído por Paulo VI. O Papa João XXIII, em 1959, logo após assumir seu pontificado, declarou a decisão de convocar um concílio ecumênico<sup>4</sup>. Este Concílio, que foi chamado de Vaticano II, teve sua primeira sessão em 11 de outubro de 1962. Em 1963, o Papa João XXIII morreu e o Papa eleito, Paulo VI, deu

---

<sup>1</sup> *Nostra Aetate* do latim: em nosso tempo. Podendo ser grafado doravante como NA.

<sup>2</sup> Enquanto declaração, tal texto não tem valor normativo, mas de orientação.

<sup>3</sup> Concílio: Assembleia de prelados católicos onde se tratam assuntos dogmáticos, doutrinários ou disciplinares; conselho, assembleia, reunião.

<sup>4</sup> Concílio ecumênico: Reunião de toda uma Igreja cristã, pela convocação de uma representação determinada, para definir e delinear sobre pontos atinentes à missão que lhe é própria.

continuidade ao evento que só foi concluído em 1965. *Nostra Aetate* trata sobre a relação da Igreja Católica com as religiões não cristãs. Nela, o artigo 4º propõe a construção do diálogo entre cristãos e judeus para alcançar um mútuo conhecimento e é parte dos documentos finais deste Concílio. O segundo texto, *Le Judaïsme*, é um livro de Dominique de La Maisonneuve, autora francesa, e é estudado como ato responsivo ao texto de *Nostra Aetate* o qual sugere uma construção de diálogo entre cristãos e judeus.

As tensas relações entre cristãos e judeus são percebidas dentro de grupos que, desde os primeiros séculos, tinham entendimento diverso sobre o reconhecimento de Jesus como o messias esperado pela Bíblia Hebraica. Estes grupos, que de início tinham as mesmas práticas e rituais, foram se afastando por sua aceitação ou não de ser Jesus aquele que os faria viver dentro da era messiânica. A partir de posicionamentos divergentes, eles tiveram confrontos em suas relações políticas, econômicas e sociais. Este ponto será ampliado no capítulo I.

Acusações entre estes dois grupos foram registradas por diversos historiadores. Dentre eles, citamos os autores do livro *Patrística*, segundo os quais, os judeus: “... incluíram os cristãos como minim (hereges) no *Shemonê Esrê*, sua oração cotidiana” (BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008, p. 46). Por outro lado, no livro *De Cristo aos Judeus da Corte*, Léon Poliakov traz fragmentos de textos do século III, onde Orígenes (185-253), teólogo cristão, afirmava sobre os judeus: “Cometeram a mais abominável das perversidades, tramando este conluio contra o Salvador do gênero humano” (POLIAKOV, 1978, p.20). Afirmações como a de Orígenes arquitetaram a homilia<sup>5</sup> do judeu deicida e se propagaram quando foram incorporadas às catequese<sup>6</sup> antijudaicas dentro da Igreja Católica, agravando o antijudaísmo.

Desde que o cristianismo se tornou religião hegemônica na Europa no século IV, a Igreja Católica passou a enxergar o judaísmo como um rival e até mesmo como um inimigo a ser perseguido e silenciado. Foram séculos em que a Igreja, através de decisões conciliares e de uma catequese antijudaica, disseminou discursos que impuseram humilhações, perseguições e mortes ao povo judeu, causando um distanciamento entre os indivíduos destas duas religiões.

---

<sup>5</sup> Homilia: discurso explicativo posterior à leitura do evangelho no rito da Igreja Católica, também conhecido como sermão.

<sup>6</sup> Catequese: Instrução metódica e oral sobre coisas religiosas; doutrinação, ensinamento.

No século XX, analisamos o reflexo desta catequese antijudaica em alguns posicionamentos da Igreja diante do Holocausto. Após a morte de mais de seis milhões de judeus, encontramos um movimento de indivíduos que se propôs a alterar o rumo desta história e cujas vozes ainda se encontram encobertas em documentos e eventos nos quais participaram ativamente.

Um destes documentos foi publicado em 1965. Após o trabalho realizado por parte da Igreja e de outros indivíduos que tinham interesse em mudar esta posição da Instituição, foi elaborado o artigo 4º da declaração *Nostra Aetate* durante o Concílio Vaticano II. Esta declaração, aparentemente um texto monofônico, é estudado dentro de seu contexto histórico e linguístico segundo pressupostos teóricos Bakhtinianos sobre gêneros do discurso.

Através do processo metodológico qualitativo-interpretativo, analisamos a apropriação do discurso do outro, feito pela Igreja, na criação de uma contraposição eficiente. Este fato será esclarecido durante o desenvolvimento da pesquisa. As relações entre cristãos e judeus, a que se refere a *Nostra Aetate*, compreendem um processo de oposição histórica milenar entre estes dois grupos, portanto devem ser analisadas em suas oposições e composições. Deste modo, pressupomos que esta declaração assume sentido e se justifica como ato concreto, segundo definição do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (1895-1975) e convoca outros atos concretos, integrando-se a uma rede de interlocução comunicativa. Justifica-se, portanto, o estudo linguístico do texto da *Nostra Aetate*, artigo 4º, dado o seu potencial dialógico com textos que nos levem a compreender a posição que os sujeitos de seus discursos ocupam em relação à história da tensa relação entre cristãos e judeus, buscando algumas vozes e discursos que possam ser revelados como tentativas de aproximação para estabelecer o diálogo entre estas duas culturas.

O segundo texto, o livro *Le Judaïsme* de Dominique de La Maisonneuve, é estudado sob a perspectiva linguística Bakhtiniana de gêneros de discurso como ato responsivo que dialoga com o texto da *Nostra Aetate*. Sua importância é acentuada por ser a autora pertencente à Congregação Nossa Senhora de Sion<sup>7</sup>, instituição cristã católica que, desde o início de sua formação em 1843, na cidade de Paris, era a única a ter como objetivo a conversão de judeus para o cristianismo e, a partir da elaboração da *Nostra Aetate*, enfrentou

---

<sup>7</sup> O nome Nossa Senhora de Sion da congregação religiosa, em questão, poderá aparecer como *Notre Dame de Sion* em alguns momentos, o que é justificado por sua origem francesa e pelo fato de ser identificada, muitas vezes, pelas letras NDS.

uma reestruturação em seus objetivos passando a promover a aproximação entre cristãos e judeus através do diálogo.

Dominique de La Maisonneuve (1932), dedica sua vida a estabelecer a aproximação entre cristãos e judeus na França. Depois da declaração *Nostra Aetate*, Maisonneuve foi enviada pela Congregação para Israel, conforme narrou em seu livro: “Fui então enviada a Jerusalém, por alguns anos, a fim de estudar com os judeus, em suas escolas, e aprender com eles quem eles eram” (MAISONNEUVE, 2019, p.12).

Em Israel, ela estudou a língua hebraica e a cultura judaica na Universidade de Jerusalém. A partir de 1984, Maisonneuve teve várias obras editadas, na França, que envolvem seus conhecimentos sobre a história e a cultura judaicas e a literatura rabínica. Graças a seus estudos sobre as Sagradas Escrituras, ela propõe a exegese das narrativas judaicas para facilitar o entendimento cristão a respeito desses textos. Sobre este aspecto, temos no prefácio do livro *Por trás das Escrituras*, as palavras de Manoel F. M. Neto, que exemplifica o novo olhar em relação ao povo judeu:

São Jerônimo, grande conhecedor da Bíblia, dizia, por experiência própria, que sozinhos nunca poderemos ler a Escritura. Certamente encontramos muitas dificuldades e logo perdemos o gosto ou caímos em erros graves. O motivo é simples: o fato de a Bíblia ter sido escrita no mundo judaico e para o mundo judaico. Assim, se quisermos compreender os textos sagrados temos que conhecer também o que há por trás deles, e o que há atrás dos textos bíblicos é a cultura judaica. (NETO, 2016, p.13-14).

No livro *Le Judaïsme*, a autora apresenta aspectos do universo de vivências do povo judeu para o cristão numa tentativa de aproximação. Para tanto, logo no início de seu livro, atentamos para suas palavras: “sobrevooaremos a história das relações entre estes dois povos”<sup>8</sup> (MAISONNEUVE, 2017, p.13, tradução nossa), o que nos dá indícios da necessidade de volta ao passado para criar uma ponte com o presente. Ela nos leva, através de uma breve narrativa histórica, a atravessar o caminho percorrido pelos judeus que sofreram com perseguições e mortes cometidas com a participação ou com o silêncio da Igreja Católica. Tocando nesta ferida, a autora abre espaço no relato histórico para que as duas culturas sejam ouvidas, o que desperta o desejo de observá-las e analisar seu entrelaçamento. Como resultado da relação estabelecida entre a autora e a língua hebraica, são introduzidos na narrativa vários termos da cultura judaica, tais como: *Mishná*, *Talmud*, *Midrash*, *Aggadá*, *Halakhá*, *Mitsvá*, sendo transliterados, neste caso em francês, e que são explanados de forma simples, mas detalhada.

---

<sup>8</sup> “Nous survolerons l’histoire des rapports de ces deux peuples” (MAISONNEUVE,1998, p.13)

Dando sequência, Maisonneuve também se debruça sobre os seguintes conceitos da tradição judaica: as orações, as festas, o casamento, a Bíblia, a língua, os conceitos de exílio e de retorno. Este parece ser o caminho que ela encontrou para fazer esta ligação entre as duas culturas. Maisonneuve vai revelando a cultura judaica e possibilitando ao cristão conhecer as raízes judaicas de sua própria fé. Depois de apresentados elementos centrais do judaísmo, Maisonneuve abre um capítulo para apresentar a *Nostra Aetate*, artigo 4º. Ela o faz destacando a sua importância histórica e apontando a problemática enfrentada na sua elaboração e, depois de publicada, para seu entendimento, compreensão e aplicação pela comunidade religiosa cristã. Reconhece a morosidade e ineficiência dos métodos utilizados para divulgação e execução da proposta, mas cita alguns passos dados após sua publicação. Na sequência, a conclusão do livro é iniciada com a epígrafe tirada dos Evangelhos da Bíblia cristã, do livro Romanos, capítulo 11, versículo 18, para mostrar como o cristianismo está entrelaçado com a matriz judaica quando afirma: “Não és tu que carregas a raiz, é a raiz que te leva<sup>9</sup>” (MAISONNEUVE, 2017, p.175, tradução nossa). A autora mostra o quanto da identidade cristã ela reconhece ao estudar a matriz judaica e é desta forma pedagógica que entendemos que Dominique de La Maisonneuve tenta aproximar seus leitores do universo da cultura judaica abrindo espaço para um futuro diálogo. É dentro deste processo de comunicação discursiva, onde o discurso assume um ato responsivo e responsável, que situamos o livro *Le Judaïsme* de Maisonneuve. Enquanto ato responsivo ele se relaciona com o discurso de *Nostra Aetate* assumindo um papel ativo na forma de influência educativa sobre seus leitores e continuadores, como esclarecem as palavras de Mikhail Bakhtin:

A obra, como réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura. (BAKHTIN, 2016, p.34)

A análise da posição do discurso que ocupa o livro *Le Judaïsme* está desenvolvida no capítulo 6 desta pesquisa. O conteúdo do livro é esclarecido minuciosamente para que os leitores possam acompanhar a ato de fala do sujeito do discurso, Dominique de La Maisonneuve, frente ao desafio de responder à proposta da *Nostra Aetate*, engatando-se à complexa cadeia de comunicação estabelecida a partir desta histórica declaração.

---

<sup>9</sup> “Ce n’est pas toi qui portes la racine, c’est la racine qui te porte.” (MAISONNEUVE, 1998, p.175).

Diante da análise do artigo 4º da *Nostra Aetate* e do livro *Le Judaïsme*, temos como objetivo apresentar, através de análise linguística envolvendo o gênero do discurso e o lugar que estes ocupam dentro do processo de comunicação discursiva segundo estudos Bakhtinianos, a narrativa histórica marcada pelos encontros e desencontros entre cristãos e judeus, apontando algumas vozes que permeiam os textos estudados. Esta construção narrativa é desenvolvida tendo como apoio as discussões registradas pelo círculo de Mikhail Bakhtin, onde busca-se situar o sujeito do discurso dentro de seu contexto histórico e social como ato que constitui e pelo qual é constituído.

Analizamos elementos que nos permitem clarear algumas participações na elaboração da declaração *Nostra Aetate*, artigo 4º, pois estas apontam um caminho onde a palavra e o diálogo tornam possível a aproximação entre o cristianismo e o judaísmo amenizando este longo enfrentamento. Este percurso histórico, que precede a publicação da *Nostra Aetate*, tem como linha condutora as decisões envolvendo as relações entre cristãos e judeus tratadas nos concílios ecumênicos, uma vez que a *Nostra Aetate*, artigo 4º, é fruto de um concílio, e que interferiram nas relações entre estes dois grupos. Os concílios de outra ordem só são abordados à medida que as decisões implicaram em uma intersecção de ações.

O livro *Le Judaïsme* é estudado como ato responsivo à proposta da *Nostra Aetate*. Os conceitos de gêneros de discurso, onde são desenvolvidas as ideias de dialogismo e polifonia do círculo de Mikhail Bakhtin, são bases teóricas para esta análise e para tanto esclarecemos a linha de análise linguística do pensamento Bakhtiniano adotada nesta pesquisa.

Mikhail Bakhtin é um pensador da linguagem russo que viveu entre 1895 e 1975. Nosso olhar se volta para seus estudos, desenvolvidos potencialmente na primeira metade do século XX, por encontrar em seus registros fontes que nos possibilitam analisar textos de forma questionadora onde o lugar do emissor da mensagem, antes inquestionável, passa a ser ocupado por uma ou mais vozes que, apesar de apresentarem uma singularidade própria do lugar que ocupam no tempo e espaço por existir, dialogam com outras vozes. Dentro da sintonia destas vozes que ora se sincronizam, ora destoam, Bakhtin aponta elementos que podem nos levar a uma análise reconhecendo em um e outro, elementos formadores de um elo de comunicação que carregam em si a responsabilidade e a responsividade do ato da própria fala.

Na introdução da entrevista dada por Valdemir Miotello à revista TEXTURA - Revista de Educação e Letras, ARAÚJO e DIAS esclarecem: “Bakhtin compreendeu o ser humano como um sujeito histórico e cultural, que tem consciência constituída a partir da linguagem e



cuja subjetividade é tecida nas e pelas relações dialógicas”<sup>10</sup>. A obra focalizada nesta entrevista, *Para Uma Filosofia Do Ato Responsável*, 2017, encontra-se relacionada em nossas referências por ser, segundo nosso entendimento e segundo menção dos estudiosos de Bakhtin, a obra que abarca toda sua inovadora maneira de pensar a linguagem. As ideias que permeiam esta e outras de suas obras com as quais trabalhamos como é o caso de “*Os gêneros do discurso*”, “*Marxismo e filosofia da linguagem*” e “*Estética da criação verbal*”, não são frutos de algumas palavras conceituais, mas sim do desenvolvimento de ideias. Focalizamos as ideias que nortearam nossa pesquisa no embasamento de nossa análise dos textos: *Nostra Aetate* e *Le Judaïsme*.

Miotello esclarece que, na análise de Bakhtin, o sujeito do discurso deixa de ser único e central. O foco que há séculos se firmava em uma pessoa no centro do discurso, identificável e inquestionável, abre espaço para o “outro”. O sujeito se constitui a partir do outro. Esta relação entre o “eu e o outro” estabelece conexões entre um texto e outro texto, uma voz e outra voz, uma narrativa e outra narrativa. É possível ouvir uma palavra e uma outra palavra. Uma não anula a outra. Elas ocupam o mesmo espaço. Se embatem. Entram em tensão e, ao final, possibilitam o surgimento do novo, que é distinto do “um” e do “outro”. A esta dinâmica comunicativa dá-se o nome de alteridade.

Neste processo metodológico de análise é preciso ter a escuta atenta. É necessário fazer um experimento do que o outro sente; buscar seus valores; desenredar as ideologias que permeiam o texto e atentar para a diversidade de discursos presentes nas narrativas. Busca-se desvendar o eu e o outro para compreender a construção do texto a partir das vozes que ali habitam e que muitas vezes não estão reveladas explicitamente. O diálogo é ininterrupto. São vozes que precisam deslocar-se temporal e espacialmente. Neste deslocamento, elas se esbarram e se confrontam e, dentro deste espaço de alteridade, brotam as possibilidades da construção de novas identidades, de novos tempos, de novas narrativas. É esta construção do novo que esquadramos apoiados em ideias Bakhtinianas.

---

<sup>10</sup> <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/4812>

## CAPÍTULO 1 – *Nostra Aetate*: apresentação e aspectos linguísticos

A declaração *Nostra Aetate*, artigo 4º, é parte dos documentos finais do Concílio Vaticano II, evento da Igreja Católica, que foi concluído em 1965. Sua importância é compreendida por fazer parte de documentos que apresentam uma nova posição da Igreja frente aos desafios do mundo contemporâneo, como atestam as palavras de Carlos Alberto Faraco:

A Sé de Roma – à testa de uma Igreja que se manteve, ..., fechada em si mesma, autocentrada, rigidamente hierarquizada teológica e institucionalmente, presa a um dogmatismo fixista e antidialógico, rejeitando todos os movimentos da história moderna (o republicanismo, o liberalismo político, o socialismo e a consolidação da ciência), lançando anátemas contra todos os que divergiam dela e perseguindo-os, durante séculos, nos países de maioria católica, com a mão de ferro do Tribunal do Santo Ofício, e expressando-se numa língua morta e compreendida por pouquíssimos – a Sé de Roma (repito) de repente abre suas portas e janelas e anuncia com todas as letras seu desejo de ouvir e falar – de coração contrito e aberto – com o mundo contemporâneo. (FARACO, 2021, p.138)

Fazem parte dos documentos finais do Concílio Vaticano II: quatro constituições, três declarações e nove decretos que se encontram disponíveis no site oficial do Vaticano em várias línguas, como seguem:

### Constituições

- *Dei Verbum* (Sobre a revelação divina)  
[ [Espanhol](#), [Francês](#), [Hebraico](#), [Inglês](#), [Italiano](#), [Latim](#), [Português](#),]
- *Lumen Gentium* (Sobre a Igreja)  
[[Espanhol](#), [Francês](#), [Inglês](#), [Latim](#), [Italiano](#), [Português](#)]
- *Sacrosanctum Concilium* (Sobre a Liturgia da Igreja)  
[[Espanhol](#), [Francês](#), [Inglês](#), [Italiano](#), [Latim](#), [Português](#)]
- *Gaudium et Spes* (Sobre a Igreja no Mundo Atual)  
[[Espanhol](#), [Francês](#), [Inglês](#), [Italiano](#), [Latim](#), [Português](#)]

## Declarações

- *Gravissimum Educationis* (Sobre a Educação Cristã)  
[[Espanhol](#), [Francês](#), [Inglês](#), [Italiano](#), [Latim](#), [Português](#)]
- *Nostra Aetate* ( Sobre a Igreja e as religiões não Cristãs)  
[[Espanhol](#), [Francês](#), [Hebraico](#), [Inglês](#), [Italiano](#), [Latim](#), [Português](#)]
- *Dignitatis Humanae* ( Sobre a Liberdade Religiosa)  
[[Espanhol](#), [Francês](#), [Inglês](#), [Italiano](#), [Latim](#), [Português](#), ]

## Decretos

- *Ad Gentes* ( Sobre Atividade Missionária da Igreja)  
[[Espanhol](#), [Francês](#), [Inglês](#), [Italiano](#), [Latim](#), [Português](#)]
- *Presbyterorum Ordinis* ( Sobre o Ministério e a Vida dos Sacerdotes)  
[[Espanhol](#), [Francês](#), [Inglês](#), [Italiano](#), [Latim](#), [Português](#)]
- *Apostolicam Actuositatem* ( Sobre o Apostolado dos Leigos)  
[[Espanhol](#), [Francês](#), [Inglês](#), [Italiano](#), [Latim](#), [Português](#)]
- *Optatam Totius* ( Sobre a Formação Sacerdotal )  
[[Espanhol](#), [Francês](#), [Inglês](#), [Italiano](#), [Latim](#), [Português](#)]
- *Perfectae Caritatis* ( Sobre a Conveniente Renovação da Vida Religiosa)  
[[Espanhol](#), [Francês](#), [Inglês](#), [Italiano](#), [Latim](#), [Português](#)]
- *Christus Dominus* ( Sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja)  
[[Espanhol](#), [Francês](#), [Inglês](#), [Italiano](#), [Latim](#), [Português](#)]
- *Unitatis Redintegratio* ( Sobre o Ecumenismo)  
[[Espanhol](#), [Francês](#), [Inglês](#), [Italiano](#), [Latim](#), [Português](#)]
- *Orientalium Ecclesiarum* ( Sobre as Igrejas Orientais Católicas)  
[[Espanhol](#), [Francês](#), [Inglês](#), [Italiano](#), [Latim](#), [Português](#)]

- *Inter Mirifica* ( Sobre os Meios de Comunicação Social)  
[Espanhol, Francês, Inglês, Italiano, Latim, Português]

Por ser uma declaração, o artigo 4º da *Nostra Aetate* sugere aos cristãos a aproximação com os judeus. As relações da Igreja Católica com as demais religiões não cristãs era um tema inimaginável a ser discutido em um concílio da Igreja.

A *Nostra Aetate* aponta um novo caminho para a catequese da Igreja com relação ao judaísmo que era tratado, até então, como um inimigo a ser perseguido e silenciado alegando sua participação na morte de Cristo, e conseqüentemente, segundo a crença cristã, na morte de Deus.

No livro *O Concílio Vaticano II como evento dialógico: o Pensamento de Mikhail Bakhtin e o discurso religioso na contemporaneidade*, Faraco, ao expor sua releitura do decreto conciliar *Unitatis Redintegratio*, que trata sobre o ecumenismo sob a perspectiva de uma análise dialógica, relaciona o decreto por ele analisado à declaração *Nostra Aetate*, onde reconhece:

Certamente a parte mais complexa desse segundo documento foi a dedicada ao Judaísmo, considerando o milenar antissemitismo disseminado entre muitos cristãos e a absurda acusação de deicídio dirigida historicamente por muitos cristãos aos judeus – acusação absurda já que, como reconhece o próprio documento, Cristo se ofereceu ao sacrifício voluntariamente e com imenso amor. (FARACO, 2021, p. 139)

O Concílio Vaticano II foi o vigésimo primeiro concílio ecumênico da Igreja, tendo o primeiro ocorrido no século IV, o Concílio de Niceia, em 325. Temos, depois desse concílio e ao longo dos próximos dezesseis séculos, um período em que a Igreja formalizou sua soberania e hegemonia promovendo conversões e perseguições a quem se opusesse a sua autoridade. Esta história se propagou por séculos e alinhavamos, dentro desta pesquisa, especificamente o percurso das relações da Igreja católica com o judaísmo através de referências às Cruzadas, aos libelos de sangue, à Inquisição e ao Holocausto que foram justificadas por reuniões conciliares iniciadas em Niceia (325) e tendo no Concílio Vaticano II (1965), através da declaração *Nostra Aetate*, artigo 4º, seu ponto de inflexão.

A publicação da declaração *Nostra Aetate* deve, portanto, ser analisada em suas oposições e composições. Para tanto, nos detivemos nos estudos de Adail Sobral quando, ao desenvolver o capítulo intitulado Ato/atividade e evento do livro *Bakhtin conceitos-chave* organizado por Beth Brait, fez uma análise e aplicação da concepção de ato/atividade/evento,

segundo estudos do círculo de estudos do pensador Mikhail Bakhtin, a partir do atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 em Nova York, EUA:

Logo, estes atos não poderiam ser entendidos, nos termos propostos por Bakhtin, como um momento isolado da oposição EUA/Al-Qaeda. Deveriam ser compreendidos de uma perspectiva que levasse em conta um processo de oposição histórica mais amplo, secular, entre Oriente e Ocidente, manifesto como uma sequência de atos vinculados com o passado, como o provam atos ulteriores, com o futuro; com outros atos agressivos da mesma espécie. (SOBRAL, 2020, p.30)

Assim como o ato de 11 de setembro, que foi analisado por Adail Sobral, apresentamos a declaração *Nostra Aetate* a partir do estudo das reflexões deste grupo de pensadores da linguagem que se reunia no início do século XX. Em torno de Mikhail Bakhtin, citado na introdução, eles desenvolveram estudos a respeito da presença dos conceitos de dialogismo e de polifonia nos textos e estes nos servem de pressupostos teóricos para nossa análise. Iniciemos acessando a linha de pensamentos que nos norteiam.

Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Valentin Volóchinov (círculo de Bakhtin), 2017, o autor expõe o pensamento Bakhtiniano que sustenta uma renovadora forma de pensar a linguagem e em especial a palavra:

Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. ... Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva de minha coletividade. (VOLÓCHINOV, 2017, p.205)

Volóchinov apresenta considerações importantes ao analisar o enunciado, abrindo um espaço inovador para os estudos linguísticos:

A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano. (VOLÓCHINOV, 2017, p.181)

Buscamos, no texto *Nostra Aetate*, esclarecer as ideias ou mesmo as ações do cotidiano que se situam no interior das palavras que compõem este enunciado. Analisamos vozes que se encontram no texto, mesmo que não reveladas. Com base em estudos desenvolvidos pelo círculo de Bakhtin, onde vozes diversas habitam o romance, pode-se abstrair ideias que se aplicam aos mais diversos gêneros textuais, desde que analisados dentro de suas especificidades, como esclarece Bakhtin:

Achamos que em qualquer corrente especial de estudo faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados [primários e secundários], isto é, dos diversos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2011, p.264)

Apresentamos a seguir o texto da declaração *Nostra Aetate* em português tal como se encontra no site do Concílio Vaticano II disponibilizado em várias línguas<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html) . Tradução encontrada também no livro *Jubileu de ouro do diálogo Católico-Judaico Primeiros frutos novos desafios* o qual consta nas referências.



DECLARAÇÃO **NOSTRA AETATE**  
SOBRE A IGREJA E AS RELIGIÕES NÃO-CRISTÃS

**Laços comuns da humanidade e inquietação religiosa do homem:  
a resposta das diversas religiões não-cristãs e sua relação com a Igreja**

1. Hoje, que o gênero humano se torna cada vez mais unido, e aumentam as relações entre os vários povos, a Igreja considera mais atentamente qual a sua relação com as religiões não-cristãs. E, na sua função de fomentar a união e a caridade entre os homens e até entre os povos, considera primeiramente tudo aquilo que os homens têm de comum e os leva à convivência.

Com efeito, os homens constituem todos uma só comunidade; todos têm a mesma origem, pois foi Deus quem fez habitar em toda a terra o inteiro gênero humano (1); têm também todos um só fim último, Deus, que a todos estende a sua providência, seus testemunhos de bondade e seus desígnios de salvação (2) até que os eleitos se reúnem na cidade santa, iluminada pela glória de Deus e onde todos os povos caminharão na sua luz (3). Os homens esperam das diversas religiões resposta para os enigmas da condição humana, os quais, hoje como ontem, profundamente preocupam seus corações: que é o homem? qual o sentido e a finalidade da vida? que é o pecado? donde provém o sofrimento, e para que serve? qual o caminho para alcançar a felicidade verdadeira? que é a morte, o juízo e a retribuição depois da morte? finalmente, que mistério último e inefável envolve a nossa existência, do qual vivimos e para onde vamos?

**Hinduísmo e Budismo**

2. Desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, encontra-se nos diversos povos certa percepção daquela força oculta presente no curso das coisas e acontecimentos humanos; encontra-se por vezes até o conhecimento da divindade suprema ou mesmo de Deus Pai. Percepção e conhecimento esses que penetram as suas vidas de profundo sentido religioso. Por sua vez, as religiões ligadas ao progresso da cultura, procuram responder às mesmas questões com noções mais apuradas e uma linguagem mais elaborada. Assim, no hinduísmo, os homens perscrutam o mistério divino e exprimem-no com a fecundidade inexaurível dos mitos e os esforços da penetração filosófica, buscando a libertação das angústias da nossa condição quer por meio de certas formas de ascetismo, quer por uma profunda meditação, quer, finalmente, pelo refúgio amoroso e confiante em Deus. No budismo, segundo as suas várias formas, reconhece-se a radical insuficiência deste mundo mutável, e propõe-se o caminho pelo qual os homens, com espírito devoto e confiante, possam alcançar o estado de libertação perfeita ou atingir, pelos próprios esforços ou ajudados do alto a suprema iluminação. De igual modo, as outras religiões que existem no mundo procuram de vários modos ir ao encontro das inquietações do coração humano, propondo caminhos, isto é, doutrinas e normas de vida e também ritos sagrados.

A Igreja católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, reflectem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens. No entanto, ela anuncia, e tem mesmo obrigação de anunciar incessantemente Cristo, «caminho, verdade e vida» (Jo. 14,6), em quem os homens encontram a plenitude da vida religiosa e no qual Deus reconciliou consigo todas as coisas (4).

Exorta, por isso, os seus filhos a que, com prudência e caridade, pelo diálogo e colaboração com os sequazes doutras religiões, dando testemunho da vida e fé cristãs, reconheçam, conservem e promovam os bens espirituais e morais e os valores sócio culturais que entre eles se encontram.

**A religião do Islão**

3. A Igreja olha também com estima para os muçulmanos. Adoram eles o Deus Único, vivo e subsistente, misericordioso e onipotente, criador do céu e da terra (5), que falou aos homens e a cujos decretos, mesmo ocultos, procuram submeter-se de todo o coração, como a Deus se submeteu Abraão, que a fé islâmica de bom grado evoca. Embora sem o reconhecerem como Deus, veneram Jesus como profeta, e honram Maria, sua mãe virginal, à qual por vezes invocam devotamente. Esperam pelo dia do juízo, no qual Deus remunerará todos os homens, uma vez ressuscitados. Têm, por isso, em apreço a vida moral e prestam culto a Deus, sobretudo com a oração, a esmola e o jejum. E se é verdade que, no decurso dos séculos, surgiram entre cristãos e muçulmanos não poucas discórdias e ódios, este sagrado Concílio exorta todos a que, esquecendo o passado, sinceramente se exercitem na compreensão mútua e juntos defendam e promovam a justiça social, os bens morais e a paz e liberdade para todos os homens.

**A religião judaica**

**4. Sondando o mistério da Igreja, este sagrado Concílio recorda o vínculo com que o povo do Novo Testamento está espiritualmente ligado à descendência de Abraão.**

Com efeito, a Igreja de Cristo reconhece que os primórdios da sua fé e eleição já se encontram, segundo o mistério divino da salvação, nos patriarcas, em Moisés e nos profetas. Professora que todos os cristãos, filhos de Abraão segundo a fé (6), estão incluídos na vocação deste patriarca e que a salvação da Igreja foi misticamente prefigurada no êxodo do povo escolhido da terra da escravidão. A Igreja não pode, por isso, esquecer que foi por meio desse povo, com o qual Deus se dignou, na sua inefável misericórdia, estabelecer a antiga Aliança, que ela recebeu a revelação do Antigo Testamento e se alimenta da raiz da oliveira mansa, na qual foram enxertados os ramos da oliveira brava, os gentios (7). Com efeito, a Igreja acredita que Cristo, nossa paz, reconciliou pela cruz os judeus e os gentios, de ambos fazendo um só, em Si mesmo (8).

Também tem sempre diante dos olhos as palavras do Apóstolo Paulo a respeito dos seus compatriotas: «deles é a adoção filial e a glória, a aliança e a legislação, o culto e as promessas; deles os patriarcas, e deles nasceu, segundo a carne, Cristo» (Rom. 9, 4-5), filho da Virgem Maria. Recorda ainda a Igreja que os Apóstolos, fundamentos e colunas da Igreja, nasceram do povo judaico, bem como muitos daqueles primeiros discípulos, que anunciaram ao mundo o Evangelho de Cristo.

Segundo o testemunho da Sagrada Escritura, Jerusalém não conheceu o tempo em que foi visitada (9); e os judeus, em grande parte, não receberam o Evangelho; antes, não poucos se opuseram à sua difusão (10). No entanto, segundo o Apóstolo, os judeus continuam ainda, por causa dos patriarcas, a ser muito amados de Deus, cujos dons e vocação não conhecem arrependimento (11). Com os profetas e o mesmo Apóstolo, a Igreja espera por aquele dia. só de Deus conhecido, em que todos os povos invocarão a Deus com uma só voz e «o servirão debaixo dum mesmo jugo» (Sof. 3,9) (12).

Sendo assim tão grande o património espiritual comum aos cristãos e aos judeus, este sagrado Concílio quer fomentar e recomendar entre eles o mútuo conhecimento e estima, os quais se alcançarão sobretudo por meio dos estudos bíblicos e teológicos e com os diálogos fraternos.

Ainda que as autoridades dos judeus e os seus sequazes urgiram a condenação de Cristo à morte (13) não se pode, todavia, imputar indistintamente a todos os judeus que então viviam, nem aos judeus do nosso tempo, o que na Sua paixão se perpetrou. E embora a Igreja seja o novo Povo de Deus, nem por isso os judeus devem ser apresentados como reprovados por Deus e malditos, como se tal coisa se concluísse da Sagrada Escritura. Procurem todos, por isso, evitar que, tanto na catequese como na pregação da palavra de Deus, se ensine seja o que for que não esteja conforme com a verdade evangélica e com o espírito de Cristo.

Além disso, a Igreja, que reprova quaisquer perseguições contra quaisquer homens, lembrada do seu comum património com os judeus, e levada não por razões políticas, mas pela religiosa caridade evangélica. deplora todos os ódios, perseguições e manifestações de anti-semitismo, seja qual for o tempo em que isso sucedeu e seja quem for a pessoa que isso promoveu contra os judeus.

De resto, como a Igreja sempre ensinou e ensina, Cristo sofreu, voluntariamente e com imenso amor, a Sua paixão e morte, pelos pecados de todos os homens, para que todos alcancem a salvação. O dever da Igreja, ao pregar, é portanto, anunciar a cruz de Cristo como sinal do amor universal de Deus e como fonte de toda a graça.

**A fraternidade universal e a reprovção de toda a discriminação racial ou religiosa**

5. Não podemos, porém, invocar Deus como Pai comum de todos, se nos recusamos a tratar como irmãos alguns homens, criados à Sua imagem. De tal maneira estão ligadas a relação do homem a Deus Pai e a sua relação aos outros homens seus irmãos, que a Escritura afirma: «quem não ama, não conhece a Deus» (1 Jo. 4,8). Carece, portanto, de fundamento toda a teoria ou modo de proceder que introduza entre homem e homem ou entre povo e povo qualquer discriminação quanto à dignidade humana e aos direitos que dela derivam.

A Igreja reprova, por isso, como contrária ao espírito de Cristo, toda e qualquer discriminação ou violência praticada por motivos de raça ou cor, condição ou religião. Consequentemente, o sagrado Concílio, seguindo os exemplos dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, pede ardentemente aos cristãos que, «observando uma boa conduta no meio dos homens. (1 Ped. 2,12), se, possível, tenham paz com todos os homens (14), quanto deles depende, de modo que sejam na verdade filhos do Pai que está nos céus (15).

Roma, 28 de outubro de 1965.

**PAPA PAULO VI**

Para facilitar a leitura, segue o texto do artigo 4º ampliado:

#### **4. *A religião judaica***

§1 Sondando o mistério da Igreja, este sagrado Concílio recorda o vínculo com que o povo do Novo Testamento está espiritualmente ligado à descendência de Abraão.

§2 Com efeito, a Igreja de Cristo reconhece que os primórdios da sua fé e eleição já se encontram, segundo o mistério divino da salvação, nos patriarcas, em Moisés e nos profetas. Professora que todos os cristãos, filhos de Abraão segundo a fé (6), estão incluídos na vocação deste patriarca e que a salvação da Igreja foi misticamente prefigurada no êxodo do povo escolhido da terra da escravidão. A Igreja não pode, por isso, esquecer que foi por meio desse povo, com o qual Deus se dignou, na sua inefável misericórdia, estabelecer a antiga Aliança, que ela recebeu a revelação do Antigo Testamento e se alimenta da raiz da oliveira mansa, na qual foram enxertados os ramos da oliveira brava, os gentios (7). Com efeito, a Igreja acredita que Cristo, nossa paz, reconciliou pela cruz os judeus e os gentios, de ambos fazendo um só, em Si mesmo (8).

§3 Também tem sempre diante dos olhos as palavras do Apóstolo Paulo a respeito dos seus compatriotas: «deles é a adopção filial e a glória, a aliança e a legislação, o culto e as promessas; deles os patriarcas, e deles nasceu, segundo a carne, Cristo» (Rom. 9, 4-5), filho da Virgem Maria. Recorda ainda a Igreja que os Apóstolos, fundamentos e colunas da Igreja, nasceram do povo judaico, bem como muitos daqueles primeiros discípulos, que anunciaram ao mundo o Evangelho de Cristo.

§4 Segundo o testemunho da Sagrada Escritura, Jerusalém não conheceu o tempo em que foi visitada (9); e os judeus, em grande parte, não receberam o Evangelho; antes, não poucos se opuseram à sua difusão (10). No entanto, segundo o Apóstolo, os judeus continuam ainda, por causa dos patriarcas, a ser muito amados de Deus, cujos dons e vocação não conhecem arrependimento (11). Com os profetas e o mesmo Apóstolo, a Igreja espera por aquele dia, só de Deus conhecido, em que todos os povos invocarão a Deus com uma só voz e «o servirão debaixo dum mesmo jugo» (Sof. 3,9) (12).

§5 Sendo assim tão grande o patrimônio espiritual comum aos cristãos e aos judeus, este sagrado Concílio quer fomentar e recomendar entre eles o mútuo conhecimento e estima, os quais se alcançarão sobretudo por meio dos estudos bíblicos e teológicos e com os diálogos fraternos.

§6 Ainda que as autoridades dos judeus e os seus sequazes urgiram a condenação de Cristo à morte (13) não se pode, todavia, imputar indistintamente a todos os judeus que então viviam, nem aos judeus do nosso tempo, o que na Sua paixão se perpetrou. E embora a Igreja seja o novo Povo de Deus, nem por isso os judeus devem ser apresentados como reprovados por Deus e malditos, como se tal coisa se concluísse da Sagrada Escritura. Procurem todos, por isso, evitar que, tanto na catequese como na pregação da palavra de Deus, se ensine seja o que for que não esteja conforme com a verdade evangélica e com o espírito de Cristo.

§7 Além disso, a Igreja, que reprova quaisquer perseguições contra quaisquer homens, lembrada do seu comum patrimônio com os judeus, e levada não por razões políticas, mas pela religiosa caridade evangélica, deplora todos os ódios, perseguições e manifestações de antissemitismo, seja qual for o tempo em que isso sucedeu e seja quem for a pessoa que isso promoveu contra os judeus.

§8 De resto, como a Igreja sempre ensinou e ensina, Cristo sofreu, voluntariamente e com imenso amor, a Sua paixão e morte, pelos pecados de todos os homens, para que todos alcancem a salvação. O dever da Igreja, ao pregar, é portanto, anunciar a cruz de Cristo como sinal do amor universal de Deus e como fonte de toda a graça.



O texto em questão, uma declaração da Igreja Católica, representa a princípio a voz da Instituição que se pronuncia, podendo assim ser percebido como monofônico.

Composto por oito parágrafos, as palavras circundam o campo semântico religioso como comprova, no parágrafo primeiro, o emprego da palavra “sagrado” enquanto adjetivo para “Concílio” determinando assim o grau de importância dado a valores religiosos:

Sondando o mistério da Igreja, este **sagrado** Concílio recorda o vínculo com que o povo do Novo Testamento está espiritualmente ligado à descendência de **Abraão**. (NA, art.4º, §1, 1965, grifo nosso)

Neste mesmo parágrafo, temos referência à genealogia de Abraão. Esta menção nos leva a localizar o pronunciamento histórica e teologicamente.

No segundo parágrafo, a Igreja “reconhece” os primórdios de sua fé, portanto admite que já conhecia o fato de que o início da história de fé no Deus Uno está registrado no livro do povo judeu, a que chama de “Antigo Testamento”. Apesar deste reconhecimento, optou-se por utilizar a metáfora da oliveira mansa, referindo-se de forma indireta ao povo judeu:

Com efeito, a Igreja de Cristo **reconhece** que os primórdios da sua fé e eleição já se encontram, segundo o mistério divino da salvação, nos patriarcas, em Moisés e nos profetas. Professa que todos os cristãos, filhos de Abraão segundo a fé, estão incluídos na vocação deste patriarca e que a salvação da Igreja foi misticamente prefigurada no êxodo do povo escolhido da terra da escravidão. A Igreja não pode, por isso, esquecer que foi por meio desse povo, com o qual Deus se dignou, na sua inefável misericórdia, estabelecer a antiga Aliança, que ela recebeu a revelação do **Antigo Testamento** e se alimenta da raiz da **oliveira mansa**, na qual foram enxertados os ramos da oliveira brava, os gentios. (NA, art.4º, §2, 1965, grifo nosso)

A Igreja, desta forma, reconhece a sua origem em um povo, mas não o define de forma clara e objetiva ainda.

Ela segue, no terceiro parágrafo, afirmando seu encontro com o povo judeu através de apontamentos pautados nas escritas bíblicas. Para tanto, cita palavras do Apóstolo Paulo aos Romanos, no capítulo 9, versículos 4-5: “deles é a adoção filial e a glória, a aliança e a legislação, o culto e as promessas; deles os patriarcas, e deles nasceu, segundo a carne, Cristo”, mas acrescenta no final um elemento totalmente cristão: a virgindade de Maria. Na finalização do parágrafo, pela primeira vez, é grafado o adjetivo “judaico” referindo-se a povo:

Também tem sempre diante dos olhos as palavras do **Apóstolo Paulo** respeito dos seus compatriotas: «deles é a adoção[sic] filial e a glória, a aliança e a legislação, o culto e as promessas; deles os patriarcas, e deles nasceu, segundo a carne, Cristo» [**Rom. 9, 4-5**], **filho da Virgem Maria**. Recorda ainda a Igreja que os Apóstolos, fundamentos e colunas da Igreja, nasceram do **povo judaico**, bem como muitos daqueles primeiros discípulos, que anunciaram ao mundo o Evangelho de Cristo. (NA, art.4º, §3, 1965, grifo nosso)

No parágrafo seguinte, justificando através das Escrituras, a Igreja dá a Jerusalém o lugar de sujeito responsável por não reconhecer a vinda do Cristo: “Jerusalém não conheceu o tempo em que foi visitada”:

Segundo o testemunho da Sagrada Escritura, **Jerusalém não conheceu o tempo em que foi visitada**; e os judeus, em grande parte, não receberam o Evangelho; antes, não poucos se opuseram à sua difusão. No entanto, **segundo o Apóstolo**, os judeus continuam ainda, por causa dos patriarcas, a ser muito amados de Deus, cujos dons e vocação não conhecem arrependimento. (NA, art.4º, §4, 1965, grifo nosso)

A *Nostra Aetate* declara que muitos judeus não aceitaram os Evangelhos e que muitos se opuseram a eles, mas deposita em Paulo palavras que traduzem o reconhecimento de Deus pelo povo judeu, justificado pela fé dos patriarcas, o que os alivia da culpa por não difundirem o Evangelho.

A Igreja, no parágrafo quinto, conclui que o patrimônio em comum entre cristãos e judeus é grande, e, recomenda que se conheçam e se apreciem através de estudos e diálogos fraternos:

Sendo assim **tão grande o patrimônio espiritual comum aos cristãos e aos judeus**, este sagrado Concílio quer fomentar e recomendar entre eles o mútuo conhecimento e estima, os quais se alcançarão sobretudo por **meio dos estudos bíblicos e teológicos e com os diálogos fraternos**. (NA, art.4º, §5, 1965, grifo nosso)

Dando sequência, a Igreja lembra de forma indireta a responsabilidade de parte do povo judeu pela morte de Cristo e se auto reconhece como novo povo de Deus:

Ainda que as autoridades dos judeus e os seus **sequazes urgiram a condenação de Cristo à morte** não se pode, todavia, imputar indistintamente a todos os judeus que então viviam, nem aos judeus do nosso tempo, o que na Sua paixão se perpetrou. **E embora a Igreja seja o novo Povo de Deus**, nem por isso os judeus devem ser apresentados como reprovados por Deus e malditos, como se tal coisa se concluísse da Sagrada Escritura. Procurem todos, por isso, evitar que, tanto na catequese como na pregação da palavra de Deus, se ensine seja o que for que não esteja conforme com a verdade evangélica e com o espírito de Cristo. (NA, art.4º, §6, 1965, grifo nosso)

Este reconhecimento feito com a utilização do elemento concessivo, “embora”, enfraquece a nova posição que a Igreja declara estar assumindo, pois permite a entrada no espaço semântico restritivo e transitório. Tal posicionamento precede a recomendação da Igreja para que tanto na catequese como na pregação, evite-se: “seja o que for que não esteja conforme com a verdade evangélica e com o espírito de Cristo”, ou seja, há um campo de indeterminação passível de entendimento diverso uma vez que não há o esclarecimento de qual seja esta verdade evangélica a qual o texto se refere.

Dando início às considerações finais, a Igreja se define como “a que reprova quaisquer perseguições contra quaisquer homens”, de acordo com o parágrafo sete:

Além disso, a Igreja, **que reprova quaisquer perseguições contra quaisquer homens, lembrada** do seu comum patrimônio com os judeus, e **levada** não por razões políticas, mas pela religiosa caridade evangélica deplora todos os ódios, perseguições e manifestações de antissemitismo, **seja qual for o tempo** em que isso sucedeu e **seja quem for** a pessoa que isso promoveu contra os judeus. (NA, art.4º, §7, 1965, grifo nosso)

Ao utilizar o pronome “quaisquer” a Igreja universaliza esta perseguição e ao mesmo tempo se coloca em condição passiva, pois ela declara que foi “lembrada de seu comum patrimônio com os judeus” e “levada não por razões políticas, mas pela religiosa caridade evangélica...” declarando-se contrária ao ódio, às perseguições e às manifestações de antissemitismo. Termina este parágrafo indefinindo o tempo em que estas perseguições ocorreram e não se identificando agente destas ações: “seja qual for o tempo em que isso sucedeu e seja quem for a pessoa que isso promoveu contra os judeus”.

No último parágrafo, a declaração enfatiza o sofrimento e morte voluntários de Cristo como um ato de amor e de salvação de todos os homens:

De resto, como a Igreja sempre ensinou e ensina, **Cristo sofreu, voluntariamente e com imenso amor**, a Sua paixão e morte, pelos pecados de todos os homens, para que todos alcancem a salvação. O dever da Igreja, ao pregar, é portanto, anunciar a cruz de Cristo como sinal do amor universal de Deus e como fonte de toda a graça. (NA, art.4º, §8, 1965, grifo nosso)

Quando utilizado o termo “voluntariamente” para morte e sofrimento de Cristo, de forma indireta reconhece-se que a morte de Cristo não foi causada pelos judeus como era feita a acusação, durante a catequese, pela Igreja até então. A declaração termina destacando o dever da Igreja de anunciar Cristo como fonte de amor universal.

Estimulados pelos questionamentos provocados pelos elementos indefinidos presentes no texto: “seja o que for”, “seja qual for o tempo”, “seja quem for a pessoa” iniciamos nossa pesquisa histórica a fim de esclarecer a voz que não foi revelada, pela ausência do agente da passiva, associada ao verbo “lembrada”. Desta forma atingiremos um dos objetivos desta pesquisa que é de dar voz a quem lembrou à Igreja o seu patrimônio comum com os judeus abrindo espaço para o reconhecimento da efetivação, ou não, de ações em resposta à proposta de diálogo inter-religioso proposto pela *Nostra Aetate* entre o cristianismo e o judaísmo como enfrentamento a este longo conflito.

## CAPÍTULO 2 – Origem do confronto entre cristãos e judeus

Como vimos no capítulo anterior, a *Nostra Aetate* declara o comum patrimônio entre cristãos e judeus. Dentre as composições no relacionamento entre seguidores destas duas tradições é relevante focalizar o convívio da comunidade judaica no século I sob o domínio do Império Romano. O início do cristianismo se dá dentro do judaísmo. Pode-se localizar o nascimento de Jesus por volta do ano 3760 do calendário judaico. Havia uma longa história na trajetória deste povo que tinha, diferente dos demais, a crença em um só Deus como salienta Léon Poliakov:

[...] sob César e sob Augusto, Roma impunha sua dominação ao mundo mediterrâneo. Nesta época, os judeus, que mantêm ainda seu centro territorial e espiritual na Palestina, já estão espalhados por quase todos os lugares do Império Romano e mesmo fora de suas fronteiras, e são o único a professar a crença em um Deus único, o que os distingue singularmente de todos os demais súditos do Império. (POLIAKOV, 1979, p.4)

As relações sociais entre os judeus no primeiro século eram norteadas pelas *mitzvot*, nome hebraico para as leis ou mandamentos que constam da *Torá*<sup>12</sup>. Há muito já havia enfrentamentos religiosos e político-sociais entre povos de diferentes crenças e costumes. Os judeus também estavam envolvidos nestes conflitos. Eles dividiam-se em grupos que apontavam algumas particularidades: os saduceus, os fariseus e os essênios entre outros. Havia entre estes grupos diversidades no modo de vivenciar as leis da *Torá*. Destacaremos as palavras de Giacomo Perego para defini-los:

Os Saduceus não creem na ressurreição dos mortos, na imortalidade da alma, na existência de anjos e demônios; [...] Os Fariseus [...] creem na ressurreição dos mortos, e a ciência sobre os anjos e demônios faz parte de seu sistema doutrinário; ... Os Essênios[...] Tinham em Qumrã, provavelmente, a comunidade mais numerosa. Ali o objetivo primário era a fidelidade ao judaísmo tradicional, purificado de qualquer compromisso que o houvesse contaminado. A aversão à classe judaica dominante é radical, como também a rejeição ao sacerdócio do Templo, julgado como “sacerdócio ímpio”. (PEREGO, 2001, p. 70)

Apesar de divergências entre os grupos, todo o povo judeu tinha as Escrituras Sagradas como centro de suas vidas. Além da *Torá* havia outros livros, como o livro dos Juízes e os profetas, e, em meio a eles existiam profecias registradas que eram muito

---

<sup>12</sup> *Torá* é o nome dado ao conjunto dos cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica: *Bereshit* (Gênesis), *Shemot* (Êxodo), *Vayicrá* (Levítico), *Bamidbar* (Números) e *Devarim* (Deuteronômio).

respeitadas por todo o povo. Há uma entre as profecias que trata da vinda de um Messias que traria paz ao mundo, como narrado no livro de Isaías, capítulo 9, versículos 5-6:

Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre os seus ombros, e lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai-eterno, Príncipe -da-paz, para que se multiplique o poder, assegurando o estabelecimento de uma paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, firmando-o, consolidando-o sobre o direito e sobre a justiça. (BÍBLIA, Isaías, 9, 5-6)

Marcelo Rede, em artigo<sup>13</sup> publicado, faz considerações sobre a utilização da Bíblia como documento histórico quando afirma:

Inserir a Bíblia na história, implica, portanto, inserir a história na Bíblia, reconhecendo nela um fenômeno cultural, fabricado por sociedades humanas em uma série de contextos sociais concretos. (REDE, Jornal da USP, on-line)

É dentro desta perspectiva, da narrativa de fatos culturais, que encontramos a concretização da esperança do povo judeu na vinda do Messias como motivo de ruptura entre diferentes grupos da comunidade judaica do primeiro século.

## **2.1 - A cristalização da oposição entre o cristianismo e o judaísmo**

Com o nascimento de Jesus, no século I, houve um ramo do judaísmo que acreditou que Jesus era o filho de Deus, portanto o Messias que havia sido anunciado. Aos seguidores deste grupo, mais tarde, foi dado o nome de cristãos. Aqueles que continuaram acreditando que o Messias ainda estava por vir continuaram com a denominação de judeus.

Cabe ressaltar que a messianidade de Jesus, ou de outros que assim como ele foram tidos como o messias anunciado pelas Escrituras Sagradas, foi questionada por estudiosos como Maimônides<sup>14</sup> que, ao declarar a ligação entre o fator messianidade e a não morte do corpo, descartaram a possibilidade da crença em Jesus como filho do Divino por parte do povo judeu.

Um outro elemento a ser observado é a dispersão do povo judeu, fato que determinou a expansão do cristianismo. Esta dispersão, ocorrida no entorno do século I, aconteceu como consequência das relações conflituosas entre o Império Romano, grande potência político-econômica que dominava a região da Palestina no primeiro século, e a resistência do povo judeu em aceitar o governo autoritário e destruidor dos romanos.

---

<sup>13</sup> Artigo publicado no jornal da USP, em 04/02/2021 < <https://jornal.usp.br/?p=387667>>

<sup>14</sup> Moisés Ibne Maimon (1138-1204): filósofo, médico escritor, rabino, astrônomo. Segundo Wikipédia, figura central intelectual do judaísmo medieval.

Nos séculos II e I AEC, as questões internas das comunidades judaicas eram resolvidas pelo Sinédrio<sup>15</sup>. O Império Romano passou a fazer intervenções na vida da comunidade judaica de forma violenta impondo comportamentos e proibições que afetavam a vida social destas comunidades. Em meio ao povo, havia os que eram favoráveis ao Imperador, mas grande parte revoltava-se frequentemente contra o governo e contra aqueles que o apoiavam.

Em meio a um cenário de grande desestabilização política, econômica e social cresceu o número de judeus que acreditavam que o Messias faria valer seus direitos trazendo justiça para o povo. Havia os que acreditavam que Jesus, judeu que viveu neste período do primeiro século, fosse o Messias esperado e que ele seria uma solução divina para a situação de desmandos dos romanos. Os conflitos entre grupos judaicos foram se estabelecendo e, paralelamente, as tensões entre judeus e romanos se intensificaram tendo como resultado as revoltas judaicas.

Como consequência da revolta dos judeus contra o Império, iniciada em 66 e que se prolongou, ocorreu a destruição do Segundo Templo no ano 70 da EC pelos romanos, fato que provocou uma mudança drástica na vida da comunidade judaica local e que ocasionou um movimento de deslocamento de judeus para outros domínios do Império Romano.

No século seguinte, os conflitos na região continuaram não só entre a comunidade judaica e o Império Romano como também entre os grupos de judeus. Os judeus que não estavam se apoiando na ideia do messianismo para resolver suas graves questões políticas, econômicas e sociais se articulavam para um grande enfrentamento com o exército romano. Aqueles que depositavam na divindade das ações de Jesus a solução de suas questões existenciais resolveram não apoiar este movimento, como esclarece H.H. Ben-Sasson:

A rebelião começou vigorosamente no ano 132. Um recrutamento geral foi organizado e os judeus-cristãos que se recusaram a pegar em armas receberam punição severa. (BEN-SASSON, 1988, p.387, tradução nossa)<sup>16</sup>

Os combatentes foram liderados por Bar Kokhba, judeu que teria sido indicado por Rabi Akiba, líder do Sinédrio, como possível messias. Este movimento enfrentou e resistiu ao

---

<sup>15</sup> Sinédrio, no século I, era uma assembleia de juízes que julgava o povo judeu segundo as Leis de Moisés e as tradições judaicas. Era composto por sacerdotes, anciãos e escribas totalizando 71 componentes que conheciam as Leis.

<sup>16</sup> La rebelión se inició vigorosamente en el año 132. Se dispuso um reclutamiento general, y los judeocristianos que se negaron a tomar a las armas recibieron um severo castigo. (BEN-SASSON, 1988, p.387)

exército romano de 132 a 135 da EC, ano em que o exército romano invadiu Beitar, cidade fortaleza próxima a Jerusalém, onde Bar Kokhba e outros combatentes foram encurralados e mortos sendo os remanescentes expulsos da Judeia, fato que causou uma nova dispersão judaica.

Neste movimento de dispersão houve a formação de novas comunidades diaspóricas com diferentes segmentos. Estas se somavam a outras que já se encontravam fora dos limites da Palestina. Dentre elas havia as que eram formadas por judeus que acreditavam que a profecia do Messias já era fato consumado e, de outro lado, a maioria que se negou a reconhecer este aspecto messiânico de Jesus.

Estas comunidades se formaram em várias regiões do império romano, dentre as quais Alexandria, Antioquia, a pequena Nissa na Ásia menor e Roma. Poliakov enxerga neste momento a cisão entre os dois grupos, quando afirma:

Somente quando a irradiação da propaganda cristã franqueou os limites da Palestina, começou a estender-se à Diáspora, e a exercer-se no seio das colônias judaicas da Síria, da Ásia Menor e da Grécia, é que nasceu, sabe-se, o verdadeiro cristianismo. (POLIAKOV, 1979, p.16)

Mesmo tendo se separado pela crença, ou não, da chegada do Messias, as comunidades judaicas preservavam tradições comuns como: guardar o sábado, circuncidar os meninos ao nascerem, se reunirem para orações, celebrarem datas dos ciclos agrícolas, fazerem a leitura das Leis Sagradas, travarem discussões sobre o entendimento destas leituras.

No entanto, no século II, foram registrados movimentos de grupos que faziam memória à morte e ressurreição do Messias reconhecido pelo nome de Jesus Cristo:

[...] a primeira comunidade cristã, a de Jerusalém, cujos membros eram judeus de estrita observância, e queriam assim permanecer, não parece ter conhecido dissabores ou perseguições sistemáticas; só foi exilada de Jerusalém após a destruição do templo, em 70, e encontrar-se-ão ainda no século seguinte vestígios destes “judeus-cristãos”, como serão chamados mais tarde. Outrossim, estes primeiros cristãos respeitavam os mandamentos da Lei em toda sua minúcia, e pretendiam recrutar adeptos apenas entre os judeus. (POLIAKOV, 1979, p.16)

A oposição entre as vertentes cristã e judaica pode ser notada quando no *Shemonê Esrê*<sup>17</sup>, oração de grande valor recitada após o *Shemá*<sup>18</sup>, foi incorporada a décima segunda

---

<sup>17</sup> *Shemonê Esrê*, número dezoito em hebraico, é o nome de um conjunto de dezoito bênçãos, também conhecida como *Tefilá* ou *Amidá*. Apesar de ser acrescida uma décima nona bênção posteriormente, ela continuou conhecida como *Shemonê Esrê*.



bênção por volta dos anos 80 da EC, como nos apontam os autores do livro *Patrística* (2008), os judeus “... incluíram os cristãos como *minim* (hereges) no *Shemonê Esrê*, sua oração cotidiana” (BOGAZ, COUTO, HANSEN, 2008, p.46). Com o Templo já destruído, a presença do ramo messiânico não era bem aceita entre os judeus que se reuniam para as orações.

Nos séculos seguintes, sobre regiões onde os judeus da diáspora haviam chegado, como Alexandria, Poliakov faz o seguinte alerta:

Durante mais de dois séculos, os cristãos não seguiam o calendário judeu? [...] Não esqueçamos que, durante os dois ou três primeiros séculos, a Igreja cristã ainda não estava hierarquizada, e não conhecia nenhuma instituição suprema universalmente reconhecida; cada comunidade podia interpretar os textos sagrados à sua maneira, inumeráveis seitas e heresias faziam sua aparição, [...] (POLIAKOV, 1978, p.20)

Ainda segundo as palavras de Poliakov, no século III, a *Torá* era enaltecida em conferências públicas e cristãos e judeus partiram para uma rivalidade doutrinária. O historiador destaca fragmento da tese sobre a punição divina dos judeus, escrita por Orígenes, filósofo e teólogo cristão do início do século III, onde este afirmava que os judeus “cometeram a mais abominável das perversidades, tramando este conluio contra o Salvador do gênero humano” (POLIAKOV, 1978, p.20). Afirmações como esta arquitetaram a homilia do judeu deicida que se propagou nos séculos seguintes. Estes discursos foram espalhados, no Oriente, pelo movimento da diáspora.

O historiador também registrou as palavras da pregação de Gregório de Nissa, teólogo, místico e escritor cristão do século IV, a respeito dos judeus, que se transformaram em imagens e perduraram por séculos ao afirmar o seguinte: “Comparsas do diabo, raça de víboras, delatores, caluniadores,” (POLIAKOV, 1978, p.22).

Jules Isaac, historiador francês, em seu livro *Jésus et Israël* (1986, p.238), além de citar os discursos antissemitas de Gregório de Nissa, como Poliakov o fez, citou também o nome de São João Crisóstomo e de São João de Antioquia, que são reconhecidos como Padres da Igreja, e que proferiam discursos onde expressões como “beberrões”, “advogados do diabo”, “Sinédrio de demônios” eram usadas para se referir aos judeus, e “caverna de bandidos”, “covil de animais ferozes” entre tantas mais para referir-se à sinagoga. Isaac questiona e reflete:

---

<sup>18</sup> *Shemá* é uma bênção de glorificação do Ser Divino. Quando proclamada na sinagoga, é desenvolvida na primeira parte do ofício. No *Shemá* há um convite ao povo de Israel para que escute o seu Deus.

Simple violència de linguagem? Claro que não. Elas se traduzem no direito e nos fatos. O antissemitismo poderá florescer e diversificar-se nas eras seguintes: ele encontra lá, desde o século IV, seu modelo acabado. Sob a influência dos Padres da Igreja, de São João Crisóstomo principalmente, a legislação imperial tende a se modificar em detrimento dos judeus, a tomar o mesmo tom da polêmica antijudaica” (ISAAC, 1986, p.238).

Em Roma, no século IV, verificamos a movimentação de atos de ruptura na convivência das comunidades ao observarmos a celebração da Páscoa, ou *Pessach* para os judeus. Segundo palavras de Poliakov: “Se se quer examinar mais de perto o aumento progressivo de um ‘antissemitismo teológico’, a lenta evolução da liturgia pascal oferece um exemplo surpreendente” (POLIAKOV, 1978, p. 21). Para ilustrarmos o avançar deste enfrentamento, verificamos que no Concílio de Niceia<sup>19</sup> (325) tratou-se de determinar a data para a Páscoa cristã divergindo da Páscoa judaica. Esta fazia memória ao êxodo do povo de Israel do Egito rumo à liberdade, enquanto a Páscoa cristã passou a celebrar a memória da paixão e ressurreição de Jesus Cristo.

Há uma ampla literatura sobre o antissemitismo religioso intitulada *Adversus Iudaeos*, como nos esclarece Saul Kirschbaum, em artigo publicado na revista *Devarim*, relacionando alguns dos muitos títulos:

O antissemitismo religioso, desde São Paulo, suscitou o aparecimento de uma ampla literatura, conhecida genericamente como *Adversus Iudaeos*; assim, podem-se citar entre outros, *Adversus Iudaeos* (escrito em 198), de Tertuliano; *Ad Quirinum* (247), de Cirriano de Cartago; *Tractatus Adversus Iudaeos* (428), de Agostinho de Hipona; de *fide catholica ex ueteri et nouo testamento contra Iudaeos* (614-615), *Allegoriae quaedam sacrae scripturae* (~630) e *Questiones adversus Iudaeos et ceteros infideles seu quos libet haereticos iudaizantes* (data incerta) de Isidoro de Sevilha. (KIRSCHBAUM, 2013, p.45-50)

Este enfrentamento entre discursos diversos se ampliaram dentro do espaço ideológico e, alimentados pelo poder político, deram início, por volta do século IV, à estruturação da instituição religiosa que legalizou os discursos antijudaicos transformando-os em justificativa para perseguições contra o povo judeu.

Temos como elemento estruturante da instituição da Igreja cristã os concílios, que determinaram as ações da Igreja por séculos. É por este linear, entre as declarações dos concílios ecumênicos da Igreja<sup>20</sup> a respeito dos judeus e as consequentes ações antijudaicas

---

<sup>19</sup> Primeiro concílio geral na história da Igreja cristã, convocado por Constantino I em 325.

<sup>20</sup> \*Concílios do Primeiro Milênio: Niceia I (325), Constantinopla I (381), Éfeso (431), Calcedônia (451), Constantinopla II (553), Constantinopla III (680-681), Niceia II (787), Constantinopla IV (869-870). \*\*Concílios Medievais: Latrão I (1123), Latrão II (1139), Latrão III (1179), Latrão IV (1215), Lyon I (1245), Lyon II (1274),

dos cristãos em relação aos mesmos, que alinhavamos o percurso histórico destas tensas relações.

O primeiro concílio da Igreja Católica foi o de Niceia (325) e, tendo sido convocado pelo Imperador Constantino I, deixou clara a aliança entre o Império Romano e a Igreja desde o século IV. Este e os concílios seguintes foram delineando o perfil da Igreja cristã e moldando uma identidade única para os cristãos, afastando-os da identidade judaica como nos reporta Poliakov:

Numerosas decisões conciliares dos séculos V e VI mencionam judeus e sua influência: proibem aos cristãos, clérigos ou leigos, de comer com os judeus, insurgem-se contra os casamentos mistos, advertem sobre a observância, nos domingos, de inúmeras interdições sabáticas, proibindo enfim aos judeus de se misturarem às multidões cristãs, durante a festa de Páscoa. (POLIAKOV, 1978, p.24)

Segundo análise deste autor, deve-se notar que as comunidades se respeitavam dentro de suas diferenças culturais e religiosas e esta era uma preocupação para os chefes da Igreja que tinham como pretensão a hegemonia cristã:

Tudo isto nos permite concluir que naquela época os judeus da Gália, numerosos, influentes, e vivendo em bons termos com os cristãos e se misturando livremente entre eles, causavam inquietação aos chefes da Igreja por força mesmo deste bom entendimento com suas ovelhas. (POLIAKOV, 1978, p. 24)

Esta hegemonia religiosa expandiu-se tendo como apoio a ideia teocêntrica que dominou a Idade Média, atingindo, através da Igreja, todos os setores da sociedade durante séculos. Igreja e nobreza entendidos como eleitos de forma divina se encontravam na posição de julgar os homens, segundo os direitos divinos. Aqueles que não correspondiam às normas da Igreja estavam sujeitos a julgamento, conversões forçadas, exílio ou morte. É dentro deste contexto social envolvido por tais ideias que se desenvolveram as relações de oposições entre o cristianismo e o judaísmo fomentados pelos concílios ecumênicos na Europa durante a Idade Média.

Mesmo judeus e cristãos vivenciando uma situação estável nas relações sociais, em algumas regiões durante parte do período da Alta Idade Média, sabe-se que aconteceram

---

Vienne (1311-1312).\*\*\*Concílios da Reforma: Constança (1414-1418), Basileia-Ferrara-Florença-Roma (1431-1445), Latrão V (1512-1517), Trento (1545-1548/1551-1552/1562-1563).\*\*\*\*Concílios da Idade Moderna: Vaticano I (1869-1870), Vaticano II (1962-1965).

ataques esporádicos a comunidades judaicas onde mortes e conversões forçadas ao cristianismo foram registradas, conforme nos aponta o artigo<sup>21</sup> publicado por Reuven Faingold, na Revista Morashá, edição 91:

Alguns anos antes das Cruzadas aconteciam perseguições esporádicas. Um cronista judeu anônimo relata o massacre de Otranto, uma vila ao sul da Itália, em 930: “Judeus foram perseguidos[...] ao Rabino Yeshaya lhe atravessaram o pescoço com uma faca e o mataram como a um cordeiro no pátio da sinagoga; e o Rabino Menachem caiu dentro de um poço, e a nosso mestre o estrangularam”. Em 1007, aconteceriam massacres na França e a expulsão e conversões dos judeus de Mogúncia (Mainz), na Alemanha. (FAINGOLD, 2016, on-line)

Em 1095, foi proclamada a Primeira Cruzada, pelo Papa Urbano II, durante o Concílio não ecumênico de Clermont, movimento que marcou uma entre as muitas perseguições que incluíram os judeus em sua rota de aniquilação, conforme Faingold:

A conclamação era para libertar Jerusalém dos infiéis, mas a Primeira Cruzada deu vazão a uma longa tradição de violência organizada contra os judeus. Primeiro na França e, depois, na Renânia, alguns líderes de grupos populares interpretaram que a guerra contra os infiéis podia ser aplicável não só aos muçulmanos, no Levante, mas também contra os judeus, que viviam na maioria das comunidades europeias. Muitos cristãos não viam motivo para viajar milhares de quilômetros para lutar contra os inimigos do Cristianismo, quando estes estavam, também, à porta de suas casas. (FAINGOLD, 2016, on-line)

Estes movimentos de violência contra os judeus, expõem ideias que foram sendo inculcadas através de homilias antijudaicas onde o judeu, enquanto deicida, merecia ser julgado e morto por seu pecado. Outros casos de violência e morte contra comunidades judaicas seguiram-se envolvendo os libelos de sangue<sup>22</sup>. Segundo Raymond P. Scheindlin, como consequência destas acusações “famílias inteiras eram assassinadas, muito comumente queimando as pessoas vivas.” (SCHEINDLIN, 2003, p.157). O autor relaciona os casos mais famosos datados de 1168, em Gloucester, e 1491, em Ávila.

Scheindlin segue documentando a interferência dos concílios nas relações econômicas e sociais dos judeus esclarecendo como estes chegaram a se transformar em “uma classe de mascates, mercadores de produtos usados e agiotas”:

O Terceiro Concílio de Latrão, em 1179, tornou-se um marco importante, pois reviveu algumas restrições aos judeus que há muito tinham sido negligenciadas, algumas dessas inclusive, projetadas para fazer a divisão social de judeus e cristãos.

---

<sup>21</sup> Pesquisado em 19/02/2022. <http://www.morasha.com.br/historia-judaica-na-antiguidade/judeus-durante-a-primeira-cruzada.html>

<sup>22</sup> Libelos de sangue são alegações antisemitas que acusam os judeus de assassinarem crianças cristãs e usarem o sangue em rituais religiosos.

[...]O Quarto Concílio de Latrão, em 1215, deu mais um passo decisivo em direção à segregação dos judeus, criando a odiada insígnia judaica que rotulava cada um deles como um proscrito vergonhoso. Ele também os proibia de ocupar cargos públicos e de aparecer em público na Páscoa e em outros dias sagrados. Ambos os concílios decretaram leis comerciais que contribuíram para o declínio do papel dos judeus na vida econômica. (SCHEINDLIN, 2003, p.161)

Ao retratarmos um quadro de alternância entre tolerância e intolerância nas relações entre cristãos e judeus, registramos um fragmento no qual a historiadora Anita Novinsky, em seu livro *A Inquisição* (1986), ao referir-se à convivência entre cristãos e judeus na região da Espanha na Idade Média, nos apresenta uma narrativa onde é salientado o entendimento entre os grupos de judeus e cristãos, conforme suas palavras:

As relações interétnicas atingiam as esferas familiares. Os judeus frequentavam as festas religiosas e os batismos dos seus amigos cristãos, e estes eram convidados para as cerimônias das crianças judias. Os cristãos convidavam judeus para entoarem suas ladainhas durante o sepultamento de seus familiares, e os casamentos mistos também não eram raros. A Espanha apresentava aspectos extremamente originais. Quando os cristãos saíam em procissões com a imagem do Santíssimo para festejar a visita de um rei ou algum acontecimento relevante, os judeus caminhavam acompanhando a procissão, carregando nos braços os rolos da Torá [lei de Moisés]. (NOVINSKY, 1986, p. 23)

Novinsky continuou sua exposição destacando a interferência dos concílios nestas relações interétnicas quando estes impuseram costumes para separar judeus e cristãos. As palavras de Novinsky abaixo, a respeito do IV Concílio de Latrão, reafirmam a citação de Scheindlin já registrada anteriormente

O IV Concílio de Latrão, reunido em 1215, determinou que todos os judeus usassem obrigatoriamente um distintivo, para que não fossem confundidos com cristãos. Nem em Portugal, nem na Espanha esta ordem foi cumprida. Mas esta determinação pode ser considerada, como diz certo autor, a antecipação de sete séculos da ordem de Hitler, de que todos os judeus usassem a estrela de David em suas vestimentas para ostentar a vergonha de sua condição. (NOVINSKY, 1986, p.23)

Uma outra narrativa que traz elementos esclarecedores sobre as relações entre judeus e cristãos, desta vez referindo-se aos séculos V a VIII durante o período visigodo na Península Ibérica, pode ser encontrada no artigo de Saul Kirschbaum. Apontando a influência dos Concílios de Toledo III e XVII, concílios não ecumênicos, mas cujas decisões foram determinantes nas relações abordadas nesta pesquisa, o autor registra as medidas, que uma vez adotadas, arquitetaram um contexto propício para as conversões forçadas que vieram nos séculos posteriores e que desencadearam a tragédia que ocorreria no século XV, como podemos verificar nas palavras de Kirschbaum:

Colhendo dados esparsos, aqui e ali, verifica-se que em 589, no III Concílio de Toledo, o rei Recaredo [586-601] se converteu ao catolicismo e foram adotadas severas medidas antijudaicas<sup>4</sup>; em 613, o rei Sisebuto [612-621] exigiu que todos os judeus da Espanha aceitassem o batismo, num sinistro prenúncio da tragédia que recairia sobre o judaísmo espanhol, forçando muitos judeus ao que no século XV viria a ser denominado “marranismo”, ou seja, conversões fictícias, enquanto o judaísmo continuava a ser professado às ocultas. (KIRSCHBAUM, 2013, p.46)

Ele esclareceu ainda:

A situação se agravou sob Recesvinto, que governou de 653 a 672, e chegou a seu clímax em 695, no XVII Concílio de Toledo, quando o rei Égica [687-702] acusou os judeus de conspiração contra a coroa e foram aprovadas leis que ordenavam o confisco de todos os bens dos judeus, a separação dos filhos de seus pais, para que fossem educados na religião cristã, e a proibição da prática de suas crenças, tornando a situação desesperadora. (KIRSCHBAUM, 2013, p.46)

Nota-se, nas narrativas destacadas, uma oscilação entre relações de aproximação ou de oposição entre cristãos e judeus em diferentes regiões e períodos históricos, isto porque nem todas as decisões de concílios ecumênicos funcionavam em determinadas regiões da Península Ibérica, conforme nos apontam as palavras de Scheindlin:

Além disso, os governantes cristãos da Espanha, geralmente bastante independentes em suas reações às ordens dos papas, frequentemente falhavam no reforço das leis que emanavam de Roma com relação ao tratamento dos judeus. (SCHEINDLIN, 2003, p.170)

Relatos de Scheindlin mostram que a alternância de poder, nas diferentes regiões da Espanha, dava aos judeus a possibilidade de convivência pacífica, ou não, na sociedade local dependendo dos interesses dos monarcas. Afonso X de Castela, o sábio, apoiou a presença dos judeus, mas voltou-se contra eles através da adoção de medidas do IV Concílio de Latrão, como atestam as palavras do autor:

Mesmo o esclarecido rei Afonso X incluíra em seu código legal, as *Siete Partidas*, as medidas severas antijudaicas do Quarto Concílio de Latrão e, mais para o final de seu reinado, voltou-se contra seus conselheiros judeus aprisionando e matando alguns deles, e quase arruinando a comunidade judaica de Toledo com seus impostos. (SCHEINDLIN, 2003, p.173-174)

As relações entre judeus e cristãos na Península Ibérica, segundo Novinsky, levou séculos para se deteriorar. Ela aponta a centralização do poder, no final do século XV, tendo como bandeira “um só território, uma só lei, uma só religião” (NOVINSKY, 1986, p.22) e sendo sustentada pela propaganda da Igreja em seus sermões, o fator determinante da degradação dos judeus nesta região.

As ordens de monges pregadores, na Espanha do século XIV, contribuíram para a deterioração das relações entre os judeus e o povo local através de suas pregações

antijudaicas. Em 1348, tendo sido disseminada a ideia de que os judeus eram os responsáveis pela Peste Negra, a situação destes se agravou em diferentes partes da Europa e ataques aos mesmos se espalharam. Em 1391, em Sevilha, milhares de judeus espanhóis foram mortos ou forçados ao batismo em massa.

Os judeus convertidos, que se tornaram uma nova classe daquela sociedade tendo acesso a cargos de destaque sofreram mais um golpe quando o Estatuto da Pureza de sangue foi promulgado, como aponta Novinsky:

Qualquer indivíduo, português ou espanhol, que aspirasse à vida acadêmica, a algum cargo ou quisesse pertencer às ordens militares ou religiosas devia apresentar o chamado exame de “habilitação *de genere*”, para provar que não possuía entre seus ascendentes nenhuma gota de sangue judeu ou mouro. (NOVINSKY, 1986, p.28)

Apesar de ser claro o caráter político e social da Inquisição Moderna, foi com a autorização da Igreja que esta se consolidou. É preciso destacar que foi o papa Xisto IV que, em 1478, autorizou a nomeação de inquisidores em Castela e nos anos seguintes este ato se espalhou por outras regiões. Segundo Novinsky: “A Inquisição Ibérica ultrapassou de longe a crueldade e intensidade da inquisição papal da Idade Média.” (1986, p.31). Em 1536, a bula papal autorizou a Inquisição no reino Lusitano e como desdobramento, em 1540, Lisboa assistiu ao primeiro auto-de-fê. Outros tribunais foram criados em outras regiões e estes funcionaram até o século XIX.

Uma outra decisão conciliar que teve desdobramentos negativos na vida das comunidades judaicas foi a censura feita a livros. Em 1517, o Concílio de Latrão publicou um decreto proibindo a publicação de qualquer livro sem exame e autorização do bispo local. Livros com assuntos proibidos, dentre eles os que tratavam de judaísmo, o *Talmude*, ou escritos em hebraico foram queimados antes desta data servindo como rituais que, segundo palavras da historiadora Lilia Schwarcz em sua coluna no jornal Nexo, eram “praticados em locais públicos para assim ganhar um caráter exemplar” (SCHWARCZ, 2019, on-line)<sup>23</sup>. Ela citou vários casos históricos de queima de livros, dentre os quais destacamos o de 1244<sup>24</sup>, onde edições do Talmude e de outros manuscritos judaicos, que lotavam 24 carruagens que circulavam por Paris, foram propositalmente queimados.

---

<sup>23</sup> <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2019/A-queima-de-livros-na-hist%C3%B3ria-%E2%80%93-e-no-presente>

<sup>24</sup> Este documentário contém a história do Talmude e esclarece a imensa tragédia que ocorreu envolvendo a sua queima durante os anos de perseguição da Igreja. <https://www.youtube.com/watch?v=FYZ4ZRIoszo&t=313s>

Passados três séculos após o Concílio de Trento, que foi finalizado em 1563, ocorreram mais dois Concílios já na Idade Moderna: o Concílio Vaticano I (1869-1870) convocado pelo Papa Pio IX, e, o Concílio Vaticano II (1962-1965) convocado pelo Papa João XXIII e presidido, após a morte de João XXIII, pelo Papa Paulo VI.

Seguindo o caminho das relações envolvendo cristãos e judeus, apoiados em documentos conciliares, constatamos que durante o Concílio Vaticano I as relações da Igreja Católica com os judeus ainda eram norteadas por atitudes e discursos antijudaicos.

Entre o Concílio Vaticano I e o Vaticano II localiza-se o período em que o povo judeu passou pelo momento da mais extrema perseguição e teve seu povo assassinado em massa. Embora o Holocausto não seja resultado de uma ação da Igreja, a presença do artigo 4º da *Nostra Aetate*, objeto desta pesquisa, é consequência de um movimento que foi iniciado após o Holocausto com o objetivo de combater atitudes antissemitas que persistiam após tantas mortes e sofrimentos causados ao povo judeu.

É importante lembrar que muitos elementos utilizados pelos nazistas em suas campanhas antissemitas tinham suas raízes em atitudes antijudaicas desenvolvidas durante o período da Idade Média e que provinham de orientações conciliares da Igreja. Já citamos, neste mesmo capítulo, os historiadores Scheindlin e Novinsky quando se referem ao IV Concílio de Latrão, em 1215, indicando o uso de distintivos para identificação dos judeus, ideia que foi adotada por Hitler ao impor o uso da estrela amarela, marca que expunha os judeus à perseguição e à morte.

A queima dos livros em praça pública, em 1933 pela Alemanha nazista, onde livros de escritores judeus foram queimados, remete-nos a 1233 quando o papa Gregório IX condenou o *Talmude* e em consequência houve a queima dos livros como ocorrido em anos anteriores e posteriores e já mencionados nesta pesquisa. A conhecida frase da peça *Almanson* do poeta e escritor Heinrich Heine, escrita em 1823: "Isso foi apenas um prelúdio; onde se queimam livros, acaba-se queimando pessoas também" (HEINE, 1823, p.148, tradução nossa)<sup>25</sup>, parece ter anunciado as ações desumanas dos nazistas comandados por Hitler em sua escalada de aniquilação do povo judeu.

As palavras de Scheindlin abaixo lembram-nos da herança do povo judeu que pode ter sido utilizada como componente da propaganda nazista contra eles:

---

<sup>25</sup> "Das war ein Vorspiel nur, dort wo man Bücher verbrennt, verbrennt man auch am Ende Menschen."(HEINE, 1823, p.148)



A herança de séculos, nos quais os judeus foram vistos com desconfiança por serem um grupo estranho em meio a um mundo cristão, de séculos em que os padres constantemente pregavam que os judeus tinham assassinado o Salvador, de séculos em que os judeus eram apontados como vilões responsáveis por quaisquer problemas que acontecessem – aquela herança antiga não podia ser desfeita rapidamente por aqueles que nenhuma razão especial possuíam para desfazê-la. Quando a sociedade alemã ficou sob pressão após a Primeira Guerra Mundial, a antipatia tradicional dos cristãos europeus, em relação aos judeus, emergiu de uma maneira e com uma intensidade completamente imprevisível pelos judeus alemães, que pensavam estar razoavelmente bem integrados na sociedade alemã. (SCHEINDLIN, 2003, p.287-288)

Mesmo sabendo-se de casos em que cristãos se opuseram ao que acontecia aos judeus e os auxiliaram, como relata Scheindlin, era esperado um posicionamento mais firme dos dirigentes da Igreja:

Na Holanda, a perseguição aos judeus enfureceu o público e levou a uma greve geral, reprimida pelos militares: os líderes da Igreja incitavam a resistência e muitos cristãos holandeses esconderam judeus. [...] Muitas instituições da Igreja Católica, tais como mosteiros, conventos e até o Vaticano subverteram os decretos alemães e esconderam judeus, mas o papa Pio XII nunca protestou contra o tratamento que os alemães davam aos judeus. Esta omissão do líder religioso mais poderoso e influente do Oeste permanece uma causa de consternação até os dias de hoje. (SCHEINDLIN, 2003, p.301)

Procuramos, no capítulo seguinte, esclarecer a mudança do posicionamento da Igreja após este período histórico trágico.

## **CAPÍTULO 3 – O Movimento para a inclusão do artigo 4º da *Nostra Aetate* no Concílio Vaticano II**

Entre os concílios da Era Moderna, Vaticano I (1869-1870) e Vaticano II (1962-1965), a Europa viveu o período do Holocausto, genocídio no qual foram assassinados mais de seis milhões de judeus. A Igreja manteve-se silenciada, apesar de se saber da participação de alguns de seus membros na tentativa de salvar judeus, como nos apontam as palavras de Edda Bergmann em seu livro, *Um raio no céu azul: as leis raciais na Itália*: “... embora seja sabido que muitos prelados salvaram crianças e adultos judeus, mesmo correndo risco de morte, mas a maioria se eximiu, como demonstram os relatos” (BERGMANN, 2008, p.47).

Este silêncio, não só da Igreja como de grande parte da sociedade europeia, passou a ser questionado por organizações que exigiam mudanças nas relações sociais e principalmente na catequese antijudaica que a Igreja católica desenvolvia até então.

Em 1947, um grupo de 65 pessoas de 19 diferentes países entre judeus e cristãos, leigos e religiosos, se reuniram em Seelisberg, Suíça, para discutir o antissemitismo que persistia mesmo após o término da Segunda Guerra Mundial. Apontamos este acontecimento como marca do momento de inflexão que determinou a possibilidade de inclusão do artigo 4º da *Nostra Aetate* dentro do Concílio Vaticano II nos anos que viriam. Deste grupo, focalizaremos a participação de Jules Isaac, que havia perdido sua família durante o Holocausto, e Paul Démann, religioso da Congregação *Notre Dame de Sion*, que ajudou a salvar famílias durante este período de horror.

Nossas primeiras observações acompanharam os movimentos de Jules Isaac para registrar a participação de sua voz na *Nostra Aetate*: parte dos documentos finais do Concílio Vaticano II.

### **3.1 - Jules Isaac: uma voz judaica presente na *Nostra Aetate***

Jules Marx Isaac (1877-1963) foi um historiador judeu-francês. Isaac, em sua juventude, conheceu Charles Péguy, cristão, de quem se tornou grande amigo. Esta amizade o levou a conhecer a cultura cristã. Juntos trabalharam ativamente no combate ao antissemitismo. Os amigos criaram a revista *Cahiers de la Quinzaine*.

Profissionalmente, Isaac foi professor de história e trabalhou para a elaboração de material didático onde o aluno pudesse sentir-se parte da história, humanizando-a. Ocupou o cargo de Inspetor Geral da Educação Pública na França. Ele escreveu textos sobre história, mas nem sempre foram editados com seu nome por indicar sua origem judaica e o editor

temer que a venda fosse afetada. Jules Isaac participou da Liga dos Direitos Humanos e do Comitê de vigilância dos Intelectuais Antifascistas. Em 1940, por ser judeu, não pode mais ocupar cargo público.

Em 1941, já estando a França ocupada pelos alemães, Isaac refugiou-se, com a família, na zona franca de *Aix-en-Provence*, depois em *Le Chambon-sur-Lignon* e finalmente em *Riom* perto de onde vivia sua filha. Neste interim intensificou suas pesquisas, que já vinha desenvolvendo, para combate ao antissemitismo. Em 1943, quando ausente de casa, a Gestapo levou sua esposa, filha e genro que foram presos e assassinados em Auschwitz. Todos estes acontecimentos não afastaram Jules Isaac de sua determinação em lutar contra o antissemitismo seguindo o caminho de suas pesquisas sobre a catequese antijudaica da Igreja Católica.

Este trabalho o levou a produzir o livro *Jésus et Israël*, publicado em 1948, mas que já estava estruturado em 1946. Trata-se de uma obra onde Jules Isaac analisou os evangelhos cristãos e a tradição judaica, pois segundo suas palavras:

O problema de Jesus e de Israel em suas relações recíprocas, só podemos abordá-lo e resolvê-lo pelo exame crítico dos únicos textos de que dispomos: os Evangelhos. (ISAAC, 1986, p. 383)

Isaac afirmou que:

É muito evidente que a crença cristã na missão, na divindade do Filho, pressupõe a crença anterior, fundamental, judia, na divindade do Pai, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Todo Poderoso, o Eterno, o Único. (ISAAC, 1986, p.6)

Para tanto, ele elaborou em *Jésus et Israël*, no que Bakhtin chama de cotejo<sup>26</sup>, o entrelaçamento de citações do Evangelho Cristão e das Escrituras Sagradas possibilitando uma nova compreensão, como podemos observar no fragmento abaixo que faz parte da proposição I de seu livro:

Ao escriba que pergunta qual o primeiro de todos os mandamentos, que responde Jesus? O primeiro é: Ouve, Ó Israel, o Senhor é nosso Deus, é o único Senhor, e amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento, e com todas as tuas forças. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não existem outros mandamentos maiores do que estes. Encontram-se assim no Evangelho segundo São Marcos 12, 28-32 e na boca do próprio Deus as fórmulas máximas da Lei, da fé e da moral judaicas [Deut.6,4-5; Lev.19,18]. (ISAAC, 1986, p.6)

---

<sup>26</sup> Cotejo, segundo Mikhail Bakhtin (1997), é a presença de um ou mais textos dentro de outro texto provocando confronto e promovendo uma outra compreensão dentro de um contexto novo.

Observa-se em toda a extensão da obra de Jules Isaac a utilização deste método de confronto entre as palavras de um e de outro com a finalidade de promover, dentro do espaço de alteridade formado, uma quebra de tensão anteriormente disseminada pela falta de diálogo entre as duas crenças.

Em ampla análise, o autor desconstruiu a imagem de antagonismo criada pela catequese antijudaica da Igreja durante séculos. A cada proposição, sendo 21 no total, o autor, através de minuciosas citações pautadas no próprio Evangelho cristão, desmontou a imagem do judeu traidor, deicida, disperso pelo mundo para pagar o pecado da morte do Cristo Salvador, que havia sido construída pela catequese da Igreja Católica.

Na proposição XVI, Isaac afirmou:

Em toda a cristandade, desde mil e oitocentos anos, ensina-se correntemente que o povo judeu, plenamente responsável pela Crucifixão, cometeu o crime inexprível de deicídio. Não há acusação mais mortífera e, efetivamente, que tenha feito correr mais sangue inocente. (ISAAC, 1986, p.229)

O autor incluiu em sua narrativa fragmentos de discursos dos primeiros Padres da Igreja que contribuíram para a formação e propagação da catequese antijudaica da Igreja. Segundo ele:

Os Padres da Igreja vão muito mais longe. Já ouvimos Santo Efrém tratar os judeus de “cães circuncisos”, São Jerônimo [ao mesmo tempo que lhes pedia lições de hebraico] denuncia as “serpentes judias” de que Judas é a imagem, e os entrega ao “ódio” dos cristãos. Mas a palma cabe a São Gregório de Nissa e São João Crisóstomo, rivais em truculência na inventiva sagrada. (ISAAC, 1986, p.237-238)

Nas proposições finais, Jules Isaac fez uma narrativa histórica da passagem desta catequese antijudaica da Igreja para o território político quando da união da Igreja ao Estado, ressaltando a amplitude tomada a partir do século XI e afirmou: “antes de Hitler viveu Inocêncio III, antes das leis de Nuremberg existiram os decretos do IV Concílio de Latrão” (ISAAC, 1986, p.241).

Depois de seu livro finalizado, em 1947, Jules Isaac ao participar da II Conferência Internacional de Emergência sobre o Antissemitismo, em Seelisberg-Suíça, apresentou 18 proposições de seu livro e estas influenciaram diretamente “*Os 10 pontos de Seelisberg*”<sup>27</sup>,

---

<sup>27</sup> <https://www.judaismoecristianismo.org/textos-fundamentais/266-os-dez-pontos-da-conferencia-de-seelisberg>  
Acesso em 10 de março de 2022.

documento final da conferência que indicou a necessidade de mudança da catequese antijudaica da Igreja.

Ainda em 1947, Jules Isaac cofundou a Organização *Amitié Judéo-chrétienne de France* que combate as raízes cristãs do antissemitismo e promove a reconciliação e o diálogo judeu-cristão. Em 1948, seu livro *Jésus et Israël* foi publicado. Em 1949, Isaac encontrou-se com o Papa Pio XII. Em 1960, o encontro foi com o Papa João XXIII em quem encontrou um aliado para a inclusão da problemática do antijudaísmo da catequese da Igreja como pauta do Concílio Vaticano II que ocorreria em breve. Em 1963, Jules Isaac morreu após um longo trabalho de combate ao antissemitismo e pela aproximação entre cristãos e judeus, no mesmo ano em que morreu o Papa João XXIII.

Um ano antes, em 1962, o Concílio Vaticano II tinha sido iniciado e se prolongou até 1965, quando teve seus documentos finais publicados. Dentre eles há a Declaração *Nostra Aetate*, artigo 4º, onde pode-se ouvir a voz de Jules Isaac que, através deste documento aparentemente monofônico da Igreja, reclama a justiça de se reconhecer no judaísmo a origem do cristianismo, conforme observa-se no parágrafo 7 da referida declaração:

Além disso, a Igreja, que reprovava quaisquer perseguições contra quaisquer homens, **lembrada** do comum patrimônio com os judeus...deplora todos os ódios, perseguições e manifestações de antissemitismo [...] (NA, art.4, §7, 1965, grifo nosso)

Ao analisarmos a instituição da Igreja Católica como sujeito do discurso da declaração *Nostra Aetate*, seguindo os estudos de Mikhail Bakhtin onde se faz necessária a contextualização histórica e social do sujeito, encontramos o texto de Jules Marx Isaac, *Jesus e Israel*, com quem o texto da *Nostra Aetate* dialoga. Reconhecemos, nesta polifonia, uma das vozes que lembrou à Igreja o comum patrimônio que ela possui com os judeus tendo sido, portanto, um sujeito agente no combate à catequese antijudaica desenvolvida pela Igreja durante séculos e respondendo a um dos objetivos desta pesquisa.

### **3.2 - Abraham Heschel: concretização da presença judaica na elaboração da *Nostra Aetate*.**

Abraham Joshua Heschel (1907-1972) foi um grande pensador judeu-polonês do século XX. Foi rabino, professor, filósofo, escritor e grande ativista dos direitos civis. Viveu na Europa em uma família hassídica e recebeu educação dentro de instituição judaica. Durante o período da Segunda Guerra Mundial perdeu grande parte de sua família, mas conseguiu escapar da Polônia para Londres. Em 1940, mudou-se para os Estados Unidos da

América onde passou a lecionar e publicar textos envolvendo temas sobre a espiritualidade e a humanidade. Engajou-se em vários movimentos em defesa de causas sociais como: direitos civis dos negros, liberdade dos judeus da URSS, oposição à Guerra do Vietnã, efetivação do diálogo interreligioso entre outros.

Edward K. Kaplan, autor do livro *Abraham Heschel Un prophète pour notre temps*, dedicou parte do capítulo VI deste livro para narrar a participação de Heschel no Concílio Vaticano II. Segundo o autor, Heschel deu continuidade ao movimento iniciado por Jules Isaac que esteve na origem das ações para a aproximação entre o cristianismo e o judaísmo, como podemos constatar em suas palavras:

O historiador Jules Isaac, que havia denunciado em seu *Jesus e Israel* (1947) "o ensino do desprezo" difundido pela Igreja e foi um dos fundadores da Amizade Judaico-Cristã, esteve na origem dessa reaproximação. Em 1960, obteve uma audiência com o Papa João XXIII e deu-lhe uma documentação precisa. (KAPLAN, 2008, p.114, tradução nossa)<sup>28</sup>

Logo após a audiência de Jules Isaac com o Papa narrada na citação acima, Augustin Béa, cardeal da Igreja Católica, foi encarregado de escrever uma declaração sobre o judaísmo e os judeus. Ele realizou várias consultas a organizações e dentre elas a *American Jewish Committee* (AJC) que tinha base em Nova York e escritórios na Europa, na América Latina e em Israel. Heschel foi o responsável por representar a AJC no concílio, como afirmou Kaplan:” Foi Abraham Heschel quem representou o judaísmo no Conselho do Gabinete de relações interreligiosas da AJC ...” (2008, p.116, tradução nossa).<sup>29</sup> Por sua participação ativa, tanto nas esferas religiosas quanto políticas, para que o artigo 4º da *Nostra Aetate* fosse aprovado, Heschel foi destacado como tendo desempenhado um papel central durante o Concílio Vaticano II. Cabe lembrar que em 1963 morreram Jules Isaac e o Papa João XXIII, duas personalidades de grande importância na elaboração da *Nostra Aetate*, como narrado no capítulo anterior, ficando assim uma grande responsabilidade para os que os substituíram na concretização deste evento de mudanças na direção das relações entre judeus e cristãos da Igreja Católica.

---

<sup>28</sup> L'historien Jules Isaac, qui avait dénoncé dans son *Jésus et Israël* (1947) « l'enseignement du mépris » répandu par l'Église et avait été l'un des fondateurs de l'Amitié judéo-chrétienne, était à l'origine de ce rapprochement. En 1960, il obtient une audience auprès du pape Jean XXIII et lui remet une documentation précise (KAPLAN, 2008, p.114).

<sup>29</sup> C'est Abraham Heschel qui devait représenter le judaïsme au conseil au nom du bureau des relations interreligieuses de l'AJC ... (KAPLAN, 2008, p.116)

Temos nesta narrativa mais um representante da voz judaica presente na história de elaboração do texto da *Nostra Aetate*, artigo 4º, documento que se contrapõe a toda a história das declarações conciliares da Igreja Católica existentes até o século XX no que tange às relações entre cristãos e judeus.

## **CAPÍTULO 4 – A Congregação *Notre Dame de Sion* (NDS): da catequese de conversão ao diálogo fraterno**

No capítulo 3.1, ao acompanharmos o trabalho de Jules Isaac para a inclusão do documento da *Nostra Aetate* no Concílio Vaticano II, mencionamos sua presença em um movimento de pessoas que tinham este mesmo objetivo e que participaram da II Conferência Internacional de Emergência sobre o Antissemitismo, em Seelisberg-Suíça.

Dentre eles havia um membro da Congregação *Notre Dame de Sion*, religioso da Igreja Católica. Seu nome era Paul Démann e ele foi um dos pilares das mudanças que ocorreram nesta Congregação. Démann nasceu em 1912 em uma família judia assimilada. Se converteu ao cristianismo tornando-se, em 1944, um dos padres de *Notre Dame de Sion*. Este religioso, durante a Segunda Guerra Mundial, ajudou famílias judias a se salvarem do Holocausto. Consciente dos motivos que causaram a perseguição e a morte dos judeus durante os séculos anteriores, após a guerra, buscou um meio para fazer com que a Igreja Católica mudasse sua visão e postura frente aos judeus.

Em Paris, ele liderou a equipe de religiosos da Congregação NDS, onde fundou um centro de estudos e documentação responsável pela publicação dos *Cahiers Sioniens* entre 1947 e 1955. Estes cadernos veicularam textos de estudos pioneiros sobre a relação entre judaísmo e cristianismo. Démann fez um trabalho de pesquisa em textos de catequese da Igreja Católica encontrando elementos antijudaicos para serem apresentados e contestados junto à mesma. Em 1947, ao participar do Encontro Internacional de *Seelisberg*, ele conheceu Jules Isaac<sup>30</sup>. Estabeleceu-se entre eles uma relação de amizade e compromisso na busca de solução para efetivar esta aproximação entre judeus e cristãos. Démann teve a parceria de Renée Bloch, uma amiga judia, e de alguns membros da Congregação Nossa Senhora de Sion no intenso trabalho desenvolvido após a Conferência de *Seelisberg* para alteração da catequese antijudaica da Igreja. Apesar de ter saído desta Congregação, em 1963, Paul Démann deixou um legado que mudou definitivamente a direção da Congregação *Notre Dame de Sion* em relação ao judaísmo.

Esta é uma outra voz a ser lembrada na elaboração do artigo 4º da *Nostra Aetate*. Esquecida ou silenciada, a voz de Paul Démann foi rememorada pelo historiador Menahem R. Macina em publicação na revista *Sens*, intitulada *Pour une réhabilitation posthume de Paul*

---

<sup>30</sup> *Lettres de Jules Isaac adressées à Paul Démann, Sens, 2003 n°7/8.*



Démann. Nela, Macina registra que Gerhart Riegner, ex-secretário-geral do Congresso Judaico Mundial, declarou:

De origem húngara, é autor de um livro extremamente importante sobre a catequese e o judaísmo. Nos Cadernos sionenses que editou, o padre Démann tratou esses problemas de maneira metódica. Através de sua obra, seus artigos e suas reflexões, o padre Démann deve ser considerado como um dos que levaram os círculos católicos a refletir sobre os problemas, tabu na época, da catequese cristã sobre os judeus e seus efeitos sobre a consciência. (MACINA, 1999, p.439- tradução nossa)<sup>31</sup>

O trabalho de Paul Démann ganha importância por ele ter pertencido à Congregação *Notre Dame de Sion*, Congregação de religiosos da Igreja Católica que teve em suas origens o objetivo da conversão de judeus para o catolicismo, passando, após a *Nostra Aetate*, à proposta de diálogo fraterno, como exposto nos capítulos seguintes.

#### 4.1 – As origens da Congregação *Notre Dame de Sion*

A história da Congregação *Notre Dame de Sion* está intimamente ligada à vida de seus fundadores: Théodore Simon Ratisbonne e seu irmão Alphonse Tobie Ratisbonne. Ambos nasceram em Estrasburgo, na França. Théodore nasceu em 28 de novembro de 1802 e Alphonse em 1 de maio de 1814. Seus pais, Auguste Ratisbonne e Adélaïde Cerfberr, eram parte de uma família judia que teve uma participação muito ativa na luta pela emancipação judaica na região da Alsácia-Lorena. Segundo o historiador Jean Daltroff, em seu livro *Les Ratisbonne* (2017), a família Ratisbonne atuava na organização das atividades comunitárias daquela região tendo papel de destaque nas decisões, como se pode constatar:

Napoleão I convocou, em Paris, para 15 de julho de 1806, uma Assembleia de notáveis e rabinos responsáveis por definir as relações entre o Império e seus judeus e de demonstrar a ausência de obstáculos de natureza religiosa ao exercício do papel de cidadão. A Assembleia compreende III delegações incluindo 27 Alsacianos, dentre os quais 8 de Estrasburgo dentre eles David Sintzheim, rabino de Estrasburgo e Auguste Ratisbonne, comerciante de tecidos. (DALTROFF, 2017, p.8, tradução nossa)<sup>32</sup>

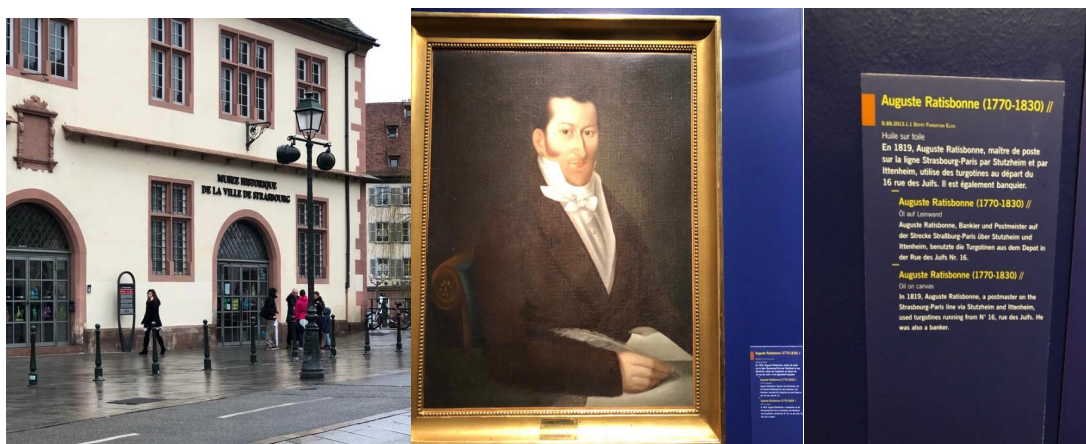
---

<sup>31</sup> D'origine hongroise, il est l'auteur d'un livre extrêmement important sur la catéchèse et le Judaïsme. Dans les *Cahiers Sioniens* qu'il éditait, le père Démann traitait de ces problèmes d'une façon méthodique. Par son ouvrage, ses articles et ses réflexions, le Père Démann doit être considéré comme l'un de ceux qui ont amené les milieux catholiques à réfléchir sur les problèmes, tabous à l'époque, de la catéchèse chrétienne concernant les Juifs et de ses effets sur les consciences. (MACINA, 1999, p.439)

<sup>32</sup> Napoléon I<sup>er</sup> convoque à Paris pour le 15 juillet 1806, une Assemblée de notables et de rabbins chargée de définir les relations entre l'Empire et ses Juifs et de démontrer l'absence d'obstacles de nature religieuse à l'exercice du rôle de citoyen. L'Assemblée comprend III délégués dont 27 Alsaciens parmi lesquels huit Strasbourgeois dont David Sintzheim, rabbins de Strasbourg et August Ratisbonne, marchand de draps. (DALTROFF, 2017, p.8)

A participação da família Ratisbonne e, em especial, de Auguste Ratisbonne, pai de Théodore e Alphonse Ratisbonne, na vida comunitária de Estrasburgo e na vida da comunidade judaica local, está exposta no *Musée Historique De La Ville De Strasbourg*, conforme pudemos constatar e registrar em imagens como as que anexamos abaixo:

*Musée Historique De La Ville De Strasbourg*



Arquivo pessoal de Maria Lúcia Guilherme, fevereiro 2020.

#### 4.2 – Théodore Ratisbonne

Como mencionado anteriormente, Théodore nasceu no ano de 1802 no seio de uma família judia. As pesquisas de Daltroff apontam que provavelmente Théodore tenha sido circundado e feito seu *bar mitzvah*, conforme atestam suas palavras:

Provavelmente foi circuncidado, ele fez *bar mitzvah* (maioridade religiosa) aos treze anos na sinagoga porque seu pai Auguste Ratisbonne não poderia ter ascendido à presidência do consistório do Baixo Reno em 1830. (DALTROFF, 2017, p. 61, tradução nossa)<sup>33</sup>

Théodore foi educado inicialmente em Estrasburgo, mas logo foi enviado para estudar em Frankfurt, em uma escola onde Jacob Sachs era diretor. Ele teve aulas diversificadas e aprendeu línguas como hebraico, alemão, francês e inglês. Segundo o historiador, Théodore não estava feliz em estudar em Berlim. Sentia falta da família. Sua mãe o levou de volta a Estrasburgo em 1817, para que completasse seus estudos. Em 1818, ele foi enviado a Paris para aprender sobre finanças. Não se adaptou a esta vertente de conhecimentos. Dedicou-se ao estudo de inglês, música e frequentou teatros. Sua mãe morreu naquele ano e Théodore ficou profundamente abalado por este acontecimento. Theodore Ratisbonne tinha natureza livre e

<sup>33</sup> Ayant sans doute été circoncis, il fait sa bar mitzvah (majorité religieuse) à treize ans à la synagogue car son père Auguste Ratisbonne n'aurait pas pu accéder à la présidence du consistoire du Bas-Rhin en 1830. (DALTROFF, 2017, p. 61)

ultrassensível e buscava caminhos para suas dúvidas existenciais. Seu pai o levou de volta a Estrasburgo para trabalhar com seu tio em seu banco. Ele não se adaptou e pediu para recolher-se em uma propriedade perto de Estrasburgo, onde manteve-se isolado, como narrou Daltroff:

Logo, pede permissão ao pai para se preparar para o bacharelado e se instala sozinho em uma propriedade da família, em Robertsau, perto de Estrasburgo, levando uma vida ascética, recusando qualquer tipo de prazer, somente com o estritamente necessário. Ele começa a ler Rousseau, Voltaire, Volney, buscando na filosofia respostas para suas questões e postulados metafísicos, [...] (DALTROFF, 2017, p. 63, tradução nossa)<sup>34</sup>

Seus questionamentos continuaram e ele buscou na maçonaria respostas para suas inquietações. As respostas não vieram e ele decidiu voltar a Paris. Lá viveu um período entre cafés, espetáculos teatrais, comédias e apaixonou-se por Mademoiselle Duchesnois. Sua relação com a jovem atriz não foi adiante. Em 1823, voltou a Estrasburgo e encontrou-se com um jovem estudante israelita, Jules Level, que lhe propôs frequentar aulas de Louis Bautain (1796-1867), jovem professor de filosofia da Universidade de Estrasburgo. Bautain havia se convertido do racionalismo ao cristianismo influenciado por Louise Humann (1766-1836). O professor era muito engajado nas discussões sobre razão e fé. Ainda em 1823, Bautain mudou-se para casa de Louise Humann e lá começaram um curso privado de filosofia, do qual participavam: Humann, Bautain, Level, Ratisbonne, um irlandês católico e um russo ortodoxo, depois seguidos pelo filósofo Isidore Goschler. Bautain iniciou Ratisbonne nos estudos bíblicos onde, segundo narrativa do historiador, o jovem encontraria respostas para suas questões existenciais:

O abade Bautain estimula Théodore a ler a Bíblia, onde encontrará respostas para as perguntas que sempre se fez. Ele o inicia nos mistérios do homem e da natureza. (DALTROFF, 2017, p.64, tradução nossa)<sup>35</sup>

Théodore Ratisbonne seguiu paralelamente seus estudos e bacharelou-se em 1823. Na sequência, se voltou para a área do Direito e completou sua licenciatura em 1826. Continuou seus estudos, desta vez, em ciências e medicina com especialização em doenças infantis, mas

---

<sup>34</sup> Bientôt, il sollicite la permission de son père de préparer son baccalauréat et il s'installe en solitaire dans une propriété de la famille, à la Robertsau, près de Strasbourg menant une vie ascétique refusant toute sorte de plaisir, avec juste le strict nécessaire. Il se met à lire Rousseau, Voltaire, Volney, cherchant dans la philosophie des réponses à ses questions métaphysiques et postule, ... (DALTROFF, 2017, p. 63)

<sup>35</sup> L'abbé Bautain engage Théodore à lire la Bible ou il trouverait des réponses aux questions qu'il se posait depuis toujours. Il l'initie aux mystères de l'homme et de la nature. (DALTROFF, 2017, p.64)

não exerceu. Durante estes anos, ele continuava com suas atividades junto a comunidade judaica da qual sua família fazia parte. Dava aulas para crianças judias pobres que faziam parte de um projeto social do Consistório de Estrasburgo onde seu pai atuava. Continuava também com seus encontros na Rua *Toussaint* número 8, cujo grupo de estudos obteve o nome de “*Le Cénacle de la rue de la Toussaint*”, espaço físico que até hoje, século XXI, encontra-se preservado.

Rue de la Toussaint, 8 – Strasbourg - France - Maison de Mademoiselle Humann



Arquivo pessoal de Maria Lúcia Guilherme, fevereiro de 2020.

Em 1828, Théodore deixou a escola de Encorajamento ao Trabalho, onde atuava de forma notável, por ter se convertido, em sigilo, ao cristianismo, e, ter sido denunciado frente à comunidade judaica. Louise Humann passou a ser sua mãe espiritual lendo junto com ele a Bíblia em hebraico dando-lhe, segundo palavras de Daltroff: “... uma visão totalmente bíblica do mundo e da história” (2017, p.64, tradução nossa)<sup>36</sup>. No final de 1830, ele recebeu sua ordem sacerdotal. Teve em seu irmão Alphonse Ratisbonne, adolescente na época, um grande opositor por causa de sua conversão. O historiador concluiu a narrativa da conversão de Théodore com a seguinte reflexão:

É um ser sensível, de natureza inquieta, fascinado pelos filósofos racionalistas. Ele se afasta porque está apaixonado pelo absoluto, buscando a verdade no espetáculo da natureza, desejando dar sentido à sua vida. [...] Ele conhece duas pessoas excepcionais: Louis Bautain e Mademoiselle Humann, e lentamente começa a se aproximar do cristianismo com alguns jovens. (DALTROFF, 2017, p.65, tradução nossa)<sup>37</sup>

<sup>36</sup> ...une vision toute biblique du monde et de l’histoire. (DALTROFF, 2017, p.64)

<sup>37</sup> C’est un être sensible, d’une nature inquiète, fasciné par les philosophes rationalistes. Il s’en détourne car il est épris d’absolu, cherchant la vérité dans le spectacle de la nature désirant donner un sens à sa vie. ... Il rencontre

Após sua ordenação, Théodore passou a dar aulas no Seminário Menor Saint-Louis onde ministrou aulas de geologia. Ao mesmo tempo, assumiu a função de vigário da Catedral de Estrasburgo trabalhando com a catequese e direção espiritual.

A filosofia cristã de Bautain fundada no tradicionalismo e seguida por Théodore foi condenada pelos teólogos racionalistas da época, em consequência o Seminário Menor foi fechado e o grupo de seguidores teve suas atividades restritas. Estes acontecimentos seguidos pela morte de Mademoiselle Humann, em 1836, fizeram com que Théodore Ratisbonne partisse para Paris. Ele se tornou vigário na paróquia *Notre-Dame des Victoires* onde, segundo Daltroff, seus sermões atraíram pessoas que estavam indiferentes à religião e onde dedicou seu amor aos pobres e pequenos conforme palavras do historiador:

Théodore Ratisbonne se instala em Paris, onde se torna vigário. [...] Seus sermões atraem um certo número de pessoas indiferentes e ele se torna verdadeiramente missionário. Ele também se dedicou como capelão do orfanato das Irmãs de São Vicente de Paulo da rua *Plumet*, que tem trezentas meninas. Ele dedica seu amor aos pobres e aos pequeninos. (DALTROFF, 2017, p.66, tradução nossa)<sup>38</sup>

É neste momento de sua vida que ele recebe a notícia da conversão de seu irmão Alphonse Ratisbonne, em 20 de janeiro de 1842, fato que o deixa surpreso. É a vida de Alphonse Ratisbonne, o cofundador da Congregação *Notre Dame de Sion*, que focalizaremos a seguir.

### **4.3 – Alphonse Ratisbonne**

Alphonse Ratisbonne nasceu em 1814, como mencionado no item 4.1. Foi o décimo primeiro filho do casal Auguste Ratisbonne e Adélaïde Cerfberr. Entre Alphonse e Théodore Ratisbonne havia 12 anos de diferença, fato que os fez percorrer caminhos diferentes, uma vez que Adélaïde, a mãe, morreu em 1818, quando Alphonse tinha apenas quatro anos. Segundo registros de René Laurentin, teólogo e destacado pesquisador da vida de Alphonse Ratisbonne, o garoto teve uma vida cercada por uma família amorosa e de boas posses o que lhe proporcionou a oportunidade de estudar em boas escolas.

---

deux personnes exceptionnelles : Louis Bautain et Mademoiselle Humann, et commence lentement à se rapprocher du christianisme avec quelques jeunes gens. (DALTROFF, 2017, p.65)

<sup>38</sup> Théodore Ratisbonne se fixe à Paris où il devient vicaire .... Ses sermons attirent un certain nombre d'indifférents et il devient vraiment missionnaire. Il se dévoue aussi comme aumônier de l'orphelinat des Sœurs de Saint-Vincent-de-Paul rue Plumet qui compte trois cents jeunes filles. Il s'adonne à son amour des pauvres et des petits. (DALTROFF, 2017, p.66)

Há, na obra *ALPHONSO RATISBONNE: vie authentique* (1986) de René Laurentin, uma narrativa da infância de Alphonse marcada pela dor da perda da mãe, mas é enfatizado o cerco amoroso e alegre no qual o menino foi educado, despertando em sua personalidade uma grande potencialidade em resistir às diversidades transformando-as em felicidade, como atestado pelas palavras de Laurentin:

Sua infância foi banhada pelo famoso humor dos judeus da Alsácia: enorme, corrosivo e terno, não só em relação a não judeus e arrivistas, mas também a si mesmo. Esse humor de resistência ao infortúnio tornou-se o da felicidade. (LAURENTIN, 1986, p.26, tradução nossa)<sup>39</sup>

O pesquisador registrou que a família tinha, em suas raízes, valores que cercavam o universo bíblico e religioso, mas não há registros da prática desta religiosidade nas atividades familiares. No entanto, ele destacou a influência destes valores na vida adulta de Alphonse, como pode-se observar:

Alphonse herdou dele valores familiares, bíblicos e religiosos que conservaram suas raízes. Se os viveu no tempo de uma secularização onde recebeu apenas fragmentos deles, ele se valerá dessa tradição viva para ser dispensado de um longo catecumenato. (LAURENTIN, 1986, p. 9, tradução nossa)<sup>40</sup>

Outro destaque necessário é para as condições de secularização pela qual passavam as religiões quando Alphonse vivia sua juventude e que atingiu os jovens e suas famílias. Estas mudanças no campo filosófico-ideológico influenciaram as decisões futuras de Alphonse e Theodore Ratisbonne, conforme palavras de Laurentin:

A aventura dos Ratisbonne é a da secularização, que afetará sucessivamente todas as religiões dos tempos modernos, inclusive a cristã, em um mundo dessacralizado. Como hoje muitos cristãos não praticantes têm seus filhos batizados, os Ratisbonne permaneceram fiéis à sua circuncisão, e ao caráter fortemente orgânico da religião judaica, que permeia toda a vida, permaneceu como a raiz de muitas virtudes familiares e sociais, com um profundo sentido de solidariedade. (LAURENTIN, 1986, p.28-29, tradução nossa)<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> Son enfance a été baignée par l'humour réputé des juifs d'Alsace : énorme, corrosif et tendre, non seulement à l'égard des goïms et des parvenus, mais aussi de soi-même. Cet humour de la résistance au malheur, est devenu celui du bonheur. (LAURENTIN, 1986, p.26)

<sup>40</sup> Alphonse a hérité de lui des valeurs familiales, bibliques et religieuses qui sont restées ses racines. S'il les a vécues à l'heure d'une sécularisation où il n'en reçut que des lambeaux, il se prévaudra de cette tradition vivante pour se faire dispenser d'un long catéchuménat. (LAURENTIN, 1986, p. 9)

<sup>41</sup> L'aventure des Ratisbonne, c'est celle de la sécularisation, qui touchera successivement dans les temps modernes toutes les religions, y compris chrétienne, dans un monde désacralisé. Comme aujourd'hui nombre de chrétiens non pratiquants font baptiser leurs enfants, les Ratisbonne restaient fidèles à leur circoncision, et le caractère fortement organique de la religion juive, qui pénètre toute la vie, restait la racine de maintes vertus familiales et sociales, avec un sens profond de la solidarité. (LAURENTIN, 1986, p.28-29)

Quanto ao contexto familiar, Laurentin descreve um cenário de mortes prematuras dentro da família de Alphonse Ratisbonne, deixando-o, aos dezesseis anos, órfão de pai e mãe.

Em um comentário sobre a personalidade do jovem Ratisbonne, o pesquisador diz que ele era positivista, realista, gostava de história e não tinha inclinação para os negócios da família. Bacharelou-se e foi para Paris estudar direito. Ao retornar a Estrasburgo, Alphonse Ratisbonne se destacou em sua comunidade por seus trabalhos assistenciais fruto, segundo Laurentin, de ideias seculares, afastando-se do contágio dos interesses materiais, como nos mostram as palavras do autor:

Com este impulso generoso, Alphonse torna-se [depois de Theodore, o diretor] um dos membros mais ativos da Sociedade para o incentivo ao trabalho para jovens judeus. [...] Este ardor moral é puramente secular. (LAURENTIN, 1986, p. 44, tradução nossa)<sup>42</sup>

Em 1837, segundo pesquisas de Laurentin, Alphonse começou a trabalhar pela educação da juventude israelita local. Neste tempo, revoltou-se contra seu irmão, o Padre Théodore Ratisbonne, após a morte de um sobrinho, pois este havia feito o batismo do mesmo que era uma criança. Théodore partiu para trabalhar em Paris e Alphonse, apesar da revolta pela conversão do irmão, sentiu a distância entre eles.

Em 1841, aos vinte e sete anos, Alphonse ficou noivo de sua sobrinha Flore de dezesseis anos. Tornou-se mais calmo nesta nova etapa de sua vida, dando sinais de mudança em seu comportamento. Tentou acompanhar Flore na prática de sua religiosidade, mas não conseguiu convencer-se de que era este o caminho a seguir.

Apesar de sua aparente felicidade, Alphonse começou a procurar algo que lhe trouxesse proximidade com alguma religião, mas não encontrava uma resposta fácil a seus questionamentos, como nos levam a crer as palavras de Laurentin:

Ele havia feito sua própria religião, uma espécie de deísmo. Admirava os valores culturais e o liberalismo que havia descristianizado muitos dos burgueses da época.

---

<sup>42</sup> Sur cet élan généreux, Alphonse devient (après Théodore, le directeur) un des membres les plus actifs de la Société d'encouragement au travail en faveur des jeunes israélites. ... Cette ardeur morale est purement séculière. (LAURENTIN, 1986, p. 44)

Ele acreditava que todas as religiões são iguais. (LAURENTIN, 1986, p. 48, tradução nossa)<sup>43</sup>

Em 17 de novembro de 1841, Alphonse saiu em viagem. Acreditava que este tempo seria bom para Flore amadurecer e abreviaria um longo noivado. O casamento estava marcado para agosto de 1842.

O historiador registrou em sua narrativa o estado emocional sensível de Alphonse Ratisbonne. Segundo ele, Alphonse chorou na partida por deixar parentes, noiva e amigos. Continuou dizendo que Alphonse sentia solidão e que gostaria de ter um amigo para acompanhá-lo. Estes novos sentimentos do jovem Ratisbonne são registrados pelo historiador:

Ele se refere a Deus apesar da secularização de seu ambiente. O noivado fez despertar nele novos sentimentos, especialmente religiosos. (LAURENTIN, 1991, p.10, tradução nossa)<sup>44</sup>

Alphonse partiu em direção a Malta para cuidar de sua saúde, depois iria em direção ao Oriente. Possivelmente visitaria Constantinopla e pretendia, se possível, ir a Israel: a terra de seus antepassados. No trajeto, houve uma parada do navio em Nápoles e em lugar de ir para o trajeto predeterminado, Alphonse dirigiu-se a Roma, destino que já despertara sua curiosidade anteriormente, postergando sua ida para Malta.

Neste percurso, embalado pela solidão, Alphonse teve algumas experiências que mexeram com suas emoções. A primeira foi ainda em Nápoles. Era Ano Novo. Alphonse sentindo-se solitário entrou em uma Igreja. Lá, seus pensamentos se voltaram para aqueles a quem ele amava e que estavam distantes naquele momento. Depois de dedicar alguns momentos àqueles pensamentos, com sentimentos que se embaralhavam entre saudades e desejo de prosseguir sua caminhada, uma sensação de extrema calma o envolveu e o impressionou.

Quando chegou a Roma, era 06 de janeiro e estava acontecendo a festa da Epifania. Havia um movimento contagiante nas Igrejas. Alphonse se viu envolvido por este movimento do povo cristão tendo ali mais um momento de fortes emoções, conforme Laurentin registrou

---

<sup>43</sup> Il s'était fait une religion à lui, une sorte de déisme. Il admirait les valeurs culturelles et le libéralisme qui avaient déchristianisé nombre de bourgeois d'alors. Il estimait que toutes les religions se valent. (LAURENTIN, 1986, p. 48)

<sup>44</sup> Il se réfère à Dieu, malgré la sécularisation de son milieu. Ses fiançailles ont fait monter en lui des sentiments nouveaux, y compris religieux. (LAURENTIN, 1991, P.10)



“Sem ser propriamente religioso, a impressão é tão forte que Alphonse a confiou a sua família em várias cartas” (LAURENTIN, 1991, p.21, tradução nossa)<sup>45</sup>.

Um outro momento que podemos destacar deste trajeto que movimentou o estado emocional de Alphonse foi quando, em 06 de janeiro, ele atravessou o gueto de Roma. Visualizar os hebreus em situação de miséria e degradação fez com que sentimentos de revolta contra o catolicismo aflorassem em seu interior confrontando-se com o sentimento de aproximação experimentado por ele naqueles últimos dias.

Em Roma, Alphonse encontrou-se com amigos. Quase todos cristãos, apesar de segmentos diferentes. São eles: Gustavo de Bussières, cristão protestante; o Barão Théodore de Bussières, irmão de Gustave, teólogo, cristão católico, amigo de Théodore Ratisbonne; os padres: Roothan, De Villefort e Rozaven; o padre Mantineo, Superior dos Religiosos de São Francisco de Paula e os responsáveis pela Paróquia Santo André delle Fratte, o clérigo Paul Bertucci e Edouard de Bock, amigo de Theodore de Bussières.

A primeira pessoa conhecida que Alphonse encontrou foi Gustave de Bussières, amigo dos tempos de Liceu, protestante que desejava convertê-lo. O segundo a ser lembrado é Théodore de Bussières, irmão de Gustave, cristão católico, amigo de Théodore Ratisbonne. Alphonse se aproximou de Théodore porque este conhecia os locais para onde Alphonse pretendia viajar.

Segundo a narrativa de Laurentin, os dias de Alphonse em Roma foram bons e regados por discussões envolvendo aspectos religiosos. Amigos tentavam convencer Alphonse a permanecer mais algum tempo em Roma, mas este decidiu dar continuidade à viagem para não desagradar sua noiva.

No dia 17 de janeiro, Alphonse marcou sua passagem para Palermo para o dia 20 de janeiro e nos dois últimos dias resolveu visitar lugares ainda não vistos e se despedir dos amigos. Gustave havia se ausentado de Roma por uma semana, então ele marcou relutantemente um jantar com a família Bussières.

Neste jantar, Alphonse ganhou uma medalha da virgem Maria, símbolo cristão, mas o aceitou como forma de mostrar seu espírito de humor, segundo Laurentin:

---

<sup>45</sup> Sans être proprement religieuse, l'impression est si forte qu'Alphonse l'a confiée à sa famille dans plusieurs lettres, (LAURENTIN, 1991, p.21)

Théodore tenta passar a fita no pescoço dele, mas “o nó” é “curto demais” [...] Tem que puxar. [...] Como um homem do mundo Alphonse leva essa provocação prematura com humor. (LAURENTIN, 1991, p.38, tradução nossa)<sup>46</sup>

Na mesma noite, Théodore de Bussières entregou-lhe uma oração de São Bernardo para que Alphonse a recitasse à Virgem, fato que não o agradou pois o fez lembrar de seu irmão convertido ao catolicismo e que havia escrito um livro da história deste santo: “Essa insistência irrita Alphonse ainda mais porque traz de volta a sombra do padre Théodore Ratisbonne.” (LAURENTIN, 1991, p.39, tradução nossa)<sup>47</sup>.

Nos dias seguintes, Alphonse cedeu à insistência de Théodore de Bussières e, levando consigo as lembranças dadas pelo mesmo, visitou vários santuários de Roma até que, no dia 20 de janeiro, segundo o historiador Jean Daltroff reproduzindo o testemunho de Bussièrre, ao visitar a Igreja *Santo André Delle Fratte*, Alphonse Ratisbonne converteu-se ao cristianismo conforme relato do autor sobre o acontecimento:

Na quinta-feira 20 de janeiro de 1842, entrou como um curioso na igreja Santo André dele Fratte, ele saiu cristão, transformado por uma aparição da Virgem Imaculada. Théodore de Bussières testemunha que o deixou de pé, que vê uma figura ajoelhada, prostrada, como se caísse na balastrada da segunda capela. (DALTROFF, 2017, p.75, tradução nossa)<sup>48</sup>

Alphonse escreveu a Flore Ratisbonne notificando-a de sua conversão ao catolicismo e esclarecendo que se casaria mediante a aceitação dela dos votos a serem feitos diante de sua nova crença. Flore não aceitou esta condição como atestam as palavras do historiador Daltroff:

Quando Alphonse se converteu ao catolicismo em 20 de janeiro de 1842, a jovem de dezoito anos se recusou a ser batizada e rompeu o noivado em 06 de março de 1842. Ela enviou a Alphonse uma digna carta de separação. (DALTROFF, 2017, p.74, tradução nossa)<sup>49</sup>

---

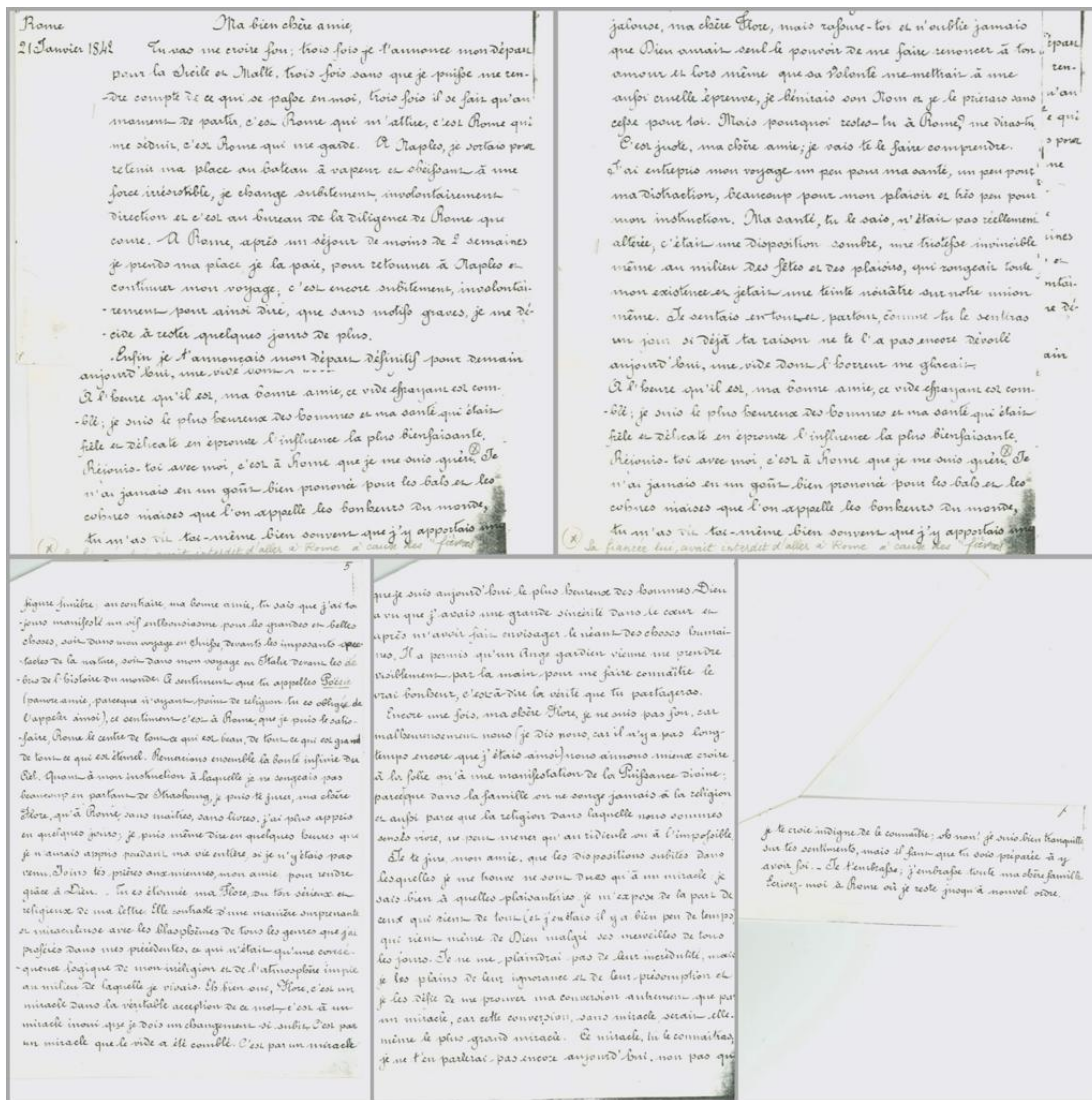
<sup>46</sup>Théodore tente de lui passer le ruban autour du cou, mais « le nœud » est « trop court » ... Il faut tirer. ... En homme du monde Alphonse prend cette provocation intempestive avec humour. (LAURENTIN, 1991, p.38)

<sup>47</sup> Cette insistance irrite d'autant plus Alphonse qu'elle ramène l'ombre de l'abbé Théodore Ratisbonne.” (LAURENTIN, 1991, p.39)

<sup>48</sup> Le jeudi 20 janvier 1842, entré en curieux dans l'église Sant'Andrea delle Fratte, il en ressort chrétien, transformé par une apparition de la Vierge Immaculée. Théodore de Bussières témoigne qu'il l'a laissé debout, qu'il aperçoit une silhouette agenouillée, prostrée, comme écroulée sur la balustrade de la deuxième chapelle. (DALTROFF, 2017, p.75)

<sup>49</sup> Quand Alphonse se convertit au catholicisme, le 20 janvier 1842, la jeune fille de dix-huit ans refuse de se faire baptiser et rompt les fiançailles, le 6 mars 1842. Elle envoie à Alphonse une lettre de rupture pleine de dignité. (DALTROFF, 2017, p.74)

A carta de Alphonse Ratisbonne a Flore Ratisbonne, sua noiva na época, datada de 21 de janeiro de 1842 contém a narrativa das possíveis motivações para sua conversão. É, em sentido mais amplo, um documento de época que pode delinear os questionamentos interiores de um jovem judeu, na primeira metade do século XIX na França, no momento de sua decisão em converter-se ao cristianismo. Apresentamos a digitalização do documento original e depois a tradução:



Carta de Alphonse Ratisbonne a Flore Ratisbonne - 21.01.1842- Arquivos da Congregação NDS - Paris

A.M RATISBONNE A FLORE – Roma – 21/01/1842

Roma, 21 de janeiro de 1842

Minha queridíssima amiga,

Você vai pensar que estou louco; por três vezes eu te anuncio minha ida para a Sicília e Malta, três vezes sem que eu possa me explicar o que acontece comigo, três vezes que no momento de partir, é Roma que me atrai, é Roma que me seduz, é Roma que me guarda. Em Nápoles quando eu saía para comprar minha passagem no barco a vapor obedecendo a uma força irresistível eu mudo subitamente e involuntariamente minha direção e vou correndo ao escritório da diligência para Roma. Em Roma, depois de uma estadia de menos de duas semanas eu pego meu lugar e o pago para voltar a Nápoles e continuar minha viagem; e mais uma vez subitamente e involuntariamente por assim dizer sem que haja motivos graves eu me decido aí ficar mais alguns dias.

Enfim, eu te anunciava minha ida definitiva para amanhã, e hoje me vejo novamente...<sup>1</sup>

Nesta hora, minha boa amiga este terrível vazio foi preenchido; eu sou o mais feliz dos homens e minha saúde que era frágil e delicada, agora experimenta a influência a mais benéfica.

Alegre-te comigo, pois em Roma eu estou curado.<sup>2</sup> Eu nunca tive um bom gosto pelos bailes ou por aquilo que se chama a felicidade do mundo, você mesma se lembra bem como eu comportava como uma figura fúnebre; ao contrário, minha boa amiga, você sabe que eu sempre manifestei um vivo entusiasmo pelas grandes e belas coisas, seja da minha viagem na Suíça diante dos imponentes espetáculos da natureza, seja da minha viagem a Roma diante dos restos da história do mundo. Este sentimento que você chama “poesia” (pobre amiga porque não tendo religião você é obrigada a chama-la assim), este sentimento é em \* Roma que eu posso satisfazê-lo. Roma, o centro de tudo o que é belo, de tudo o que é grande e de tudo o que é eterno. Agradecemos juntos a beleza infinita do céu. Quanto à minha instrução a qual eu nem pensava muito saindo de Estrasburgo, eu lhe juro, minha querida Flore, que em Roma sem mestres e sem livros eu aprendi muito em poucos dias; eu posso mesmo dizer que em poucas horas aprendi mais que durante minha vida inteira se eu não tivesse aqui vindo. Junto tuas orações às minhas, minha amiga, para dar graças a Deus. Você está espantada, minha Flore, do tom sério e religioso da minha carta. Ela contrasta de uma maneira surpreendente e milagrosa com as blasfêmias de todos os gêneros que eu proferi nas minhas cartas precedentes e que era uma consequência lógica da minha a-religião e da atmosfera ímpia no meio da qual eu vivia. Sim, Flore, é um milagre na verdadeira acepção desta palavra, é um milagre extraordinário cuja consequência eu sofri. É por um milagre que o vazio foi preenchido. Foi por um milagre que hoje eu sou o mais feliz dos homens. Deus viu que eu tinha uma grande sinceridade no coração e depois de me ter levado ao fundo do nada das coisas humanas. Ele me permitiu que um anjo da guarda viesse me tomar visivelmente pela mão para me fazer conhecer a verdadeira felicidade, isto é, a verdade que você partilhará.

Mais uma vez, minha querida Flore, eu não estou louco, porque infelizmente nós (eu digo nós porque até pouco tempo eu era assim), nós preferimos crer na loucura do que numa manifestação do poder divino.

Porque na família a gente nunca pensa na religião e também porque a religião na qual vivemos só pode nos conduzir ao ridículo e ao impossível.

---

<sup>1</sup> Cópia danificada.

<sup>2</sup> Sua noiva lhe proibiu de ir a Roma por causa das “febres malignas que aí existiam” (Cf. pág. 64 da carta de Afonso ao M. Desgenettes).

**A.M Ratisbonne a Flore – Roma – 21/01/1842**

Eu te juro, minha amiga, que as súbitas disposições nas quais eu me encontro não são devidas a um milagre; eu sei bem as gozações partilhadas com aqueles dos quais até pouco tempo eu fazia parte, que se referia até mesmo Deus e as suas maravilhas cotidianas.

Eu não poderia reclamar da incredulidade deles, mas eu reclamo da ignorância e da presunção deles; e eu os desafio de provar minha conversão de uma outra maneira que não seja por um milagre porque esta conversão sem milagre seria por ela mesma o maior milagre. Este milagre você o conhecerá, eu não lhe falarei sobre isto hoje, não porque eu acredito que você seja indigna de conhecê-lo; Oh não! Eu estou bem tranquilo sobre os teus sentimentos, mas é preciso que você seja preparada para ter fé nisto. Eu a abraço; eu abraço toda a minha querida família; escreva-me em Roma até nova ordem.

eu me expunha junto daqueles em que por pouco tempo me encontrava

Sábado eu venho te anunciar pela terceira vez que é Roma que me importa. Roma, sempre Roma; você deve estar com ciúmes, minha querida Flore, mas sinta-te em segurança e nunca se esqueça que só Deus poderia ter o poder de me fazer renunciar ao teu e na hora mesma que a sua Vontade me colocava diante de uma tão cruel prova, eu bendiria o seu Nome e intercederia sem cessar junto dele por ti. Mas porque você fica em Roma? Você me perguntaria. Precisamente minha querida amiga, eu vou lhe explicar:

Eu iniciei minha viagem um pouco para minha saúde, um pouco para minha distração e muito para o meu prazer e muito pouco para minha instrução. Minha saúde como você sabe não estava realmente alterada, mas era minha disposição negativa, triste e invencível no meio das festas e dos prazeres que me roía tanto; e minha existência tenebrosa era um empecilho à nossa união. Eu me sentia em todo lugar como você sentirá um dia se tua razão já não te fez sentir isso hoje, um vazio no horror que me congelava.

Nesta hora, minha boa amiga, esse vazio terrível está preenchido; sou o mais feliz dos homens e minha saúde que era frágil e delicada experimenta agora a influência mais benéfica.

Há duas cartas que registram a resposta de Flore Ratisbonne a Alphonse Ratisbonne. As duas se encontram nos arquivos da Congregação NDS, em Paris, e foram digitadas com a finalidade de conservação visual.

Nesta primeira, de 14 de fevereiro de 1842, verifica-se a indignação de Flore diante da conversão de Alphonse e sua firme posição em não ceder à ideia de conversão. Ela se mostra incrédula diante desta transformação repentina dele. Flore questiona se ele "... teria deixado os humildes e fracos, e passado para o lado dos soberbos e poderosos?"

LETRE DE FLORE RATISBONNE A ALPHONSE

Strasbourg 14 février 1842

J'avais formé le projet de ne plus t'écrire jusqu'à ce que je reçoive une marque de ton souvenir; mais les sentiments qui agitent mon coeur sont plus forts que ma résolution et me voilà encore en face de toi ! Oh ! Mais que je trace cette lettre avec douleur. Et comme il me faut d'énergie pour rester en garde contre l'imagination généralement excitée par ta conduite ! Alphonse, que t'ai-je fait pour que sans remords tu me fasses tant souffrir ? Tu as voulu que je t'aime et je t'ai aimé ! Tu me disais que pour ton bonheur, il fallait que nos deux âmes se comprissent et je cherchais dans ton âme les qualités qui semblaient sympathiser avec les miennes ! Tu m'as répété sans cesse avec l'accent de la franchise que ta vie me serait consacrée et je l'ai cru ! Je ne te demande pas de reconnaissance, mais je te demande si tu n'es plus homme ? Je te demande, si tu peux sans pitié me laisser pleurer si fort que je n'aurai plus de larmes à répandre, si tu peux rester insensible au désespoir d'une famille qui t'entoure d'amour ?

Depuis 2 jours, on me dit que tu es baptisé, que tu es catholique. Je veux le croire, puisqu'on me le dit; mais c'est un acte incompréhensible, inexplicable ! Il me jette dans un dédale de pensées dont je ne sors jamais sans me figurer que j'étais la proie d'un rêve. Comment, Alphonse, tu te laisses entraîner par une orgueilleuse faiblesse ! Tu aurais quitté les humbles et les faibles pour passer du côté des superbes et des puissants ? Quoi donc a pu te porter à une décision aussi soudaine, aussi irréfléchie ? N'étais-tu pas heureux dans la religion de tes pères ? Et quoique Juif l'estime de tous n'était-elle pas la récompense d'une noble conduite ?

Ah ! J'en suis convaincue, c'est mon coeur qui parle, Dieu, source de tout amour, ne veut pas qu'on brise les affections terrestres, les affections les plus saintes, les affections que lui-même a créées. Dieu ne veut pas qu'on rompe les liens de famille qui sont comme des liens de plus de l'homme à Lui !

C'est pourtant ce que tu as fait, Alphonse. Mais ce que tu peux réparer, ce que tu répareras, je le sens. Car ne te berce pas d'un vain espoir ! Aucun de nous ne veut suivre ton exemple; nous sommes tous d'une voix unanime : " il ne s'opère d'autres miracles que ceux dont la nature nous offre tous les jours l'aspect et la vraie religion consiste dans la pratique de toutes les vertus."

Quoique je n'ai lu aucune de tes lettres depuis qu'il y règne un souffle étranger, je m'attends à ce que tu dédaignes la simplicité de ces sentiments et à recevoir une réponse peu en harmonie avec eux; je veux m'y attendre, et malgré cela je prie le ciel de dessiller tes yeux et d'inculquer dans ton coeur les mêmes pensées.

Si mes désirs ne s'exaucent pas, eh bien je prierai Dieu encore ! Je le prierai de t'accorder le bonheur dans quelque position que tu te trouves; oh ! je le prierai de toutes les forces de mon âme.

Flore

## CARTA DE FLORE RATISBONNE A ALPHONSE

Estrasburgo, 14 de fevereiro de 1842

Eu tinha elaborado o projeto de nunca mais te escrever até o momento em que recebo uma marca da tua lembrança; mas, como sentimentos que agitam o meu coração são mais fortes que minha resolução, eis-me aqui mais uma vez diante de ti! Oh! Eu, porém, rabisco estas linhas com dor. Quanta energia me é necessário para eu não me deixar vencer pela imaginação, geralmente excitada pela conduta! Afonso, o que eu te fiz, para que sem remorso você me faça sofrer tanto! Você me pediu que eu te amasse e eu te amei. Você me dizia que para a tua felicidade era preciso que nossas duas almas se entendessem, e eu procurei na tua alma as qualidades que pareciam simpatizar com as minhas. Você me repetiu sem cessar com o tom da franqueza que tua vida me seria consagrada e eu o acreditei! Não te peço um reconhecimento, mas eu te pergunto se você ainda é um homem. Eu te pergunto como você poderia sem piedade me deixar chorar até que eu não tivesse mais lágrimas para derramar, como você pode ficar insensível ao desespero de uma família que te deu tanto amor?

Depois de dois dias me dizem que tu foste batizado. Que tu és católico. Eu não quero acreditar naquilo que me dizem; pois este ato é incompreensível, inexplicável! Isto me lança nuns punhados de pensamentos dos quais eu não consigo sair sem me imaginar que eu fui a presa de um sonho. Como Afonso você se deixou conduzir por uma orgulhosa fraqueza? Você teria deixado os humildes e os fracos para passar para o lado dos soberbos e poderosos? O que então poderia ter te conduzido a uma tomada de decisão tão rápida, tão irrefletida? Por acaso, tu não estavas feliz na religião dos teus pais? E apesar de judeu, a estima de todos não era tua recompensa pela tua nobre conduta?

Ah! Eu estou convencida disto e é o meu coração que fala; Deus fonte de todo amor, não quer que se quebre as afeições terrestres, as afeições as mais santas, as afeições que ele mesmo criou. Deus não quer que se rompam os vínculos familiares que são os maiores vínculos do homem!

Entretanto é que tu fizeste Afonso. Mas tu podes reparar isso e tu irás repará-lo, eu sinto. Não te deixes embalar por nenhuma vã esperança! Nenhum de nós quer seguir o teu exemplo. Nós todos dizemos de uma voz unânime: “os únicos milagres que a natureza nos oferece todos os dias, o aspecto e a verdadeira religião, consiste na prática de todas as virtudes”.

Malgrado o fato que eu não li nenhuma das tuas cartas depois que nela reina um sopro estrangeiro, eu espero que tu não desprezes as simplicidades destes sentimentos ao receber uma resposta pouco harmoniosa com eles. Eu ousou esperar isto, e apesar de tudo eu rezo ao céu para discernir teus olhos e colocar no teu coração os mesmos pensamentos.

Se os meus desejos não forem ouvidos, eu pedirei ainda mais a Deus! Eu rezarei para ele te conceder a felicidade na posição em que tu te encontras; ah sim, eu pedirei a ele de todas as forças da minha alma.

Flore



A segunda carta de Flore Ratisbonne a Alphonse Ratisbonne é datada em 06 de março de 1842. Nela consta o firme propósito de Flore em não ceder à ideia de conversão para o catolicismo. Em poucas linhas ela reafirma sua posição de judia a qual pretende continuar fiel. Se despede de Alphonse perdoando-o como, segundo suas palavras em carta: “Uma judia sabe perdoar”.

LETTRE de Mlle Flore RATISBONNE à Alphonse RATISBONNE

Strasbourg, 6 mars 1842

Je n'ai qu'un mot à te dire, Alphonse; ce mot est pénible et je tremble en l'écrivant! J'ai tort de trembler, une âme forte doit étouffer dans son coeur toute autre voix que celle du devoir!

Tu ne veux m'épouser que si je deviens catholique; alors, Alphonse, il faut renoncer à moi, car c'est une chose qui n'arrivera jamais. Quand je promis il y a un an d'être ta compagne, j'étais heureuse parce que cette union, en présageant mon bonheur, ramenait aussi le bonheur dans l'âme de mon pauvre père, comblait les vœux d'un Oncle qui a des droits à mon amour, à ma reconnaissance; parce que surtout j'étais sûre de la bénédiction de ma mère dans le Ciel.

Tout a changé maintenant; l'Alphonse d'autrefois a disparu; je ne puis plus suivre l'Alphonse d'aujourd'hui.

Si ces paroles viennent à te surprendre, songe que mon souvenir ne t'a pas arrêté quand tu décidas l'acte le plus important de ta vie et que c'est donc toi qui le premier a brisé notre union et rompu les plus saintes promesses.

Alphonse, tu m'as fait beaucoup de mal; je l'oublie; tu as navré le coeur de mon père, et je l'oublie aussi!.. Désormais, je te regarde et je t'aime comme un frère. Sois heureux! Une juive sait pardonner.

F. Ratisbonne



CARTA da senhorita Flore Ratisbonne à Alphonse RATISBONNE

Estrasburgo, 6 de março de 1842

Eu só tenho uma palavra a te dizer Afonso: esta palavra é penível e eu tremo enquanto a escrevo! Estou errada em tremer, pois uma alma forte deve prender no seu coração toda a outra voz que não seja aquela do dever!

Você só aceitaria casar comigo se eu me tornasse católica; então Afonso, renuncie a mim porque uma coisa como essa não acontecerá nunca. Quando eu te prometi há um ano atrás de ser a sua companheira, eu estava feliz porque esta união pressentia minha felicidade e trazia também a felicidade à alma do meu pobre pai, assim como respondia aos votos de um tio que tem direitos ao meu amor, ao meu reconhecimento; e, sobretudo porque eu estava segura da bênção da minha mãe que está no céu.

Você mudou. Tudo mudou agora; o Afonso de outrora desapareceu. Eu não posso seguir o Afonso de hoje.

Se estas palavras vierem a te surpreender, pense que minha lembrança não te impediu de decidir o ato mais importante da tua vida e que fostes tu quem em primeiro que quebrastes a nossa união e rompestes as promessas mais santas.

Afonso, você me fez muito mal; eu o esqueço. Tu quebraste o coração do meu pai e isso também eu esqueço!... Doravante, eu olho para você e te amo como irmão. Seja feliz! Uma judia sabe perdoar.

F. Ratisbonne

Segundo o parecer de Jean Daltroff, a conversão destes dois irmãos, Théodore Ratisbonne e Alphonse Ratisbonne, no século XIX, mostra a fragilidade do judaísmo francês confrontada com a emancipação judaica:

As conversões ao cristianismo no primeiro quarto do século XIX refletem a fragilidade do judaísmo francês, que se deparou com a emancipação preconizada pela Revolução Francesa e confirmada desde o Primeiro Império e a Restauração. Essa emancipação perturbou ainda mais os judeus da Alsácia que lutavam contra o antissemitismo popular, apegados à tradição e mal preparados para a mudança. (DALTROFF, 2017, p. 79-80, tradução nossa)<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> Les conversions au christianisme dans le premier quart du XIX<sup>e</sup> siècle traduisent la fragilité du judaïsme français qui affronte l'émancipation préconisée par la Révolution française et confirmée depuis le I<sup>er</sup> Empire et la Restauration. Cette émancipation a davantage perturbé les Juifs d'Alsace aux prises avec l'antisémitisme populaire, attachés à la tradition et mal préparés aux changements. (DALTROFF, 2017, p. 79-80)

Diante das cartas de Flore Ratisbonne, que percebemos como documentais neste caso, não podemos definir como “fragilidade do judaísmo francês” as conversões dos irmãos Théodore e Alphonse Ratisbonne. A firme posição de Flore de permanência no judaísmo e a posição clara de não conversão por grande parte da família Ratisbonne, nos apontam a existência de uma diversidade de fatores pessoais intervindo na decisão do caminho de conversão para o catolicismo destes dois irmãos como mostra a narrativa registrada em nossa pesquisa.

#### **4.4 - Formação da Congregação NDS: por Théodore Ratisbonne**

Depois de ordenado, em 1830, o Padre Théodore Ratisbonne começou a trabalhar na catequese em Estrasburgo. Lá ele instituiu, na Catedral, um catecismo para moças cristãs da cidade, que segundo suas palavras no livro *Evocações*: “essa foi, mais tarde, uma das pedras fundamentais da congregação de Nossa Senhora de Sion” (RATISBONNE, 1966, p.196). Théodore contou com o apoio de Catarina Weiwada, filha mais velha de uma família de 24 filhos. Simultaneamente, Théodore desenvolvia um trabalho de ensino no Seminário Menor de Estrasburgo.

Houve, no entanto, um confronto de ideias entre o grupo de Padres do qual fazia parte Théodore, que era liderado e representado pelas ideias do senhor Bautain, e de um outro grupo de Padres locais. O grupo de Théodore foi suspenso de suas atividades o que lhe causou grande desgosto. Neste período, Théodore Ratisbonne dedicou-se à escrita do livro que se chamou *São Bernardo* e que posteriormente recebeu uma condecoração pontifical. Em 1840, Théodore foi para Paris junto com seus companheiros onde compraram o Colégio de Juilly e, ao mesmo tempo, Théodore ligou-se à Igreja Nossa Senhora das Vitórias a pedido do vigário, o que o deixou muito feliz. É nesta Igreja que Théodore realizou muitas conversões, como atestam suas palavras no livro de suas lembranças:

Tive, aliás, a ocasião desde o primeiro ano de verificar que as vitórias de Maria não se propagavam somente entre os cristãos pecadores, mas também entre os hereges e os infiéis. A Arquiconfraria rezava também pela conversão dos judeus e tive a felicidade de batizar vários, entre outros, duas pessoas israelitas que se consagraram a Deus na comunidade das Damas de S. Luís. (RATISBONNE, 1966, p.216)

O Padre Théodore deixou a Arquiconfraria<sup>51</sup> de Nossa Senhora das Vitórias para tomar conta de um grande orfanato de moças chamado Casa da Providência que era dirigido

---

<sup>51</sup> Arquiconfraria = confraria ou comunidade que tem poder para agregar membros de outras comunidades.

pelas Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo. Ele dedicou-se muito a este orfanato que tinha poucos recursos e por volta de 300 meninas e fez delas sua família.

Em seu livro, Théodore narrou como, em 1842, chegou até ele a notícia da conversão de seu irmão Alphonse Ratisbonne e o pedido do mesmo para que Théodore se dedicasse à conversão de crianças judias, trazendo-as para o cristianismo, indicando assim o futuro trabalho a que se dedicariam os dois irmãos: a conversão de judeus para o cristianismo, como esclarecem as palavras abaixo:

À espera disso, ele me convidava a dar uma educação cristã às crianças israelitas, que me fossem apresentadas pelos pais, e impelia-me a comprar uma casa destinada a esta obra. (RATISBONNE, 1966, p.226)

Logo depois de sua conversão, Alphonse Ratisbonne foi para Paris e ficou por um período com seu irmão trabalhando junto às neófitas. A seguir, foi para o seminário dos jesuítas.

Ainda no ano de 1842, Théodore narrou uma visita que fez a Roma e o contato que teve com o Papa Gregório XVI. Citou o nome de Monsenhor Franzoni, prefeito da propaganda que, segundo suas palavras, era interessado “vivamente pela obra da conversão dos judeus” (RATISBONNE, 1966, p. 240). Mais a frente, em sua narrativa, destacou o apoio recebido de vários padres que encontrou no Vaticano:

Aqueles dignos filhos de Santo Inácio me prodigalizaram solicitude da verdadeira caridade; eles animavam vivamente a obra relativa a Israel; prometeram-me assistência e abençoaram a vocação particular que me consagrava a esta obra. (RATISBONNE, 1966, p. 243)

Quanto a audiência com o Papa Gregório XVI, Théodore Ratisbonne esclareceu a reação do Papa:

[...] quis ainda prestar uma atenção benevolente às poucas palavras que eu lhe disse acerca da obra das catecúmenas: finalmente, vendo que esta obra lhe inspirava grande interesse, senti-me impelido a pedir-lhe uma missão especial para trabalhar na conversão dos remanescentes de Israel. Então, o Papa ergueu-se com solenidade; pus-me de joelhos. Ele colocou as duas mãos sobre minha cabeça e abençoou-me com efusão. (RATISBONNE, 1966, p.244)

Théodore Ratisbonne voltou a Paris com o firme propósito de dar continuidade ao trabalho com as catecúmenas, como ele próprio registrou: “voltei a Paris, com a ideia determinada de alugar um local para ali colocar minhas filhas adotivas, sob a direção de algumas cristãs piedosas.” (RATISBONNE, 1966, p.248). Ele contou com o apoio de Luísa

Weiwada, Irmã Flora, Irmã Vitorina e a fundamental presença da Senhora Sofia Stouhlen, mais tarde conhecida como “*Bonne Mère*”. Juntos formaram uma pequena comunidade e, a princípio, Théodore resistiu em passar esta comunidade para uma ordem religiosa, mas pela insistência das colaboradoras cedeu e por associações chegou ao nome de Nossa Senhora de Sion. Isto tudo de forma um tanto informal, preocupado apenas com o trabalho interior que ocorria na casa.

As relações entre o Sr. Bautain e Théodore há muito não eram boas. Ambos discordavam sobre as ações praticadas em favor da nova crença. Houve um rompimento entre eles e pouco tempo depois o Sr. Bautain faleceu. Théodore primeiro procurou uma congregação à qual se filiar. Ele queria levar consigo a obra de Nossa Senhora de Sion, porque pensava que assim elas estariam mais protegidas. Não conseguiu. Precisou comprar uma casa maior, pois a comunidade de meninas crescia. A situação financeira das famílias era péssima e estas entregavam suas filhas para que a Casa de Nossa Senhora de Sion cuidasse das meninas. Théodore era o pai adotivo de todas elas. Como o trabalho educacional era muito cuidadoso e obtinha bons resultados, muitas famílias que não eram de baixa renda começaram a procurar a escola de Sion pedindo para que educassem suas filhas. Surgiu a necessidade de criar uma escola ao lado do orfanato. Eram famílias de diferentes crenças e Théodore salientou o crescimento de famílias judias buscando seu apoio, como podemos verificar através das seguintes palavras:

Muitas famílias israelitas, movidas pela transformação que o Cristianismo operara em alguns de seus membros, foram pedir a instrução e o batismo; e a seiva cristã, circulando através dos ramos dessas famílias numerosas, subiu das crianças aos mais idosos. [...] Essas graças não se limitaram aos judeus. Espalharam-se igualmente sobre cismáticos e hereges. Muitos protestantes, entre os quais citarei Lady Campdem, voltaram ao seio da unidade católica, na Capela Nossa Senhora de Sion. (RATISBONNE, 1966, p.268)

A comunidade cresceu ainda mais e foram necessários novos alojamentos. O então Padre Maria, Alphonse Ratisbonne, que terminara seu noviciado com os jesuítas, ajudou Théodore na compra destas propriedades na Rua Notre Dame de Champs e na formação de uma modesta comunidade sacerdotal.

Houve, em 1850, a doação para a comunidade de uma grande propriedade em *Grandbourg* espaço que lhes permitiu expandir suas atividades educacionais e construir uma oficina. Assim se formou a Congregação Nossa Senhora de Sion que nos anos seguintes continuou a progredir.

Em documentação nos arquivos da congregação NDS, que se situa em Paris, encontramos o registro de etapas do reconhecimento da Congregação. Em 15 de janeiro de 1847, o Papa Pio IX fez um elogio à congregação. Em 1856, Napoleão III, com a aprovação do arcebispo de Paris, assinou um decreto imperial de aprovação da congregação. Em 8 de setembro de 1863, a Congregação NDS obteve uma primeira aprovação de Roma a respeito de suas regras constitutivas e a determinação de um prazo experimental de dez anos. Finalmente em 14 de dezembro de 1874, o decreto de aprovação definitiva foi promulgado.

Arquivo da Congregação NDS - Paris

**SE SOUVENIR...**

**Il y a 175 ans, le 15 janvier 1847**, le pape Pie IX décerne un Bref de louange à la congrégation, ce qui équivaut à une première et élogieuse approbation. Ce n'est que le début des différentes étapes qui vont mener à sa reconnaissance officielle et définitive en France et à Rome. Ainsi, l'empereur Napoléon III, s'appuyant sur les avis positifs de l'Archevêque de Paris, signe un décret en 1856. Puis, le 8 septembre 1863, la congrégation obtient une première approbation de sa Règle constitutive par Rome, avec une clause d'expérimentation de dix ans. Le 14 décembre 1874, le décret d'approbation définitive de la Règle est promulgué.

**Statuts de la Congrégation (1852), lettre du Père Théodore (1853), décret impérial d'approbation :**

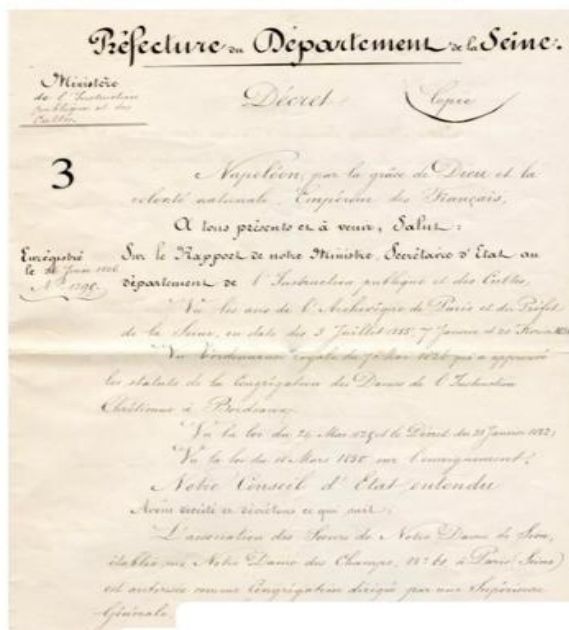
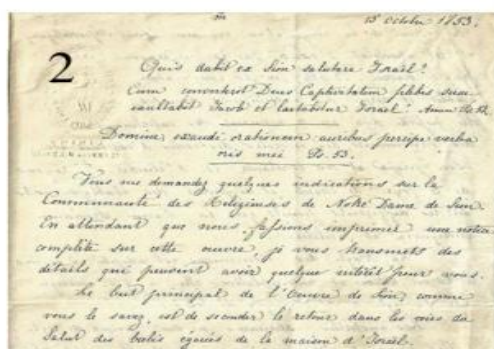
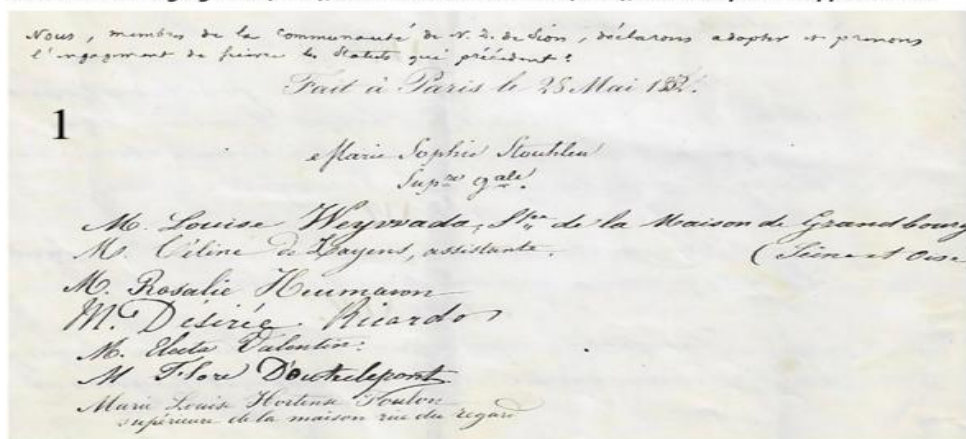


Figura 1- Estatuto da Congregação (1852) Figura 2 - Carta Théodore (1853) Figura 3 – Aprovação do Decreto Imperial (1856)

Esta congregação, iniciada pelos irmãos Ratisbonne, deu surgimento a dois ramos: o das religiosas e o dos religiosos de Sion. Com o inicial espírito de conversão de judeus em cristãos, passando gradativamente a uma relação de respeito sem conversão é que encontramos a autora do livro *Le Judaïsme*, Soeur Dominique de La Maisonneuve, que ingressou na congregação em 1951 justamente dentro do período de transformação que focalizamos no capítulo que segue.

## CAPÍTULO 5 – Dominique De La Maisonneuve: diálogo através do conhecimento

Dominique de La Maisonneuve nasceu em 1929, em Alençon, vila localizada na região da Normandia, França. Estudou na Escola *Notre Dame de Sion* em Paris. Em 1951, entrou na Congregação NDS para ensinar línguas e, segundo suas palavras em entrevista que nos foi concedida em 28 de julho de 2022 e que consta no APÊNDICE A desta dissertação, teve o tema judaísmo somado ao aprendizado e ensino apenas após a *Nostra Aetate*:

Eu era estudante no Colégio *Notre-Dame-de-Sion*<sup>52</sup> aqui ao lado, em Paris e adorava ensinar e ainda adoro, adoro ensinar e achava que aquelas irmãs tinham um jeito agradável de ensinar. Eu queria me juntar a elas para o ensino, mas o ensino do francês, do latim e outras disciplinas. Do judaísmo? Não de jeito nenhum, de jeito nenhum, de jeito nenhum e veio como? por causa da *Nostra Aetate*. (APÊNDICE A, p.78-79)

Maisonneuve formou-se em Teologia (ICP 1960), em Letras Modernas-Inglês/Alemão (Paris 1962) e bacharelou-se em Língua Hebraica e Pensamento Judaico pela Universidade Hebraica de Jerusalém em 1977. Atuou como professora de francês e latim nas escolas da Congregação em Marseille, Paris e Grenoble.

Ela nos contou que, após a publicação da *Nostra Aetate*, o cardeal Augustin Bea convocou as Irmãs da Congregação *Notre Dame de Sion* para implementarem a *Nostra Aetate*:

Ele veio a Roma até nós e disse: "Irmãs de Sion agora cabe a vocês implementar a *Nostra Aetate*" porque na Igreja foi a primeira vez, a primeira vez que um concílio tratou de forma favorável os judeus, a primeira vez! Então foi uma revolução, e uma revolução não acontece, não é necessariamente transmitida de maneira fácil. (APÊNDICE A, p.79)

A autora cita momentos difíceis que envolveram a aprovação da *Nostra Aetate* e a participação das religiosas do Sion nestes episódios, narrativa que encontramos de forma detalhada no artigo publicado por Célia Deutsch, em 2016<sup>53</sup>, baseado na palestra intitulada “Mulheres transformando a religião e a sociedade” ministrado por Mary Boys, reitora de Assuntos Acadêmicos da *Union Theological Seminary*, NYC, e Shuly Rubin Schwartz, reitora de Graduação e Pós-Graduação do *Jewish Theological Seminary*, NYC, ocorrido em 22 de abril de 2015 no *Union Theological Seminary*.

---

<sup>52</sup> *College et Lycée* Notre-Dame de Sion - 61, rue Notre-Dame des Champs - 75006 Paris. Em 1853 as freiras se mudaram para o 61 rue Notre-Dame des Champs e ali fundaram sua casa-mãe. Desde o início, a vida do estabelecimento caracterizou-se pelo realismo espiritual: respeito pela pessoa e pela consciência, abertura a todas as nacionalidades e religiões.

<sup>53</sup> <https://ejournals.bc.edu/index.php/scjr/article/view/9590/8521>

Neste artigo, Deutsch expõe a participação das religiosas do Sion no processo de aprovação do texto da *Nostra Aetate*, artigo 4º, nos bastidores do Concílio Vaticano II. Elas, enquanto mulheres, não tinham participação no Concílio de forma direta. Trabalharam levando o texto que tratava das relações entre cristãos e judeus para aqueles que votavam. Em incansável trabalho, tentavam conscientizá-los e convencê-los a votar para a inclusão do texto nos documentos finais do concílio.

Círculos de colaboração se formaram nas décadas anteriores à Segunda Guerra Mundial. Outros, como o *Amitié Judéo-Chrétienne de France*, foram desenvolvidos após a guerra. Essas redes incluíram algumas das Irmãs de Sion. Algumas dessas mulheres participariam da redação e edição do material e da extensa conversa com acadêmicos e padres conciliares que resultariam no documento revolucionário, *Nostra Aetate*.<sup>54</sup> (DEUTSCH, 2016, p.4, tradução nossa)

Deutsch apresenta a trajetória das religiosas da Congregação *Notre Dame de Sion* através de decisões capitulares<sup>55</sup>, ao longo de algumas décadas do século XX, que envolvem a transformação pela qual passaram os objetivos da Congregação NDS na relação com os judeus.

A congregação teria como carisma inicial a conversão dos judeus em cristãos. Acreditavam os irmãos, e em seguida suas seguidoras, que o encontro dos judeus com o cristianismo lhes traria a salvação. A orientação era de que elas orassem para a conversão, mas que respeitassem a sua consciência.

A ideia de conversão dos judeus estava impregnada na instituição da Igreja Católica há séculos. Foi ela o motivo de grandes perseguições e mortes do povo judeu como vimos em capítulos anteriores. Mesmo sabendo que os fundadores viam nesta possibilidade uma via positiva para os judeus, pois eram filhos de judeus, estes despertaram a atenção da Igreja por serem a única Congregação a trabalhar neste caminho de conversão.

Observa-se, no artigo de Deutsch sobre a participação das religiosas do Sion na preparação da *Nostra Aetate*, que no início do século XX algumas indagações sobre esta postura e a necessidade de mudanças começaram a ocorrer. Deutsch relacionou os pilares sobre os quais as irmãs do Sion trabalharam para alterar o curso de suas relações com os judeus, que seguem:

---

<sup>54</sup> Circles of collaboration had formed in the decades before World War II. Others, such as the *Amitié Judéo-Chrétienne de France*, developed after the war. These networks included some of the Sisters of Sion.<sup>10</sup> Some of these women would participate in writing and editing material and in the extended conversation with scholars and Council Fathers that would result in the revolutionary document, *Nostra Aetate*. (DEUTSCH, 2016, p.4)

<sup>55</sup> Capítulos são reuniões que acontecem a cada cinco anos onde encontram-se membros da congregação para definir objetivos e condutas a serem atingidos nos anos seguintes.



Mesmo antes da *Shoah*, as Irmãs começaram a passar de sua teologia original da substituição e desejo de conversão do povo judeu ao diálogo para reciprocidade e amizade. Os fatores que moldaram a jornada das Irmãs da conversão ao diálogo e possibilitaram suas contribuições para a *Nostra Aetate* incluem o filosemitismo, a volta às fontes, a resistência à *Shoah* e o caso *Finaly*.( DEUTSCH, 2016, p.3, tradução nossa)<sup>56</sup>

Os quatro pilares relacionados na citação estão expostos no artigo de Deutsch que os aborda de forma detalhada e esclarecedora. Destacamos, através de citação, dois deles. O primeiro: a resistência à *Shoah*. Segundo relato da autora, o trabalho que as Irmãs de Sion, em especial as que moravam na França e na Europa ocupada, desempenharam durante a guerra esteve na base de sua transformação no pós-guerra. A autora apresenta um breve relato:

Depois que os nazistas fecharam seu diário *Question d'Israël*, e confiscaram a biblioteca dos Padres de Sion em 1940, Pe. Devaux com um grupo de Irmãs de Sion e outros esconderam judeus. Sua rede sediada em Paris foi responsável por salvar centenas, obtendo documentos falsos e escondendo crianças, tanto em internatos como os dirigidos por *Notre-Dame de Sion*, quanto com famílias simpáticas no campo. O internato, dirigido por Madre Francia, escondeu meninas entre seu corpo discente. O convento de *Notre Dame de Sion* em Grandbourg, um lugar tranquilo em um subúrbio de Paris, tornou-se um refúgio para adultos exaustos e também uma escola. Parte de outra rede, o pequeno convento de Sion em Lyon serviu de residência para mulheres universitárias. Embora não pudesse esconder muitas pessoas, isso incluía várias mulheres judias, e as irmãs faziam parte de uma rede de resgate mais ampla. A comunidade e a escola das irmãs em Grenoble, perto da fronteira suíça, colaboraram nos esforços de resgate, assim como as comunidades de Marselha, Biarritz, Le Mans, Saint Omer e Gérardmer. (DEUTSCH, 2016, p.18, tradução nossa)<sup>57</sup>

O segundo pilar que destacamos é o do filosemitismo. O impacto do genocídio dos judeus, ocorrido durante a *Shoah* e acompanhado por parte das Irmãs do Sion, trouxe-as, segundo palavras da autora, para “um novo nível de compreensão de sua vocação” (2016, p.18). Esta passagem pode exemplificar e esclarecer o filosemitismo ao inverso discutido por muitos pesquisadores nas academias. Apontando o quanto era difícil o entendimento da

---

<sup>56</sup> Even before the Shoah, the Sisters began to move from their original super-sessionist theology and desire for conversion of the Jewish people to dialogue, reciprocity and friendship. The factors that shaped the Sisters' journey from con-version to dialogue and enabled their contributions to *Nostra Aetate* include philosemitism, *ressourcement*, resistance to the Shoah and the *Affaire Finaly* (DEUTSCH, 2016, p.3)

<sup>57</sup> After the Nazis shut down his journal *Question d'Israel* and confiscated the library of the Fathers of Sion in 1940, Fr. Devaux with a group of Sisters of Sion and others hid Jews. Their Paris-based network was responsible for saving hundreds by procuring false papers and by hiding children, both in boarding schools like those directed by *Notre-Dame de Sion*, and with sympathetic families in the countryside. The boarding school, under Mother Francia, hid girls among its student body. The convent of *Notre Dame de Sion* in Grandbourg, a peaceful place in a Paris suburb, became a refuge for exhausted adults as well as a school. Part of another network, the small convent of Sion in Lyon served as a residence for women university students. Although it could not hide many people, these included several Jewish women, and the sisters were part of a wider rescue network. The sisters' community and school in Grenoble, close to the Swiss border, collaborated in rescue efforts as did the communities of Marseille, Biarritz, Le Mans, Saint Omer, and Gérardmer.(DEUTSCH, 2016, p.18)

existência do antijudaísmo dentro de ações que eram tidas como amorosas por parte das irmãs, podemos salientar as orações pela conversão dos judeus, conforme palavras da autora:

[...] além do trabalho de resgatar e esconder judeus, várias irmãs, amigas e estudantes foram deportadas. Uma irmã, Ir. Gila, foi executada. Nas palavras de Ir. Marie-Dominique, “descobriríamos que, enquanto pedíamos a Deus que perdoasse aos judeus sua infidelidade, eles morriam nos campos de extermínio, vítimas precisamente de sua fidelidade”. (DEUTSCH, 2016, p. 19, tradução nossa)<sup>58</sup>

Dentro deste contexto de ambivalência aconteceram reuniões das Irmãs de Sion que são chamadas de Capítulos. As discussões direcionaram o agir e o pensar para efetivas mudanças entre as relações da congregação e os judeus. A tarefa de mudanças é reconhecidamente difícil e foi quando se percebeu que para entender o povo judeu era preciso conhecê-lo, aproximando-se dele. As religiosas foram incentivadas a estudar e os resultados começaram a surgir. Em 1958, Ir. Georgine tornou-se a primeira Irmã de Sion a estudar na Universidade Hebraica em Jerusalém.

Na década de 1970, a Irmã Dominique de La Maisonneuve, autora do livro *Le Judaïsme*, percorreria este mesmo trajeto de estudo em Israel. Em 1977, concluiu seus estudos na Universidade Hebraica envolvendo conhecimentos da língua hebraica e pensamento judaico. Maisonneuve nos conta esta experiência em seu livro *Le Judaïsme*:

Fui enviada a Jerusalém por alguns anos, a fim de estudar com os judeus, em suas escolas, e aprender com eles quem eles eram. O choque foi duro... e benéfico. Lá experimentei o que era ser minoria: eram poucos, nesta época, os cristãos que estudavam na Universidade Hebraica. (MAISONNEUVE, 2017, p.10, tradução nossa)<sup>59</sup>

Em 1977, Maisonneuve retornou a Paris e deu continuidade às atividades educativas inserindo seus conhecimentos adquiridos, como nos contou em entrevista:

---

<sup>58</sup> Beyond the work of rescuing and hiding Jews, several sisters, friends and students were deported. One sister, Sr. Gila, was executed.<sup>83</sup> In the words of Sr. Marie-Dominique, “we would discover that, while we were asking God to forgive the Jews their infidelity, they were dying in the extermination camps, victims precisely of their fidelity. (DEUTSCH, 2016, p.19)

<sup>59</sup> C’est alors que j’ai été envoyée pour plusieurs années à Jérusalem afin de me mettre à l’école des juifs et d’apprendre d’eux qui ils étaient. Le choc a été rude ... et bienfaisant. J’ai expérimenté là ce que c’est qu’être minoritaire : très peu de chrétiens étudiaient à cette époque à l’Université Hébraïque. (MAISONNEUVE, 2017, p.10)

Fui professora no Instituto Católico de Paris<sup>60</sup> não é longe de onde moramos, é ali na rue d'Assas. Eu ensinei hebraico, judaísmo e a tradição rabínica gradualmente porque estes temas não passavam facilmente entre os cristãos [oh la la!] foi preciso muita diplomacia e tato e assim ensinei durante 20 anos na Catho e depois do Instituto Católico. Quando chegou o tempo da aposentadoria, eles prorrogaram meu contrato um pouco mais. Não muito, pois não se deve exagerar e depois fui lecionar no Colégio *Bernardin*. [...] onde eu ainda fiquei por mais 20 anos e fui eu que, depois de 20 anos lá, disse: “acho que chegou a hora de parar”. Mas continuo ensinando aqui e ali para alguns grupos. (APÊNDICE A, p.136)

Maisonneuve escreveu e publicou livros envolvendo temáticas judaicas: *Paraboles rabbiniques* (1984), *L'hébreu biblique par les textes I* (1988), *Prières juives* (1989), *L'hébreu biblique par les textes II* (1991), *Les fêtes juives* (1993), *Le judaïsme, la vie du peuple de Jésus* (1984, 1990, 1999), *Hébreu biblique, Méthode élémentaire* (1977), *Le judaïsme* (1998, 2007, 2017) traduzido em português : *Judaísmo simplesmente* (2019), *La Tora vient des cieux, Introduction au sens du langage biblique* (2010), *Histoire du SIDIC, Service Information-Documentation juifs et Chrétiens* (2018). Paralelamente foi membro e, posteriormente, presidente do SIDIC<sup>61</sup> de 1977 a 2016. Em 2012, obteve o prêmio AJCF *Amitié Judéo-Chrétienne de France*. Dentre seus livros, destacamos *Le Judaïsme*, objeto de estudo desta pesquisa e sobre o qual segue análise a partir do próximo capítulo.

---

<sup>60</sup> O Instituto Católico de Paris, ICP, fundado em 1875, com o nome de *Université catholique de Paris*, pelo Monsenhor *Maurice d'Hulst*, é um estabelecimento de ensino superior privado francês. Conhecido como "La Catho", compreende várias faculdades.

<sup>61</sup> SIDIC - Serviço de Informação e Documentação Judaica/Cristã

## **CAPÍTULO 6 – O livro *Le Judaïsme*: ato responsivo à proposta de diálogo da *Nostra Aetate***

Na leitura e análise do livro *Le Judaïsme* (2017), tendo na versão em português o título *Judaísmo simplesmente* (2019) que foram trabalhados concomitantemente nesta pesquisa, tivemos as ideias de Mikhail Bakhtin sobre “Os gêneros do discurso”, nome de uma de suas obras que foi organizada e traduzida por Paulo Bezerra e editada no Brasil em 2016, como bases teóricas sobre a construção do texto em referência e a linguagem nela empregada.

Segundo o autor, a linguagem tem uso de caráter e formas múltiplos, pois assim são os campos da atividade humana. Ele explica que quanto à língua, o seu uso é efetivado em forma de enunciados, orais e escritos, concretos. Bakhtin acentua que:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2016, p.12-13)

Os elementos relacionados na citação acima formam o conjunto do enunciado e estão ligados a um campo da comunicação que tem elementos estáveis e se denominam gêneros do discurso. De acordo com Bakhtin, a diversidade dos gêneros do discurso é infinita, pois correspondem às “inesgotáveis” atividades humanas. O autor inclui nesta diversidade desde as réplicas do diálogo cotidiano até as mais variadas formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários.

Segundo ele, face a esta heterogeneidade funcional tornam-se vazias as análises gerais dos gêneros discursivos. Bakhtin esclarece que o que mais se estudava, até o momento das pesquisas e discussões que o grupo fazia, eram os gêneros literários. Fazia-se um corte artístico-literário. Pouco se caminhava para uma análise mais profunda dentro da linguística. Esta se mantinha em um ponto de vista geral. Bakhtin debruçou-se em estudos sobre linhas de análises de linguistas como Saussure, os behavioristas americanos e Karl Vossler, seus contemporâneos, antes de concordar ou discordar das propostas de suas análises.

Nesta obra são destacados os gêneros simples, primários, que nascem das necessidades de comunicação cotidiana e imediata; e os gêneros complexos, secundários, que surgem de forma mais elaborada dentro de uma complexidade cultural mais organizada. Ele argumenta que a diferença entre os gêneros primários e secundários é imensa, essencial e alerta:

... a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades; apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada a natureza complexa e profunda do enunciado [e abranger suas facetas mais importantes]; a orientação unilateral centrada nos gêneros primários redundará fatalmente na vulgarização de todo o problema...]. (BAKHTIN, 2016, p.15-16)

O autor chama a atenção sobre a importância da investigação histórica da natureza do enunciado e a reciprocidade entre linguagem e ideologia ou linguagem e visão de mundo. Destaca os problemas trazidos pelo desconhecimento da natureza do enunciado:

O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação indiferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismos e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. (BAKHTIN, 2016, p.16)

Ao contemplar o estudo do campo estilístico, o grupo de estudos de Bakhtin esclarece que o estilo está intimamente ligado ao gênero do discurso. Sendo o estilo individual ou não, em um enunciado oral ou escrito, primário ou secundário dentro de seja qual for o campo de comunicação, ele estará em relação orgânica com o gênero apresentando características estáveis para determinado campo indicando “tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc.” (2016, p.18). O estudo conclui que “Não existe uma classificação dos estilos de linguagem que goze de reconhecimento geral” (2016, p.19).

Os registros dos estudos de Bakhtin apontam para a dinâmica e complexidade da linguagem que acarreta gêneros também dinâmicos e em constante mudança. Tal dinamismo não aceita uma análise fechada e limitada que não priorize as mudanças históricas que se incorporaram aos estilos alterando e desestruturando a formalização dos gêneros discursivos. Ele cita a oposição que havia em estudos estilísticos ao contemplar-se a gramática. Estes pareciam estar em campos opostos. Os estudos mostram, no entanto, que “a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico” (2016, p.22). Conclui que “o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua [enquanto sistema] – as palavras e orações” (2016, p.22).

O autor expõe a análise linguística do século XIX como a que dá enfoque para a língua enquanto formação de pensamento, independente da comunicação que esta estabelece. Ele afirma que não era estabelecida uma relação entre o falante e “outros participantes da comunicação discursiva” (2016, p.23). O ouvinte, quando considerado, era apenas no papel

passivo em relação ao pensamento enunciado e ao enunciador. Termos como “ouvinte/entendedor” ou ainda “falante/ouvinte” são lembrados por Bakhtin como parte de análises deturpadoras de um processo de comunicação discursiva que deveria ser entendido de forma ativa.

A posição frente a esta nova abordagem da comunicação discursiva ativa é apresentada pelo autor:

... o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele [total ou parcialmente], completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. ... cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte. Na maioria dos casos, os gêneros da complexa comunicação cultural foram concebidos precisamente para essa compreensão ativamente responsiva de efeito retardado. Tudo o que aqui dissemos refere-se igualmente às respectivas mudanças e adendos ao discurso escrito e ao lido. (BAKHTIN, 2016, p.23)

Quanto aos objetivos, eles são calculados nos diferentes projetos discursivos. No entanto, todos pressupõem uma participação ativa que começa com o próprio falante quando ele torna inteligível sua fala. Deixando ainda mais clara a ideia da atividade constante e contínua dos participantes do processo de comunicação, Bakhtin esclarece que o falante participa ativamente do processo de comunicação inclusive como respondente em maior ou menor grau:

... porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes - dos seus e alheios - com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações [baseia-se neles, polemiza com eles, ...]. Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 2016, p.26)

Segundo os estudos de Bakhtin, todo enunciado tem “... um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois de seu término, os enunciados responsivos de outros ...” (2016, p.29).

É dentro desta perspectiva inovadora e complexa que inserimos os textos objetos de nossa pesquisa. O texto da declaração *Nostra Aetate*, artigo 4, já foi trabalhado sob esta perspectiva nos capítulos anteriores, onde buscou-se os elos comunicativos que os precederam, ou seja, “os enunciados de outros” que com ele dialogaram. Esclareceu-se minuciosamente algumas possíveis vozes que ecoaram no referido discurso.

Buscamos agora os elos subsequentes desta corrente de comunicação, que seriam “os enunciados responsivos de outros”. Apontamos o livro *Le Judaïsme* de Dominique de La

Maisonneuve como um discurso dentro do gênero secundário, que é complexo e que responde ativamente à comunicação recebida e com ela estabelece uma relação de responsividade. Como já especificado na introdução desta pesquisa, enquanto réplica do diálogo com *Nostra Aetate*, em sua ativa função responsiva, *Le Judaïsme* assume diferentes formas que, segundo Bakhtin, podem ser:

influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura. (BAKHTIN, 2016, p.34)

### 6.1 - O livro *Le Judaïsme*: apresentação

O livro *Le Judaïsme*, de Dominique de La Maisonneuve, é formado de uma introdução, 8 capítulos e uma conclusão. A primeira edição data de 1998, tendo sido atualizada em 2007 com o acréscimo do capítulo 7 sobre “o povo judeu hoje”. Foi reeditado em 2017. Na edição em português, “*Judaísmo simplesmente*” publicado em 2019<sup>62</sup>, consta um preâmbulo a esta edição onde a autora delinea a ponte que fará entre o cristianismo e o judaísmo em toda a sua obra. Segundo suas palavras:

Com efeito, a vida cristã, seja seus ritos e/ou sua oração, não nasceu de uma gestação espontânea. O homem Jesus era judeu, nascido em uma cultura específica e petrificada da Palavra de Deus que havia formado seu povo como mostra o Antigo Testamento [capítulo 2]. [...] É indispensável para um cristão não separar Jesus do seu povo e assim não correr o risco de desumanizá-lo. (MAISONNEUVE, 2019, p.9)

Considerações sobre a necessidade de se situar o sujeito do discurso, estudado por Mikhail Bakhtin junto ao seu círculo, tornam-se relevantes e destacamos que a biografia da autora, relatada no capítulo anterior, nos adianta que o olhar que nos dirige nesta narrativa é teológico, atravessado por referências das culturas cristãs e judaicas.

Na introdução do livro *Le Judaïsme*, Maisonneuve fez uma breve referência à Congregação a qual pertence e sobre como se aproximou e começou a fazer parte. Destacou seu desconhecimento do universo judaico até aquele momento. A seguir, a autora inseriu a questão: “O que significa ser judeu?” (MAISONNEUVE, 2019, p.11), a qual respondeu de

---

<sup>62</sup> Por questões pedagógicas, visando facilitar o acesso do leitor aos fragmentos extraídos do livro analisado e expostos em citações de agora em diante, utilizaremos a edição traduzida para o português em 2019. O livro “*Judaísmo simplesmente*”, de autoria de Dominique de La Maisonneuve, compõe a coleção *Judaísmo e Cristianismo* da editora Fons Sapientiae e se encontra relacionado nas referências.

forma breve e com uma linguagem simples e clara, mesmo declarando inicialmente ser esta uma questão de difícil resposta:

... não é uma particularidade natural, biológica [...] Não se trata também do lugar de origem [...] Não é também uma questão de língua [...] Não é questão de religião[...] Não é também o fato de ter as suas próprias leis[...] De acordo com a *Halakhá* - a lei religiosa - é judeu aquele que nasceu de mãe judia. (MAISONNEUVE, 2019, p.12-13)

Dando sequência, é exposto um contra-argumento de que “muitos que não podem justificar senão uma distante ascendência judia, reconhecem-se e se proclamam judeus.” (2019, p.13) e como resposta ao seu próprio questionamento a respeito do que é ser judeu, há uma conclusão pessoal: “Praticantes ou não, laicos de certa maneira, às vezes mesmo ‘ateus’<sup>63</sup> os judeus se reconhecem em comunhão de destino com seu povo. [...] e reivindicam sua pertença a esse povo” (2019, p.13).

Ainda na introdução foram revelados os objetivos do livro, que percorre a história das relações entre cristãos e judeus, expondo as origens do antagonismo nestas relações a que a autora classificou de ordem teológica dentro de um difícil contexto político.

Registramos o cotejo de outros textos, dentro do livro em análise, como a citação da escrita do historiador Jules Isaac, o texto da *Nostra Aetate* e o Discurso de João Paulo II na sinagoga de Roma em 1986, fato que abre um diálogo entre *Le Judaïsme* e estes textos. A menção destes discursos é intermediada pela informação de que esta é a razão de sua obra: "depois de dois mil anos de ‘ensino de desprezo’, ir rumo ao reconhecimento de ‘nossos irmãos mais velhos na fé’” (2019, p.14). O percurso deste reconhecimento feito por Maisonneuve em seu livro foi abordado brevemente na introdução desta pesquisa.

A seguir, temos a exposição do conteúdo de cada capítulo com o objetivo de esclarecer o livro que apontamos como uma provável resposta ao discurso de *Nostra Aetate*. Ao mesmo tempo, abrimos ao leitor a possibilidade de conhecer alguns elementos da cultura judaica a partir do olhar da narradora.

Importa destacar o alerta de Maisonneuve sobre os limites de seu livro. Ela aponta, inicialmente, o fato de ter sido escrito por um não-judeu e somando-se a esta ideia o fato da pluralidade do judaísmo o que o afasta de uma uniformidade fácil de ser rotulada. Acrescenta, no fechamento da introdução, vocabulário e informações que dão suporte à leitura.

---

<sup>63</sup> Maisonneuve esclarece o termo em referência: “O ateísmo judeu” é muito particular: pode ser sobretudo a ideia de recusa de contar com Deus mais do que a simples negação de Deus. (MAISONNEUVE, 2019, p.13).



No capítulo I, intitulado *O Povo Judeu*, temos um breve panorama da formação deste povo sendo desenvolvido dentro de uma perspectiva bíblica. Com clareza e simplicidade nos é chamada a atenção para a trajetória percorrida geograficamente pelos povos que se moviam impulsionados por diferentes motivos pela região que hoje chamamos de Oriente Médio. A situação econômica e politicamente instável da época em que Jesus nasceu foi apresentada rapidamente, mas dentro de uma amplitude que fomenta no leitor a busca por mais leituras e estudos para posterior aprofundamento. O tempo cronológico focalizado tem ampla abrangência. Começa antes da Era Cristã, com o apontamento das primeiras diásporas do povo judeu, provindas, segundo a autora, de perseguições contra “os filhos de Israel” (2019, p. 20) por estes terem práticas que destoavam de seus vizinhos. Diferente do culto a vários deuses, estes filhos de Israel diziam acreditar em um só Deus; a ele prestavam culto em um só lugar e tinham práticas cuja moral incomodava outros grupos com os quais conviviam.

São apresentados fatos históricos obtidos em referências de historiadores apontados no final do livro. Esta exposição é atravessada por citações bíblicas, como é o caso do livro dos Salmos e do livro de Ezequiel (MAISONNEUVE, 2019, p.22) o que nos permite apontar a condução da narrativa com viés teológico.

Demonstramos este recurso sendo utilizado através da análise do Salmo 137 presente como citação na narrativa. É possível notar a nostalgia do povo que se encontrava na diáspora e que, mesmo diante da privação de sua língua e de seus costumes conforme o Salmo aponta, não esqueceu de sua terra e da fidelidade que tem por ela:

Às margens dos rios da Babilônia, sentamo-nos a chorar e pensar em Sion. Nos salgueiros daquela terra, calamos as nossas cítaras. Ali, quem nos aprisionou exigia que cantássemos. Como cantar um canto do Senhor em terra estrangeira? Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que minha língua se grude ao palato. (MAISONNEUVE, 2019, p.21)

Ao acrescer à narrativa este texto poético, a autora aproxima o leitor do contexto emocional que liga o povo judeu à sua terra ancestral. Este recurso permite que dados históricos sejam ressignificados. O espaço emotivo criado pela autora induz o sujeito a projetar-se na posição do outro e a construir a sua própria alternativa para a narrativa exposta.

A organização da vida judaica, narrada no livro, acontecia “em torno da *Torá*, Palavra de Deus, único bem não violado pelos invasores, porque ela estava gravada em seus corações” (MAISONNEUVE, 2019, p.21-22). É afirmado ainda, que a vida judaica na diáspora se daria “tendo Deus por Rei e a *Torá* por carta magna” (2019, p.22), pois com a destruição do

Templo, a única forma de organização possível seria a interior. Segundo a autora, também na diáspora cresceu a “esperança messiânica”.

Há uma breve narrativa das invasões a Israel feitas pelos babilônicos, pelos persas, pelos gregos e pela ocupação romana citando a destruição do primeiro e do segundo templos e a influência destes acontecimentos na organização da comunidade judaica diaspórica.

O método de utilizar os textos bíblicos, como os Evangelhos, para reconstruir dados históricos foi explorado, sobre o que a autora argumenta: “O Novo Testamento nos mostra o povo judeu subindo ao Templo, entrando na sinagoga e se deslocando de província em província” (2019, p. 26). É através destas observações que ela conceituou os grupos de judeus saduceus:

De linhagem sacerdotal e vindos da aristocracia, os *Saduceus* monopolizavam a riqueza; por outro lado, para o bem do povo, eles pensavam que precisavam ser favoráveis ao poder político local. Mais conservadores no nível religioso, são mais radicais, prendem-se à Escritura e rejeitam a tradição oral. Isto explica as discussões deles com Jesus sobre a ressurreição [Mt 22,23]. Eles não acreditavam nela [At 23,8] [...]. (MAISONNEUVE, 2019 p.26).

Este grupo de judeus, os saduceus, se diferenciavam de outros como os zelotes, herdeiros das classes desfavorecidas. A autora atribuiu à “situação extremamente complexa sobre os planos político e religioso” (2019, p.28) a radicalização das posições entre estes e outros grupos judaicos no primeiro século. Ela também destacou os samaritanos, os essênios e os fariseus.

Reafirmamos a presença marcante do recurso dialógico Bakhtiniano onde textos do passado com marcas do contexto social da época são somados à narrativa pela autora posicionando seu discurso dentro de uma perspectiva polifônica, como explanado no início da apresentação do livro.

Dando continuidade a esta estrutura dialógica, onde foram apresentados fragmentos de textos do Evangelho, a autora justificou a importância do grupo de fariseus e apresentou as afinidades e contraposições com um elemento que assume o cerne da narrativa: o Jesus judeu.

Através do fragmento abaixo podemos verificar a utilização dos textos citados como elementos argumentativos demonstrando nas atitudes de Jesus a presença de costumes farisaicos:

[...] o Novo Testamento deixa pressentir que Jesus é próximo dos fariseus: quer se trate da proclamação da ressurreição [Mt 22,23], de sua fidelidade à observância: Eu não vim abolir [...] [Mt 5,17]. “É isso que seria preciso fazer, sem negligenciar aquilo” [Mt 23,23], de sua assiduidade ao Templo [Lc 2,42], ou do seu cuidado ao ensinar as multidões [Mc 6,34]. (MAISONNEUVE, 2019, p.29)

Este recurso foi o mesmo utilizado na construção da narrativa do historiador judeu Jules Isaac. Em seu livro *Jesus e Israel*, edição em português de 1986, citado nesta pesquisa no capítulo 3.1; na proposição X, da parte II, intitulada: O EVANGELHO NA SINAGOGA, o historiador justificou:

Não há nada mais vão do que opor o Evangelho ao judaísmo, este Evangelho pregado por Jesus na sinagoga e no Templo. A verdade é que, através de todas as suas raízes, o Evangelho e a tradição evangélica se ligam estreitamente à tradição judaica. (ISAAC, 1986, p.73)

Uma vez tendo aproximado Jesus do grupo de fariseus, a autora simultaneamente o consolidou dentro da perspectiva judaico-religiosa. Ainda neste capítulo, foi esclarecida, através de citações bíblicas, a posição do povo judeu como povo eleito e sua responsabilidade diante desta eleição:

Esse privilégio que tem o nome de eleição encontra a sua origem no apelo dirigido a Abraão: “Parte de teu país [...] eu farei de ti uma grande nação” [Gn 12,1-2]. Assim, o comportamento de um só compromete o futuro de todo um povo! Eu estabecerei a minha Aliança entre mim e ti e a todos os teus descendentes: essa Aliança perpétua fará de mim teu Deus e Aquele de tua descendência depois de ti” [Gn17,7]. (MAISONNEUVE, 2019, p. 30)

Esta eleição, tida como privilégio, carrega em seu âmago uma carga negativa por ser pouco compreendida. Maisonneuve trouxe um contra-argumento para elucidá-la:

Absolutamente gratuito, esse privilégio irrita, porque se vê aí uma questão de justiça; mas não o que ele é: uma questão de amor. “Se o Senhor se apegou a vós, se Ele vos escolheu, não é porque sejais o mais numeroso de todos os povos, mas porque sois o menor de todos os povos. Mas é o Senhor que vos ama” [Dt 7, 7-8]. (MAISONNEUVE, 2019, p.30)

Entre reflexões sobre o povo judeu que foi eleito, e que aceitou esta eleição através da Aliança firmada com Deus, foi alinhavada a questão do rompimento da mesma e suas consequências: “De fato, mesmo tendo consentido a Aliança, o povo se reconhece continuamente rompendo o contrato e relê as advertências da Escritura como sendo um novo apelo a esse engajamento” (MAISONNEUVE, 2019, p.31). Um questionamento desenvolvido e cravado em meio ao povo foi lembrado pela autora: “Então, surge uma questão duvidosa: o exílio, a infelicidade, o sofrimento são castigos por causa do erro cometido?” (2019, p.31). Foram lançados elementos para reflexão como a respeito do caráter purificador do exílio e outros sofrimentos que, segundo ela, foram desenvolvidos pela tradição como resposta à responsabilidade assumida pelo povo à Aliança firmada.

Neste momento da narrativa, foi dado enfoque aos sofrimentos enfrentados pelo povo judeu durante a ocupação dos romanos e feito um alerta para o fato de que em tempos de crise, seitas se multiplicam e a ideia messiânica se acentua. Há muitos que esperam por um messias que os livre do sofrimento e dentro deste contexto foi apresentado o nascimento e vida de Jesus: menino judeu que nasceu e se desenvolveu dentro de uma comunidade judaica e que, na vida adulta, se revelou publicamente como um mestre enfrentando as ideias dominantes, mas posicionando-se como um homem de paz.

A morte de Jesus foi apresentada como um ponto final para a esperança messiânica e o início do confronto entre seus seguidores e aqueles que não o reconheceram como o messias esperado. Segundo as palavras de Maisonneuve, os grupos tinham uma boa convivência logo depois da morte de Jesus:

Esse pequeno grupo de judeus, renovado em sua fé em Jesus-Messias-ressuscitado entre os mortos, continuava a viver e a rezar como os outros judeus: “Unidos de coração, frequentavam todos os dias o Templo” [At 2,46]. Eles são judeus por direito próprio e considerados como tais. Num primeiro tempo, os romanos não faziam diferença entre um e outro grupo. (MAISONNEUVE, 2019, p.34)

Juntam-se ao grupo de judeu-cristãos outros seguidores: judeus e gentios. Dificuldades começaram a surgir, principalmente em relação à observância de determinadas práticas. Aos poucos este grupo de judeus foi excluído dos serviços nas sinagogas e o afastamento entre os grupos foi se cristalizando. O capítulo I terminou tendo como destaque a ruptura entre os grupos judaicos e apontando a discussão que envolve a morte do Jesus judeu como uma das causas:

A luta visceral continua. O que separa e o que une judeus e cristãos é o judeu Jesus. Há dois mil anos se diz que ele foi morto pelos seus. É isso que envenena as nossas relações até hoje. (MAISONNEUVE, 2019, p.36)

No capítulo II, o título *Ruptura... definitiva?* traz uma pontuação que antecipa a intencionalidade do conteúdo a ser apresentado. A ruptura entre os segmentos judaicos já foi apresentada no capítulo anterior, mas é depositada nas reticências a grande responsabilidade de carregar os demais motivos e desdobramentos desta ruptura. Quanto a determinar temporalmente os limites deste distanciamento, Maisonneuve parece delegar ao leitor a incumbência de responder a esta questão. Os elementos para análise foram expostos durante todo o capítulo.

Judaísmo e cristianismo foram apresentados como filhos que disputam a eleição do pai. Podemos observar através das seguintes palavras:

Dois irmãos se defrontam, persuadidos cada um de ser o preferido, o “eleito” por seu pai, cada um consciente de ter recebido uma missão, a mesma com relação à humanidade: revelar que Deus é Único e que este Deus salva. (MAISONNEUVE, 2019, p.37)

No início deste capítulo a autora fez a transição da denominação judeu-cristão para o termo “Igreja” e comparou o crescimento da tradição desta Igreja às fases de desenvolvimento de um ser humano. Com as seguintes palavras ela fez o registro:

Para encontrar a sua identidade, para se afirmar diante das nações, a Igreja atravessa o que parece uma crise de adolescência. Ela só vai encontrar outro meio para se definir, opondo-se, porque as suas prerrogativas são as mesmas dos judeus, as suas reivindicações, idênticas. (MAISONNEUVE, 2019, p.37)

Foi ressaltado que, desde os primeiros séculos, membros influentes da Igreja determinaram o caminho de difíceis relações com o povo judeu, fato que só se alterou no século XX com o Concílio Vaticano II. Foi narrada a história das difíceis relações entre cristãos e judeus citando Marcião, Justino, Santo Agostinho, Gregório de Nissa, São João Crisóstomo, São Jerônimo dentre outros que são intitulados *Padres da Igreja*, responsabilizando-os pela fomentação de ideias antijudaicas. Ela fez citações de seus discursos os quais teceram uma imagem do judeu deicida que ficou impregnado na memória coletiva da comunidade cristã por séculos. Dentre estas citações destacamos:

Na mesma época, o patriarca de Constantinopla, São João, chamado Crisóstomo “boca de ouro” [!] os tratava como: “Bandidos perversos, destruidores, debochados, semelhantes aos porcos, ultrapassando os animais selvagens em ferocidade [...] eles imolam seus filhos ao diabo. Por causa de seu deicídio, não havia perdão possível, eram rejeitados por Deus, dispersos e escravos para sempre [...] Deus odeia os judeus e sempre os odiou”. (MAISONNEUVE, 2019, p.40)

Na sequência da narrativa há o registro de que tais fatos históricos são pouco conhecidos nestas primeiras décadas deste segundo milênio e podem até mesmo causar espanto. Percebe-se uma desconexão, produzida por esta narrativa de Maisonneuve, entre este devastador histórico de difamações contra o povo judeu construído pelos Padres da Igreja e a função destes mesmos padres dentro da vida espiritual desta Instituição. Ela aponta o mal causado pelas suas homilias contra os judeus, mas ao mesmo os enaltece chamando a atenção para a importância deles dentro da vida da espiritual da Igreja:

Este aspecto do pensamento dos Padres que é pouco conhecido pode dolorosamente espantar. Entretanto, tal pensamento não deve encobrir a profundidade da vida espiritual dos Padres da Igreja, nem a generosidade de seu zelo apostólico, nem ainda a pertinência da sua reflexão teológica e exegética, a partir da qual foi elaborada a doutrina dos primeiros concílios. (MAISONNEUVE, 2019, p.40)

Um panorama histórico das perseguições da Igreja contra os judeus a partir do século IV foi construído de forma breve, porém complexa. Começou pelo momento de união da Igreja com o Império Romano ao transformar o cristianismo em religião oficial e hegemônica; atravessou todo o histórico em que a Igreja expôs os judeus durante muitos séculos a situações de grave humilhação pública, agressões físicas, espancamentos, perseguições, mortes e extermínio de comunidades inteiras. Foram pontuados alguns papas ou governantes que amenizaram estas perseguições tais como o bispo Guilherme e São Bernardo de Clairvaux, mas também foram nomeados perseguidores dentre eles o Papa Inocêncio III e o abade de Cluny. Em meio à narrativa dos fatos acima relacionados, Maisonneuve deu destaque à citação referente a decretos do IV Concílio de Latrão (1215) endereçados aos judeus e que segue reproduzido:

**Decretos do IV Concílio de Latrão** - Os judeus devem se distinguir dos cristãos por uma roupa especial: uma insígnia de feltro vermelho na França; um círculo amarelo, uma “rodinha” na Alemanha; no dia da Paixão, eles não podem aparecer em público. – os judeus são inaptos para os empregos públicos; eles estão proibidos de praticarem o artesanato e o comércio, mas somente a usura, proibida aos cristãos. – Os judeus convertidos não devem voltar ao seu antigo rito: conservando as práticas do judaísmo, eles atrapalham por essa mistura, a beleza da religião cristã. – Os judeus serão submetidos a pauladas durante a Semana Santa; eles estão proibidos de tomar banhos públicos; só podem frequentá-los nos dias reservados às prostitutas. – As casas judaicas serão marcadas com um sinal distintivo. (MAISONNEUVE, 2019, p.42)

O cotejo com este texto do passado, o IV Concílio de Latrão ocorreu no ano de 1215, atualizou e potencializou o entendimento sobre as origens do antissemitismo presentes nas decisões antijudaicas conciliares.

Ao referir-se ao período dos séculos XVI a XIX, a autora abordou as circunstâncias em que surgiram os guetos através do primeiro gueto, o de Veneza. Citou, dando sequência, a posição de Lutero, Blaise Pascal e Bossuet que tiveram posições de influência entre os cristãos e antagonizaram os judeus dando continuidade e fortalecendo o ensino antijudaico dentro de suas esferas.

Referindo-se à propagação deste ensino, Maisonneuve reforçou a ideia de antijudaísmo teológico como disseminador do antissemitismo popular, concluindo com as seguintes palavras:

É o antijudaísmo teológico que ainda encontramos em alguns manuais de teologia e em catecismos, como em autores que abordam a “questão judaica”, com moderação [...] ou violência. Sob esse antijudaísmo e esse antissemitismo popular, raramente denunciado, tomemos como exemplo o “caso Dreyfus” [os cristãos na maioria antidreyfusianos], os pogroms, a *Shoah*. (MAISONNEUVE, 2019, p.44)

Ao chegar ao século XX, a autora fez um breve apontamento sobre a declaração do Santo Ofício, em 1928, condenando o antissemitismo e afirmando na sequência que os estereótipos judaicos continuavam a “habitar o inconsciente de vários cristãos” (2019, p.46).

No tópico seguinte, a *Shoah* foi abordada. Desde a utilização inicial da palavra Holocausto e a substituição pela palavra *Shoah*, Dominique de La Maisonneuve buscou, no Primeiro Testamento, a explicação para este drama ocorrido com o povo judeu. De sacrifício à catástrofe a palavra não parece não abarcar o sentido total, pois “... no Primeiro Testamento *Shoah* designa uma catástrofe natural e não um crime organizado” (2019, p.46). Dentro da teologia, Maisonneuve elaborou uma breve reflexão sobre o motivo que impulsionou a ação hitleriana:

Denunciados pelos “filhos de Israel, a idolatria das nações já havia provocado o seu exílio na Babilônia. Por esta mesma razão, Hitler decidirá a “Solução Final” do povo judeu. É preciso suprimi-los, porque este povo anuncia um Deus Único e que liberta, mensagem universal de moral. Tal é o motivo fundamental, repetidas vezes inconfessáveis, das perseguições sofridas pelos judeus durante séculos. Sob o pretexto de antissemitismo ambiente e antijudaísmo religioso [o povo judeu permanece deicida na consciência geral], o nazismo, com sua preocupação com a raça pura, vai organizar e depois executar, por meio de inúmeras engrenagens administrativas, então humanas, o seu plano de extermínio. (MAISONNEUVE, 2019, p.46)

Esta elaboração foi justificada através de citações de Jean-Claude Eslin, João Paulo II, André Frossard, Paul Beauchamp que se encontram nas páginas 46 e 47 de seu livro.

Na continuidade, foi registrado o silêncio das populações sendo manipuladas por políticos; o silêncio dos Estados livres e da hierarquia católica. Foram elencados alguns possíveis argumentos para o que a autora chamou de “neutralidade de Pio XII”. Foram ressaltadas, em meio ao silêncio do episcopado francês, algumas vozes que se pronunciaram pela defesa do povo judeu como do Monsenhor Saliège, arcebispo de Toulouse; do Cardeal Gerlier de Lyon; de algumas instituições religiosas; eclesiásticos e numerosos cristãos anônimos; porém concluiu “..., mas isso não podia compensar aquilo” (2019, p.48).

Quanto ao pós-guerra, foram salientados na narrativa o horror que se apossou da Europa após a liberação dos campos de concentração e o surgimento de associações que reuniam judeus e cristãos, católicos, protestantes e ortodoxos. Maisonneuve registrou a Assembleia ecumênica em Seelisberg, Suíça, em 1947 e fez a citação, na página 49, dos *Dez*

*Pontos de Seelisberg*, documento já esclarecido por esta pesquisa no capítulo 3.1. Destacou ainda a participação de Paul Claudel em comunicação com Jacques Maritain solicitando pronunciamento do Papa e a participação de Jules Isaac como pedra fundante na luta contra o antissemitismo.

Segundo a narrativa, a voz do Papa só foi ouvida em 1959 quando João XXIII anunciou um Concílio Ecumênico que ocorreria em 1962 com bispos do mundo inteiro. Segundo palavras da autora, a declaração resultante deste concílio intitulada *Nostra Aetate*, artigo 4º, que trata das relações da Igreja com o povo judeu, trouxe uma “Reviravolta sem precedentes na história das relações da Igreja com o judaísmo. *Nostra Aetate* é, por seu conteúdo, a maior novidade de todos os textos conciliares do Vaticano II” (2019, p.50).

A declaração *Nostra Aetate*, documento com o qual o livro de Maisonneuve dialoga segundo nossa análise, foi apresentada de forma integral e comentada nas páginas 51 a 53 de seu livro, conteúdo que está impresso nesta pesquisa no capítulo I. Cabe ressaltar que ela deixou claro que suas observações quanto ao texto seguem pelo campo teológico. Ela registrou a pouca recepção que houve deste documento quando do retorno dos bispos às suas comunidades. Os decretos para aplicação da *Nostra Aetate* vieram tardiamente: dez anos após sua publicação, em 1975. Este documento foi publicado pela Comissão romana e foi intitulado “Orientações e Sugestões para a aplicação da Declaração Conciliar” onde foram acatadas sugestões de cristãos e judeus. Antes, porém, na França em 1973, foram publicadas as *Orientações pastorais sobre a atitude dos cristãos em relação ao judaísmo*, com o objetivo de complementar a Declaração Conciliar. Mesmo assim, segundo a autora, “... o parágrafo 4º da *Nostra Aetate* permaneceu desconhecido da grande maioria, incluindo aí o clero” (2017, p.54). Uma década mais tarde, em 1985, a mesma comissão publicou um texto intitulado: *Notas para uma correta apresentação dos judeus e do judaísmo nas homilias e na catequese da Igreja católica*. Maisonneuve expôs o convite feito na introdução deste documento o qual ela se propôs a aceitar, escrevendo os capítulos seguintes deste livro como forma de colocar em prática a sugestão para aproximação entre cristãos e judeus:

A introdução desse texto convida ao “respeito pelo outro da maneira como ele é”, ao conhecimento dos “componentes fundamentais da tradição religiosa do judaísmo” e ao aprendizado dos “traços essenciais pelos quais os judeus se autodefinem na sua realidade religiosa vivida”. Eis a razão precisa destas páginas seguintes: fazer conhecer com o povo e a tradição nas quais a Igreja teve sua origem. (MAISONNEUVE, 2019, p. 54)



*Reorganização do judaísmo* é o título do Capítulo III. Para esclarecer ao leitor o porquê desta reorganização, a narrativa retornou ao século I quando houve a destruição do Segundo Templo em Jerusalém. De acordo com o relato da autora, os fariseus envolvidos no Sinédrio isolaram-se na cidade de *Yavne*, em Israel. Ela citou o *Rabban Yohanan ben Zaccai*, como primeiro presidente da Academia que se estabeleceu em *Yavne*. O povo estava disperso por causa da expulsão pelos romanos e sem o Templo as atividades comunitárias judaicas precisaram ser reestruturadas. O ponto de continuidade para a permanência da tradição fixou-se na *Torá*, fato já ocorrido durante o exílio na Babilônia e que permitiu ao povo manter-se ligado à sua ancestralidade.

Didaticamente foram apresentados conceitos de vários termos que tem sua origem na língua hebraica e relacionam-se com a preservação da tradição oral e escrita dos livros sagrados. Importa destacar mais uma vez que o campo em que atua a autora é assumidamente teológico e, como esclarece Bakhtin em seus estudos, os discursos estão sempre carregados da subjetividade de seu autor, como citamos no início deste capítulo. A intencionalidade é situar a tradição judaica como referência para a tradição cristã. A tradição oral é apresentada como a que precede a tradição escrita. De acordo com as palavras da autora a *Torá*, ou os cinco primeiros livros da Bíblia também conhecidos como o Pentateuco, e o ensinamento que ela carrega foram dados por Deus:

Como o ensinamento é dado por Deus em toda a Bíblia, Deus fala: “Então Deus disse ...”, a *Torá* é primeiramente oral; mas ela será aos poucos escrita. Esse escrito será, sem cessar, relido à luz do cotidiano e, repetidamente reescrito. (MAISONNEUVE, 2019, p.57)

Há o esclarecimento sobre a palavra *TaNaKh* como sendo o conjunto das letras que dão início às palavras: *Torá* (T), somada aos livros dos Profetas que em hebraico translitera-se *Nevi'im* (N), acrescidos dos Escritos, transliterado como *Ketuvim* (K). Foi inserido, neste capítulo, um esquema relacionando todos os livros, o que permite ao leitor observar a proximidade de suas leituras com as leituras judaicas e ao mesmo tempo observar as divergências. Com o objetivo de ressaltar a importância da *Torá* e reafirmar seu papel na preservação da tradição, a autora esclareceu:

A tradição afirma, de fato, que toda a Revelação veio com Moisés. Assim dizendo, ela não apresenta de forma nenhuma um ponto de vista histórico, mas anuncia uma convicção que salienta a autoridade dessa Palavra confiada, por primeiro, ao maior dos profetas. ... Transmitida de geração a geração por uma cadeia ininterrupta de mestres, ... (MAISONNEUVE, 2019, p.59)

Dando sequência à apresentação de textos da tradição judaica, foi introduzido um novo termo que, como os demais, provém da língua hebraica: a *Mishná*. Ela é utilizada para nomear a *Torá* Oral e perpassou várias gerações sendo organizada em forma de coletânea somente no século III. Os mestres desta tradição foram os chamados *Tanaim*, repetidores, e esta coletânea foi organizada em seis sessões ou ordens, a saber: 1 - As Sementes; 2 - As Festas; 3 - As Mulheres; 4 - As Penas; 5 - As Coisas sagradas em relação ao Templo; 6 - As Coisas puras. A autora afirma que:

A *Mishná* é base de referência, de reflexão que as gerações posteriores vão estudar e discutir circunstâncias que não param de evoluir, a fim de renovar o seu modo de vida em continuidade com as gerações precedentes. (MAISONNEUVE, 2019, p.60)

Destacamos outros dois termos esclarecidos no capítulo e que fazem parte da literatura rabínica: *Guemará* e *Talmude*. O *Talmude*, obra monumental, compreende a *Mishná* e suas possíveis interpretações a que se dá o nome de *Guemará*. Foram citados o *Talmude de Jerusalém* e o *Talmude da Babilônia*. Este último permanece como referência para o judaísmo.

Há, no livro *Le Judaïsme*, a exposição de uma página do *Talmude da Babilônia* para que aqueles que não tem contato com a tradição judaica possam visualizar a interessante disposição destes textos. No centro, encontra-se o texto para discussão chamado de *Mishná*, acrescido de comentários chamados de *Guemará* e os complementos somados posteriormente nas laterais. Segue a imagem retirada da página 74 do Livro *Le Judaïsme* de Dominique de La Maisonneuve, 2017:



Page du Talmud de Babylone-traité Shabbat  
 La partie centrale est constituée par la Mishna et son commentaire, la Guemara. À gauche (marge intérieure), le commentaire de Rashi (XI<sup>e</sup> siècle); à droite, des commentaires plus tardifs; à la périphérie, des ajouts postérieurs (parallèles, etc.).

Somam-se, a este conjunto de informações envolvendo palavras com raízes no hebraico e na cultura judaica, os termos *Halakhá*, parte da *Torá* Oral que trata sobre as leis que devem ser observadas para se viver em harmonia com a *Torá*; e a *Agadá*, também parte da *Torá* Oral, mas que envolve as narrativas explicativas para as práticas das Escrituras, fortalecendo a tradição. Esta apresentação foi encerrada com o esclarecimento de mais uma palavra: *Midrash* que liga as duas tradições: oral e escrita. O seu plural é *Midrashim* e são eles, os textos alegóricos, que ajudam a interpretar as Escrituras. Como conclusão foi citada a pluralidade da sabedoria judaica: “Veja-se: o judaísmo antigo está longe de ser monolítico. Ele apresenta inúmeras interpretações das Escrituras e uma grande diversidade de formas de

viver” (2019, p.64). A autora encerrou o capítulo chamando a atenção para a importância do estudo para a compreensão da tradição judaica ao afirmar:

Como a oração, o estudo é comunhão com a Palavra de Deus e não somente pura atividade do espírito. Ela engaja o coração, centro da vida. O Rabino Yohanan ben Zakkai dizia: se você aprendeu muito da *Torá*, não se vanglorie: você foi criado para isso! [Máxima dos Pais 2,8]. (MAISONNEUVE, 2019, p.66)

O capítulo IV tem como título *A vida tradicional* e inicia afirmando: “Há muitas formas de se viver no judaísmo” (2019, p.67). Foram, neste capítulo, discutidos temas que integram a estrutura tradicional do judaísmo: família, o lugar da mulher, os preceitos - *mitsvá/mitsvot*, as leis alimentares, nascimento, maioridade religiosa: *Bat/Bar-mitsvá*, casamento, morte/luto, tempo/calendário. Foi chamada a atenção para o fato de que mesmo que o judeu não viva dentro de um contexto tradicional ou religioso, ele reconhece que a manutenção de determinados costumes faz com que a tradição judaica continue viva.

Tendo como suporte os textos bíblicos a autora destacou a importância dos valores da tradição judaica que por estarem amparados em fontes bíblicas percebe-se o viés moral carregado dos valores religiosos. Destacamos que esta é a linha do discurso que atravessa todo o livro. A existência da Aliança do povo com Deus é o que, segundo a narrativa desenvolvida, mantém e transmite a memória do povo judeu. Ela deu detalhes sutis desta memória como a existência da *mezuzá*, pequeno objeto contendo parte da *Torá*, no caso do livro Deuteronômio, que é fixado no batente da casa judaica.

Na abordagem do papel da mulher, relevante e ativo, dentro da tradição foram citados nomes bíblicos como Myriam, Débora e Ester. Foi focalizada também a importância da *mitsvá*, ou seu plural *mitsvot*, que são os preceitos a serem seguidos para que os atos cotidianos estejam em consonância com as orientações da *Torá*, o que nos leva a reafirmar os elementos religiosos como sustentação da argumentação da autora.

Justifica-se a afirmação acima ao observar-se o relato que se refere aos alimentos que precisam ser *kasher*, ou seja, próprios para consumo segundo as leis da *Torá*. O porquê desta preocupação com a alimentação mencionado pela autora segue parâmetros teológicos:

A prática da *Torá* envolve o homem na sua totalidade: corpo, espírito, coração “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua vida, com todas as tuas forças” [Dt 6,4]. O judaísmo não conhece o dualismo grego, isto é, a independência do corpo em relação ao espírito. (MAISONNEUVE, 2019, p. 71-72)

Ainda neste capítulo foram esclarecidos alguns ritos dentre os quais focalizamos o da circuncisão por ser um elemento encontrado nos textos bíblicos e muitas vezes desconhecido do mundo cristão. Segundo a narrativa, quando nascem os meninos, os nomes lhes são atribuídos no oitavo dia após o nascimento, momento em que são circundados, acatando o pacto proposto por Deus a Abraão em Gênesis 17, 10-12: “Deus disse a Abraão: Eis o pacto que faço entre mim e vós, e teus descendentes, e que tereis que guardar: Todo menino, no oitavo dia de seu nascimento, será circundado.” (MAISONNEUVE, 2019, p.73). Foram dados detalhes da cerimônia da circuncisão, pois, segundo a autora, até hoje a circuncisão é a *mitsvá* mais observada pelos judeus. Seguem suas palavras:

A circuncisão é feita pelo *mohel*, alguém que segue o rito tradicional e também as leis de assepsia e da higiene. Enquanto a criança é carregada por seu padrinho, o pai da criança e o *mohel* recitam as bênçãos: Bendito seja, Senhor, nosso Deus, Rei do universo, que nos santificou pelos mandamentos e nos ordenou incluir (diz-se o nome da criança) na Aliança de Abraão, nosso pai. Depois, recita-se o *Kidush*, a bênção sobre a taça de vinho em que se umedece os lábios da criança. (MAISONNEUVE, 2019, p.73)

Maisonneuve recorreu ao livro de Deuteronômio capítulo 10, versículo 16, para ilustrar o simbolismo da circuncisão que, segundo ela, relaciona-se à circuncisão do coração: “Cortai, pois, o prepúcio de vosso coração e cessai de endurecer vossa cerviz” (2019, p. 74).

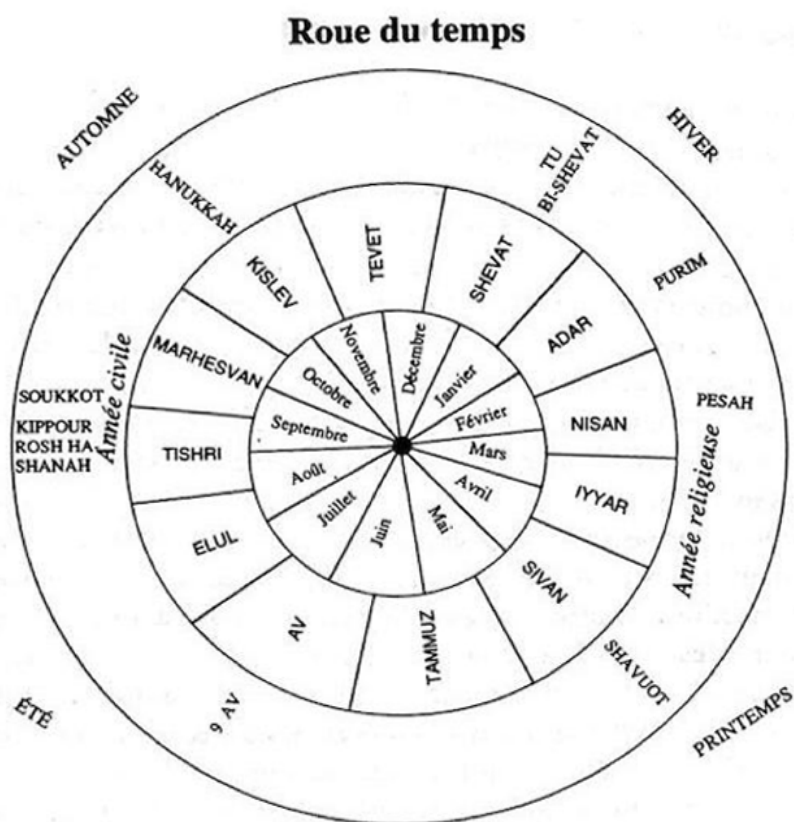
Dando continuidade à narrativa do desenvolvimento da vida de um menino ou menina que segue a tradição religiosa no judaísmo, Maisonneuve esclareceu que as meninas atingem a maioria religiosa após o décimo segundo aniversário através da cerimônia do *Bat-Mitsvá*, termo hebraico que significa “filha do mandamento”. Esta, segundo palavras da autora, é uma cerimônia recente: “Essa cerimônia é muito recente e não se reveste do caráter institucional do *Bar-Mitsvá*, mas é ocasião de ressaltar o importante papel da mulher no judaísmo.” (2019, p. 75).

Em relação aos meninos a maioria é atingida após seu aniversário de treze anos em uma cerimônia que tem, em hebraico, o nome de *Bar-Mitsvá*, ou seja, “filho do mandamento”. É um momento bastante festivo e ocorre no *Shabat* onde o jovem é chamado a ler, em hebraico, a porção da *Torá* daquela semana, podendo dirigir a oração ou pronunciar a homilia certificando sua consciência e responsabilidade e passando a contar como um dos dez homens necessários para compor o grupo para a leitura da oração comunitária, grupo que recebe o nome, em hebraico, de *minyan*.

Entrando na vida adulta, Maisonneuve explicou o casamento judaico e o rito que o envolve como sendo algo essencial na vida do judeu tradicional. A apresentação das fases da

vida judaica, feita pela autora, encerra-se pela morte, apesar do judaísmo não encarar a morte como um fim. Dados do cotidiano da tradição ganham relevância quando esclarecidos, pois podem auxiliar os leitores cristãos a se aproximarem de elementos da narrativa da vida do Jesus judeu que recorrentemente surgem nos evangelhos e que nem sempre são compreendidos por não fazerem parte dos ritos cristãos.

Ainda neste capítulo Maisonneuve citou o livro de Eclesiastes, capítulo 3,1-2: “Há um momento para tudo e um tempo para cada coisa sob o céu: um tempo para nascer e um tempo para morrer”, e, nesta linha temporal ela ligou tanto a morte, como tantos outros momentos importantes, à vida da comunidade judaica. O tempo é marcado por eventos e, em contrapartida, são estes que determinam também o calendário judaico. A autora nos apresentou uma roda do tempo (2017, p.96), que segue abaixo, onde estão expostos os nomes dos meses do calendário ocidental/solar e, a partir deles, há a apresentação dos nomes dos meses transliterados do hebraico e das festas, que são importantes eventos para marcar o tempo e as estações do ano, nos lembrando que os dias, no calendário judaico, se iniciam ao final da tarde e início da noite.



Roda do Tempo – MAISONNEUVE, 2017, p.96.

A autora informou que, segundo o calendário judaico, o ano 2017, da edição do livro trabalhado, correspondeu ao ano 5777 e o ano 2019, da edição do livro em português, correspondeu ao ano 5779.

O capítulo V, cujo título é *A oração*, dá continuidade à ideia de tempo desenvolvida no capítulo anterior. A oração tanto quanto as etapas da vida já explanadas acrescentam ritmo ao tempo. Segundo sua visão religiosa, Maisonneuve esclareceu:

Etimologicamente, rezar é se deixar julgar por Deus, situar-se em verdade diante Dele. É, portanto, dirigir-se a Deus porque Ele pode tudo para a sua criatura, porque Ele é tudo para ela. Significa também, queixar-se frente a Ele, gritar para Ele, revoltar-se; é ainda, e principalmente, render-lhe graças. Ato de fé e de esperança, a oração baliza toda a história do povo de Israel. (MAISONNEUVE, 2019, p. 81)

Na sequência, a autora afirmou: “Todas essas orações da Bíblia, qualquer que seja seu conteúdo, são bênçãos” (2019, p.82) e esclareceu:

[...] a bênção apresenta dois polos: Deus que distribui seus dons, e os homens que se beneficiam deles. Aquele que bendiz faz a ligação entre esses dois polos e ressalta que tais bens são para todos. Aquele que divide assim o que recebe da fonte infinita, não tem que temer a falta. (MAISONNEUVE, 2019, p.83)

O discurso de Maisonneuve foi totalmente determinado pelos seus valores culturais e religiosos. A necessidade de construir uma ponte entre os elementos religiosos da cultura cristã com os da cultura judaica no campo religiosos foi acentuado. Foram apresentados alguns objetos da tradição judaica que são preservados como a *kipá*, espécie de chapéu usado por judeus; os *tsitsit*, franjas utilizadas por baixo da roupa e que lembram os mandamentos; o *talit*, xale usado como veste para fazer as orações; os *tefillin ou filactérios*, fitas de couro que se enrolam no braço esquerdo indo até a testa prendendo pequenos estojos que guardam fragmentos de textos bíblicos e são utilizados em momentos de oração. A *Menorá* foi focalizada tendo lugar de destaque:

*A Menorá* é um candelabro de sete braços prescrito por Deus a Moisés para o santuário: “Tu farás um candelabro em ouro puro. Seis braços sairão de seus lados, três sobre um de seus lados, e três sobre o outro lado” [com a haste central, o que soma sete]. “Tu farás essas sete lâmpadas os iluminará de forma a clarear” [Ex 25,31.37]. Em memória do Templo, encontra-se geralmente nas sinagogas, uma *menorá* que é o único ornamento, sem ser um objeto de culto. O Estado de Israel laico tomou a *menorá* por emblema. A *menorá* é um símbolo judaico que deve ser respeitado como tal pelos não- judeus. (MAISONNEUVE, 2019, p. 86)

Através de esclarecimentos sobre o papel das pessoas dentro do contexto religioso e de objetos religiosos, a autora produziu elementos comparativos entre as duas culturas. Ela esclareceu que dentre os homens havia e ainda há aqueles que seguem o caminho do rabinato. Hoje, após muitos anos de estudos talmúdicos aprofundados, eles obtêm um diploma que os habilitam a atuarem em uma comunidade como conselheiros para questões práticas. Recebem por esta função. Tem vida familiar com esposa e filhos. “Eles não são membros de um clero”, esclareceu a autora (2019, p. 86).

A seguir foram contempladas as orações da manhã, tarde e noite. Foram destacadas a importância do *Shemá Israel* e do *Shemonê-Esrê*. Com relação ao *Shemá Israel* a autora afirmou que “tal proclamação está no coração do povo desde os tempos bíblicos” (2019, p.88) e fez o cotejo com o livro de Deuteronômio capítulo 6, versículos de 4 a 9, esclarecendo a origem desta proclamação e orientação:

OUVE, Israel! O Senhor, nosso Deus, é o Senhor Um. Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de todo o teu ser e de todas as tuas forças. Os mandamentos que hoje te dou serão gravados em teu coração. Tu os inculcarás a teus filhos, e deles falará sentado a tua casa, andando pelo caminho, ao te deitares e ao te levantares. Atá-los-ás à tua mão como sinal, e os levarás como uma faixa frontal, diante dos teus olhos. Tu os escreverás sobre os umbrais e as portas de tua casa. (MAISONNEUVE, 2019, p.88)

A respeito do *Shemonê-Esrê*, as “Dezoito Bênçãos”, também chamada de *Amidá*, a autora explicou que ela é feita em pé dada sua importância. Esclareceu que é uma sequência de dezenove bênçãos, pois uma foi dividida sem alterar a expressão tradicional inicial.

*As festas* é o título do capítulo VI e a autora as apresenta como mais um forte sinal da marcação do tempo para as comunidades judaicas. Segundo palavras de Maisonneuve:

Do mesmo jeito que as orações cotidianas e o cumprimento das *mitsvot* dão ritmo ao dia, o *Shabat* pontua a semana, e a Lua Nova o mês [neomênia à época bíblica], enquanto as festas marcam o ano” (2019, p.93).

A autora expôs a ideia de que nas festas faz-se memória da história do povo: “É o que o judaísmo ensina ao judeu, pedindo-lhe para *fazer memória*, para tornar presente a história passada de seu povo” (2019, p. 93). Maisonneuve esclareceu que as festas estão determinadas na *Torá*, mas cabe ao homem convocá-las.



Em um quadro (2019, p.94), a autora relacionou-as:

<p><b>Festas</b></p> <p>Festas da Torá</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Ritmo semanal: <i>Shabat</i></li><li>• Ritmo mensal: Lua Nova (neomênia)</li><li>• Ritmo anual: Festas de peregrinação: - <i>Pessach, Shavuot, Sucot</i> Festas austeras: <i>Rosh ha-Shaná, Kipur</i></li></ul> <p>Festas menores</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• 9 Av: Comemoração da destruição do Templo</li><li>• <i>Hanuká</i></li><li>• <i>Tu bi-Shevat</i>: Novo Ano das árvores</li><li>• <i>Purim</i></li></ul>
---

Relação das festas judaicas – MAISONNEUVE, 2019, p. 94.

Foi registrada a importância do *Shabat*, memória que a tradição judaica preserva atravessando séculos e diferentes regiões geográficas, a partir de uma citação bíblica do livro Levítico, capítulo 23, versículo 3, que diz:

Trabalhareis seis dias, mas o sétimo dia é um *Shabat*, sábado, um dia de repouso, em que haverá uma santa assembleia. Não fareis nele trabalho algum. É o repouso consagrado ao Senhor em todos os lugares em que habitareis. (2019, p.94-95)

Maisonneuve lembrou a simbologia do *Shabat* como a noiva e esclareceu que para a chegada da noiva, a casa deve ser limpa e arrumada; os alimentos são preparados assim como as roupas. Para que tudo esteja pronto, a dona da casa apressa-se durante a sexta-feira e é ela quem acende as velas recitando a bênção: “Bendito seja, Senhor, nosso Deus, Rei do universo, que nos santificou por teus mandamentos e nos ordenou acender as velas do *Shabat*” (2019, p. 97). O marido, ao voltar da sinagoga, abençoa sua esposa e juntos eles abençoam seus filhos. O pai da família pronuncia o *Kidush*, bênção sobre a taça de vinho, também registrado pela autora: “Bendito seja, Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que criou o fruto da vinha” (2019, p.97). Na sequência, ele divide entre os participantes a *Halá*, pão entrelaçado específico do *Shabat*. Há, durante o período do *Shabat*, três refeições: uma noturna e duas diurnas. Quanto à sinagoga, a autora esclareceu:

No *shabat*, o ofício da sinagoga é caracterizado pela leitura da *Torá*-Pentateuco. Repartida durante um ano, são três ou quatro capítulos a cada *shabat*. Essa leitura é assumida por sete “adultos” que se sucedem no púlpito. A leitura termina com uma passagem curta de um livro profético que retoma um tema do texto da *Torá*. Na “saída do *Shabat*”, celebra-se um curto ofício sinagoga na maioria das vezes em casa: a *Havdalá* – literalmente “separação” – separação do sagrado para se voltar ao profano dos dias comuns até o próximo *Shabat* ... (MAISONNEUVE, 2019, p.97)

Para finalizar a explanação sobre o *Shabat*, Maisonneuve mencionou palavras de Abram Heschel, *Les Bâtisseurs du temps*, 1957: “Celebrar o sétimo dia é mais do que um cumprimento técnico de um mandamento. O *Shabat* é a Presença de Deus no mundo, uma abertura oferecida à alma humana” (2019, p. 98).

Neste momento da narrativa, a autora fez uma abordagem esclarecedora entre o *Shabat* e o posicionamento do Jesus-judeu diante desta celebração. Através de várias passagens do Evangelho, ela desmontou a ideia de que Jesus desobedecia às determinações bíblicas, como pode-se verificar abaixo:

Jesus observou o *Shabat*. Ele participou do ofício da sinagoga [Lc 4,16-20]. Mas naquele dia, ele se liberta das atividades consideradas como trabalhos! Ele deixa os seus discípulos colherem as espigas para matar a fome [Mt 12,1]. Ele cura a mão seca de um homem [Mt 12,13] e um cego de nascença [Jo 9,14]. Ele aparece assim para certos fariseus como profanador do *Shabat*. Mas ele se explica abertamente: “Há alguém dentre vós que, tendo uma única ovelha e se esta cair em um poço no dia de sábado, não irá procurá-la e retirá-la? Não vale o homem muito mais do que uma ovelha? É permitido, pois, fazer o bem no dia de sábado” [Mt 12, 11-12]. Ainda, ele se mostra precursor: “O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado” [Mt 2,27]. (MAISONNEUVE, 2019, p.98)

Dando sequência à narrativa sobre as festas, Maisonneuve escreveu sobre a festividade da Lua Nova ou Neomênia através de uma citação do livro de Números, capítulo 10,10: “Nos vossos dias de alegria, vossas festas e vossas luas-novas, tocareis as trombetas, oferecendo os holocaustos e os sacrifícios pacíficos, e elas vos lembrarão à memória de vosso Deus. Eu sou o Senhor, vosso Deus” (2019, p.98). Ela esclareceu que por razões práticas esta festa acabou desaparecendo do calendário, mas que lhe é feita referência em forma de bênção ao longo do ofício do *Shabat* precedente.

As festas de peregrinação foram apresentadas a seguir. Segundo a autora, elas são assim denominadas porque os homens precisavam se dirigir ao Templo para três eventos. A primeira focalizada é o *Pessach*, nome transliterado do hebraico, ou Páscoa como é conhecido em português. Maisonneuve escreveu:

Sobre essas realidades significativas de renovação da natureza, a tradição bíblica vai incluir um acontecimento histórico: a saída do Egito. Esse é um fato essencial, fundador do povo, porque Ele fez passar: Páscoa – *Pessach* – passagem – da escravidão para a liberdade. Como a primavera, assim também a Páscoa é um retorno à vida depois da morte da escravidão, uma renovação operada pelo próprio Deus, doravante Salvador para seu povo: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te fez sair do Egito” [Ex 20,2]. (MAISONNEUVE, 2019 p.100)

*Pessach* é uma festa que possui um rito que ocorre em torno da mesa familiar. Durante a narrativa, Maisonneuve esclareceu alguns conceitos de palavras do hebraico que envolvem as festas. Segundo ela, no *Pessach*, em torno da mesa à noite, familiares e amigos, incluindo uma ativa participação das crianças, se reúnem para fazer memória da passagem da escravidão para a liberdade tendo como fato tradicional e histórico a ser lembrado a saída do povo judeu do Egito onde vivia. O *Seder*, que é a ordem que será obedecida para esta refeição ritual, é desenvolvido através de uma *Hagadá de Pessach*, ou seja, a narração dos eventos históricos, própria para esta ocasião. Estes e mais detalhes foram fornecidos pela autora sobre os momentos que se seguem à pergunta de uma criança frente à mesa do *Pessach*:

Por que esta noite é diferente das outras noites? Com efeito, num cenário festivo, a criança encontra sobre a mesa, ingredientes incomuns. Dentre eles, pães sem fermento – *matsot* – que lembram a pressa com que haviam comido esta refeição [Ex 12,11]; as ervas amargas, lembram o gosto que se conserva da escravidão do Egito; uma mistura de maçãs e de nozes descascadas sem preparo para representar a argamassa que os filhos de Israel foram condenados a fabricar; água salgada, significando as lágrimas derramadas pela aflição sofrida no Egito. (MAISONNEUVE, 2019, p.100)

Cinco taças de vinhos fazem parte do ritual no qual se entoam os Salmos 113 a 118 e onde, segundo a autora, “promete-se o reencontro: No ano que vem em Jerusalém!” (2019, p.100).

*Shavuot* que quer dizer “semanas” é o nome de uma outra festa de peregrinação. Dominique de La Maisonneuve partiu da citação do livro de Levítico capítulo 23, 15-16 para explicar esta festa que para os cristãos tem o nome de “Pentecostes” derivando da palavra “cinquenta” em grego. Esta era uma festa agrícola na qual eram ofertados os primeiros frutos da Terra de Israel ao Senhor no Templo, sete semanas ou cinquenta dias após o *Pessach* ou Páscoa. Não há um rito em especial, explicou a autora: “Diferentemente de *Pessach*, nenhum rito particular marca a festa de *Shavuot*, fora a leitura na sinagoga da narração da entrega da *Torá* [Ex 19; 20] e das Dez palavras que representam o resumo desta *Torá*” (2019, p.101).

Tendo como nome *Sucot*, tendas, esta outra festa, segundo Maisonneuve, consta no livro de Deuteronômio [16,13-14] “Celebrarás a Festa das Tendas durante sete dias, quando

tiveres recolhido o produto de tua eira e de teu lagar. Alegrar-te-ás nesta festa” (2019, p.102). *Sucot*, celebrada no outono por ser uma festa agrícola, teve seu caráter ampliado pela tradição. Agregou-se a ela a memória feita aos quarenta anos passados pelo povo de Israel no deserto entre a terra da servidão e a Terra Prometida. A autora apresentou detalhes da festa de *Sucot*:

*Sucot* tem a duração de sete dias completos e termina no oitavo, o qual não pertence mais ao ritmo septenário do tempo comum. [...] O oitavo dia da festa é chamado *Simhat Torá*, a alegria da *Torá*, para significar o entusiasmo do dom de Deus, entregam-se a danças e cantos em torno dos rolos da *Torá* carregados em procissão. Dois ritos, dentre outros, são essenciais a essa celebração. Em primeiro lugar, a *sucá* – tenda – que toda família deve erguer no seu jardim, no seu pátio, na sua sacada. [...] E para que a memória desta travessia de quarenta anos se inscreva na realidade de cada um, é prescrito - *mitsvá* – cumprir sob a *sucá*, todas as ações habituais da vida: comer, dormir, estudar, receber os amigos, ao menos uma vez durante estes sete dias de festa. (MAISONNEUVE, 2019, p. 103)

Além do canto de louvor, o *Halel*, segundo a autora, outro elemento que compõe o rito de *Sucot* é o *lulav*: ramalhete composto de palmeira, mirra, salgueiro e cidra. Conforme suas palavras: “Esse buque representa todos os tipos de homens do povo judeu” (2019, p.103), seria este um significado simbólico para a presença de diferentes elementos envoltos em um mesmo buquê, a diversidade sendo um ponto de convergência para o povo judeu: “O fato de ligar estas diferentes espécies traduz a responsabilidade de uns pelos outros: eles constituem um povo” (2019, p.104).

Ainda no capítulo seis a autora apresentou as festas austeras, também prescritas pela *Torá*, que tem um caráter mais interior do que as festas de peregrinação. Elas são preparadas durante todo um mês, o mês de *Elul*, centrado no arrependimento – *Teshuvá*” (2019, p.104). Elas têm como nomes: *Rosh ha-Shaná* – cabeça do ano – ou primeiro dia do ano civil e que inicia os dez dias temíveis que terminarão com o dia do *Kipur*, ou dia da expiação dos pecados, conforme esclareceu Dominique de La Maisonneuve: “[...] no começo de cada ano: Todos os homens passam diante de Deus como os cordeiros [*Mishná* de *Rosh ha-Shaná* 1,2]. Eles releem o ano em curso sob o olhar de Deus para se preparar para a *Teshuvá* – arrependimento.” (2019, p.105).

No rito de *Rosh ha-Shaná*, a sinagoga é enfeitada de branco, faz-se uma série de bênçãos e ouve-se o *shofar* – trombeta de chifre de carneiro. Os dez dias chamados de temíveis, foram explicados assim pela autora:

[...] dez dias de orações para buscar a força para se arrepender, dez dias de esmola que acompanham sempre a oração, dez dias de tentativas efetivas de reconciliação. No *Yom Kippur* as faltas cometidas contra Deus são perdoadas. Aquelas cometidas contra o próximo serão perdoadas somente se for feito um gesto a favor desse próximo [*Mishná do Kipur* 8,9]. [...] No dia de *Kipur*, ele será inscrito no livro da vida. Mas são, sobretudo, dias “favoráveis” dados para pedir e obter o perdão de Deus. (MAISONNEUVE, 2019, p.105-106)

A respeito do *Yom Kippur*, Maisonneuve explicou a conduta de judeus religiosos ou não quanto à observância deste dia dada sua importância:

Mesmo que os judeus possam ou não observar com respeito esse dia, eles fazem feriado e jejuam. Muitos passam grande parte do dia na sinagoga onde os ofícios se sucedem sem interrupção. [...] No fim do último ofício do dia, a assembleia suplica: Coloca-nos no Livro da vida [...] abre-nos as portas dos céus. (Maisonneuve, 2019, p.106-107)

Há outras festas que nasceram de costumes populares e não da *Torá*. Elas são chamadas de festas menores e não são feriados. Em hebraico “*9 de Av*”, ou o nono dia do mês lunar chamado *Av*, é quando se faz memória da destruição dos dois Templos. É um dia de luto pelo afastamento da Presença de Deus junto a seu povo. É um dia de lamento e, segundo a autora, foram agregados outros acontecimentos a esta memória neste dia, como segue:

Ao longo dos séculos, o povo judeu habituou-se a comemorar naquele dia os acontecimentos trágicos que marcaram a sua história: a destruição do Segundo Templo, a opressão dos romanos, a expulsão dos judeus da Espanha e de outros países, a *Shoah*, os fatos durante os quais Deus permanece aparentemente ausente: Deus teria esquecido o seu povo? (MAISONNEUVE, 2019, p.108).

*Hanuká* ou Dedicção do Templo é, segundo Maisonneuve, uma festa que “comemora a vitória da resistência judaica sobre a ocupação grega que profanou o Segundo Templo.” (2017, p.108). Ela está relacionada a uma passagem da *Torá*, no Livro de Levítico 24, 2-4, que narra o episódio onde se ordena o uso de uma lamparina no futuro Templo que seria construído. A importância deste episódio se dá posteriormente como podemos ler no livro dos Macabeus, por Judas Macabeu e seus irmãos terem reconquistado o Templo das mãos dos gregos selêucidas no século II AEC restaurando o culto ao Deus Único. Para celebrá-la, durante oito dias, a cada noite, acende-se uma lâmpada de um candelabro de oito braços, explica a autora. A este candelabro dá-se o nome de *Hanukiá*.

A festa seguinte, mencionada rapidamente, é chamada de *Tu bi-Shevat* – 15 do mês *Shevat* onde, durante uma refeição festiva, consome-se quinze frutas diferentes em meio a uma bênção e assim inicia-se o ano novo das árvores, com os frutos da terra após o período de chuvas.

A festa que encerra este capítulo é a de *Purim* - sorte - explicou a autora. Ela refere-se à sorte do povo judeu por ser salvo do extermínio, durante a dominação persa, por uma jovem judia do harém do imperador persa: Ester. A festa é comemorada com alegria e fantasias tendo a seguinte bênção entoada: “Bendito seja, Senhor, nosso Deus, Rei do universo, que liberta Teu povo, Israel, dos seus inimigos, Tu, o Deus que salva.” (MAISONNEUVE, 2019, p. 110).

O esclarecimento destas festas, de rituais que as envolvem e sua importância na tradição judaica permite aos cristãos uma melhor compreensão de suas próprias festas religiosas, muitas vezes pouco esclarecidas pela Igreja. O entendimento da origem de cada uma delas estabelece um vínculo de respeito e reconhecimento na preservação destes momentos culturais.

O capítulo VII tem como título: *O povo judeu hoje*. Este capítulo não constou da primeira edição. Maisonneuve esclareceu que as tradições e *mitsvot* elencadas nos capítulos anteriores foram o que mantiveram o judaísmo ao longo do tempo e espaço. Ela esclareceu que desde 1948, com a fundação do Estado de Israel, pensou-se que o povo judeu disperso pelo mundo teria uma terra para se reunir onde resolvessem suas questões de segurança e identidade. Porém, segundo ela, a experiência tem se mostrado mais complexa:

Neste estado laico, fundado pelos judeus para judeus, a população é de uma complexidade ímpar sem dúvida nenhuma. Vindos de todo o mundo, os judeus [75%] misturam-se aos árabes que constituem hoje a quinta parte da população de Israel: mulçumanos em maioria e cristãos em menor número. Estas diferenças religiosas inspiraram uma tolerância real. No entanto, os conflitos políticos gerados pela criação do Estado de Israel tendem a degenerar cedendo espaços aos extremismos religiosos de todos os matizes. (Maisonneuve, 2019, p.111)

Nesta abordagem de alguns aspectos históricos e políticos, o primeiro destaque foi dado para a história da diáspora na vida das comunidades judaicas. Segundo a autora, a dispersão dos judeus da Terra de Israel remonta a séculos de antes da Era Comum. Ela citou, como fato ocorrido, o exílio dos judeus na Babilônia em 587 (AEC) que tendo em 538 (AEC) o edito de Ciro autorizado o retorno dos judeus a sua Terra, muitos continuaram onde estavam e outros se espalharam para outras regiões. O mesmo movimento continuou a acontecer por diferentes motivos históricos nos séculos posteriores. Seja por ocupações sucessivas, seja por perseguições, a ida de judeus para países vizinhos continuou a acontecer como única forma de preservação da vida. A autora registrou que: “Essa dispersão se acentua nos primeiros anos da era cristã sob a pressão das necessidades econômicas. Graças à rota da seda, percebem-se traços de comunidades judaicas até na China” (2019, p. 112). Ela afirmou que apesar da

existência do Estado de Israel desde 1948, o número de judeus na diáspora é maior do que os que vivem em Israel: “Encontram-se na Europa, na África do Norte, na Austrália, na China, no Egito, na Etiópia, na Índia e no Irã, no Japão e na Nova Zelândia, nas Filipinas, no Iêmen” (2019, p.112).

Apesar de viverem em regiões diferentes e cada comunidade obedecer a lei do país local, os judeus mantiveram suas tradições mantendo assim seu particularismo, transmitindo seus costumes e crenças para as gerações futuras. Mesmo se confrontando com a cultura local, e assimilando alguns aspectos dela como a língua, os judeus mantiveram a língua hebraica utilizada no estudo e na oração, explicou Maisonneuve. As tradições ligadas à memória bíblica não foram esquecidas o que lhes possibilitou manter seu próprio modo de vida, os quais confrontando-se com os modos de vida locais possibilitaram o surgimento de variantes no modo de viver o judaísmo como é o caso de dois grandes grupos: os *sefaradim*, (*Sepharad* – Espanha), que se estabeleceram na Península Ibérica e depois se espalharam por toda a bacia mediterrânea e pelo Oriente Médio; e os *ashkenazim*, (*Ashkenaz* – Alemanha), que se estabeleceram a leste do Reno. A língua hebraica somada à língua da região onde viviam fez com que surgissem variações do hebraico; do judeu alemão nasceu o iídiche; do judeu espanhol, o ladino. Segundo a autora, os judeus, qualquer que seja sua origem, contribuíram para as culturas dos locais nos quais viveram e vivem enriquecendo-as “sobretudo pelo seu senso de vida, por seu humor, pela literatura, pelo folclore iídiche, sem esquecer a música *Klezmer* [...]” (2019, p. 114).

Dominique de La Maisonneuve, que vive na França, destacou em seu livro a comunidade judaica que ali vive e sua história. Segundo ela, 0,7 % da população francesa era judia, no ano da publicação da edição de 2017, sendo a terceira maior no mundo depois de Israel e Estados Unidos. De um quadro de maioria de judeus *ashkenazim* passou-se a uma maioria de judeus *sefaradim* depois da Segunda Guerra Mundial. A partir de 1948 e 1967 intensificou-se a *aliá*, movimento onde o judeu deixa a diáspora para se estabelecer em Israel, ação que perdeu força até 2002 e, segundo a autora: “A partir de 2013, tem crescido fortemente, provavelmente por motivos sionistas, mas também por razões econômicas e, certamente, por causa do aumento do antissemitismo na França” (2019, p.115). Ela informou que as comunidades francesas mais antigas são as de Carpentras, Avignon, Cavaillon; e que, atualmente, os judeus estão concentrados em grandes cidades como: Paris, Sarcelles, Toulouse e Estrasburgo. Na França, os judeus tiveram sua emancipação reconhecida em 1791 e muitos viveram esta nova possibilidade. Maisonneuve, no entanto, esclareceu que depois de alguns decênios, com a vinda de grande número de judeus vivendo as tradições religiosas, o

judaísmo francês foi revitalizado. Ela destacou a instância oficial do Consistório, resultante do Acordo de 1808 entre Napoleão I e o judaísmo francês, que permitia ao Estado vigiar a vida da comunidade judaica e que tornou viável a emancipação judaica. Ela citou que “Os casamentos e os divórcios, por exemplo, deviam e ainda devem ter registro civil antes de serem celebrados pelo rabino.” (2019, p.115). É o Grão-Rabino da França quem representa a comunidade judaica perante o Estado francês. Ele é reconhecido pelas várias tendências do judaísmo francês.

Acompanhando o movimento das comunidades judaicas na diáspora e sua difícil trajetória para se manterem fiéis a sua tradição, Maisonneuve fez um rápido retrato da situação vulnerável em que estas comunidades se encontravam no final do século XIX na Europa, onde os *pogroms* se multiplicavam. Em meio a uma situação de perseguição, o número de judeus que iam se estabelecer na Palestina, cresceu. Muitos se engajaram no movimento Sionista, que segundo a autora foi “uma ideologia que tomou corpo em um movimento de retorno a Sion-Jerusalém, símbolo da Terra.” (2017, p.117). A autora apresentou alguns elementos como aceleradores para a tomada desta decisão citando: o antissemitismo, que segundo palavras do judeu russo, Leo Pinsker era visto como uma “doença sociopatológica imutável (MAISONNEUVE, 2019, p.117); acrescenta-se a esta situação o efeito reverso da emancipação judaica que, segundo ela: “Tolerados à parte, não se suporta mais os judeus, desde que eles procurem tornar-se como os outros” (2019, p.117).

Como resultado desta situação, ela citou o caso Dreyfus que agitou a França no final do século XIX. Acrescentou a informação sobre Theodor Herzl, jornalista vienense judeu, que defendeu no Congresso da Basileia, em 1897, a proposta do estabelecimento de um Estado independente na Palestina para acolher os judeus. Por que a Palestina? Maisonneuve elencou algumas respostas deixando claro que não é possível abordar a questão política desligada da religiosa. As respostas, segundo a autora, seriam:

Porque, praticantes ou não, os judeus conservam, na memória mais profunda do povo, a promessa que Deus lhes fez: uma terra. [...] Apesar de dois mil anos de diáspora, o povo judeu manteve a saudade da Terra, constitutiva de sua identidade. Na fonte de sua história prometida a Abrão, esta Terra, simbolizada por Jerusalém, é o termo da História da Humanidade. [...] Depois de dezenove séculos, a literatura judaica é alimentada por essa aspiração de retornar à Terra dos ancestrais, confiada por Deus a seu povo. (MAISONNEUVE, 2019, p.118).



Maisonneuve citou o livro de Isaías, capítulo 66, versículos 18 a 23,<sup>64</sup> para justificar a vertente religiosa que atuou nesta decisão de retorno a Israel e chamou a atenção de forma clara para a posição necessária dos cristãos no entendimento desta necessidade do povo judeu, citando algumas palavras do Padre Jacques-Marcel Dubois, dominicano que passou a maior parte de sua vida em Jerusalém: “O laço entre a terra e o povo de Israel é parte essencial do plano misterioso de Deus” (MAISONNEUVE, 2019, p.119). Finalizou chamando atenção para a existência de um Documento Episcopal número 9, de 1973, divulgado pelo Episcopado Francês, que serve como orientação aos cristãos sobre este tema.

O histórico do nascimento do Estado de Israel foi narrado pela autora sinteticamente. Maisonneuve citou a “Declaração Balfour” onde a Grã-Bretanha se colocou favorável ao estabelecimento do povo judeu na Palestina; pontuou 1922 quando a Liga das Nações concedeu o Mandato Britânico sobre a Palestina; informou que o número de judeus cresceu muito, mas que os árabes, que eram em maior número, não aceitaram a concessão territorial aos sionistas; enfatizou que as tensões e violência cresciam; destacou que, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a Grã-Bretanha limitou a entrada de judeus na Palestina, mas que no final da Guerra, diante do horror da *Shoah*, a ONU autorizou novamente a entrada dos judeus e declarou o país dividido em dois Estados. Em 1948, nasceu o Estado de Israel.

Este estabelecimento do Estado é visto de forma diversa pelos judeus. Segundo a autora, pode-se destacar três visões:

A reunião dos judeus em Israel é obra do Messias. [...] Para outros, este Estado é apenas o germe da redenção messiânica, um acontecimento com potencial messiânico [...] A corrente mais difundida é a corrente laica: o Estado de Israel é um Estado “como os outros” sem nenhuma conotação religiosa. (MAISONNEUVE, 2019, p.120)

Maisonneuve salientou que para assegurar sua independência, desde sua criação até 2017, Israel enfrentou onze guerras com os árabes dos países vizinhos, duas Intifadas – revolta em árabe – em 1987 e 2000 (2019, p.121).

A diversidade do povo israelense foi enfocada pela autora. Em Israel há judeus; árabes mulçumanos; árabes cristãos; cristãos que não são árabes nem judeus: parte é israelense, outra parte somente vive em Israel; judeus vindos de todas as partes do mundo. A autora acrescentou:

---

<sup>64</sup> “Eu virei, a fim de reunir todas as nações e línguas; elas virão e verão a minha glória... ao meu Santo Monte, a Jerusalém. De lua nova em lua nova e de sábado em sábado, toda carne virá adorar na minha presença.[Is 66, 18.23]”(MAISONNEUVE, 2019, p. 118)

Entretanto, construir uma alma comum carece de tempo: setenta anos após o nascimento do Estado, vemos que começa emergir uma cultura nacional: literária, artística, folclórica [...] Esse mosaico de etnias diferentes deve tornar-se um povo. Sete milhões de habitantes devem repassar pelo mesmo crivo da difícil história atual, interior e exterior, para não mais se reconhecer como judeus russos, poloneses, americanos, marroquinos..., mas, antes de mais nada, como judeus israelenses. (MAISONNEUVE, 2019, p.122)

Sobre Jerusalém a autora esclareceu que ela é cidade santa para os judeus pelos motivos de sua história; para os cristãos, por ser o local da morte e ressurreição de Jesus; para os muçulmanos, porque Maomé teria passado por ela antes de subir ao sétimo céu. Entrelaçadas em um espaço geográfico pequeno as três religiões monoteístas reivindicam um direito sobre esta cidade o que gera grandes conflitos.

Em Jerusalém, um lugar de confluência para os judeus é o Muro Ocidental, chamado por alguns de Muro das Lamentações. É um lugar em que se faz memória ao Templo destruído. Por muitos anos, os judeus não tinham acesso ao local. Somente a partir da Guerra dos Seis Dias, em 1967, é que readquiriram o direito a este acesso. É neste local, que diferentes grupos se reúnem na sexta-feira para receber a noiva, *Shabat*, e onde muitos celebram sua maioria religiosa, o *Bar-mitzvah*. Maisonneuve deu destaque a dois grupos dentre os muitos que compõem a face religiosa de Jerusalém: os ortodoxos e os messiânicos. Segundo ela, “[...] os religiosos de tendência ortodoxa, vestidos de preto, multiplicam-se ali. Eles têm suas próprias escolas, reconhecidas pelo Estado e alguns deles moram bem no coração de Jerusalém, reagrupados no setor que chamamos de *Mea Shearim*” (2019, p.123-124). Este bairro por ter características singulares foi destacado pela autora em um quadro da página 124 (2019) e que anexamos na sequência:

**Mea Shearim**

Segundo Gn 26,12, esse nome "as cem portas", tem uma conotação de abundância. Evoca muitas comunidades agrupadas por origem (poloneses, romenos, húngaros e iemenitas).

No meio desse bairro, o mais ortodoxo dos ortodoxos, chamados "guardiães da cidade", recusam a nacionalidade israelense: "não se pode ser cidadão de um estado se a lei não for a Torá!" Eles falam iídiche, a fim de não usar no cotidiano, para as coisas profanas, o hebraico, língua "sagrada". Para se assegurar que a santidade do dia do *Shabat* não seja perturbada por algum comportamento contrário à *Halakhá*, eles fecham o bairro, desde a tarde da sexta-feira até o sábado à tarde.

Os "ultra ortodoxos" têm normalmente muitos filhos. Eles vivem modestamente do pequeno comércio, consagrando a maior parte do tempo ao estudo da Torá. Esse amor a Torá os faz respeitados pela grande maioria dos judeus.

A autora apontou um outro grupo: “Na outra ponta das tendências religiosas, encontram-se os judeus messiânicos.” (2019, p.124). Não são reconhecidos pelo judaísmo

oficial e tradicional, mas não é negada sua existência. Se desenvolveram nos Estados Unidos, depois da Segunda Guerra Mundial. Eles reconhecem Jesus como Messias, mas não se relacionam com nenhuma Igreja institucionalizada. Instituíram seu próprio batismo, tem sua própria partilha da Palavra, seguem o calendário judaico e as atividades judaicas cotidianas. Vivem à margem da comunidade judaica e da comunidade cristã, mas com elas dialogam.

Quanto à educação, a autora esclareceu que, em Israel, há escolas leigas, com programa do Ministério da Educação que agrega o estudo do *TaNaKh* e de grandes comentaristas; escolas *talmúdicas* que são chamadas de *yeshivot*, plural de *yeshivá*, que contemplam o estudo da *Torá* no plano da Escritura e Tradição oral. Na maior parte delas, os alunos são internos. Nos últimos anos, há escolas que começaram a aceitar meninas para o estudo da *Torá*. A estas dá-se o nome de *midrashot*. A autora acrescentou a informação de que na França, local de sua residência, não há escolas que ensinam a *Torá* em tempo integral, mas há aquelas que integram o ensino de *Talmude-Torá* introduzindo os alunos na prática cotidiana das *mitzvot*. Ainda como parte da educação, destacamos a informação sobre as festas que a autora disse terem sido agregadas às já existentes. São elas: O dia da Independência; o dia de Jerusalém, símbolo da Terra reencontrada; o dia da *Shoah* e o dia da Lembrança de todas as vítimas das guerras e dos atentados que se sucederam desde a criação do Estado. Faz-se estas lembranças para que dramas como o da *Shoah* não caiam no esquecimento, correndo o risco de repetir-se. Ela lembrou do importante espaço de estudo chamado *Yad va-Shem* sobre uma colina de Jerusalém que, além de ser um Museu como espaço de memória, “é um Instituto para a memória dos mártires e dos heróis da *Shoah*.” (2019, p.126).

A respeito da língua dos judeus, Maisonneuve explicou que a língua hebraica é a língua do presente e do passado. É falada em Israel e foi a língua empregada na *Torá*. A língua teve uma história difícil e incomum. Durante séculos foi resiliente como é a identidade judaica. Foi suplantada pelo aramaico; restaurada na época de Esdras; retomada junto ao aramaico; substituída pelo grego; proibida como língua falada, mas preservada quando acobertada pelas orações e estudos. Atravessou séculos submersa até chegar no século XIX e ser resgatada por Eliezer Ben Yehudah, também conhecido como Ahad haAm - um do povo - judeu que foi para Palestina com o projeto de restaurar a língua de seus ancestrais. A autora registrou que:

A preço de esforços inusitados, forjaram uma língua moderna a partir de dados conhecidos: de um lado, o vocabulário do *TaNaKh* e do outro, a sintaxe da língua da tradição oral dos primeiros séculos, conhecida como língua *mishnaica*, da *Mishná*. (MAISONNEUVE, 2019, p.127)

Com muito esforço e criação de novas palavras, a língua hebraica ressurgiu. Há a Academia de Língua Hebraica, em Israel, que continua a criar palavras desviando o hebraico dos estrangeirismos. *Ulpan* ou no plural *Ulpanim* são escolas que ensinam hebraico aos imigrantes. Maisonneuve concluiu este tópico opinando sobre o grande questionamento: qual a língua que Jesus falava? Ela escreveu: “[...] ele falava o aramaico. Porém, durante a sua vida pública, em Jerusalém, ele se dirigiu a todos os que chegavam, bem como às pessoas instruídas cuja língua era o hebraico. É razoável pensar que Jesus era bilíngue.” (2019, p.127).

Maisonneuve finalizou este capítulo com duas observações geralmente formuladas por não judeus. A primeira: por que muitos judeus permanecem na diáspora? Ao que ela respondeu de forma objetiva: “Ora, cada um tem as suas razões para permanecer na diáspora ou para imigrar a Israel.” (2019, p. 128). A segunda refere-se à existência ou não do proselitismo judaico. A autora afirmou:

Esse proselitismo não diz respeito aos não-judeus. Os rabinos, no seu conjunto, recusam-se a toda conversão por razão de conveniências pessoais ou de puro oportunismo: casamento, *aliyá*. O motivo deve ser desinteressado. (MAISONNEUVE, 2019, p.129)

Apontamos a importância deste breve panorama sobre Israel, onde é criado um espaço de possível alteridade, para que os leitores frente a esta narrativa possam armazenar elementos com a finalidade de desconstruir a imagem da Israel imaginária, elaborada por parte da sociedade atual, em que se apaga a diversidade existente.

*Depois do Vaticano II* é o título do capítulo VIII. Dominique de La Maisonneuve iniciou o capítulo declarando o caráter revolucionário da *Nostra Aetate* e sua ineficiência junto aos cristãos: “O germe da revolução, contido na *Nostra Aetate*, não abalou ainda a cristandade.” (2019, p. 131). O porquê desta ausência de efeito deste documento junto aos cristãos foi brevemente explorado. A autora escreveu que, em princípio, os textos do Concílio Vaticano II foram ignorados, talvez pela dificuldade de sua compreensão; em segundo lugar, porque mudanças de mentalidade exigem tempo; acrescentou a existência de verdades inquestionáveis na mentalidade cristã. Ela alertou para o questionamento que deveria ser o mais profundo: a origem da identidade cristã. Fazendo citações de pronunciamento de cardeais e padres da Igreja, ela justificou a necessidade primordial do estudo do Primeiro Testamento, pois, segundo suas palavras: “É necessário fazer do Primeiro Testamento uma leitura positiva. Ela conduzirá a não mais considerá-lo como caduco, ou antigo.” (2019, p.132). Arelada a esta leitura judaica dos livros escritos por judeus, a autora introduziu o

Jesus-judeu que discute, como judeu que é, as diferentes interpretações destes livros. Segundo palavras da autora: “Autêntico mestre, ele não se contenta em repetir o que os outros disseram, como manda a tradição farisaica. Ele deu novo significado às palavras no Primeiro Testamento, a fim de atualizá-las e a autoridade com a qual ele fala espanta seus seguidores conforme o livro de Mateus, capítulo 7, 28-29.” (2019, p.133).

Maisonneuve evidenciou a importância da existência do povo judeu pois: “Foi pelo povo de Israel que a fé no Deus Único foi inscrita na história da humanidade.” (2019, p.134), e, não tendo ele sido exterminado pelas inúmeras tentativas cristãs em fazê-lo desaparecer, continua sendo de vital importância para que esta tradição e crença religiosa continue viva em nossos dias. Quanto aos cristãos, na tentativa de que possam entender a raiz cristã nas Escrituras judaicas, a autora fez o cotejo de alguns textos nas páginas 135 e 136, como: o Catecismo da Igreja Católica, artigo 528; o livro de Mateus capítulo 2, 4-6; o sermão 3 de Léon – o Grande, que utilizam a Epifania como passagem onde só é possível enxergar Jesus como o Messias se as atenções forem voltadas para os judeus e as Sagradas Escrituras. Acrescentou palavras do Papa João Paulo II, representando a Igreja, ao referir-se ao povo judeu: “o povo de Deus da Antiga Aliança que jamais foi revogada” (MAISONNEUVE, 2019, p.136). Maisonneuve reconheceu que “Esta conversão da Igreja, vista de longe pela comunidade judaica com certa desconfiança, tem, aos poucos, conquistado os seus membros.” (2019, p.136).

Ela citou alguns eventos ocorridos durante as celebrações dos Cinquenta Anos da *Nostra Aetate* quando, do lado cristão, houve a publicação de um novo documento intitulado “*Os dons e os chamados de Deus são irrevogáveis*” publicado em 10 de dezembro de 2015 e de outro lado, a publicação de uma declaração de autoridades judaicas de título “*Fazer a vontade de Nosso Pai celeste*” em 03 de dezembro de 2015. Apesar deste encontro de publicações em que as duas partes se apresentam dispostas a aprofundar as relações de aproximação entre cristãos e judeus, Maisonneuve apontou alguns pontos de fragilidade.

Primeiro no que compete ao trabalho missionário da Igreja de ir a todas as nações ensinar, a autora sutilmente indicou um caminho: “Em virtude do peso da história, as palavras cristãs tiveram pouca audiência no meio do povo judeu. Em vez de falar, seria importante somente viver o Evangelho” (2019, p.138).

Um segundo ponto são as reticências do povo judeu em relação aos cristãos. Segundo a autora, há declarações de representantes oficiais dos judeus reconhecendo a *Nostra Aetate* como “passo decisivo na história da Igreja” (2019, p.139). Maisonneuve citou a fala do Grão-Rabino Kaplan, da França: “A Igreja reconhece que a religião cristã nasceu do judaísmo e que

o judaísmo manteve por séculos a transcendência divina”. (2019, p.138). No entanto, fora da esfera oficial, é difícil para o judeu entender a relação hierárquica dentro da Igreja, o que os leva “a crer que todos os cristãos pensavam como o papa e que todos os atos dos cristãos eram autenticados pelo papa.” (2019, p.139). Desconfiança explicável, dados os séculos de perseguições.

No percurso pós *Nostra Aetate*, Maisonneuve apontou alguns eventos que tiveram repercussão atrapalhando a trajetória de aproximação. A instalação de um convento de carmelitas polonesas dentro de um espaço que foi um depósito de gás em Auschwitz, em 1984, foi motivo para o desentendimento, pois para os judeus este lugar deveria ficar deserto, maldito por ter sido a morte quem triunfou ali. O convento mudou-se dali em 1992. Um outro momento foi quando uma Bíblia traduzida do espanhol para o francês, vendida por um preço bem acessível, trazia, em suas notas, pontos da teologia de substituição e do antissemitismo. O episcopado francês proibiu a difusão dessa Bíblia.

Mesmo tendo os fatos acima e outros que não fazem parte desta narrativa levantado suspeitas quanto a intencionalidade existente na *Nostra Aetate*, o ponto frágil nesta relação tem o nome de “Messias”. O fato de Jesus já ter concretizado para o cristão a vinda do Messias, e o judeu continuar em sua espera pelo mesmo Messias anunciado, é, segundo a autora, a “pedra no sapato” que parece impossibilitar esta real aproximação. São dois mil anos de história onde os dois grupos continuam firmes, cada qual em sua crença. Neste momento da narrativa, Dominique de La Maisonneuve fez referência à cruz; a cruz de Cristo; a cruz do sinal que marca os cristãos. Na citação a seguir, são palavras de Maisonneuve que criaram uma narrativa dolorida para os judeus:

Entretanto, por causa da cruz, a acusação de deicidas perseguiu os judeus ao longo dos séculos. Foi em nome da cruz que os Cruzados, em seu caminho em direção a Jerusalém, massacraram cidades judaicas inteiras e incendiaram as sinagogas deles. Foi em nome da cruz que muitos judeus foram perseguidos, foram batizados à força, foram exilados da humanidade. Ainda, uma cruz de sete metros de altura foi levada a Auschwitz e posta no mesmo local do campo, no mesmo galpão onde havia o estoque de gás das câmaras de morte. Pode-se entender que este “sinal de amor” pelos cristãos seja insuportável para os judeus que mantêm a memória da história até onde alcança a sensibilidade deles. (MAISONNEUVE, 2019, p.142).

Como fechamento da breve, mas profunda narrativa tendo como objetivo apresentar a tradição e cultura judaicas aos não judeus, Maisonneuve citou os casamentos mistos, entre judeus e não judeus, que ocorrem cada vez mais, principalmente na diáspora. Ela esclareceu que apesar de civilmente reconhecidos dentro de seus países, não são aceitos para os ortodoxos. A autora também fez um paralelo com casamentos religiosos entre cristãos.

Segundo ela, o mesmo ocorre no lado cristão, porque, caso um dos envolvidos não seja batizado, o sacramento não ocorrerá dentro da Igreja.

“Não és tu que carregas a raiz, é a raiz que te leva. [Rm 11,18].” (2019, p.145). É tomando posse das palavras do apóstolo Paulo, que Maisonneuve iniciou a conclusão, parte final de seu livro. Fiel à narrativa iniciada e desenvolvida, ela retratou os efeitos teológicos deste discurso de Paulo às nações. Colocou-o como atual depois de dois mil anos. Destacou a necessidade da Igreja de estar em constante estado de conversão para a verdade. Com relação às ações para mudança nas relações da Igreja com o judaísmo, declarou que o caminho da reconciliação está aberto. Ela expôs ações de João Paulo II, depois da *Nostra Aetate*, para que possamos nos inteirar, tais como:

13 de abril de 1986: Reencontro com o Rabino Chefe Elio Toaff na sinagoga de Roma. Por dois mil anos, um Papa jamais havia entrado em uma sinagoga. 17 de novembro de 1980 em Mayence [Mogúncia]: “A Antiga Aliança jamais foi revogada”. 1985, diante dos dirigentes da *B'nai B'rith*: “O diálogo entre os católicos e judeus é necessário para reatar o laço único entre católicos e o povo de Abraão”. Janeiro de 1987, aos judeus de Varsóvia: “Vocês são sempre os herdeiros do povo eleito de Deus”. 29 de janeiro de 1995: “Nós nos lembramos, uma reflexão sobre a *Shoah*” [...]. Sexta-feira Santa em 1999, no caminho da Cruz em Roma: “Perdoamos, Senhor, pois crucificamos o povo judeu muitas vezes no passado”. 26 de março de 2000: São João Paulo II coloca um bilhete nas pedras do Muro Ocidental com esta oração: “Deus de nossos pais, você escolheu Abraão e seus descendentes para que Seu nome seja levado aos povos: estamos profundamente entristecidos pelo comportamento daqueles que, no curso da história, os fizeram sofrer, estes que são teus filhos, pedimos perdão, queremos nos comprometer a viver uma verdadeira fraternidade com o povo da Aliança”. MAISONNEUVE, 2019, p. 146).

A autora afirmou que tanto o Papa Bento XVI, quanto o Papa Francisco seguiram este caminho de ações reconciliatórias deixado por João Paulo II. Ela também informou que “enquanto isso, os episcopados europeus estão revendo a história de seu próprio país” (2019, p.146). Ela citou ações implementadas na França, exemplificando através do Ato de arrependimento do episcopado francês do dia 30 de setembro de 1997, em *Drancy*.

Finalizando, Maisonneuve concluiu sobre a herança deixada por Deus para judeus e cristãos:

Hoje, dois povos, o povo judeu e a Igreja, encontram-se dotados da mesma herança, encarregados da mesma missão. Nenhum dos dois pode se tornar o outro, mas cada um pode reconhecer em face do outro um irmão, porque são filhos do mesmo Pai. (MAISONNEUVE, 2019, p.148).

Somam-se, às citações feitas por Maisonneuve, as palavras do Rabino Gilles Bernheim no livro *Um rabino na cidade* (1997, p. 210): “Há problemas vividos, não resolvidos. É o caso de uma identidade diante à outra identidade.” (2019, p.148).

Encontramos na conclusão da própria autora, Dominique de La Maisonneuve, as palavras para terminar esta apresentação de seu livro:

E a vida é feita tanto de palavras, quanto de ações. Das palavras, o diálogo deve ser aprofundado. Falar é se ver, é se reconhecer. Um diálogo verdadeiro é escutar o outro, é respeitar o outro na maneira como ele pensa e no que ele questiona. (MAISONNEUVE, 2019, p.148)

Ao término desta apresentação nos é possível afirmar que o livro *Le Judaïsme* se encontra dentro do gênero secundário, segundo observações pautadas em conceitos Bakhtinianos, onde a linguagem simples de Dominique de La Maisonneuve atinge o seu objetivo de levar elementos de uma tradição cultural a outra. O estilo informal adotado pode aproximar o leitor cristão de elementos da cultura judaica que se apresentam condensados, mas com os aprofundamentos necessários para uma eficaz compreensão do enunciado. Enquanto parte de uma cadeia discursiva, ao mesmo tempo que este texto se posiciona como um ato responsivo ao texto da *Nostra Aetate*, artigo 4º, ele ativa no ouvinte uma atitude responsiva que poderá acontecer em forma de discursos subsequentes ou em atos comportamentais. Ao que indica Bakhtin (2016, p.23) em seu livro *Gêneros do discurso*: “Na maioria dos casos, os gêneros da complexa comunicação cultural foram concebidos precisamente para essa compreensão ativamente responsiva de efeito retardado”.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja Católica, ao publicar a declaração *Nostra Aetate*, artigo 4º, trouxe um texto que se contrapõe a todas as publicações de concílios anteriores. Como se demonstrou nesta pesquisa, foram dezesseis séculos em que os concílios deliberaram graves determinações contra o povo judeu causando sofrimento, perseguições e mortes que, associadas a interesses políticos e econômicos, culminaram em ideias utilizadas como propaganda para se fomentar o maior genocídio da história ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial: o Holocausto.

O concílio seguinte ao Holocausto, Concílio Vaticano II, que ocorreu apenas duas décadas depois do término da II Guerra Mundial, trouxe em sua mensagem a palavra “diálogo”. Seus documentos anunciavam uma mudança de posição por parte da Igreja possivelmente atendendo a uma demanda do mundo moderno. O questionamento foi inevitável: com quem a Igreja quer dialogar? O diálogo mais difícil de ser estabelecido nos pareceu ser apontado pelo Artigo 4º da *Nostra Aetate*: com o judaísmo.

A necessidade de estudos sobre a recepção destes documentos foi registrada em um dos textos que constam no livro *O Concílio Vaticano II Como Evento Dialógico: o pensamento de Mikhail Bakhtin e o discurso religioso na contemporaneidade*, (2021), resultado do Seminário Internacional “O Concílio Vaticano II Como Evento Dialógico”, ocorrido em julho de 2013 na Universidade São Carlos. Segundo CALDEIRA<sup>65</sup>, há um amplo campo a ser estudado nos documentos conciliares quando se tem nas bases discursivas e linguísticas os pressupostos teóricos para análise do objeto de estudo. Segundo as palavras do autor:

Estou cada vez mais convencido de que se faz necessário o desenvolvimento de estudos sobre o concílio, seus textos e recepção, que levem em conta, primeiramente, os aspectos epistemológicos, linguísticos e argumentativos envolvidos na questão de sua interpretação. [...] Levar em conta, portanto, a dinâmica por quais nossas ideias e crenças são perpassadas em relação ao evento histórico não pode ser desprezado. Esses são, a meu ver, os desafios para o historiador do Vaticano II e de sua recepção. (CALDEIRA, 2021, p.241)

Convencidos desta necessidade traçamos um caminho conciliar para ser o fio condutor do estudo das relações entre o cristianismo e o judaísmo. Desta forma, como resultado deixamos registrado um material onde se pode observar o discurso da *Nostra Aetate*, artigo 4º,

---

<sup>65</sup> Rodrigo Coppe Caldeira autor do texto: *O concílio Vaticano II como “evento linguístico”: a contribuição de John W. O’Malley* que faz parte do livro resultante do Seminário Internacional citado.

contextualizado e conectado com seu passado, tendo como pressupostos teóricos para análise dos documentos as discussões sobre linguagem do círculo de Mikhail Bakhtin.

Ainda dentro deste campo linguístico, uma outra questão que esta pesquisa suscitou foi a respeito das vozes que estão presentes neste artigo da declaração *Nostra Aetate*. A primeira voz que procuramos ouvir foi a da própria Igreja que assina e atesta esta declaração. A resposta que obtivemos vem do fato de termos o fio condutor já citado anteriormente, os concílios ecumênicos desde Niceia até Vaticano II, que nos auxiliou a traçar uma identidade para a Igreja.

Alertados pelas ideias do círculo Bakhtiniano que Volóchinov nos aponta no livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017, p.205) onde o “um” só é “construído” a partir do outro, buscamos as narrativas judaicas para o mesmo período. Foi preciso fazer com que estas narrativas trocassem olhares e se conhecessem. A partir deste movimento, nos pusemos a escutar estas vozes e trançamos em nossa pesquisa uma história produzida a partir das relações de encontros e desencontros entre cristãos e judeus que, nestas últimas décadas, tentam se aproximar.

O resultado desta troca de olhares nos permitiu registrar de um lado o olhar de assombro do mundo judaico para o mundo cristão representado pela Igreja, pois na história destas relações temos os rastros de uma instituição que, aliada ao poder político, lutou pela sua soberania e hegemonia durante séculos na tentativa de incutir sua fé, crença e costumes convertendo ou exterminando quem portasse ideias diversas às suas, em especial os judeus.

De outro lado, ao chegarmos na modernidade, vimos uma Igreja institucionalizada sendo pressionada pelo mundo moderno a abrir suas portas e colocar a palavra diálogo em sua voz. De modo muito tímido, ela o fez através de uma declaração conciliar, mas as vozes que ecoaram em suas linhas não passaram despercebidas em nossa análise. Seguimos estas vozes em busca da origem da crença cristã desta Igreja e a encontramos na tradição judaica.

Registramos estudos que apontam os interesses que levaram Império e Igreja a separar as comunidades que conviviam entre estas duas crenças e tradições. Confirmamos em registros de historiadores como Flávio Josefo, Anita Novinsky, Léon Poliakov, Raymond P. Scheindlin e Jules Isaac os desencontros marcados a partir desta separação, mas também anexamos os registros de boa convivência entre estes grupos na simplicidade de suas vidas cotidianas sem a interferência de grupos mais empoderados.

Verificamos que, quando em fase de institucionalização, os líderes cristãos optaram, segundo interesses políticos e econômicos, por exterminar sua raiz judaica para que o seu ramo cristão fosse o único a vingar e dominar as nações. Unindo a propagação da ideia de um só Deus, que é ao mesmo tempo onipotente e onipresente, à ideia de que este Deus tem ações concretas como a de colocar no poder tanto os representantes da Igreja quanto os representantes do poder político, esta Igreja se investiu da força da palavra para aniquilar quem atentasse contra sua soberania. De início se instrumentalizaram de palavras que, segundo eles, vinham do próprio Deus. Posteriormente, foram instalados os debates públicos entre cristãos e judeus onde um dos lados seria proclamado vencedor sob o olhar e aprovação do poder. Quando estas palavras entraram para o interior de igrejas já institucionalizadas, elas assumiram a forma de homilias que compuseram a catequese antijudaica da Igreja. Esta necessidade de hegemonia cresceu e se propagou para outros territórios geográficos.

Igreja e monarquias que possuíam exércitos, uma vez aliados, uniram forças. Deixando as palavras, se apossaram de armas e através da violência desencadearam as dispersões forçadas de judeus com o abandono e o confisco de bens, perseguições, mortes violentas como enforcamento ou queima em fogueiras, a obrigatoriedade do uso de identificação da origem judaica e o isolamento em guetos. Os judeus também foram proibidos de se movimentar livremente ou de exercer atividades para sua própria subsistência o que fez com que alguns membros do povo escondessem sua identidade como forma de sobrevivência.

Voltando nosso olhar para a resistência da tradição judaica, foi possível registrar a narrativa de um povo que, apesar de viver por séculos dentro deste ciclo de perseguições, soube preservar suas tradições e suas crenças dando continuidade às mesmas e estruturando sua identidade a partir da resiliência e da prática repetitiva destas tradições, como atestam as palavras de Sérgio Feldman:

[...] entender como o povo do livro articulou estratégias de resistência cultural. As orações diárias, das festas e as leituras das Escrituras são repetições de ensinamentos que ecoam na mente dos fiéis. O cotidiano seja diário, semanal ou anual, com suas orações, celebrações de festas é um microcosmo que espelha uma visão judaica do mundo. (FELDMAN, 2022, p.29)

Acrescentamos o fato de que a palavra nunca foi abandonada pelo povo judeu e nem trocada por armas. A partir da observação e estudos desta resistência às perseguições, é possível dizer que esta seja uma das grandes razões pelas quais a tradição judaica tenha sobrevivido. Esta tradição não estava impressa somente nos livros queimados como vimos nas

narrativas históricas. Estava nas mentes sábias que preservaram a cultura do estudo dos livros e que eternizaram estes saberes para que sobrevivessem à passagem do tempo.

Mesmo tendo este histórico de relações difíceis se estendido por séculos registramos a aproximação entre indivíduos das duas tradições, cristã e judaica, que não ocupavam lugares de poder dentro de suas comunidades. Eles protagonizaram a quebra destes ciclos criando uma fenda onde o processo de aproximação institucionalizado pudesse passar. Particularizamos este amplo e complexo processo focalizando um caso que os representasse e exemplificasse e o encontramos na figura de Jules Isaac.

Destacamos a relação de amizade deste historiador francês judeu, mencionado no corpus de nossa pesquisa, com Charles Péguy, reconhecido poeta e editor francês cristão. Identificamos nesta relação ocorrida entre o final do século XIX e início do século XX, um arquétipo de transformações que vem em oposição à longa trajetória de relações de distanciamento entre estas duas tradições promovidas pelas perseguições da Igreja contra os judeus. A partir desta proximidade é que Jules Isaac pôde se introduzir no pensamento cristão e, a partir desta aproximação, criar subsídios para lutar contra a catequese antijudaica da Igreja que ao seu ver disseminou ódio, fomentando o Holocausto no qual ele perdeu sua família.

O ponto de inflexão para a mudança desta catequese da Igreja que apresentamos foi a Conferência de Seelisberg em 1947. A partir deste evento podemos destacar os nomes de Jules Isaac, Paul Démann, entre outros, que muito antes do que apontam algumas pesquisas, já trabalhavam para que ações de diálogo entre cristãos e judeus, propostas no artigo 4º da Declaração *Nostra Aetate*, viessem a acontecer. Isto demonstra que no texto declarado pela Igreja ocorreu a apropriação de um discurso que já vinha sendo desenvolvido há quase duas décadas.

Foram as vozes de Jules Isaac e Paul Démann, dentre outras, que quisemos reconhecer e registrar como fundantes de um movimento que amadureceu e oportunizou a inclusão deste tema dentro do Concílio Vaticano II. Para ilustrar a importância destas participações registramos as palavras de Edward K. Kaplan ao referir-se à participação de Jules Isaac no processo de aproximação entre cristãos e judeus: “O historiador Jules Isaac, [...] foi um dos fundadores da Amizade Judaico-Cristã e esteve na origem dessa reaproximação.” (KAPLAN,

2008, p. 114, tradução nossa)<sup>66</sup> ; e as palavras do historiador Menahem R. Macina, já citadas no capítulo 4 desta dissertação, ao reproduzir a homenagem póstuma de Gerhart Riegner, ex-secretário-geral do Congresso Judaico Mundial, a Paul Démann reconhecendo sua importância no processo de combate à catequese antijudaica da Igreja:

Através de sua obra, seus artigos e suas reflexões, o Padre Démann deve ser considerado como um dos que levaram os círculos católicos a refletir sobre os problemas, tabu na época, da catequese cristã sobre os judeus e seus efeitos sobre a consciência. (MACINA, 1999, p.439, tradução nossa)<sup>67</sup>

Entendendo o livro *Le Judaïsme* como ato responsivo ao texto da *Nostra Aetate*, artigo 4º, é que o expusemos nesta dissertação. Tivemos como pressupostos teóricos as ideias de gênero de discurso discutidas pelo grupo de Mikhail Bakhtin o que tornou esta abordagem singular uma vez que Dominique de La Maisonneuve, autora do livro, faz parte da Congregação *Notre Dame de Sion*, instituição religiosa da Igreja Católica que tinha como propósito, no início de sua formação, a conversão de judeus; e que passou, após a *Nostra Aetate*, a trabalhar na propagação da necessidade de conhecimento e respeito à identidade judaica abandonando sua inicial posição proselitista.

A autora apontou, em entrevista que nos foi concedida e que se encontra registrada no Apêndice A desta pesquisa, que não chegou a vivenciar a época em que a Congregação tinha esta primeira intenção. A aproximação dela com o judaísmo veio depois da *Nostra Aetate*, como registramos no capítulo cinco. A declaração *Nostra Aetate* pedia um diálogo que se contrapunha a todo o aprendizado anterior da Igreja. A Congregação *Notre Dame de Sion* não sabia como reagir à *Nostra Aetate*, mas tinha consciência de que esta declaração pedia ação. Enviaram religiosos para Israel, onde desde 1863 já tinham uma comunidade formada, para estudar a língua hebraica e a história da tradição judaica, conforme nos esclarece Maisonneuve em entrevista:

---

<sup>66</sup> L'historien Jules Isaac, (...) avait été l'un des fondateurs de l'Amitié Judéo-Chrétienne, était à l'origine de ce rapprochement. (KAPLAN, 2008, p.114)

<sup>67</sup> Par son ouvrage, ses articles et ses réflexions, le Père Démann doit être considéré comme l'un de ceux qui ont amené les milieux catholiques à réfléchir sur les problèmes, tabous à l'époque, de la catéchèse chrétienne concernant les Juifs et des ses effets sur les consciences. (MACINA, 1999, p.439)

Elas me mandaram para Jerusalém e lá me disseram: bem, ouça. E eu disse: o que vou fazer em Jerusalém? E elas me responderam: Nós não sabemos! Aprenda. Se forme, mas você vai ver isso lá. Nós também não sabemos o que você deve fazer. Fui para Jerusalém onde encontrei o Irmão Pierre Lenhardt<sup>68</sup>. Você o conheceu? **Lúcia**: Sim, eu conheci! **Maisonneuve**: Vitório<sup>69</sup> também estava lá, Beo<sup>70</sup> não estava lá. Ele estava em Paris, eu o vi em Paris. (APÊNDICE A, p.135)

Ao terminar seus estudos em Israel, Dominique de La Maisonneuve retornou a Paris e começou sua trajetória junto às comunidades cristãs aproximando-as dos estudos judaicos. Em meio aos projetos desenvolvidos envolvendo a língua hebraica e as tradições judaicas ela lançou vários livros e dentre eles *Le Judaïsme*. O porquê da escolha deste entre outros livros para compor nossa pesquisa, o próprio título do livro em português esclarece: *Judaísmo simplesmente*. A autora, de forma simples, apresentou o que viveu e aprendeu com os judeus. Ela construiu uma ponte entre as duas culturas para que o cristão ao atravessá-la pudesse conhecer, na tradição judaica, a origem de sua própria tradição.

Em meio à lucidez de seus noventa e quatro anos e dentro do contexto teológico em que vive, ela esclareceu que só é cristão aquele que reconhece em Jesus “o judeu”, o que atestamos através de suas palavras:

Eu me converti ao judaísmo, você entende o que eu quero dizer? Sou cristã e me converti ao judaísmo pelo fato de que, como cristãos, não temos o direito de ignorar que Jesus é judeu e, portanto, que nossa tradição cristã tem raízes judaicas e é por isso que escrevi *Judaísmo simplesmente*<sup>71</sup>.(APÊNDICE A, p. 136)

Maisonneuve, em seu livro e em entrevista, nos deu seu parecer sobre a recepção da *Nostra Aetate*, afirmando que “O germe da revolução, contido na *Nostra Aetate*, não abalou ainda a cristandade” (2019, p.131). No capítulo VIII de *Judaísmo simplesmente* intitulado *Depois do Vaticano II*, e exposto nesta dissertação, ela fez uma análise da resistência por parte dos cristãos para a efetivação da proposta de diálogo sugerida. A autora apresentou em sua entrevista sugestões para o diálogo proposto. Dentre elas há uma sugestão que Maisonneuve apontou como fundamental: o estudo, mas alertou:

---

<sup>68</sup> Pierre Lenhardt (1927-2019), teólogo, especialista em judaísmo e religioso da congregação Notre-Dame de Sion desde 1963.

<sup>69</sup> Padre Vitório Maximino Cipriani, padre da Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion.

<sup>70</sup> Padre Jenuário Béó, padre da Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion.

<sup>71</sup> livro *Judaísmo: Simplesmente* (2017). Uma apresentação sintética do judaísmo, suas tradições, sua liturgia, sua referência à Torá, suas festas, seus ritos e suas relações com o cristianismo.

Há um trabalho, em primeiro lugar simples, mas colossal, uma tarefa muito grande e acima de tudo muito longa a ser feita. Você tem que sentar e estudar e aqui eu chego a um ponto muito importante: em nossa Igreja, na cristandade, nós não conhecemos o estudo. Nós não conhecemos o estudo como os judeus conhecem. (APÊNDICE A, p.143)

A vida e ações de Dominique de La Maisonneuve relacionadas à aproximação entre cristãos e judeus ganharam reconhecimento dentro das comunidades cristã e judaica em Paris onde ela vive. Registramos a cerimônia onde as religiosas Dominique de La Maisonneuve e Louise-Marie Niesz receberam o Prêmio *AJCF*<sup>72</sup> 2012, quando o Padre Patrick Desbois, em seu discurso de agradecimento no auditório superlotado do Colégio Bernardin, dirigiu-se a Maisonneuve:

A irmã Dominique, que não mede esforços quando ensina, prefiro dizer, transmite o hebraico! Foi preciso audácia para se especializar em “Hebraico Bíblico” e fazer disso seu dever. Aqui, novamente, um ensinamento enraizado na Tradição judaica viva para que os católicos que aprendem o hebraico através da língua, entrem um pouco no belo mistério do povo judeu. (DESBOIS, 2013, p.364, tradução nossa)<sup>73</sup>

No mesmo evento, dando validade ao reconhecimento da comunidade judaica quanto ao trabalho de Dominique de La Maisonneuve junto aos estudos judaicos temos, no documental discurso do Grande Rabino Alexis Blum sobre o movimento de aproximação entre cristianismo e judaísmo pós *Nostra Aetate*, cujo texto completo consta no Anexo A desta dissertação, as seguintes palavras destinadas a autora:

O Grande Rabino Charles Touati, meu professor de feliz memória, que também foi seu, querida Irmã Dominique, disse: “O Talmude continua sendo a coisa menos conhecida no mundo”. É em parte graças às irmãs do SIDIC que o Talmude não é mais tão incompreendido na França hoje. Mais do que um novo olhar sobre o judaísmo, há uma verdadeira virada positiva. (BLUM, 2013, p.371, tradução nossa)<sup>74</sup>

---

<sup>72</sup> Amitié Judéo-chrétienne de France .

<sup>73</sup> Sœur Dominique, qui ne connaît pas son exigence lorsqu'elle enseigne, je préfère dire, transmet l'hébreu ! Il en fallait de l'audace, il y a plusieurs décennies, pour se spécialiser en “hébreu biblique” et en faire son devoir. Là encore, un enseignement enraciné dans la Tradition juive vivante pour que les Catholiques qui apprennent l'hébreu par la langue, entrent un peu dans le beau mystère du peuple juif. Texto completo ANEXO B, p.156.

<sup>74</sup> Le Grand Rabbin Charles Touati, mon maître de mémoire bénie, qui fut aussi le vôtre, chère Sœur Dominique, disait: « le Talmud reste la chose au monde la moins bien connue<sup>74</sup> ». C'est un peu grâce aux sœurs du SIDIC que le Talmud n'est plus si méconnu en France aujourd'hui. Plus, qu'un nouveau regard sur le Judaïsme, il y a un véritable tournant positif. (SENS, 2013, p.371). Texto completo ANEXO A, p. 149.

Finalizamos nossas considerações referindo-nos brevemente ao momento pós *Nostra Aetate*, artigo 4º, documento que apesar de revolucionário não trouxe em suas linhas um discurso profundo, claro e reparador para fazer frente a toda a trágica trajetória histórica de dezesseis séculos de perseguições e destruições causadas pelos discursos anteriores da Igreja à vida das pessoas envolvidas com a tradição judaica.

Longo será o caminho para esclarecer, desfazer e refazer estas relações. Destacamos as palavras da autora do livro *Le Judaïsme* para que esta trajetória aconteça na forma de aproximação e diálogo do um com o outro, dentro de um espaço de alteridade e com o reconhecimento e respeito de suas culturas e singularidades. Segundo Maisonneuve, o tempo será o mediador deste diálogo:

a mentalidade da Igreja, sua maneira de pensar ainda não mudou e serão necessárias algumas gerações para que isso aconteça. Você sabe que existe uma história que diz (você já deve ter andado de bicicleta) quando você desce uma ladeira de bicicleta ela vai rápido, mas quando nós subimos ela leva o dobro do tempo, então a gente diz: nós descemos a ladeira em relação ao judaísmo durante 2000 anos e levaremos 4000 anos para subir. (APÊNDICE A, p.139)



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo. Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. **Estética da criação Verbal**. Introdução e tradução: Paulo Bezerra. São Paulo. WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **PARA UMA FILOSOFIA DO ATO RESPONSÁVEL**. São Carlos. Pedro & João Editores, 2017.

BARTHES, R. **Aula**. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BEN-SASSON, H.H. **HISTORIA DEL PUEBLO JUDIO**. Versão espanhola de Mario Calés. Madrid. Alianza Editorial, S.A., 1988.

BERGMANN E., 1938, **Um raio no céu azul**: as leis raciais na Itália. São Paulo. B'nai B'rith do Brasil, 2008.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Tradução dos textos originais. Introdução e notas traduzidas de La Sainte Bible, publicada sob a direção da École Biblique de Jérusalem. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BIZZOCCHI, A. **O universo da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2021.

BLUM, A. **Le Prix de l'A.J.C.F. 2012 à Soeur Louise-Marie Niesz et à Soeur Dominique de La Maisonneuve**, SENS, Paris, v. 379, p. 353-389, 2013.

BOGAZ, A.S., COUTO, M.A., HANSEN, J.H. **Patrística Caminhos da Tradição cristã**. São Paulo: Paulus, 2008.

BORGES, R.F.C., MIOTELLO, V. **O Concílio Vaticano II como evento dialógico: o pensamento de Mikhail Bakhtin e o discurso religioso na contemporaneidade**, São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

BRAIT, B. (org.). **BAKHTIN conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2020.

BRAIT, B. (org.) **BAKHTIN outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2018.

CONGREGACAO DAS RELIGIOSAS DE N. SENHORA DE SION. Comissão do Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso da Arquidiocese de São Paulo – **Diálogo da Igreja Católica com o Judaísmo: Documentação Básica**. CEDRA. São Paulo : Loyola, 1997, 2010.

DALTROFF, Jean. **Les Ratisbonne** : à Strasbourg, Paris et Jérusalem au XIX siècle Regards croisés au début du XXI siècle. Bernardswiller : ID-L'Édition, 2017.

DERRIDA, J. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. Tradução Fábio Landa com colaboração de Eva Landa. São Paulo : Perspectiva, 2015.

DESBOIS, P. **Le Prix de l'A.J.C.F. 2012 à Soeur Louise-Marie Niesz et à Soeur Dominique de La Maisonneuve**, SENS, Paris, v. 379, p.364-366, 2013.

FELDMAN, S.A. **As Origens do antijudaísmo cristão**. São Paulo : Pluralidades, 2022.

FERREIRA, R. ; MIOTELLO V. (organizadores). **O Concílio Vaticano II como Evento Dialógico** : O pensamento de Mikhail Bakhtin e o discurso religioso na contemporaneidade. São Carlos : Pedro & João Editores, 2014.

HEINE, H. **Tragödien: nebst einem lyrischen Intermezzo** - Página 148. Berlim : Hoffmann und Campe, 1823.

ISAAC, J. **Jesus e Israel**. São Paulo: Perspectiva S.A., 1986.

KAPLAN, E. K. **ABRAHAM HESCHEL Un prophète pour notre temps**. Paris: Albin Michel, 2008.

KESSLER, Edward. **I am Joseph, your brother: a jewish perspective on Christian Jewish relations since Nostra Aetate n. 4**. Theological Studies, 2013.

KIRSCHBAUM, S. **Adversus Iudaeos ISIDORO DE SEVILHA**. Revista Devarim, p.45-50, 2013.

LAURENTIN, R. **ALPHONSE RATISBONNE : Vie authentique**. Paris : O.E.I.L, 1986.

LAURENTIN, R. **Le 20 janvier 1842 MARIE APPARAÎT à Alphonse Ratisbonne**. Paris : O.E.I.L, 1991.

LEONE, A. **O humanismo sagrado como crítica da modernidade em Heschel**. Revista Cadernos de Sion. São Paulo. v.3, n.2, p.7-30, 2022.

MACINA, M.R. **Le Rôle de Paul Démann à Seelisberg**, SENS, Paris, v 241, p.434-439, 1999.

MAISONNEUVE, Dominique de La. **Le judaïsme**. Paris : Les Éditions de L'Atelier, 1998, 2007, 2017.

MAISONNEUVE, Dominique de La. **Judaísmo simplesmente** “A salvação vem dos Judeus”. São Paulo: Fons Sapientiae, 2019.

MEMORIAL DE LA SHOAH, **Les Églises et La Shoah**, Paris: 2022.

NETO, M.F.M. **Por trás das escrituras**: Uma introdução à exegese judaica e cristã. In: RAMOS, M.S. **Por trás das escrituras**: Uma introdução à exegese judaica e cristã. Prefácio. 13-14. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2016.

NOVINSKY, A. **A inquisição**. São Paulo: Brasiliense S.A., 1986.

POLIAKOV, Léon, **De Cristo aos Judeus Da Corte**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

RAPHAEL, F. **Les Juifs D'Alsace et de Lorraine de 1870 à nos jours**. Paris: Éditions Albin Michel, 2018.

RAPHAEL, F. (org.). **Juifs d'Alsace au XX<sup>e</sup> siècle**. Strasbourg: Éditions La Nuée Bleue/Éditions du Quotidien, 2014.

RATISBONNE, Théodore. **Mes Souvenirs**, Roma, Les Presses monastiques, Collection-Sources de Sion, 1966. Versão em português: **Evocações**. Roma: Maison Généralice

RIBEIRO, Donizete Luiz. RAMOS, Marivan Soares. (Org.) **Jubileu de Ouro do diálogo Católico-Judaico: Primeiros Frutos e Novos Desafios**. São Paulo: Fons Sapientiae, 2019.

SCHEINDLIN, R.P. **História Ilustrada do Povo Judeu**. Rio de Janeiro. Ediouro, 2003.

SOBRAL, A. **Ato/atividade e evento**. In: BRAIT, B. (org.) **BAKHTIN conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2020.

TODOROV, T. **A Literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2019.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem (Círculo de Bakhtin)**. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo. Editora 34, 2018.

A CONFERÊNCIA DE SEELISBERG, **Ten Points of Seelisberg**. Disponível em: <<https://friendsofsion.org.br/index.php/international-council-of-christians-and/>>. Acesso em: 03 de mar. 2020.

ARAÚJO M., DIAS I., **Entrevista com o professor Valdemir Miotello sobre Bakhtin e as perspectivas para as pesquisas na área da educação**. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/4812>> acesso em 07 de abril de 2023.

BEA A.; HESCHEL A., **encontro diálogo cristão judaico** (1963). Disponível em: <<http://escravasdemaria.blogspot.com/2013/08/a-origem-do-concilio-vaticano-ii-e.html>> acesso em 07 de dezembro de 2020.

CIRDIC, **Apostolat catholique et travail social en milieu juif**. Disponível em: <<http://www.cirdic.fr/index.php/2020/03/03/apostolat-catholique-et-travail-social-en-milieu-juif/#more-3581>>. Acesso em: 16 de maio 2020.

DEUTSCH C., **Journey to Dialogue: Sisters of Our Lady of Sion and the Writing of Nostra Aetate** (2016) Disponível em:

< <https://ejournals.bc.edu/index.php/scjr/article/download/9590/8521/>> Acesso em: 13 de outubro de 2020.

FAGGIOLI, M. **Nostra Aetate após 50 anos: História, e não só memória, do Vaticano II**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/548516-nostra-aetate-apos-50-anos-historia-e-nao-so-memoria-do-vaticano-ii>>. Acesso em: 29 de jan. 2021.

FAINGOLD, R. **Judeus durante a Primeira Cruzada**. Disponível em <<http://www.morasha.com.br/historia-judaica-na-antiguidade/judeus-durante-a-primeira-cruzada.html>> Acesso em: 03 de abril de 2022.

HEINE, H. **Almanson**< [https://books.google.com.br/books?id=cQR-hS9rW9sC&printsec=frontcover&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=cQR-hS9rW9sC&printsec=frontcover&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)> acesso em: 13 de junho de 2022.

JCRELATIONS. **Homenagem a Dominique de La Maisonneuve**. Disponível em: < <https://www.jcrelations.net/es/article/premio-ajcf-2012-a-las-hermanas-de-sion-louise-marie-niesz-y-dominique-de-la-maisonneuve.html>> acesso em 29 de abril de 2023

MAISONNEUVE, D. De La, **Juifs et Chrétiens racines communes dialogues futurs** – disponível em <[https://akadem.org/sommaire/themes/histoire/relations-judeo-chretiennes/dialogue-inter-religieux/juifs-et-chretiens-racines-communes-dialogues-futurs-17-03-2015-68427\\_122.php](https://akadem.org/sommaire/themes/histoire/rerelations-judeo-chretiennes/dialogue-inter-religieux/juifs-et-chretiens-racines-communes-dialogues-futurs-17-03-2015-68427_122.php)> Acesso em : 29 de abril de 2023

NOTRE DAME DE SION, **Nos débuts**. Disponível em:< <https://www.notredamedesion.org/about/our-beginnings/?lang=fr>>. Acesso em: 16 de maio de 2020.

O CONCÍLIO VATICANO II COMO EVENTO DIALÓGICO, **um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu círculo**. Disponível em:< <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao425.pdf>>. Acesso em: 23 de fev. 2021

REDE M., **A Bíblia pode ser considerada um documento histórico?** Disponível em: < <https://jornal.usp.br/?p=387667>> Acesso em: 03/04/2022.

SCHVARTZMAN, G. S. **Abrindo a Caixa Preta: uma leitura da sociedade israelense na década de 70**. Disponível em: < <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-17022012-155138/en.php>> Acesso em: 08/05/2023.

SCHWARCZ, L., **A queima de livros na história – e no presente**. Disponível em: < <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/2019/A-queima-de-livros-na-hist%C3%B3ria-%E2%80%93-e-no-presente>> Acesso em: 01/04/2023.

TALMUD < <https://www.youtube.com/watch?v=FYZ4ZRIoszo&t=313s> > Acesso em 17/05/2023.

VATICAN ARCHIVE: **Documento *Nostra Aetate***. Disponível em < [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html)> Acesso em: 06/06/2023.

## APÊNDICE A – Entrevista com Dominique de La Maisonneuve

TRANSCRIPTION - Interview<sup>75</sup> avec la Sœur **Dominique De La Maisonneuve**. Au 73 rue Notre Dame des Champs, Paris 75006. Le 28 juillet 2022. Du 14h30 à 15h30. Début de l'interview : 14h30. Entretien préparé et réalisé par **Maria Lúcia Guilherme**. Médiateur : **José de Souza**.

**Souza**- En quel année êtes-vous rentrée à la Congrégation de Notre Dame de Sion ?

**Maisonneuve** : Je suis entré à Notre-Dame de Sion en 1951. Il y a longtemps. [**Lúcia** : c'est très important pour moi parce que c'est un moment et c'est la préparation de *Nostra Aetate*.]

**Maisonneuve** : *Nostra Aetate* n'était pas du tout encore dans l'air, dans la pensée de l'Église en 1951 pas du tout, je crois que Jean XXIII a décidé le concile je devrais savoir par cœur dans le début des années 60, mais pas en 1951, 10 ans avant sûrement pas. Je crois que je vous le disais que je ne suis pas du tout entrée à Notre-Dame-de-Sion en prévision de d'apprendre quelque chose ou de transmettre quelque chose sur les juifs pas du tout, du tout, du tout ce n'était pas dans ma tête du tout. J'ai été élève à Notre-Dame-de-Sion ici à côté, à Paris j'ai été élève dans la grande classe et j'aimais l'enseignement et je l'aime encore, j'aime l'enseignement et je trouvais que c'étaient ces sœurs-là. Elles rendaient l'enseignement agréable et j'avais envie de les rejoindre pour l'enseignement, mais l'enseignement du français du latin des matières et le judaïsme pas du tout, non pas du tout du tout, du tout et c'est venu comment ? à cause de *Nostra Aetate*. La congrégation l'ensemble la congrégation c'est vu interroger par le cardinal Béa vous voyez qui c'est ? Il est venu à Rome chez nous et il a dit : « les sœurs de Sion maintenant c'est à vous À mettre en œuvre *Nostra Aetate* » parce que dans l'Église c'était la première fois, la première fois qu'un concile s'occupait favorablement des juifs, la première fois ! c'était donc une révolution et une révolution ça ne passe pas, ça ne se transmet pas forcément les chrétiens d'Afrique du Sud [pardon ] les juifs, ils n'ont rien [à faire] c'était pas un problème pour eux, mais c'était un problème pour l'Europe, pour la France en particulier à cause de la *Shoah* donc *Nostra Aetate* a été demandée par un juif Jules Isaac qui est allé trouver Jean XXIII et qui lui a dit : « est-ce que ce concile on peut espérer que l'Église catholique va changer son regard sur les juifs ? » et il [le pape ] a dit : « ce sera mieux qu'un espoir ». C'est auparavant ce n'était peut-être pas dans ses idées, mais la demande a été faite par Jules Isaac vous trouverez ça dans plein d'articles, [ il suffit de taping

---

<sup>75</sup> Durée de l'enregistrement : 46 minutes et 33 secondes.

Jules Isaac et vous avez ça automatiquement ] et le pape lui a répondu : « je vous promets que je m'en occuperai » et c'est là qu'on a mis en chantier *Nostra Aetate* qui a eu vous connaissez l'histoire de *Nostra Aetate* on a refusé, refusé, refusé, refusé et finalement on a un texte que nous disons en français très pâle c'est à dire on ne parle pas de déicide on parle de rien du tout c'est vraiment très très pâle. Les juifs bon ben les juifs sont nos frères aînés enfin on a trouvé ça ce n'est même pas dans la *Nostra Aetate* ça c'est venu après donc je reviens à mon propos quand *Nostra Aetate* été est sorti du concile qu'il a été voté, d'abord la guerre a été au concile entre les évêques des pays arabes et les autres évêques pourquoi ? parce que les pays arabes voulaient pas qu'on mette les juifs qu'on s'occupe des juifs ça a été la grande guerre, mais finalement *Nostra Aetate* a été voté bien et le cardinal Bèa est venu chez nous à Rome et il a dit à nous sœurs, je n'y étais pas « c'est à vous à Notre-Dame de Sion [ il ne l'a pas dit comme ça ], mais de retrouver votre vocation première qui est en faveur des juifs en faveur des juifs c'est à dire les faire connaître au moins les faire connaître et les faire connaître dans leur vérité parce que les faire connaître comme ceux qui ont tué Jésus c'est pas la vérité alors [c'est], il faut changer ça donc il a dit à vous de travailler c'est votre affaire et nous [ pardon ] nous nous sommes trouvés comme congrégation devant des sœurs qui comme moi étaient entrée pour faire de l'enseignement, pas du tout pour les juifs donc ne savaient rien. Moi on m'aurait demandé je ne sais pas mais je ne savais rien, rien ce qui s'appelle rien on a essayé de m'apprendre trois mots d'hébreu au noviciat j'en garde un mauvais souvenir heureusement que j'ai eu Jérusalem après, mais sans ça donc nous ne savions rien alors à ce moment-là la congrégation m'a dit c'était au chapitre de 1964... 1970 [pardon] le concile 65 et en 70 nous avons eu à chapitre un chapitre c'est une c'est une assemblée où toute la congrégation est représentée où tout le monde n'est pas là mais tout le monde est représenté. Je représentais avec d'autres nous étions trois à représenter la France et là, la supérieure générale [qui était une anglaise même pas une française] donc l'Angleterre a été moins touchée que la France par la Shoah beaucoup moins et c'était elle [la supérieure de la congrégation]qui a dit : « il faut nous former il faut apprendre nous ne savons rien et on nous demande de transmettre qu'est-ce qu'on peut transmettre si on ne sait pas ? il faut se mettre au travail ». Alors on a demandé des sœurs volontaires pour se mettre au travail on disait demander volontaire parce que les sœurs qui ne sont pas entrées pour ça leur demander un changement dans leur vie il faut leur accord on ne peut pas leur dire allez donc. J'étais d'accord pour Jérusalem on m'a envoyé à Jérusalem et là on m'a dit ben écoutez j'ai dit pourquoi faire ? je ne sais pas il faut vous former il faut

apprendre mais vous verrez sur place comment vous pouvez apprendre et vous verrez ce que vous avez à faire nous ne savons pas. Je suis partie pour Jérusalem où le frère Pierre Lenhardt

**Lúcia** : Oui je connais !

**Maisonneuve** : Vitorio était là aussi Beo n'était pas là il était à Paris, je l'ai vu à Paris, il n'était pas à Jérusalem j'ai vu Ilario, j'ai vu Père Sabiá je ne sais pas si vous avez connu Sabiá, mais il a été supérieur général il a été en face aussi, mais il est mort maintenant qu'est-ce qu'il y avait encore dans la communauté ? le père Beckley c'est pas un brésilien, bref j'ai été à Ratisbonne à Jérusalem et je me suis mise j'aime bien les langues je me suis mise à prendre l'hébreu et à l'université on m'a dit si vous voulez vous pouvez entrer dans le département de linguistique. je pensais que j'étais pas capable et on m'a dit bah essayez si ça marche pas ça marche pas si ça marche ça marche alors, j'ai beaucoup travaillé c'est vrai, et j'ai fait ces études à Jérusalem. et depuis ce temps-là c'est à dire je suis revenue en France en 1977 j'ai été professeur à l'Institut Catholique de Paris c'est pas loin de chez nous c'est là-bas rue d'Assas j'ai enseigné l'hébreu et le judaïsme et la tradition rabbinique progressivement parce que ça ne passait pas facilement chez les chrétiens oh la la ! il a fallu beaucoup de diplomatie de ton je suis restée 20 ans à la Catho et puis après l'Institut Catholique quand j'étais à la retraite on m'a prolongé un peu mais pas trop quand même il faut pas exagérer, je suis passé au Collège du Bernardin je ne sais pas si vous avez entendu parler le Collège des Bernardin qui n'a pas de limite d'âge alors l'évêque qui était en charge et qui me connaissait m'a dit on vous prend au Bernardin où je suis encore restée 20 ans et c'est moi qui au bout de 20 ans, là j'ai dit je crois qu'il faut que je m'arrête quand même mais je continue à enseigner ici là, donc si vous voulez je me suis convertie au judaïsme vous voyez ce que je veux dire je suis chrétienne je me suis convertie au judaïsme c'est à dire un au fait que comme chrétien on a pas le droit d'ignorer que jésus est juif et donc que notre tradition chrétienne a des racines juives et c'est pour ça que j'ai écrit le judaïsme tout simplement je me suis dit il faut que les gens lisent si c'est trop difficile ils ne vont pas lire, il faut que les gens sachent et donc on est quand même à la 4e édition pour ce livre en France ça veut dire que petit à petit ça se lit petit dans l'Église ou pas faut pas rêver d'autres feront mieux que moi quand je serai morte bientôt donc voilà en gros le début.

**Souza** : Une autre question : dans votre livre le judaïsme tout simplement dans le chapitre 2 vous avez soulevé les aspect historiques de la rupture entre juifs et chrétiens les persécutions de l'Église juive les conséquences et à la fin de ce chapitre vous avez insérée un pont d'inflexion que serait *Nostra Aetate* et vous faites une analyse en montrant que ces aspects



historiques restent toujours inconnu de la majorité des chrétiens et d'une partie, on dirait d'une partie du clergé croyez-vous qu'aujourd'hui c'est encore le cas ?

**Maisonneuve** : Il y a deux parties dans la question. [**Souza** : Oui, oui] **Maisonneuve** : qu'est-ce que je vais dire ? je vais commencer par le clergé. [**Souza** : D'accord !] **Maisonneuve** : Dans toute faculté de théologie aujourd'hui il y a quelque chose sur le judaïsme et ça n'existait pas donc il y a un progrès léger dans la volonté des dirigeants, mais je dois dire que ça n'intéresse pas beaucoup les gens en formation ça ne les intéresse pas beaucoup. Pourquoi ? c'est pas parce que c'est trop difficile parce que à Paris tout le monde à mon livre *Le Judaïsme* tout simplement [ **Lúcia** : Oui, tout le monde] on leur donne c'est pas trop difficile c'est que notre mentalité chrétienne est tellement centré sur Jésus fils de Dieu que on va mettre des générations à comprendre que ce fils de Dieu il est d'abord un homme et que cet homme il est né quelque part sur une terre dans un peuple avec une tradition dans une culture et tout ça nous avons gommé pendant 2000 ans avons vu ça et nous n'avons vu que le fils de Dieu. L'incarnation dont nous disons que c'est le cœur de notre foi nous n'avons rien fait du tout notre Jésus il n'est pas incarné je prends un exemple pour vous montrer que c'est aujourd'hui ce que je parle je vais tous les jours parce que j'ai une sœur et c'est pour ça que j'ai un temps très, très coupailé c'est compliqué ma vie, une sœur qui était avec moi, les autres sont toutes mortes nous étions cinq ici et elle est entrée chez les petites sœurs des pauvres dans la rue un peu plus bas donc je vais matin et soir le voir et elle tiens beaucoup. et pourquoi est-ce que je dis ça ?

**Souza** : Vous voulez donner un exemple pratique.

**Maisonneuve** : je vais donc à la messe tous les jours chez les petites sœurs des pauvres le matin tous les jours il y a trois lectures une lecture d'Anciens Testament, le psaume et l'évangile. Je n'ai jamais quand je ne dis jamais ce n'est jamais entendu le prêtre, qui est qui est un homme âgé, mais ça n'empêche, il a vécu *Nostra Aetate* et je n'ai jamais entendu ce prêtre dire un mot sur l'Ancien Testament, l'Ancien Testament ne fait pas partie pour nos prêtres pour la majorité de prêtre et même des beaucoup plus jeunes même à la paroisse on parle de l'évangile. ce matin il y avait un lien évident entre les deux lectures, mais le prêtre n'a rien fait du tout il ne connaît pas l'Ancien Testament si je lui dis ça... je ne lui dirai pas parce que je vais recevoir tout à la figure et il comprendra pas donc c'est pas la peine il est trop vieux pour ça mais il croit que, de temps en temps il parle des juifs moi ça m'est bien égal qu'il parle des juifs, mais il en parle généralement pour en dire du mal ; et oui mais les pharisiens les pharisiens et vous croyez j'ai envie de lui dire : « père vous croyez pas que moi

et vous nous sommes des pharisiens comme beaucoup de cas ? » Je suis sûr qu'il aurait une syncope, il tomberait malade je lui dirai pas mais c'est pas du tout si on pose la question à un prêtre, bien sûr que Jésus est juif maintenant on va dire ça y a 50 ans on ne disait pas ça Jésus est juif mais les conséquences de cette judéité de Jésus c'est à dire qu'il est né dans une culture et que je ne connais bien quelqu'un que si je connais sa culture quand la guerre est venue de éclater hélas pour combien de temps en Ukraine je me suis dit les Ukrainiens mais je ne connais pas la culture russe je vais me mettre à lire un peu de livre russe pour comprendre un peu ce qui se passe là-bas parce que si vous ne connaissez pas le contexte des gens vous connaissez la personne et alors et alors la preuve c'est que vous êtes obligé de venir me voir que la photo suffit pas vous devez me poser des questions pour savoir qu'est-ce qu'il y avait avant et à côté donc la culture c'est important Jésus est né dans une culture juive et la culture juive c'est quoi c'est la tradition orale autour de la Bible mais qui se met au travail dans l'Église pour ça ? qui se met au travail ? la tradition orale les gens ne savent même pas ce que c'est donc le clergé si vous voulez a des réponses toutes faites Jésus est juif ça dirais pas beaucoup plus loin d'ailleurs alors ils savent si vous leur demandez le nom des fêtes ils vont vous dire oui Pessah, Chavouot, Sukkot. Maintenant Pessah ils vont savoir un peu parce que c'est Pâques, mais pas beaucoup, Chavouot, le don de la torah, ouh la la ! Ça c'est vraiment beaucoup Sukkot ils ne savent rien du tout rien du tout parce qu'ils n'ont pas fait un mot d'hébreu, si les séminaristes font un an d'hébreu vous comprenez qu'un an d'hébreux on ne fait pas beaucoup de choses mais ceux qui veulent continue, mais il y en a pas beaucoup qui veulent donc leur culture juive à quelques exceptions près car il y a quelques exceptions mais je crois que dans le clergé français je connais un peu les gens et les évêques je les ai eus comme étudiants autrefois, je sais pas connaître quelque chose du judaïsme il y a allez on va faire la barbelle il y a 30 personnes, il y a 30 personnes dans l'Église de France qui sont capables de tenir une conversation sur le judaïsme pendant 1/4 d'heure pendant 1/4 d'heure faut pas plus donc en mot l'Église a fait des progrès ! Deuxième temps sa mentalité sa manière de penser n'a pas encore changé et il faut des générations pour ça vous savez il y a une histoire qui dit que vous avez fait de la bicyclette sûrement quand on descend une pente en bicyclette ça va vite et quand on la remonte il faut 2 fois plus de temps alors on vous dit : vous voyez on a descendu la pente vis-à-vis du judaïsme pendant 2000 ans il va nous falloir 4000 ans pour la remonter donc on commence seulement changer de tête nous ne savons rien, nous avons des idées sur les gens changé nos idées sur les gens oh la la que ça prend du temps si jamais ça se fait un jour quelque fois ça se fait pas donc je crois qu'il y a rien d'extraordinaire mais Dieu est patient Dieu est patient plus que nous que nous voudrions aller

y a un texte aller au garde à vous, mais ce pas comme ça que sa se passe. Alors ça c'était pour le clergé. Maintenant pour les gens, les chrétiens j'aimerais d'abord dire l'humanité parce que y a pas beaucoup de chrétiens dans humanité et je parle de la France parce que c'est ça que je connais les gens qui ne savent rien qui ne sont pas chrétien, les juifs, ils sont ouverts pourquoi pas pourquoi pas et ils sont prêts puisqu'ils ne sont pas déformés par l'enseignement chrétien ils sont prêts à entendre que Jésus est juif que ça a des conséquences qu'il avait une culture qu'il faut apprendre sa langue si on peut mais ces textes qu'il a travaillé par tradition orale parce qu'il avait pas de livres et pas de cahier et qu'il n'écrivait pas à la plume et qui l'entendait il faut aussi savoir ça que c'était par tradition orale donc vous savez le téléphone arabe en français nous jouons au téléphone arabe au Brésil non ? [ Souza : Oui, c'est le même principe !] je sais quelqu'un dit quelque chose et puis à la fin il sort tout à fait autre chose parce que les oreilles déforment voilà et donc la tradition orale y en a beaucoup de facettes beaucoup de facette c'est Rachi le grand Rachi qui dit la parole de Dieu c'est comme un gros cristal qui est taillé avec des petites faces partout et alors selon la face par laquelle vous Regardez vous voyez autrement bien la parole de Dieu c'est comme ça y a 1000 facettes 1000 facettes et c'est le prophète Jérémie qui dit : « c'est comme un feu qui comme un foyer qui éclate en 1000 braises » c'est toujours le même feu la parole de Dieu le feu mais voilà je reçois une braise ici une braise là et c'est très dit y a beaucoup de manières d'appréhender la parole de Dieu et quelle que soit la manière il faut s'y mettre. Donc les non chrétiens c'est plus facile pour eux. Alors les chrétiens qu'est-ce qu'ils ont entendu depuis le catéchisme que Jésus le fils de Dieu qu'il a été que c'était un homme lui mais qu'il a été tué par les juifs parce que ça se dit encore chez nous ça se dit encore alors on leur dit mais on va faire un peu d'histoire c'est pas tout à fait vrai l'histoire dément ça c'est les romains qui ont mis Jésus à mort il y a eu des juifs qui ont dit OK on est d'accord mais c'est pas le peuple c'est pas le peuple professeur c'est les chefs du peuple nous ne sommes pas forcément d'accord vous au Brésil et nous en France avec les chefs du peuple on peut penser autrement nous avons des chefs qui pensent pas forcément comme nous nous et nous ne pensons pas comme eux donc les chrétiens sont déformé et là il faut le temps de changer de mettre le doigt sur la déformation pourquoi ces faux pourquoi c'est pas juste il faut d'abord expliquer et puis ensuite il faut reconstruire et ça je dis il y en a pour 4000 ans je vois avec mes frères et sœurs, j'ai beaucoup de frères, et ils ont été élevés comme moi non pas tout à fait les derniers sont pas élevés comme les aînés nous sommes neufs je suis la deuxième, la dernière c'était un peu différent bien sûr parce que enfin en gros ils ont les mêmes idées ils ne comprennent absolument pas ce que je suis en train de vous raconter et les juifs ils en disent plus de mal

avant on disait du mal non on discute mal parce qu'ils savent que devant moi ça va ça risque de grincer mais sans ça ils n'y connaissent rien du tout ! J'ai un autre livre pas le judaïsme, la Torah vient des cieux un livre que j'ai écrit que j'ai passé à un de mes frères et je lui ai dit je suis pas sûr que tu vas tout comprendre il me l'a rendu en me disant je comprends rien je sais ce n'est pas compliqué parce que je n'écris pas de manière compliquée mais il faut rentrer dans une culture et ça c'est compliqué parce qu'il faut changer sa tête. Mais je parle trop et c'est vous qui êtes venu poser vos questions. J'ai répondu aux deux questions ?

**Souza** : Oui, tout à fait même plus ! Justement vous parlez maintenant c'est le moment du monter cette pente et bien sûr vous avez dit il y a le temps, parce qu'il faut. Il y a cette idée aussi de déconstruire quelque chose parce que ce comme si on avait trop de choses dans notre tête donc c'est difficile de recevoir. bien sûr il faut faire le vide pour recevoir donc dans cette démarche, dans ce processus qu'est-ce que vous pensez que pourrait aider l'humanité en tant que telle à remonter cette pente à se défaire de tant de choses inutiles, de pré-connaissance qu'on a surtout pour recevoir vraiment ce qui semble être une évidence finalement, si son regarde simplement (les choses) ?

**Maisonneuve** : Je vais être très [Est-ce que je parle trop vite pour vous ? vous pouvez comprendre ?] [**Lúcia** : Oui je comprends.] Je vais être très radical, vous savez notre église je pense que c'est vrai au Brésil comme en France l'Église dans son ensemble a besoin de faire sa purification. Sa purification c'est à dire une recherche de vérité elle a construit, elle a construit pendant 2000 ans mais sur des bases qu'il faut toujours réviser elles étaient vraies au début je crois que les apôtres ont donné un vrai témoignage mais très vite ils ont été leur renseignement a été absorbé par les cultures différentes les cultures qui progressivement ont mis la main sur la religion ce qui fait que la vérité de la religion c'est modifié et qu'aujourd'hui il faut que nous fassions la vérité voyez le pape est au Canada pour faire la vérité de l'Église du Canada sur ces pensionnats de l'Église qui se sont comportés comme des païens plus que des païens et alors partout on s'aperçoit qu'il faut purifier ça il faut purifier ça. Pour ma part, je le dis parce que je ne le ferai pas je ne peux plus le faire, mais il faudrait oui ça c'est pas la manière simple que vous demandez c'est la manière compliquée oui il faudrait que l'Église mette à plat c'est à dire déconstruise démolisse toutes ces constructions qu'est-ce que ça veut dire ? ça veut dire que nous avons des pas des principes, mais des axes théologiques, nous croyons en la Trinité nous croyons à l'Incarnation nous croyons la Rédemption on dit tout ça au Credo. Les gens recitent le credo, mais ils ne savent pas du tout ce qu'ils disent (oui c'est ça) il faut mettre ça à plat qu'est-ce que c'est la Trinité je ne sais pas

parce que c'est tellement compliqué mais ce que je sais c'est que dans la Bible dans le *Shéma* Israël les juifs tous les matins professe écoute Israël *Shéma Yisraël Ado-naï Éloheinou Ado-naï e'hade*. Le seigneur notre Dieu il est le Dieu un ! pas unique, unique ça voudrait dire qu'il y en a d'autres non il est le Dieu un et les juifs disent en plaisantant pour les chrétiens un est égal trois. Ils se moquent de nous, mais ils ont raison. Or on n'a jamais expliqué je crois simplement et il faudrait le faire que dire trois ça peut-être dire un. Que trois est égal un, que trois est égal un y compris dans l'écriture nous avons des tas passages où trois, pour expliquer le un on passe par trois c'est assez, c'est assez saisissant et ça c'est une vraie étude il faut qu'une équipe de théologiens se mette au travail et pendant des générations, des générations. J'ai dit des générations parce que vous savez peut-être que La Bible en hébreu a été écrite en caractère hébraïque il n'y a pas de voyelle en hébreu il n'y a que des consonnes vous avez fait un peu d'hébreu y a que des consonnes, mais comment je peux prononcer une langue qui n'a pas de voyelle ? je ne peux pas le prononcer alors qu'est-ce qu'on a fait ? on a rajouté des points ou des petits traits qui sont à considérer comme des voyelles et on a fait ça, on a mis trois siècles pour faire ça ! (exclamation Lucia) les massorètes c'est une famille qui a duré 3 siècles à Tibériade entre le 6e et le 9e siècle donc il faut beaucoup de temps des générations pour venir à bout d'un projet qui finalement nous dépasse beaucoup puisque c'est un projet c'est la parole de Dieu ça nous dépasse et ça nous dépassera toujours mais il faut aussi mettre l'incarnation je disais tout à l'heure la Trinité donc la Trinité il faut se mettre au travail. Un est égal à trois ! oui quelquefois en christianisme aussi un égal est égal trois, d'ailleurs, nous disons au nom du père et du fils et du Saint-Esprit et nous disons ils sont tous les trois dieux oui, mais alors il faut l'expliquer, les gens ne savent pas et c'est très difficile. L'incarnation Jésus est homme, oui, mais enfin, un homme il est né avec des parents donc des grands, il est né dans un pays, il est né dans une culture, il est né dans une civilisation, enfin on n'a jamais parlé de ça pour Jésus. Jésus est le fils du père et alors ça ne me donne pas sa culture ça le père le père à quelle culture ? c'est Dieu Ah bon ! il y a beaucoup de choses, nous avons dit oui oui très bien on a appris, mais on n'a rien compris, mais rien ne compris ! Le Saint-Esprit : l'Écriture l'Ancien Testament, est pleine du Saint-Esprit. Elle dit l'esprit de Dieu pas le Saint-Esprit, c'est l'Église qui a dit saint esprit mais l'esprit de Dieu c'est quoi ? l'esprit de Dieu il est déjà là à la création. L'esprit de Dieu planait sur les flots vous savez dans le deuxième verset de la de la Genèse le deuxième ! Premier verset : au commencement Dieu créa les cieux et la terre, (Genèse). Deuxième verset : et la terre était *tohu vavohu vechoshech al-Peney tehom* il y avait des ténèbres sur la place des cieux et l'esprit de Dieu planait sur [les cieux] *veruach Elohim merachefet al-Peney hamayim*. il y a déjà eu trois personnes : il y a Dieu qui

parle, qui agit qui agit c'est son fils qui agit parce que [non c'est pas ce que je dis une bêtise pardon]. Au troisième verset : Et Dieu dit que la lumière soit ! donc il y a le père le créateur, il y a celui qui parle la parole de Dieu, c'est Jésus la parole de Dieu nous le disons mais ça veut dire quoi ? rien et l'esprit plane sur les eaux ils sont là tous les trois à la création. Quand je vous dis qu'une égale à trois chez les juifs on n'est pas loin du compte. Tous les trois sont là. Il y a un travail d'abord simple, mais colossal, très grand et surtout très long à faire. Il faut s'asseoir et étudier et j'en arrive à un point très important : dans notre église en chrétienté on ne connaît pas l'étude. L'étude comme les juifs la connaissent je crois que je fais tout un chapitre sur l'étude. L'étude ça fait partie de la vie juive, les juifs étudient dans le meilleur des cas tous les jours tous les jours. Alors je raconte une petite histoire j'avais un, je connaissais un juif il n'y a pas longtemps ici à Paris. Il était banquier, alors les gens méchants diront tous les juifs sont banquiers, ils aiment tous l'argent. Je ne sais pas si c'est vrai mais ce n'est pas mon problème ! Celui-là était banquier et il habitait, il avait une famille bien sûr ! il habitait un duplex c'est à dire un appartement avec un étage et tous les matins il descendait avant d'aller à la banque il descendait d'en haut dans son bureau au rez-de-chaussée pour étudier et un jour son petit garçon 7 ans était dans le couloir le voit se lever et lui dit : « papa tu vas où ? » alors il dit : « je vais étudier ! » et il n'explique rien. Et son fils lui dit : « est-ce que je peux venir avec toi ? » oui dit son père, si tu veux, tu peux venir avec moi ! et il m'a dit après le père : « je n'ai rien changé, j'étudie en hébreux tout haut tous les juifs étudient souvent tout ça aide la mémoire il s'est assis en face de son fils et il a assis son fils en face de lui et il a étudié sans lui dire tu comprends, tu sais je fais ça aujourd'hui, rien ! Il a étudié devant son fils et le lendemain le petit garçon a dit papa je peux venir avec toi ? Alors ils ont recommencé et il m'a dit après mon fils étudiera toute sa vie je ne lui ai rien dit je n'ai pas dit de venir je ne lui ai pas expliqué ce que je faisais mais il a vu que c'était pour moi indispensable avant de me mettre au travail. Le juif qui croit étudie tous les jours, alors à cause de la vie de notre monde une vie complètement folle il n'étudie plus souvent que le *Shabbat*, mais le *Shabbat* après-midi ont étudié en communauté on se réunit pour étudier il faut voir ça à Jérusalem. Les gens disent on se voit tout à l'heure, ils vont à la synagogue ou chez quelqu'un et ils étudient ensemble c'est leur haut c'est leur haut quotidien c'est leur nourriture c'est leur boisson ils ne peuvent pas s'en passer et qu'est-ce qu'ils étudient ? Il n'y a pas de Bible chez les juifs n'y a pas de Bible. Vous allez chez les juifs vous aurez une grande bibliothèque il n'y a pas de Bible dis alors quoi pas de Bible non parce que la Bible, vous la lisez sûrement mais on n'y comprend rien on n'y comprend rien il faut bien reconnaître. Hier, [je reviendrai à mon

histoire tout à l'heure] j'étais chez les Frères et pour le moment ils ont un jeune israélien pas jeune il y a plus de 40 ans qui peut être entrera chez les Frères de Sion. Il est baptisé et il m'a dit : « je voudrais que vous veniez un peu parce que j'ai des questions d'hébreu à vous poser ». Un Israélien que veux me posez des questions d'hébreu ! enfin mais il sait l'hébreu israélien mais y a plein de choses de la Bible qu'il ne sait pas parce qu'il il est baptisé depuis pas longtemps et que la Bible. Les juifs (donc je le laisse tranquille) il connaît pas très bien la tradition donc je lui ai même pas du tout la tradition, je lui expliquer des petites choses qu'il me demandait, par bonheur je savais, sûrement il y a beaucoup d'autres que je ne sais pas et pourquoi j'ai dit ça ? Où est-ce qu'est-ce que j'étais en train de vous dire ? Ah oui il n'y a pas de Bible chez les juifs parce que la Bible c'est tellement difficile qu'ils ne l'étudient qu'à travers le midrash, à travers le Talmud, à travers les commentaires donc vous demandez une Bible, vous dites on peut ! On ne sait pas il y un pas, mais ce midrash explique tel verset alors on va faire ça aujourd'hui donc nous ne savons pas faire ça nous lisons un texte et qu'est-ce que nous faisons ? Notre péché mortel ! Je ne sais pas comment c'est, vous avez peut-être un *Ordo*<sup>76</sup> au Brésil qui est différent du nôtre, mais chez nous tous les jours c'est encore vrai ce matin parce que je faisais la lecture j'ai bien vu que ce n'était pas le texte complet on enlève les versets qu'on ne comprend pas c'est très commode.

**Souza / Lúcia** : chez nous c'est pareil en plus il y a la traduction que parfois est totalement à coté oui,

**Maisonneuve** : la traduction, bon ! Ils essayent d'arranger pour que les gens comprennent on ne peut pas les en vouloir, mais qu'on supprime ! Je sais que c'est très difficile et c'est là où c'est la preuve que notre manière de lire la Bible n'est pas la bonne il faut la lire avec les commentaires. Je veux dire, bon ce verset là je viens de vous lire c'est très compliqué bah y a Rachi qui a dit ceci et puis un autre qui a dit cela mais nous ne sommes pas formés à ça. pas du tout ! Alors quand je dis qu'il faut 4000 ans pour remonter la pente peut-être je suis sous la vérité il faudra 6000 ans je serais plus là pour le voir donc il y a des moyens il y a des moyens simples mais il faut beaucoup de patience. J'ai un groupe d'hébreu je suis en train de penser à

---

<sup>76</sup> L'ordo est le calendrier liturgique annuel, précisant, pour un diocèse ou pour une congrégation religieuse, l'Eucharistie et la liturgie des Heures à chacun des jours de l'année. Ce livret comporte aussi toute une série de renseignements utiles à la vie liturgique, à la vie diocésaine ou à la vie de la famille religieuse.

je sais pas si je vais recommencer à enseigner l'année prochaine je leur ai dit que je disais pas non mais j'avais pas encore dit oui on va voir je suis en train de penser et je voudrais maintenant qu'on a fait beaucoup de bibles les faire entrer dans la tradition orale que peut-être dans l'année prochaine on ne va ce que trois versets parce qu'on frappe toute la tradition orale avec ces versets qu'est-ce que monsieur un tel a dit ? Qu'est-ce que celui-là a dit ? Qu'est-ce que pourquoi il a dit ça ? Pourquoi celui-là dit le contraire de celui-là ? Parce qu'on se contredit dans la tradition orale nous nous voulons une pensée uniforme : l'Église dit que ! Et si je pense autrement ? Peut-être que les autres ont raison mais je le saurai là-bas quand je serai arrivé je ne sais pas pour le moment.

**Lúcia** : Pour les chrétiens ce n'est pas bon de demander (poser) les questions !  
[**Maisonneuve** : Comment ?] **Lúcia** : Pour les chrétiens ce n'est pas bon de demander (poser) les questions !

**Maisonneuve** : Tout à fait ! Mais tout à fait ! Ils (les juifs) posent des questions et ils répondent par des questions d'ailleurs, ils disent : ah mais moi je vais vous poser une autre question pour nous inciter à chercher à chercher on ne demande pas de trouver Dieu ça sera quand on le verra on le trouvera c'est ce que m'a dit d'ailleurs, le l'israélien hier il m'a dit je me pose beaucoup de questions je crois qu'il y en a beaucoup qui n'auront de réponse que près de Dieu c'est très juste il y a des tas de questions, mais il faut chercher, chercher, chercher !  
[**Lúcia** : chercher Ah oui !] **Maisonneuve** : toute notre vie est une recherche, et notre Église parce que c'est quand même votre question n'a pas l'habitude. Je ne dis pas qu'elle n'est pas capable pas du tout ! Mais elle n'en a pas l'habitude et changer d'habitude c'est très compliqué surtout quand il y a les autres derrière soi encore on peut se débrouiller mais voilà bon est-ce que je à peu près répondu ?

**Souza** : oui tout à fait tout à fait ! Maria Lucia, est ce que tu as d'autres questions ? [**Lúcia** : Non, non !] **Souza** : donc c'est bon, (Sœur Dominique : ça vous suffit ?) Oui, c'était très bien très clair et c'était ce qui manquait à elle (Maria Lucia). Parce qu'elle avait les deux positions et elle voulait, c'est ce que vous avait dit le contexte, parce que les livres elle les a lu, mais sans la personne qui les a écrites, votre contexte, et votre point de vue donc c'était ça qui manquait c'était parfait c'était bien c'était....

**Maisonneuve** : alors vous encore un an pour écrire votre mémoire de maîtrise ?

**Lúcia** : oui, mais j'ai une question pour vous ! Vous nous avez dit à propos de théologie et c'est le sujet de vos études et de vos livres, mais il y a une question à propos de l'histoire et de



la relation entre l'Église et la *Shoah*, par exemple. Il y a une exposition au mémorial de la *Shoah* ici, maintenant et elle parle de la nécessité (besoin) d'une réparation de la part de l'Église.

**Souza** : une réparation de l'Église et la nécessité d'une réparation d'une reconnaissance de l'Église par rapport à tout ce que s'est passé. Dans ce dans cette exposition qu'elle a vue ils insistent dans cette reconnaissance qu'il faut que l'Église reconnaisse.

**Maisonneuve** : Donc je crois que pour ça je crois que la reconnaissance de notre contribution à la Shoah je crois que nous l'avons faite. Que tout le monde soit d'accord ça je ne dis pas mais que l'Église comme institution l'a fait je crois qu'elle a fait ! Maintenant c'est toujours pareil quand vous avez une institution il faut que ça descende chez les gens quelquefois ça vient des gens et ça remonte. Ça dépend, mais là c'est l'institution d'abord c'est la République française qui a dit la France est coupable c'est déjà ça, après c'est à l'Église a dit que qu'elle reconnaissait et des actes de repentance à Drancy et ailleurs tout je crois que l'Église officielle l'a faite, mais vous pouvez savoir que la reconnaissance à Drancy, du camp de Drancy par l'Église de France n'a été faite que par une trentaine d'évêques les autres ont refusé, c'est dire que même les évêques au moment Drancy c'était en en [1960 ...1998<sup>77</sup>]. Je crois quelque chose comme ça y a plus de 20 ans maintenant c'est peut-être pas pareil puis les évêques ont changé donc c'est mais à ce moment-là il y a beaucoup d'évêques qui ont refusé de mettre l'Église en cause vous voyez quand le pape dit il faut lutter contre le cléricalisme ça veut dire que nous croyons, nous avons cru trop longtemps que ce que disait l'Église c'était Dieu. Non l'Église ce n'est pas Dieu ! l'Église Dieu la veut et la conduit, mais dans la barque il y a beaucoup de gens qui retournent à l'eau, à la mer et qui ne veulent pas du tout aller là où on les amène donc ils faussent. Là aussi, l'ecclésiologie, je parlais de refaire la théologie il faut refaire l'ecclésiologie la science de l'Église c'est quoi l'Église ? C'est des hommes et des femmes qui font plein de bêtises y a qu'à voir maintenant qu'on met un peu le nez (dedans) on dit : oh la la ! C'est nous ça ! Ben oui ! C'est nous et il faut refaire la théologie de l'Église mais là encore j'entends les gens parler mais c'est l'Église qui l'a dit j'ai dit c'est qui l'Église ? C'est toi, c'est moi alors tu sais quand je dis quelque chose je dis ouh là ! Et si ce n'était pas vrai ? Et si ce n'était pas vrai ? C'est un travail mais colossal, colossal ! Nous n'aurons jamais

---

<sup>77</sup> Le 30 septembre 1997 à Drancy, les évêques de France, évoquant la Shoah, faisaient repentance, reconnaissant officiellement et publiquement que "devant l'ampleur du drame et le caractère inouï du crime, trop de pasteurs de l'Église ont, par leur silence, offensé l'Église elle-même et sa mission.

nous n'aurons jamais fini même vous qui êtes jeunes vous n'aurez jamais fini, mais pour ne pas finir il faut commencer.

**Lúcia** : oui **Maisonneuve** : et c'est ce que vous faites d'ailleurs ! J'espère que ça vous aidera.

**Souza** : Oui c'est très bien ! D'autres questions ? **Lúcia** : Non ! **Souza** : Donc c'était ça !

**Lúcia** : Ah oui, merci, merci beaucoup ! **Maisonneuve** : Vous êtes là encore quelque temps ?<sup>78</sup>

## TRADUÇÃO DA TRANSCRIÇÃO

Entrevista com a Irmã **Dominique de La Maisonneuve**. Na rua *Notre Dame Des Champs* nº 73, Paris 75006. Dia 28 de Julho de 2022 - Das 14h30 às 15h30. Início da entrevista: 14h30. Entrevista preparada e realizada por **Maria Lúcia Guilherme**. Mediador: **José de Souza**.

**Souza**: Em que ano você entrou na Congregação *Notre Dame de Sion*?

**Maisonneuve**: Entrei na Congregação de Nossa Senhora de Sion<sup>79</sup> em 1951. Há muito tempo.

**Lúcia**: É muito importante para mim porque este foi um início de preparação da *Nostra Aetate*<sup>80</sup>, então não sei se você participou ou não daquele momento. **Maisonneuve**: *Nostra Aetate* não estava nada no ar no pensamento da Igreja em 1951. Creio que João XXIII decidiu o concílio<sup>81</sup> [ que eu deveria saber de cor]. No início dos anos 60, mas não em 1951. Dez anos antes certamente que não. Acho que estava lhe dizendo que não entrei na Congregação *Notre Dame de Sion* na expectativa de aprender alguma coisa ou transmitir alguma coisa sobre os judeus de forma alguma, absolutamente, não estava em minha cabeça. Eu era estudante no Colégio *Notre Dame de Sion*<sup>82</sup> aqui ao lado, em Paris e adorava ensinar e ainda adoro. Adoro

---

<sup>78</sup> FIN DE L'ENREGISTREMENT : 46'33''.

<sup>79</sup> A Congregação de Nossa Senhora de Sion fundada em 1843 pelos franceses Theodore e Alphonse Ratisbonne. É uma comunidade católica romana de irmãs apostólicas e contemplativas. Hoje, a Congregação está estabelecida em 22 países que servem em vários ministérios.

A história de *Notre-Dame* de Sion confunde-se com a das relações entre o Judaísmo e o Cristianismo. Fundada pela primeira vez com o objetivo de converter os judeus ao cristianismo e ativamente lá ativada, a congregação mudou radicalmente de direção desde o Concílio Vaticano II (1962-1965) e a declaração *Nostra Aetate*. No mundo católico, ela passou a ser uma das principais protagonistas do diálogo com o judaísmo, respeitando essa religião e excluindo qualquer desejo de conversão.

<sup>80</sup> *Nostra Aetate* é uma declaração sobre a Igreja e as religiões não-cristãs datando do dia 28 de outubro de 1965.

<sup>81</sup> O Concílio Vaticano II (1962-1965) : o Papa João XXIII (1958-1963) anunciou no dia 25 de janeiro de 1959 a decisão de convocar um novo Concílio, há menos de 90 dias de sua eleição para sucessor de Pio XII (1939-1958).

<sup>82</sup> *College et Lycée* Notre-Dame de Sion - 61, rue Notre-Dame des Champs - 75006 Paris. Em 1853 as freiras se mudaram para o 61 rue Notre-Dame des Champs e ali fundaram sua casa-mãe. Desde o início, a vida do

ensinar e achava que aquelas irmãs tinham um jeito agradável de ensinar. Eu queria me juntar a elas para o ensino, mas o ensino do francês, do latim e outras disciplinas. Do judaísmo? Não, de jeito nenhum, de jeito nenhum, de jeito nenhum e veio como? por causa da *Nostra Aetate*. Toda a Congregação se viu questionada pelo Cardeal Bea<sup>83</sup> você sabe quem é? Ele veio a Roma até nós e disse: "Irmãs de Sion agora cabe a vocês implementar a *Nostra Aetate*" porque na Igreja foi a primeira vez, a primeira vez que um concílio tratou de forma favorável os judeus, a primeira vez! Então foi uma revolução e uma revolução não acontece, não é necessariamente transmitida de maneira fácil. Os cristãos da África do Sul [desculpe] os judeus, eles não tinham nada [para fazer] não foi um problema para eles, mas foi um problema para nós, para Europa, para a França em particular por causa da *Shoah*. Então a *Nostra Aetate* foi solicitada por um judeu Jules Isaac<sup>84</sup> que foi encontrar João XXIII e que lhe disse: "podemos esperar que neste Concílio a Igreja Católica mude sua visão sobre os Judeus?" e ele (o Papa) disse: "será melhor do que uma esperança".

Anteriormente talvez não estivesse em suas ideias, mas o pedido foi feito por Jules Isaac, você encontrará isso em muitos artigos, (basta digitar Jules Isaac e você encontrará automaticamente) e o Papa lhe respondeu: "Eu prometo a você que eu cuido disso". E foi assim que começamos a construir a *Nostra Aetate*. Se você conhecer a história de *Nostra Aetate*, você saberá que ela foi recusada, recusada, recusada e finalmente temos um texto que dizemos em francês muito pálido, ou seja, não estamos falando de deicídio, estamos falando de nada, é realmente muito, muito pálido. Os judeus, bem os judeus, são nossos irmãos mais velhos. Finalmente descobrimos isso. No entanto, isso nem está na *Nostra Aetate* que veio depois. Então volto ao meu assunto, quando a *Nostra Aetate* foi exposta no Concílio para votação, a primeira batalha foi entre os bispos dos países árabes e os outros bispos. Por quê? Porque os países árabes não queriam que cuidássemos dos judeus. Essa era a grande batalha, mas no final a *Nostra Aetate* foi votada e o Cardeal Bea veio até a nossa casa em Roma e disse para nossas irmãs, eu não estava lá "Cabe a vocês irmãs de *Notre Dame de Sion* (ele não disse assim), redescobrir sua primeira vocação que é a favor dos judeus, em favor dos

---

estabelecimento caracterizou-se pelo realismo espiritual: respeito pela pessoa e pela consciência, abertura a todas as nacionalidades e religiões.

<sup>83</sup> Augustin Bea, nascido em 28 de maio de 1881 em *Riedböhringen* e falecido em 16 de novembro de 1968 em Roma, Itália, foi um jesuíta alemão, teólogo e estudioso bíblico que foi o eixo dos contatos ecumênicos durante o Concílio Vaticano II. Foi nomeado cardeal em 1959 pelo Papa João XXIII. Ele foi um grande arquiteto na melhoria das relações da Igreja Católica com outras denominações cristãs.

<sup>84</sup> Jules Isaac (1877-1963) historiador francês.

judeus, quer dizer, torná-los conhecidos, pelo menos torná-los conhecidos, e torná-los conhecidos em sua verdade, porque torná-los conhecidos como aqueles que mataram Jesus não é a verdade. Então é necessário mudar isso. É o vosso trabalho; e nós [desculpe], nos encontramos enquanto congregação com irmãs que, como eu, tinham entrado para ensinar. Não sabíamos nada sobre o judaísmo. Se me perguntassem alguma coisa sobre o judaísmo, eu não saberia nada, nada de nada. Tentaram me ensinar três palavras de hebraico no noviciado e tenho más lembranças disso, felizmente tive a oportunidade de ir à Jerusalém depois, mas sem isso, nós não sabíamos de nada. Então naquela época, a Congregação me disse (acho que foi no capítulo de 1964... 1970) [desculpe] o concílio terminou em 1965 e tivemos o capítulo em 1970. O capítulo é uma assembleia onde toda a Congregação está representada; onde nem todas estão lá, mas todas estão representadas. Eu e três outras irmãs estávamos representando a França lá e a Superiora Geral (que era inglesa nem mesmo francesa). A Inglaterra foi menos afetada do que a França pela *Shoah* muito menos e foi ela (a superiora da Congregação) que disse: “temos que nos formar, temos que aprender. Não sabemos nada e nos pedem para transmitir. O que podemos transmitir se não sabemos? Temos que trabalhar”. Então nós pedimos que voluntariamente irmãs se apresentassem para este trabalho. Nós dissemos voluntariamente porque este trabalho exigiria uma grande mudança na vida delas. A Congregação precisava do acordo delas para tal missão. Não podíamos dizer simplesmente a elas: vão. Eu concordei com a proposta da Congregação e fui para Jerusalém. Elas me mandaram para Jerusalém e lá me disseram: ouça bem, e eu disse: o que vou fazer em Jerusalém? E elas me responderam: Nós não sabemos! Aprenda. Se forme, mas você vai ver isso lá. Nós também não sabemos o que você deve fazer. Fui para Jerusalém onde encontrei o Irmão Pierre Lenhardt<sup>85</sup>. Você o conheceu?

**Lúcia:** Sim, eu o conheci!

**Maisonneuve:** Vitório<sup>86</sup> também estava lá. Beo<sup>87</sup> não estava lá. Ele estava em Paris, eu o vi em Paris. Ele não estava em Jerusalém. Eu vi Ilário<sup>88</sup>, eu vi o padre Sabiá<sup>89</sup> não sei se você conheceu Sabiá, mas ele foi Superior Geral, ele morava aí em frente, hoje falecido. Quem

---

<sup>85</sup> Pierre Lenhardt (1927-2019), teólogo, especialista em judaísmo e religioso da Congregação *Notre-Dame de Sion* desde 1963.

<sup>86</sup> Padre Vitório Maximino Cipriani, padre da Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion.

<sup>87</sup> Padre Jenuário Béo, padre da Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion.

<sup>88</sup> Padre Ilário Augusto Mazzarolo, padre da Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion.

<sup>89</sup> Padre da Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion.

mais havia na comunidade? Havia padre Beckley, mas não era brasileiro. Resumindo: eu estava no Ratisbonne<sup>90</sup> em Jerusalém e como gostava de línguas comecei a estudar hebraico, e na universidade me disseram que se eu quisesse eu poderia entrar no departamento de linguística. Eu achava que não era capaz. E eles me disseram: tente e veja se dá certo. Então, não deu certo!? Eu trabalhei muito, é verdade. Fiz minha formação em Jerusalém. E desde então, quer dizer, voltei para a França em 1977. Fui professora no Instituto Católico de Paris<sup>91</sup>, não é longe de onde moramos, é ali na rue d'Assas. Eu ensinei hebraico, judaísmo e a tradição rabínica gradualmente porque estes temas não passavam facilmente entre os cristãos [oh lá, lá!]. Foi preciso muita diplomacia e tato e assim ensinei durante 20 anos na Catho e depois no Instituto Católico. Quando chegou o tempo da aposentadoria, eles prorrogaram meu contrato um pouco mais. Não muito, pois não se deve exagerar e depois fui lecionar no Colégio Bernardin<sup>92</sup>. Eu não sei se você já ouviu falar do *Collège des Bernardin* lá não tem limite de idade, então o bispo que estava no comando e que me conhecia me disse que me acolhia enquanto professora no *Collège Bernardin* onde eu ainda fiquei por mais 20 anos. Fui eu que depois de 20 anos lá disse: “acho que chegou a hora de parar”. Mas continuo ensinando aqui e ali para alguns grupos. Eu me converti ao judaísmo, você entende o que eu quero dizer? Sou cristã e me converti ao judaísmo pelo fato de que, como cristãos, não temos o direito de ignorar que Jesus era judeu e, portanto, que nossa tradição cristã tem raízes judaicas e é por isso que escrevi o livro *Judaísmo Simplesmente*<sup>93</sup>. Disse a mim mesma que as pessoas têm que ler e se for muito difícil elas não vão ler; mas as pessoas têm que saber. Estamos na quarta edição deste livro na França, o que significa que pouco a pouco as pessoas têm lido. Claro que não é razão de exagerar. Outros farão melhor do que eu quando eu tiver partido o que não vai demorar. Enfim eis aqui mais ou menos o começo.

---

<sup>90</sup> O Mosteiro Ratisbonne de *Rehavia*, em Jerusalém, Israel, é um mosteiro fundado por Alphonse Ratisbonne para a congregação de Nossa Senhora de Sion e construído pelo arquiteto *Daumat* em 1874.

<sup>91</sup> O Instituto Católico de Paris, ICP, fundado em 1875, com o nome de *Université catholique de Paris*, pelo Monsenhor *Maurice d'Hulst*, é um estabelecimento de ensino superior privado francês. Conhecido como "La Catho", compreende várias faculdades.

<sup>92</sup> O *Collège des Bernardins*, localizado na rue de Poissy 20, no 5º arrondissement de Paris, é um antigo colégio cisterciense da histórica Universidade de Paris. Fundado por Stephen de Lexington, abade de Clairvaux, e construído a partir de 1248. Após uma reforma completa concluída em setembro de 2008, é hoje um local de encontros, diálogos, treinamento e cultura, bem como um centro de treinamento teológico e bíblico. Desde 2009, abriga a Academia Católica da França e está classificada como monumento histórico desde 10 de fevereiro de 1887.

<sup>93</sup> Livro *Judaísmo: Simplesmente* (2017). Uma apresentação sintética do judaísmo, suas tradições, sua liturgia, sua referência à Torá, suas festas, seus ritos e suas relações com o cristianismo.

**Souza:** Outra pergunta: no seu livro *Judaísmo Simplesmente* no capítulo dois, você levantou os aspectos históricos da ruptura entre judeus e cristãos, as perseguições da Igreja e suas consequências e no final deste capítulo, você inseriu uma ponte de inflexão que seria a *Nostra Aetate*. Você faz uma análise mostrando que esses aspectos históricos ainda permanecem desconhecidos para a maioria dos cristãos e para uma parte do clero. Você acredita que hoje ainda é assim?

**Maisonneuve:** A sua pergunta tem duas partes. **Souza:** Sim, sim. **Maisonneuve:** O que vou dizer? Vou começar com o clero. **Souza:** Certo!

**Maisonneuve:** Em qualquer faculdade de teologia hoje há algo sobre o judaísmo e não existia antes. Então há um pequeno progresso na vontade dos líderes, mas devo dizer que este assunto não interessa muito a pessoas que estão em formação (seminaristas e religiosos). Por quê? Não é porque é muito difícil, porque em Paris todo mundo tem meu livro *Judaísmo simplesmente*. [Maria Lúcia: Sim, mas não no mundo todo] Nós damos a eles este acesso. Não é muito difícil. É que nossa mentalidade cristã é tão centrada em Jesus filho de Deus que levará gerações para entender que este filho de Deus é antes de tudo um homem e que este homem nasceu em algum lugar, em uma terra, em um povo com uma tradição, em uma cultura e nós apagamos tudo isso durante dois mil anos. Só vimos o filho de Deus. A encarnação<sup>94</sup>, que dizemos ser o coração da nossa fé, nós não fizemos nada. Nosso Jesus não está encarnado! Vou dar um exemplo atual para mostrar do que estou falando. Todos os dias eu vou (porque tenho uma irmã na casa de repouso e é por isso que meu tempo é picotado, tenho uma vida complicada. Uma irmã que estava comigo. As outras estão todas mortas. Nós éramos cinco aqui e esta irmã foi para a casa das *Petites Soeurs des Pauvres*<sup>95</sup> nesta rua um pouco mais abaixo. Então eu vou de manhã e à tarde para vê-la e ela gosta muito dessas visitas. E por que estou dizendo isso?

**Souza:** Você queria dar um exemplo prático.

**Maisonneuve:** Então eu vou à missa todos os dias nas *Petites Soeurs des Pauvres* de manhã. Todos os dias há três leituras: uma leitura do Antigo Testamento, o salmo e o evangelho. Eu

---

<sup>94</sup> A Encarnação é o dogma cristão segundo o qual o Verbo divino se fez carne em Jesus Cristo. Esta noção é expressa no Prólogo do Evangelho segundo João: “O Verbo se fez carne” (Jo 1,14). Está no centro da cristologia. Na teologia cristã, a Encarnação é o fato, para Deus, de ter se encarnado em um homem, Jesus de Nazaré, em um determinado tempo (origem da era cristã) e lugar (Israel, mais precisamente Belém).

<sup>95</sup> Les Petites Soeurs des Pauvres é uma congregação ao serviço das pessoas idosas. Elas têm uma casa de repouso no 49 rue Notre Dame des Champs 75006 Paris.

nunca, quando eu digo nunca é nunca ouvi o padre, que é idoso, mas isso não é impedimento, ele viveu a *Nostra Aetate* e nunca ouvi esse padre dizer uma palavra sobre o Antigo Testamento. O Antigo Testamento não faz parte da realidade da maioria dos nossos padres e até dos mais jovens, mesmo na paróquia falamos somente do evangelho. Esta manhã havia uma ligação óbvia entre as duas leituras, mas o padre não fez nada, ele não conhece o Antigo Testamento se eu lhe disser isso... Eu não vou dizer isso para ele porque ele se ofenderá. Ele não vai entender. Então não vale a pena: ele é muito idoso para isso. De vez em quando ele fala dos judeus. Não me importa que ele fale dos judeus, mas geralmente quando ele fala deles é para falar mal: “mas os fariseus, os fariseus!”. Eu tenho vontade de dizer a ele: “padre, você não acredita que você e eu somos fariseus em muitas situações? Tenho certeza de que ele desmaiaria, ele adoeceria, não vou dizer isso a ele. Se hoje você perguntar a um padre sobre Jesus, ele responderá claro que Jesus era judeu. Mas se esta questão fosse feita há cinquenta anos? Não dizíamos que Jesus era judeu, mas as consequências dessa identidade judaica de Jesus, ou seja, que ele nasceu em uma cultura e que eu só conheço bem alguém se conheço sua cultura. Quando infelizmente a guerra começou na Ucrânia, eu disse a mim mesma: “não conheço os ucranianos, não conheço a cultura russa” vou começar a ler alguns livros russos para entender um pouco o que está acontecendo lá. Porque se você não conhece o contexto das pessoas você não conhece a pessoa: e aí? e aí? A prova é que você teve que vir me ver, que a foto não é suficiente. Você tem que me fazer perguntas para saber o que é que havia antes, então a cultura é importante. Jesus nasceu em uma cultura judaica e a cultura judaica é a tradição oral em torno da Bíblia, mas quem trabalha isso na Igreja? Quem vai trabalhar? A tradição oral as pessoas nem sabem o que é. O clero tem respostas prontas: Jesus era judeu e não vão muito além disso. Se você perguntar o nome das festas judaicas eles vão dizer *Pessach, Shavuot, Sucot*. *Pessach* eles vão saber um pouco porque é Páscoa, mas não muito; *Shavuot*, o dom da *Torá* e saber isso é exigir muito; *Sucot* eles não saberão nada porque eles não fizeram uma palavra de hebraico. É verdade que os seminaristas fazem um ano de hebraico, mas em um ano de hebraico você não faz muita coisa. Alguns continuam, mas eles não são muitos. É claro que tem algumas exceções porque existem algumas exceções. Eu acho que no clero francês [eu os conheço um pouco, os bispos são meus antigos alunos], não sabem sobre o judaísmo. Numa estimativa: 30 pessoas. Há 30 pessoas na Igreja da França que são capazes de manter uma conversa sobre judaísmo por 15 minutos, não peça mais do que isso. Em resumo: a Igreja fez um progresso! Segundo tempo: a mentalidade da Igreja, sua maneira de pensar ainda não mudou e será necessário algumas gerações para que isso aconteça. Você sabe que existe uma história que diz (você já deve ter andado de bicicleta)

quando você desce uma ladeira de bicicleta ela vai rápido, mas quando nós subimos ela leva o dobro do tempo, então a gente diz: nós descemos a ladeira em relação ao judaísmo durante 2000 anos e levaremos 4000 anos para subir. Estamos apenas começando a mudar de cabeça: não sabemos nada. Nós temos ideias sobre pessoas e para mudarmos nossas ideias sobre pessoas isso leva tempo: se é que acontecerá um dia! Às vezes não acontece, então eu acho que não há nada de extraordinário, mas Deus é paciente, Deus é paciente mais do que nós. Muitas vezes nós gostaríamos de impor uma ideia, um texto, mas não é assim que funciona. Eis o meu ponto de vista sobre o clero. Agora vou falar das pessoas, dos cristãos, eu gostaria de dizer primeiro da humanidade porque não há muitos cristãos na humanidade. Eu vou falar da realidade da França porque é o que eu conheço. As pessoas que não sabem nada do cristianismo, não são cristãs; os judeus, eles estão abertos ao diálogo. Eles estão prontos, pois não foram distorcidos pelo ensinamento cristão. Eles estão prontos para ouvir que Jesus era judeu e que isso tem consequências; que ele tinha uma cultura, que é necessário aprender sua língua se você puder, que os textos que ele utilizou faziam parte da tradição oral. Não havia livros e nem cadernos, ele não escrevia com uma caneta e aqueles que o escutavam sabiam que seu ensinamento fazia parte da tradição oral. Você conhece o telefone sem fio? Em francês nós brincamos de telefone sem fio, no Brasil é a mesma coisa? **José De Souza:** Sim, é o mesmo princípio!

**Maisonneuve:** alguém diz algo e no final sai algo completamente diferente porque as orelhas se deformam. A tradição oral tem muito disso, muitas facetas, é *Rashi* o grande *Rashi* que diz: “a palavra de Deus é como um grande cristal que é talhado em várias faces, e dependendo de qual lado você olha você vê a palavra de Deus de forma diferente. Ela é assim: tem mil facetas e é o profeta Jeremias que diz: "ela é como um fogo que como uma lareira que explode em mil brasas" é sempre o mesmo fogo a palavra de Deus. Eu recebo uma brasa aqui outra ali é uma maneira de dizer que há inúmeras maneiras de [receber, interpretar, assimilar] a palavra de Deus e seja qual for a forma é necessário começar. Para os não-cristãos é mais fácil ao passo que para os cristãos que ouviram desde o catecismo que Jesus é o filho de Deus, que ele era um homem, mas que foi morto pelos judeus e ainda hoje se diz isso. A estas pessoas nós dizemos: vamos estudar a história? Porque a história desmente tudo isso, ela mostra que foram os romanos que mataram Jesus. Houve judeus (uma minoria, alguns líderes) que estiveram de acordo com esta decisão, mas não o povo. Foram os líderes do povo e nós, quer seja no Brasil ou aqui na França, nós necessariamente não pensamos com os nossos líderes. Nós podemos pensar de forma diferente dos nossos líderes e eles também. Os cristãos



são deformados e aí leva tempo para mudar, apontar a deformação e explicar porque tal ideia é falsa. É preciso reconstruir e isso levará 4000 anos. Eu vejo isso com meus irmãos e irmãs. Eu tenho muitos irmãos e eles foram criados como eu ou não exatamente. Os últimos não foram criados como os mais velhos, nós somos nove ao todo. Eu fui a segunda. Com a última foi um pouco diferente, mas basicamente recebemos a mesma [educação] e as mesmas ideias. Eles não entendem absolutamente o que estou dizendo a vocês. Eles não falam mais mal dos judeus. Antes eles diziam e eles sabem que se eles falarem mal na minha frente eu vou rebater, argumentar, mas tirando o fato que eles não falam mal dos judeus, eles não sabem nada sobre a cultura judaica. Eu tenho um outro livro que não é *Judaísmo simplesmente*, se trata de *A Torá vem dos céus*<sup>96</sup> um livro que eu escrevi e que passei para um dos meus irmãos e eu disse a ele: “não tenho certeza de que você vai entender tudo”. E ao me devolver o livro ele me disse que não entendeu nada. Eu sei que o livro não é complicado porque eu não escrevo de maneira complicada, mas para compreender você tem que entrar em uma cultura e isso é complicado porque você tem que mudar suas ideias. Mas eu falo demais e são vocês que vieram fazer perguntas. Respondi as duas perguntas?

**Souza:** Sim! Precisamente você fala que agora é a hora de subir essa ladeira e como você disse necessita tempo. Há também essa ideia de desconstruir algo porque é como se tivéssemos muitas coisas na cabeça, então fica difícil receber, é preciso esvaziar-se para receber. Nesse processo o que você acha que poderia ajudar a humanidade, como tal, a subir essa ladeira para se livrar de tantas coisas inúteis, sobretudo das ideias pré-concebidas que temos, para assim realmente receber o que parece no final das contas: óbvio ; quando olhamos simplesmente?

**Maisonneuve:** Eu vou ser muito... [Estou falando rápido demais para você? Você consegue entender?] [**Lúcia:** Sim, entendo]. Eu vou ser bem radical. Você conhece nossa Igreja eu acho que é verdade no Brasil como na França: a Igreja como um todo precisa fazer sua purificação. A sua purificação, isto é, uma busca da verdade. Ela construiu durante 2000 anos sobre bases que devem ser sempre revistas. Essas bases eram verdadeiras no início. Eu acredito que os apóstolos deram um testemunho real, mas muito rapidamente este testemunho foi absorvido pelas diferentes culturas que gradualmente se apoderam da religião o que significa que a verdade da religião mudou e que hoje temos que fazer a verdade. Veja que o papa está no Canadá para fazer a verdade da Igreja do Canadá sobre esses internatos, da Igreja que se

---

<sup>96</sup> La Torah vient des cieux - Introduction au sens du langage biblique (2010).

comportou como os pagãos, mais do que pagãos e por isso, em todos os lugares se percebe que é necessário purificar, que é necessário purificar tudo isso. De minha parte, digo isso porque não vou fazer isso. Não posso mais fazê-lo, mas seria necessário sim e esta não é a maneira simples que você está pedindo, é a maneira complicada. A Igreja precisaria esclarecer, desconstruir, demolir todas essas construções o que isso significa? Significa que não temos princípios, mas eixos teológicos. Cremos na Trindade<sup>97</sup>, cremos na Encarnação, cremos na Redenção<sup>98</sup>, dizemos tudo isso no Credo<sup>99</sup>. As pessoas recitam o credo, mas elas não sabem o que estão dizendo (sim, é isso) você tem que explicar o que é a Trindade. O que é a Trindade? Eu não sei o porquê de ser tão complicado, mas o que eu sei é que na Bíblia no *Shemá* Israel, os judeus todas as manhãs pronunciam: “*Shéma Yisraël Ado-naï Éloheinou Ado-naï e’hade*, O Senhor nosso Deus é o único Deus!” Ele é único e não o primeiro, pois isso significaria que há outros deuses. Não! Ele é o único Deus. E os judeus dizem brincando: “para os cristãos um é igual a três”. Eles riem de nós e eles estão certos. No entanto, acredito que nunca explicamos de maneira simples, e é o modo como deveria ser feito: dizer três pode significar um. Que três é igual a um, que três é igual a um! Inclusive nas Escrituras<sup>100</sup> temos inúmeras passagens onde três é utilizado para explicar o um. É algo impressionante que requer muito estudo, exigindo que uma equipe de teólogos trabalhe durante gerações e gerações. Eu disse gerações porque você sabe que a Bíblia hebraica foi escrita em caracteres hebraicos não há vogais em hebraico, há apenas consoantes. Você fez um pouco de hebraico e viu que há apenas consoantes, mas como posso pronunciar uma língua que não tem vogais?

---

<sup>97</sup> No cristianismo, a Trindade é o único Deus em três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, iguais, tendo a mesma substância divina. A fé na Trindade é o princípio fundador comum às principais denominações cristãs: catolicismo, ortodoxia e protestantismo. O fundamento desta doutrina é expresso no símbolo do Primeiro Concílio de Constantinopla de 381. O conceito de “Trindade” não aparece explicitamente no Novo Testamento, mas as três pessoas são nomeadas e ali se manifestam várias vezes, tanto em sua distinção quanto em sua unidade. Para a teologia cristã, essas três pessoas, ou hipóstases, constituem o único Deus na forma da Trindade.

<sup>98</sup> Redenção (do latim *Redemptio* que significa "redenção") é um conceito teológico presente no judaísmo, cristianismo e islamismo, que enfatiza o aspecto divino do mistério da Salvação do Homem.

<sup>99</sup> O Credo (em latim: “*Creio*”) designa a versão latina do **Símbolo** usado com diferentes Igrejas Cristãs: *Credo in unum Deum* (“Creio em um só Deus”).

Os cristãos chamam de **Símbolo** de um resumo das crenças da fé cristã. O uso reserva essencialmente esse termo para as fórmulas mais antigas, citadas abaixo, também chamadas de “símbolos ecumênicos”, pois, por sua antiguidade, foram adotadas por quase todos os cristãos.

<sup>100</sup> Por Sagrada Escritura, queremos dizer os textos sagrados judaicos. O adjetivo escriturístico (do latim *scriptura*, escrita) designa o que se relaciona com as Sagradas Escrituras. A Bíblia é a coleção de Sagradas Escrituras comuns às Igrejas Cristãs. A palavra Bíblia também é usada para designar a Bíblia hebraica, que é dividida em três partes principais, resumidas pelo termo *TaNaKh*, iniciais de seus títulos hebraicos, a Torá (equivalente ao Pentateuco do Primeiro Testamento), os *Neviim* (os Profetas), os *Ketuvim* (os Escritos). Jesus e os escritores do Novo Testamento consideravam os livros do Antigo Testamento (ou Primeiro Testamento) como escrituras (Mt 22:29; Jo 5:39; 2Tm 3:15; 2Pe 1:20-21).

Eu não posso pronunciar-la, então o que nós fizemos? Adicionamos pontos ou pequenas linhas que devem ser consideradas como vogais e fizemos isso, levou três séculos para fazer isso! Os *massoretas*<sup>101</sup> era uma família que viveu por três séculos em Tiberíades entre o século VI e o século IX. Leva-se muito tempo, às vezes gerações, para chegar à conclusão de um projeto que finalmente nos ultrapassa, pois este projeto é a palavra de Deus que vai além de nós e sempre irá além de nós. Mas não é só a Trindade que precisamos estudar, temos também a Encarnação. Eu estava dizendo antes sobre a Trindade, então a Trindade nós temos que começar a estudar. Um é igual a três! Sim, às vezes, no cristianismo também um igual é igual a três. A propósito dizemos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo e dizemos que os três são um único Deus e essa afirmação precisa ser explicada para as pessoas. Elas não sabem o que isso significa, mas dar esta explicação é muito difícil.

A encarnação: Jesus é um homem, sim. Mas afinal, se ele é um homem, ele tem pais, avós; ele nasceu em um país, nasceu em uma cultura, nasceu em uma civilização. No entanto, nós nunca falamos disso sobre Jesus. Nós dizemos que Jesus é o filho do Pai. Essa afirmação não me diz nada da sua cultura. De que cultura é o pai? Quem é o pai? O pai é Deus. Nós dissemos sim para estas afirmações, fingimos que entendemos, mas na realidade nós não compreendemos nada! O Espírito Santo<sup>102</sup>: A Escritura, o Antigo Testamento, está cheio do Espírito Santo. A Escritura diz o espírito de Deus, ela não diz Espírito Santo. É a Igreja que disse Espírito Santo, mas o que é o espírito de Deus? O espírito de Deus já está lá na criação. O espírito de Deus pairava sobre as ondas no segundo versículo de Gênesis, o segundo! Primeiro versículo: No princípio criou Deus os céus e a terra (Gênesis)<sup>103</sup>. Segundo versículo<sup>104</sup>: e a terra era “*tohu vavohu vechoshech al-Peney tehom*” havia trevas no lugar dos céus e o espírito de Deus pairava sobre [os céus]. “*veruach Elohim merachefet al-Peney hamayim*”. Já temos três pessoas: tem Deus que fala e quem age? Quem age é o filho [não é

---

<sup>101</sup> Os massoretas (hebraico בעליה המסורה *ba'alei hamassora*, "mestres da tradição") são os transmissores da Massorá, a tradição de transmissão fiel da forma textual da Bíblia hebraica, bem como suas nuances de pronúncia e vocalização, são de uma época em que as línguas em que a Bíblia foi escrita há muito haviam se tornado línguas mortas. Os massoretas constituíram listas e códices massoréticos. Várias escolas deram diferentes versões, mas no século IX o sistema de *Aharon ben Asher* de Tiberíades tornou-se o padrão.

<sup>102</sup> Os cristãos oram ao Espírito Santo e o reconhecem como a terceira pessoa da Trindade. Cristo anuncia no Evangelho o dom do Espírito, expressão do amor do Pai e do Filho. Na tradição espiritual, o Espírito Santo é a fonte de liberdade e compreensão da fé.

<sup>103</sup>Gn1,1: בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ

<sup>104</sup>Gn1,2: וְהָאָרֶץ הָיְתָה תוֹהוּ וָבֹהוּ וְרוּחַ אֱלֹהִים מְרַחֵף עַל־פְּנֵי הַמַּיִם

isso que estou dizendo, desculpe]. No terceiro versículo<sup>105</sup>: E Deus disse que haja luz! Então existe o pai criador. Existe aquele que fala a palavra de Deus que é Jesus. A palavra de Deus nós dizemos, mas o que isso significa? Nada! E o espírito paira sobre as águas, todos os três estão lá na criação. Quando eu digo que um é igual a três para os judeus, eu não estou enganada. Todos os três estão lá. Há um trabalho, em primeiro lugar simples, mas colossal, uma tarefa muito grande e acima de tudo muito longa a ser feita. Você tem que sentar e estudar e aqui eu chego a um ponto muito importante: em nossa Igreja na cristandade, nós não conhecemos o estudo. Nós não conhecemos o estudo como os judeus conhecem. Acho que fiz um capítulo inteiro sobre o estudo no meu livro. O estudo faz parte da vida judaica, os judeus estudam na melhor das hipóteses todos os dias, todos os dias! Eu vou contar uma pequena história: eu conheci um judeu não muito tempo atrás aqui em Paris. Ele era banqueiro. As pessoas más dirão que todos os judeus são banqueiros, todos eles amam o dinheiro etc. Não sei se é verdade, mas isso não é problema meu! Este era banqueiro e tinha família. Ele morava em um duplex, ou seja, um apartamento de um andar e todas as manhãs antes de ir para o trabalho ele descia ao térreo onde estava seu escritório para estudar. Um dia seu filho de 7 anos estava no corredor e ao vê-lo disse-lhe: “Papai aonde você vai?” Então ele respondeu: “Eu vou estudar!” e ele não explicou nada. E seu filho lhe disse: “Posso ir com você?” Sim, disse o pai, se quiser, pode vir comigo! E o pai me disse depois: “Eu não mudei nada, eu estudei em hebraico em voz alta, [todos os judeus estudam em voz alta, isso ajuda na memorização] ele se sentou na frente do filho e o filho na frente dele. Ele não deu nem explicações nem instruções, simplesmente fez o que ele fazia todos os dias quando estudava a sós. No dia seguinte, o garotinho disse para o pai: “posso ir com você?” Então eles começaram de novo. O pai me disse depois: “meu filho vai estudar a vida toda. Eu não disse nada a ele: eu não disse para vir, eu não expliquei a ele o que eu estava fazendo, mas ele viu que era essencial para mim antes de eu começar a trabalhar”. O judeu que acredita, estuda todos os dias. Devido ao ritmo de vida do nosso mundo, uma vida completamente louca, ele (o judeu) só estuda geralmente no *Shabat*<sup>106</sup> e à tarde ele estuda em comunidade, ele se reúne

---

<sup>105</sup>Gn1,3: וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי-אֹרֶךְ יוֹם הַשְּׁלִישִׁי

<sup>106</sup> *Shabat* (hebraico: שבת, "cessação, abstenção") é o dia de descanso atribuído ao sétimo dia da semana bíblica, sábado, que começa ao anoitecer na sexta-feira à noite. O *Shabat* é oficialmente feriado em Israel e, além das lojas, o transporte público não funciona. Elemento fundamental das religiões israelitas, é observado por muitos fiéis. O *Shabat* é acima de tudo considerado um dia fora do tempo e das contingências materiais, um dia durante o qual todas as atividades externas devem ser reduzidas para se concentrar na família e no lar. Começa na sexta-feira, 18 minutos antes do pôr do sol e termina no sábado após o aparecimento de 3 estrelas médias (aproximadamente 40 minutos após o pôr do sol), ou seja, uma duração que varia entre 25 horas e 25 h 30 min, dependendo das estações.

para estudar. Se tiver oportunidade vá a Jerusalém para ver isso. As pessoas dizem até logo na sinagoga, ou na casa de alguém e estudam juntas. Esse é o ápice da semana. É o alimento e a bebida cotidianos. É um momento vital. E o que eles estudam? Os judeus não têm Bíblia. Se você for na casa de um judeu você verá uma grande biblioteca, mas não há uma Bíblia e você dirá, mas eles não têm uma Bíblia? Não, eles não têm! Você certamente lê a Bíblia, mas nós não compreendemos nada, nós não entendemos nada e é preciso reconhecer este fato. Ontem, [Voltarei à minha história mais tarde], eu estava na casa dos Irmãos de Sion. No momento eles têm um jovem israelense, batizado. Não tão jovem, pois ele tem mais de 40 anos e que talvez ingresse na Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion. Ele me disse: “Gostaria que você viesse um pouco aqui porque tenho algumas perguntas sobre hebraico para lhe fazer”. Eu disse: “hum! Um israelense que quer me fazer perguntas sobre o hebraico...! Ele sabe hebraico israelense, mas há muitas coisas da Bíblia que ele não sabe, porque foi batizado há pouco tempo. Os judeus [então eu o deixo em paz] ele não conhece muito bem a tradição da Igreja então eu nem falei sobre a tradição para ele. Eu expliquei a ele as pequenas coisas que ele me perguntou. Felizmente eu sabia, certamente existem muitas outras que eu não sei. [e por que eu disse isso?] O que eu estava te dizendo? Ah sim, não existe uma Bíblia na casa dos judeus porque a Bíblia é tão difícil que eles só estudam através do *Midrash*<sup>107</sup>, através do *Talmud*, através dos comentários. Eles dizem: este *Midrash* explica tal versículo, então vamos fazer isso hoje. Nós cristãos, não sabemos como fazer isso. Lemos um texto e o que fazemos? Nosso pecado mortal! Não sei como é, você pode ter um Ordo<sup>108</sup> no Brasil diferente do nosso. Com a gente todos os dias, ainda foi o caso esta manhã, porque eu estava lendo e vi que não era o texto completo. Retiramos os versos que não entendemos o que é muito conveniente.

**Lúcia/Souza:** com a gente é a mesma coisa e ainda tem a tradução que às vezes não é boa.

**Maisonneuve:** a tradução eu até compreendo! Eles tentam arranjar para que as pessoas entendam e não podemos culpá-los, mas retirar, apagar uma parte do texto?! Eu sei que é

---

<sup>107</sup> O *Midrash* (hebraico: מדרש, plural *midrashim*) designam ambos: um método hermenêutico de exegese bíblica operando principalmente pela comparação entre diferentes passagens bíblicas; E por metonímia, a literatura coletando esses comentários. Representa o terceiro dos quatro modos de interpretação rabínica da Bíblia hebraica, e é subdividido em *midrash halakha*, que pretende derivar leis do texto, e *midrash aggada*, geralmente para fins homiléticos.

<sup>108</sup> Ordo é uma palavra latina que significa “ordem” ou “disposição”. O ordo é o calendário litúrgico anual, especificando, para uma diocese ou para uma congregação religiosa, a Eucaristia e a liturgia das Horas em cada dia do ano. Este livrinho inclui também toda uma série de informações úteis para a vida litúrgica, a vida diocesana ou a vida da família religiosa.

muito difícil e é aí que está a prova de que a nossa forma de ler a Bíblia não é a correta. Você tem que ler com os comentários. Quero dizer, se um versículo que acabamos de ler é muito complicado eu vou ver o que dizem os comentários sobre ele. Por exemplo, eu vou consultar *Rashi*<sup>109</sup> para ver o que ele disse; depois um outro, mas não somos acostumados a fazer isso. De jeito nenhum! Então, quando eu digo que levará 4000 anos para subir a ladeira, talvez eu esteja além da verdade, levará 6000 anos. Eu não estarei mais aqui para ver isso. Existem maneiras simples, mas é preciso muita paciência.

Eu tenho um grupo de hebraico que estou pensando. Não sei se vou começar a ensinar novamente no ano que vem. Eu não disse a eles que não, mas também não disse que sim. Veremos. Estou pensando, mas visto que já tivemos muitos textos bíblicos eu gostaria de começar a trabalhar com eles a tradição oral. Talvez no próximo ano nós faremos apenas três versículos bíblicos e percorreremos toda a tradição oral que engloba estes três versículos. O que tal comentador disse a este respeito? O que aquele outro disse? O que é, por que ele disse isso? Por que aquele disse o contrário deste? A tradição oral tem muitas contradições, ora nós queremos um pensamento uniforme: a Igreja diz isso. E se eu pensar o contrário? Talvez que os outros estejam certos, mas eu só vou saber quando chegar lá, eu ainda não sei.

**Lúcia:** Para os cristãos não é bom fazer perguntas! **[Maisonneuve: Como?]** **Lúcia:** Para os cristãos não é bom fazer perguntas!

**Maisonneuve:** Com certeza! Absolutamente! Eles (os judeus) fazem perguntas e eles respondem com perguntas, além disso, eles dizem: ah! Mas eu vou te fazer outra pergunta para nos encorajar a buscar, buscar, buscar. Não estamos pedindo para encontrar Deus. Isso acontecerá quando O virmos face a face e aí O descobriremos. Aliás, foi o que me disse o israelense ontem. Ele me disse muitas das perguntas só terão respostas diante de Deus. É exato o que ele disse. Temos muitas questões, mas é preciso procurar, procurar, procurar! **[Lúcia: Procurar... sim!]**

**Maisonneuve:** Toda a nossa vida é uma procura, e nossa Igreja, porque é esta a sua questão não está acostumada a procurar. Não estou dizendo que ela não é capaz de fazer isso! Mas ela não está acostumada e mudar o hábito dela é muito complicado, é muito complicado. Principalmente quando tem outros atrás de você. Sozinho é difícil, mas você ainda consegue. É isso.

---

<sup>109</sup> *Rabi Shlomo Yitzhaki*, mais conhecido pelo acrônimo *Rashi*, foi um rabino da França, famoso como o autor dos primeiros comentários compreensivos sobre o Talmud, Torá e *Tanach*.

**Souza:** sim absolutamente, absolutamente! Maria Lúcia, você tem mais alguma pergunta?

**Lúcia:** Não, não!

**Maisonneuve:** é o suficiente?

**Souza:** Sim, ficou muito claro e era isso que faltava para Maria Lúcia. Porque ela tinha as duas posições, mas faltava o contexto que foi o que você disse. Os livros ela leu, mas sem a pessoa que os escreveu, seu contexto e seu ponto de vista... então era isso que faltava.

**Maisonneuve:** então você ainda tem um ano para escrever sua tese de mestrado?

**Lúcia:** sim, mas eu tenho uma pergunta para você! Você nos falou sobre teologia e esse é o assunto de seus estudos e seus livros, mas há uma questão sobre a história e a relação entre a Igreja e a *Shoah*, por exemplo. Há uma exposição<sup>110</sup> no Memorial da *Shoah* aqui em Paris agora e ela fala sobre a necessidade de reconhecimento e de reparação por parte da Igreja.

**Souza:** o reconhecimento da Igreja e a necessidade de uma reparação devido a tudo o que aconteceu. Nesta exposição que Lúcia viu, eles insistem neste reconhecimento. A Igreja deve reconhecer o quê?

**Maisonneuve:** Então, eu acredito que no que diz respeito a nossa contribuição à *Shoah*, nós enquanto Igreja reconhecemos. Que todos concordam eu não posso dizer, mas a Igreja enquanto instituição fez este reconhecimento! Mas você sabe que numa instituição é preciso que as coisas desçam (cheguam) até o povo. Às vezes é o contrário: sobe do povo para chegar à instituição. Depende, mas aqui é a instituição. Primeiro foi a República Francesa que disse que a França era culpada, o que já é um grande avanço. Depois coube à Igreja dizer que ela reconhecia e se arrependia. Falo das atitudes de arrependimento expressadas em *Drancy*<sup>111</sup> e em outros lugares. Eu acredito que a Igreja oficial fez este reconhecimento, mas ao mesmo tempo você deve saber que o reconhecimento de *Drancy*, do campo de *Drancy* pela Igreja da França, foi feito apenas por cerca de trinta bispos e que os outros se recusaram, ou seja,

---

<sup>110</sup> A exposição “Pela graça de Deus”, as Igrejas e a Shoah do dia 17 de junho de 2022 a 23 de fevereiro de 2023 na 17, rue *Geoffroy-l’Asnier* 75004 Paris.

<sup>111</sup> Em 30 de setembro de 1997, em *Drancy*, os bispos da França, evocando o Holocausto, arrependeram-se, reconhecendo oficial e publicamente que "dada a magnitude do drama e a natureza sem precedentes do crime, muitos pastores da Igreja, por seu silêncio, ofendeu a Igreja e sua missão. “Hoje confessamos que esse silêncio foi uma falta. (...) Confessamos esta falha. Imploramos o perdão de Deus e pedimos ao povo judeu que ouça esta palavra de arrependimento". Alguns meses depois, Roma, por sua vez, produziu um texto na mesma linha. Com efeito, em 16 de março de 1998, um documento aprovado por João Paulo II e publicado pelo secretariado romano para as relações com o judaísmo, reconhece que o "ensino do desprezo" encorajou o antissemitismo e o genocídio dos judeus.

mesmo os bispos da época de *Drancy* em [1960 ...1998] acredito que algo assim em todo caso, há mais de 20 anos. Vinte anos depois talvez as coisas tenham mudado e no mais os bispos mudaram, mas naquela época muitos bispos se recusaram a colocar em questão a Igreja. Você vê quando o Papa diz que devemos lutar contra o clericalismo, isso significa que acreditamos, acreditamos por muito tempo que o que dizia a Igreja era a palavra de Deus. Não, a Igreja não é Deus! A Igreja, Deus a quer e a conduz, mas no barco há muitas pessoas que voltam para as águas, para o mar e que não querem ir para onde estão sendo levadas, então elas caem. Aqui também tem um ponto importante: a *eclesiologia*<sup>112</sup>, eu estava falando em refazer a teologia, devemos refazer a *eclesiologia*, a ciência da Igreja, o que é a Igreja? São homens e mulheres que fazem muitas besteiras. Basta olhar ao nosso redor e aí a gente diz: Somos nós que fizemos isso?! Sim! Somos nós e temos que refazer a teologia da Igreja. Mas lá de novo eu ouço as pessoas falando: mas é a Igreja que disse isso, que disse aquilo, mas quem é a Igreja? A Igreja é você, sou eu. Então quando eu digo algo, eu digo: E se não for verdade o que eu estou dizendo? E se não fosse verdade? É um trabalho colossal, colossal! Nós nunca terminaremos. Mesmo você que é jovem, você nunca terminará, mas para não terminar você deve começar.

**Lúcia:** sim. **Maisonneuve:** Aliás, é o que você está fazendo! Eu espero que isso te ajude. **Souza:** Sim, é muito bom! Alguma outra pergunta? **Lúcia:** Não! **Souza:** Então encerramos esta entrevista! **Lúcia:** Ah sim, obrigada, muito obrigada! **Maisonneuve:** Você ainda está aqui por um tempo?

FIM DA GRAVAÇÃO: 46'33'

---

<sup>112</sup> *Eclesiologia* (etimologicamente "estudo da Igreja") é um ramo da teologia cristã que estuda as origens do cristianismo e, do ponto de vista do crente, o papel da Igreja na história da salvação. Esta Igreja é formada pelos fiéis, unidos no batismo e na fé na ressurreição de Cristo: eles constituem uma "assembleia", a *ekklesia* (*Εκκλησία*).

Do ponto de vista histórico, a *eclesiologia* trata da evolução dessas "assembleias" que se tornaram igrejas como instituições, com suas próprias estruturas e hierarquias. Há, portanto, uma *eclesiologia* católica, uma *eclesiologia* ortodoxa, uma *eclesiologia* protestante e, desde a segunda metade do século XX, uma *eclesiologia* ecumênica ou interconfessional. A *eclesiologia* mantém laços estreitos com a teologia pastoral, que reflete sobre o compromisso eclesial cristão, e o direito canônico, quando existe, com algumas Igrejas preferindo falar de "disciplina eclesial".



## ANEXO A – Discurso de Alexis Blum, Grão Rabino de Paris

### Intervention<sup>113</sup> du Grand Rabbin Alexis Blum

C'est pour moi un grand honneur et une joie de pouvoir apporter mon témoignage concernant l'œuvre si importante accomplie par Sœur Louise- Marie Niesz et Sœur Dominique de La Maison- neuve à la tête du SIDIC.

Ayant terminé mes études à l'École Rabbinique de France en 1965, je me souviens de l'intérêt soutenu avec lequel mes collègues séminaristes et moi-même suivions à travers la presse et les débats publics les travaux préparatoires puis les conclusions du Concile Vatican II ouvert il y a 50 ans et tout particulièrement la parution de la Déclaration *Nostra Aetate* de 1965 sur les religions non chrétiennes. Je me souviens encore d'avoir pu assister à l'une des dernières grandes conférences de Jules Isaac (décédé en 1963) et j'ai aussi en mémoire les prises de position du Grand Rabbin de France, Jacob Kaplan qui, bien avant d'autres rabbins, a cru à un tournant décisif et positif de l'Église catholique à l'égard du Judaïsme et des Juifs.

Cela s'est en effet concrétisé par la désignation par le Vatican de la Congrégation féminine de Notre-Dame de Sion pour se consacrer spécialement à une vie apostolique de témoignage envers le peuple juif et un peu plus tard par la création du SIDIC.

Comment ai-je découvert le SIDIC ? Mon regretté cousin, le rabbin Daniel Gottlieb, camarade de promotion au Séminaire, très favorable- ment impressionné par ses premières rencontres avec les sœurs du SIDIC, m'a persuadé d'assurer avec lui, en alternance, une série de cours. L'accueil par l'inoubliable Sœur Bénédicte et par Sœur Louise-Marie m'a tout de suite, par leur simplicité et leur souriante hospitalité, convaincu de leur sincérité et de l'utilité de notre participation. Quelle nouveauté alors en milieu chrétien de demander à des enseignants juifs, comme notre regrettée amie, Colette Kessler, et même à des rabbins orthodoxes, de faire connaître le Judaïsme, sa doctrine, ses pratiques, de commenter des textes bibliques et de présenter des thèmes de la tradition orale !

---

<sup>113</sup> Le Prix de l'A.J.C.F. 2012 à Sœur Louise-Marie Niesz et à Sœur Dominique de La Maisonneuve dans la revue SENS no 379- 65ème année- mai 2013 pp. 369-371.

Il ne s'agissait pas d'exposer, comme on le faisait parfois ailleurs, tour à tour, un sujet d'un point de vue chrétien et d'un point de vue juif. Non, il ne nous était demandé que la lecture juive sans controverse ni parallèles.

Au-delà de l'accueil extraordinaire des sœurs, ce qui m'a impressionné, c'était le sérieux du public tellement attentif et semblant assoiffé de découvrir et comprendre le Judaïsme authentique. Imaginez, dans les locaux du SIDIC, dans l'appartement servant de bibliothèque, un nombre considérable d'hommes et de femmes, jeunes et moins jeunes, catholiques et protestants, séminaristes, prêtres, étudiants ou engagés dans la vie professionnelle, tous prenaient des notes et souvent enregistraient les cours sur les gros magnétophones de l'époque.

Rappelons justement l'époque : dans les années après mai 68, les étudiants juifs, comme les autres, ne s'intéressaient pas trop à la religion et à la spiritualité. Ils ne se pressaient pas, comme les auditeurs du SIDIC, à la recherche de la parole de Dieu. Même Daniel Gottlieb, alors aumônier très populaire des étudiants juifs de Paris, me confiait ne rencontrer nulle part une écoute enthousiaste semblable à celle du SIDIC. Cette expérience étonnante, émouvante et reconfortante de quelques années m'a conduit (après diverses interventions intermittentes, seulement en raison de mes charges pastorales en province puis à Paris) à reprendre, à la demande de Sœur Dominique et de Sœur Louise-Marie, les cours réguliers de Judaïsme au SIDIC dans les locaux de l'École Cathédrale près de Notre-Dame de Paris, et plus tard ici aux Bernardins avec la création du Certificat Chrétien d'Études Juives (CCDEJ), nouveauté inouïe.

À la réflexion, il me semble que c'est grâce aux sœurs du SIDIC, que nous honorons à juste raison ce soir, que je n'ai pas hésité à accepter de donner des cours de Judaïsme à des groupes en majorité chrétiens, comme celui créé par le regretté Frère Jean-Pierre, de participer aux réunions de diverses sections de l'Amitié Judéo-Chrétienne, aux activités d'associations comme "Bible à Neuilly" et de m'engager dans divers projets interreligieux par exemple avec le Père Dujardin et le Professeur Sternberg ou de me rapprocher du Frère Lenhardt qui me fait l'honneur d'assister parfois à mes cours dans les locaux des Pères de Sion. Il m'est même arrivé de donner un cours hebdomadaire de connaissance du Judaïsme toute une année scolaire à une classe de terminale d'un lycée catholique à la demande de la Sœur directrice de l'établissement.

Les Sœurs du SIDIC m'ont donné confiance pour tout mon engagement dans le domaine du dialogue judéo-chrétien.

C'est aux Sœurs du SIDIC que l'on doit, par exemple, la possibilité qui m'est donnée depuis quelques années d'assurer un cours d'initiation au Talmud et au Midrash dans les belles classes des Bernardins. Le Grand Rabbin Charles Touati, mon maître de mémoire bénie, qui fut aussi le vôtre, chère Sœur Dominique, disait : « le Talmud reste la chose au monde la moins bien connue<sup>114</sup> ». C'est un peu grâce aux sœurs du SIDIC que le Talmud n'est plus si méconnu en France aujourd'hui. Plus, qu'un nouveau regard sur le Judaïsme, il y a un véritable tournant positif.

J'ajouterai que le nouveau regard chrétien sur le Judaïsme a entraîné un nouveau regard des Juifs sur les Chrétiens et le Christianisme.

Le rabbin Samson Raphaël Hirsch (1808-1888), dirigeant néo-orthodoxe, dans son commentaire en allemand du Deutéronome, traduisait le verset 32, 7, *Binou shenot dor dor* rendu habituellement par : « [Souviens-toi des jours antiques], médite les années de chaque siècle » par « comprenez les changements de chaque époque » (*shenot* serait non le pluriel de *shanim*, les années, mais de *shinouï*, changement)<sup>115</sup>.

Suivant cette interprétation, le très actif rabbin israélien Shlomo Riskin, connu aussi pour ses réalisations pionnières dans le domaine des relations judéo-chrétiennes, estime qu'on ne peut que répondre favorablement aux changements si visibles de l'attitude de nombreux Chrétiens à l'égard du Judaïsme.

Chères sœurs Dominique et Louise-Marie, vous êtes l'illustration vivante de ces changements historiques qui ont permis de passer de "l'estime de la foi des autres"<sup>116</sup> à la connaissance approfondie.

Je salue votre dynamisme, votre recherche de la vérité sans complaisance et tiens à vous dire combien je reste sensible à l'expression de votre amitié.

Veuille l'Éternel hâter la venue de l'ère annoncée par le prophète Sophonie (3, 9) : « Je gratifierai les peuples d'un idiome épuré pour qu'ils invoquent tous le nom de l'Éternel et l'adorent d'un cœur unanime ».

Grand Rabbin Alexis BLUM<sup>117</sup>

---

<sup>114</sup> Mekor 'Hayim (journal), Iyar 5772 supplément n° 2 p. 21.

<sup>115</sup> Cf. dans Sens n° 377 (mars 2013), pp. 181-198, l'article du Rabbin Riskin, traduit de l'hébreu : "Enseigner la Torah aux Chrétiens" [NDLR].

<sup>116</sup> Selon le titre du livre d'Henri de la Hougue, Desclée De Brouwer, coll Théologie, 2011.

## Tradução da Intervenção<sup>118</sup> do Rabino Chefe Alexis Blum <sup>119</sup>

É para mim uma grande honra e alegria poder testemunhar o importante trabalho realizado pela Irmã Louise-Marie Niesz e pela Irmã Dominique de La Maisonneuve à frente do SIDIC.

Tendo completado meus estudos na Escola Rabínica da França, em 1965, lembro-me do interesse contínuo com que meus colegas seminaristas e eu acompanhamos o trabalho preparatório através da imprensa e debates públicos e depois as conclusões do Concílio Vaticano II que foi aberto há 50 anos e, sobretudo, a publicação da Declaração *Nostra Aetate* em 1965 sobre as religiões não cristãs.

Ainda me lembro de ter podido assistir a uma das últimas grandes conferências de Jules Isaac (falecido em 1963) e me lembro das posições assumidas pelo Grande Rabino da França, Jacob Kaplan, que, muito antes de outros rabinos, acreditou em uma reviravolta decisiva e positiva da Igreja Católica em relação ao judaísmo e aos Judeus.

Isso, de fato, se concretizou na designação pelo Vaticano da Congregação Feminina de Nossa Senhora de Sion para se dedicar especialmente a uma vida apostólica de testemunho ao povo Judeu e um pouco mais tarde na criação do SIDIC<sup>120</sup>.

Como conheci SIDIC? Meu falecido primo, o rabino Daniel *Gottlieb*, colega de classe no seminário, muito favoravelmente impressionado com seus primeiros encontros com as irmãs do SIDIC, convenceu-me a ministrar, de forma alternada, uma série de cursos com ele. A acolhida feita pela inesquecível irmã Bénédicte e pela irmã Louise-Marie que me convenceram, imediatamente pela simplicidade e pela sorridente hospitalidade, da utilidade de nossa participação. Que novidade, então, nos círculos cristãos, pedir a professores judeus, como a nossa saudosa amiga *Colette Kessler*, e até a rabinos ortodoxos, que ensinem o Judaísmo, a sua doutrina, as suas práticas, comentem os textos bíblicos e apresentem temas da tradição oral!

---

<sup>117</sup> Le Grand Rabbin Blum ayant été empêché, c'est Bruno Charmet qui a lu le texte qu'il avait adressé au Siège de l'A.J.-C.F. [NDLR].

<sup>118</sup> extraído da Revista SENS n.º 379. 65º ano . Maio de 2013. p. 369-371

<sup>119</sup> Alexis Blum é Rabino Chefe. Ele foi especialmente rabino da Sinagoga de Neuilly-sur-Seine por mais de vinte anos. Formado pelo Seminário Judaico da França, pelo INALCO (Instituto Nacional de Línguas Orientais) e graduado em Hebraico, foi capelão da École Polytechnique et Prisons. Leciona em várias instituições. Foi membro do Conselho Editorial da Revue Hamore, bem como da Comissão de Ética Biomédica do Consistório.

<sup>120</sup> Serviço de Informação e Documentação Judaico-Cristão.

Não se tratava de expor, como às vezes se fazia em outros lugares de forma alternada, um tema do ponto de vista cristão e do ponto de vista judaico. Não. Apenas nos pediram a leitura do ponto de vista judaico, sem controvérsias ou paralelos.

Além da extraordinária acolhida das irmãs, o que me impressionou foi a seriedade do público, tão atento e aparentemente sedento de descobrir e compreender o Judaísmo autêntico. Imagine, nas dependências do SIDIC, no apartamento utilizado como biblioteca, um número considerável de homens e mulheres, jovens e idosos, católicos e protestantes, seminaristas, padres, estudantes ou profissionais, todos faziam anotações e muitas vezes registravam as palestras nos grandes gravadores da época.

Recordemos a época: nos anos posteriores a maio de 68, os estudantes Judeus, como os demais, não se interessavam muito por religião e espiritualidade. Eles não tinham pressa, como os ouvintes do SIDIC, em buscar a palavra de Deus. Até mesmo Daniel *Gottlieb*, então capelão muito popular entre os estudantes judeus em Paris, me confidenciou que não encontrou em nenhum lugar uma escuta entusiástica semelhante à do SIDIC. Esta experiência surpreendente, comovente e reconfortante de alguns anos me levou (depois de várias intervenções intermitentes, apenas por causa de meus trabalhos pastorais no interior e depois em Paris) a retomar, a pedido de Irmã Dominique e Irmã Louise-Marie, os cursos regulares de Judaísmo no SIDIC, nas dependências da Escola Catedral próximo a *Notre-Dame* de Paris, e depois aqui no Colégio *Bernardins* com a criação do Certificado Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ), uma novidade inédita.

Pensando bem, parece-me que é graças às Irmãs do SIDIC, a quem justamente homenageamos esta noite, que não hesitei em aceitar dar aulas de Judaísmo a grupos predominantemente cristãos, como o criado pelo saudoso Irmão Jean-Pierre; de participar de reuniões de várias seções da Amizade Judaico-Cristã; das atividades de associações como "Bíblia à *Neuilly*" e de me envolver em vários projetos inter-religiosos, por exemplo, com o Padre *Dujardin* e o Professor *Sternberg* ou de me aproximar do Irmão *Pierre Lenhardt* que me dá a honra de assistir algumas vezes às minhas aulas nas instalações dos Padres de Sion. Aconteceu-me até de dar uma aula semanal de conhecimento do Judaísmo durante todo um ano escolar a uma turma do último ano de um colégio católico a pedido da Irmã diretora do estabelecimento.

As Irmãs do SIDIC me deram confiança para que eu assumisse o compromisso no campo do diálogo judaico-cristão.

É às Irmãs do SIDIC que devemos, por exemplo, a possibilidade que me foi dada há vários anos de ministrar um curso introdutório ao *Talmud* e ao *Midrash* nas belas classes do Colégio *Bernardins*. O Grande Rabino *Charles Touati*, meu mestre de abençoada memória, que também foi o seu, querida Irmã Dominique, disse: “o Talmude continua sendo a coisa menos conhecida do mundo”. É em parte graças às irmãs do SIDIC que o Talmude não é mais tão desconhecido na França hoje. Mais do que um novo olhar sobre o Judaísmo, há uma verdadeira reviravolta positiva.

Acrescentarei que a nova visão cristã do judaísmo levou a uma nova visão dos Judeus sobre os cristãos e o cristianismo.

O rabino Samson *Raphaël Hirsch* (1808-1888), líder neo-ortodoxo, em seu comentário alemão sobre Deuteronômio, traduziu o versículo 32, 7, “Binou shenot dor vdor” geralmente traduzido como: “Lembre-se dos dias antigos, medite os anos de cada século ” por “compreenda as mudanças de cada época” (shenot não seria o plural de shanim, os anos, mas de *shinui*, mudança)<sup>121</sup>.

Segundo essa interpretação, o rabino israelense *Shlomo Riskin*, também conhecido por seus feitos pioneiros no campo das relações judaico-cristãs, considera que só se pode responder favoravelmente às mudanças tão visíveis na atitude de numerosos Cristãos em relação ao Judaísmo<sup>122</sup>.

Queridas Irmãs Dominique e Louise-Marie, vocês são a ilustração viva dessas mudanças históricas que permitiram passar da “estima da fé dos outros”<sup>123</sup> ao conhecimento profundo.

Saúdo o vosso dinamismo, a vossa busca da verdade sem complacência e gostaria de vos dizer o quanto sou sensível à expressão da vossa amizade. Que o Eterno apresse a vinda da era anunciada pelo profeta Sofonias (3, 9): “Porque então darei uma linguagem pura aos povos, para que todos invoquem o nome do Senhor, para que o sirvam com um mesmo consenso”.

Rabino Chefe Alexis BLUM

---

<sup>121</sup> Mekor 'Hayim (jornal), Iyar 5772 suplementos n° 2 p. 21.

<sup>122</sup> Cf. in Sens n° 377 (março de 2013), p. 181-198, o artigo do rabino Riskin, traduzido do hebraico: “Ensinando a Torá aos cristãos” [Nota do editor].

<sup>123</sup> Segundo o título do livro de Henri de la Hougue, Desclée De Brouwer, coll Théologie, 2011.

## **ANEXO B – Discurso do Padre Patrick Desbois**

### **Intervention<sup>124</sup> du Père Patrick Desbois**

Les Sœurs de Sion, on peut les voir par le passé, car elles ont marché longtemps, les yeux rivés sur la promesse. Moi, je préfère les voir par l'avenir.

L'avenir, elles le guettent, parfois avec inquiétude certes, l'avenir tout d'abord du peuple juif. Elles connaissent les Juifs de l'intérieur, c'est-à-dire du cœur.

Elles ont su tisser de forts liens d'amitié, sans faille et sans ambiguïté, éclairés par le Concile Vatican II certes, mais n'oublions pas qu'elles étaient du Concile avant le Concile.

Inquiètes de l'avenir de l'Église avec les Juifs, inquiètes car tendues vers l'espérance, comme le disait le Père Dupuy, elles saisissent la relation de l'Église avec les Juifs comme une passion qui les brûle de l'intérieur et qui chaque matin leur fait redire : on y va !

Il faut avoir vu Sœur Louise-Marie enseigner les peintures de Chagall, comme si elle l'avait connu. Et tissant d'un côté l'art et l'histoire de Chagall, elle introduit avec aisance pour elle et pour les auditeurs à la fine saveur de la relation judéo-chrétienne.

Sœur Dominique, qui ne connaît pas son exigence lorsqu'elle enseigne, je préfère dire, transmet l'hébreu ! Il en fallait de l'audace, il y a plusieurs décennies, pour se spécialiser en "hébreu biblique" et en faire son devoir. Là encore, un enseignement enraciné dans la Tradition juive vivante pour que les Catholiques qui apprennent l'hébreu par la langue, entrent un peu dans le beau mystère du peuple juif.

Elles ont eu cette intuition de former avec le cœur des générations de croyants, qui par la suite ont porté ce souci parfois dans la prière, parfois dans la responsabilité. Ces Sœurs aussi tellement présentes aux synagogues qu'elles fréquentent. Je les entends encore se demander : Où vas-tu à Kippour cette année ?

Eh oui ! les Sœurs de Sion, elles, ont tracé un sillon qui nous oblige à regarder loin.

Plus profondément, le contact avec les Frères et les Sœurs de Sion nous rappelle qu'œuvrer contre le péché de l'antisémitisme, cela suppose de tisser des liens durs comme l'acier entre ces deux peuples. Éradiquer, autant que faire se peut, l'enseignement du mépris.

---

<sup>124</sup> Le Prix de l'A.J.-C.F. 2012 à Sœur Louise-Marie Niesz et à Sœur Dominique de La Maisonneuve dans la revue SENS no 379- 65ème année- MAI 2013 pp. 364-366.

Cela relève d'une nomination certes, mais au-delà, cela relève d'une vocation qui vous tient chaque matin face à Dieu, face aux hommes, car il s'agit bien d'un combat.

Malheureusement, le péché de l'antisémitisme, si souvent dénoncé par le Pape Jean-Paul II, après Bonhoeffer, comme crime contre l'humanité, n'est pas mort.

Des actes de violence inimaginables marquent au fer rouge notre pays, l'affaire Mohammed Merah semble n'en avoir été qu'un épisode. Hier, dans le journal Le Monde, on parlait d'un concours de messages antisémites sur Twitter: « Être un bon Juif », les auteurs se livrant à la publication de messages antisémites épouvantables.

Eh bien, vous mes Sœurs, vous nous tournez vers demain. Vous avez toutes les deux de sacrés tempéraments que pas grand-chose n'a pu faire plier. Eh bien ! il semble que par vous le Seigneur a porté des fruits et des fruits qui demeurent.

Il nous faut prier pour que demain et après-demain, se lèvent d'autres Dominique et Louise-Marie, tout aussi incorrigibles et animées de ce souffle d'en Haut, « *Min HaShamayim* », qui nous fait comme Abraham lever les yeux, compter les étoiles, et marcher vers la promesse.

Alors, à vous deux, ce n'est pas un prix qu'il faut donner mais un formidable, un grand, très grand, Merci à la Providence de vous avoir appelées, et à vous, d'avoir accepté, décidé, les bons jours comme les mauvais, de Lui répondre : Oui, me voici, *Hinéni*.

Enfin, il me semble crucial de comprendre de l'intérieur le visage du Christ, auquel vous êtes à juste titre si attachées.

Vous avez perçu combien la judéité du Christ n'était pas seulement un enracinement culturel, mais un signe indispensable pour bien comprendre l'Incarnation dans l'unité du Plan du Salut. Ce visage du Christ, non seulement, vous en parlez, mais vous en vivez.

Et il me semble que se tient là l'un de vos secrets : vous n'êtes pas d'abord des militantes, pas seulement des enseignantes, mais vous portez en vous ce magnifique visage de Jésus, Fils de Dieu, et c'est sans doute cela qui a fait le succès de votre institution, le SIDIC. Vous avez compris que le meilleur attrait dans l'Église, pour qu'elle retrouve ses racines et toutes leurs richesses juives, c'était d'en vivre.

Prête Patrick DESBOIS



## Tradução da Intervenção<sup>125</sup> do Padre Patrick Desbois

As Irmãs de Sion, podemos vê-las no passado porque caminharam muito, com os olhos fixos na promessa. Eu prefiro vê-las com o olhar voltado para futuro. Elas olham o futuro certamente com preocupação. Em primeiro lugar o futuro do povo Judeu, pois elas os conhecem interiormente, ou seja, com o coração.

Elas souberam tecer fortes laços de amizade, sem falhas e sem ambiguidades, iluminadas certamente pelo Concílio Vaticano II, mas não esqueçamos que elas já estavam no Concílio antes do Concílio.

Inquietas com o futuro da Igreja com os Judeus, inquietas porque almejam\_à esperança, como dizia o Padre *Dupuy*, elas apreendem a relação da Igreja com os Judeus como uma paixão que as queima por dentro e que a cada manhã as faz repetir: vamos em frente!

É preciso ter visto a irmã Louise-Marie ensinar as pinturas de *Chagal*, como se ela o conhecesse. E tecendo de um lado a arte e a história de *Chagal*, ela introduz com facilidade para ela e para os ouvintes o delicado sabor da relação judaico-cristã.

A irmã Dominique, que não mede esforços quando ensina, prefiro dizer, transmite o hebraico! Foi preciso audácia para se especializar em “Hebraico Bíblico” e fazer disso seu dever. Aqui, novamente, um ensinamento enraizado na Tradição judaica viva para que os católicos que aprendem o hebraico através da língua, entrem um pouco no belo mistério do povo Judeu.

Elas tiveram esta intuição de formar, com o coração, as gerações de crentes que mais tarde carregaram esta preocupação às vezes na oração, às vezes na responsabilidade. Estas Irmãs estão também tão presentes nas sinagogas que elas frequentam. Ainda as ouço se perguntando: aonde você vai no *Yom Kippur* este ano? Sim! as Irmãs de Sion traçaram um sulco que nos obriga a olhar longe.

Mais profundamente, o contato com os Irmãos e Irmãs de Sion nos lembram que trabalhar contra o pecado do antissemitismo significa forjar laços duros como o aço entre esses dois povos. Erradicar, tanto quanto possível, o ensino do desprezo. Hoje certamente trata-se de uma nomeação, mas é muito mais que isso. É uma vocação que vos motiva a estar

---

<sup>125</sup> No prêmio A.J.C.F. 2012 para Irmã Louise-Marie Niesz e Irmã Dominique de La Maisonneuve. Revista SENS n° 379- 65º ano- Maio 2013, p. 364-366.

cada manhã diante de Deus e dos homens, pois trata-se de um combate cotidiano. Infelizmente, o pecado do antissemitismo, tantas vezes denunciado pelo Papa João Paulo II e depois por *Bonhoeffer*, como um crime contra a humanidade, não está morto. Atos de violência inimagináveis marcam a ferro e fogo nosso país, o caso *Mohammed Merah* parece ter sido apenas um episódio. Ontem, no jornal *Le Monde*, falava-se de um concurso de mensagens antissemitas no *Twitter*: “Ser um bom Judeu”, os autores consagram-se à publicação de terríveis mensagens antissemitas.

Pois bem! vocês minhas irmãs, vocês nos direcionam para o amanhã. Vocês duas tem uma forte personalidade que nada poderia dobrar. Pois bem! Parece que por meio de vós o Senhor deu frutos e frutos que permanecem.

Devemos rezar para que amanhã e depois de amanhã, outras Dominique(s) e Louise-Marie(s) se levantem, igualmente incorrigíveis e animadas por este sopro do Alto, "*Min HaShamayim*", que nos faz erguer os olhos como Abraão, contar as estrelas e caminhar em direção à promessa.

Então, a vocês, não é um prêmio que deve ser dado, mas um formidável, um grande, muito grande Obrigado à Providência por tê-las chamado e a vocês por terem aceitado, decidido, nos dias bons como nos ruins, de lhe responder: Sim, aqui estou, *Hinéni*.

Finalmente, parece-me crucial compreender interiormente o rosto de Cristo, o qual vocês são tão apegadas e com razão. Vocês perceberam o quanto a identidade judaica de Cristo não foi apenas um enraizamento cultural, mas um sinal indispensável para compreender a Encarnação na unidade do Projeto de Salvação. Este rosto de Cristo, vocês não só falam dele, mas vocês o vivem. E parece-me que é aqui que reside um dos vossos segredos: Vocês não são militantes, nem somente professoras, mas levam dentro de vocês este magnífico rosto de Jesus, Filho de Deus, e sem dúvida foi isso que fez o sucesso da vossa instituição, o SIDIC<sup>126</sup>. Vocês compreenderam que o melhor atrativo para Igreja, para que ela reencontre suas raízes e todas as suas riquezas judaicas, era vivenciar estas raízes.

Padre Patrick DESBOIS<sup>127</sup>

---

<sup>126</sup> Serviço de Informação e Documentação Judaico-Cristão.

<sup>127</sup> Padre Desbois dedicou sua vida à pesquisa sobre a *Shoah*, à luta contra o antissemitismo e à melhoria das relações entre católicos e Judeus. Patrick Desbois é um padre católico e presidente do Yahad-In Unum. O padre Patrick Desbois é professor na Universidade de Georgetown (Centro para a Civilização Judaica) em Washington D.C., onde ensina a história do Holocausto. Foi diretor do Comitê Episcopal para as Relações Católico-Judaicas da Conferência dos Bispos da França de 1999 a 2016

## **ANEXO C – Os Dez Pontos de Seelisberg**

### **5 août 1947 – Les Dix Points de Seelisberg <sup>128</sup>**

D'après SIDIC (Service International de Documentation Judéo-chrétienne, Rome), n° 2, 1970, p. 3.

Une « Conférence internationale extraordinaire pour combattre l'antisémitisme » fut réunie du 30 juillet au 5 août 1947 à Seelisberg (Suisse) par l'« International Council of Christians and Jews ». Elle approuva une série de thèses concernant l'enseignement religieux chrétien. Émue par les souffrances du peuple juif, la Commission, au cours d'une franche et cordiale collaboration entre ses membres juifs et chrétiens, reconnut que certaines conceptions inexactes au point de vue théologique, et certaines présentations fausses des Évangiles, tout à fait contraires à l'esprit du christianisme avaient contribué au développement de l'antisémitisme.

Jules Isaac avait préparé une première série de thèses qui servit de point de départ. Élaboré conjointement par les membres chrétiens et juifs de la Commission, le texte fut soumis à l'assemblée par les premiers. Il reçut l'approbation des autorités religieuses chrétiennes. Jusqu'au Concile Vatican II, ce fut le seul document international auquel les chrétiens purent se référer.

### **APPEL ADRESSÉ AUX ÉGLISES**

Nous venons d'assister à une explosion d'antisémitisme qui a conduit à la persécution et à l'extermination de millions de juifs vivant au milieu des chrétiens. Malgré la catastrophe qui s'est abattue sur les persécutés et sur les persécuteurs, catastrophe qui nous fait mesurer l'angoissante gravité et l'urgence du problème juif, l'antisémitisme n'a non seulement rien perdu de sa force, mais menace d'atteindre des parties de plus en plus étendues de l'humanité, d'empoisonner l'âme des chrétiens et de les entraîner dans une faute grave aux conséquences désastreuses. Sans doute les Églises chrétiennes ont-elles souvent affirmé le caractère antichrétien de l'antisémitisme, mais nous constatons avec consternation que deux mille ans de la prédication de l'Évangile de l'Amour ne suffisent pas à empêcher l'éclosion parmi les chrétiens, sous des formes diverses, de la haine et du mépris à l'égard du peuple de Jésus. Cela serait impossible si tous les chrétiens étaient fidèles au message de Jésus-Christ sur la

---

<sup>128</sup> <https://www.ajcf.fr/5-aout-1947-Les-Dix-Points-de-Seelisberg.html>

miséricorde de Dieu et l'amour du prochain. Mais cette fidélité doit comporter la volonté clairvoyante d'éviter toute présentation ou toute conception du message chrétien qui favoriserait l'antisémitisme sous quelque forme que ce soit. Nous devons reconnaître que, malheureusement, cette volonté en éveil a souvent manqué. Nous nous adressons donc aux Églises pour attirer leur attention sur cette situation alarmante. Nous avons le ferme espoir qu'elles auront à cœur d'indiquer à leurs fidèles comment exclure toute animosité à l'égard des juifs, que pourraient faire naître des présentations et des conceptions fausses, inexactes ou équivoques dans l'enseignement et la prédication de la doctrine chrétienne, et comment tout au contraire promouvoir l'amour fraternel à l'égard du peuple de l'Ancienne Alliance, si durement éprouvé. Rien, semble-t-il, ne saurait être plus propre à conduire à cet heureux résultat que d'insister davantage sur les points suivants :

1. Rappeler que c'est le même Dieu Vivant qui nous parle à tous dans l'Ancien comme dans le Nouveau Testament.
2. Rappeler que Jésus est né d'une mère juive, de la race de David et du peuple d'Israël, et que son amour éternel et son pardon embrassent son propre peuple et le monde entier.
3. Rappeler que les premiers disciples, les apôtres et les premiers martyrs étaient juifs.
4. Rappeler que le précepte fondamental du christianisme, celui de l'amour de Dieu et du prochain, promulgué déjà dans l'Ancien Testament et confirmé par Jésus, oblige chrétiens et juifs dans toutes les relations humaines, sans aucune exception.
5. Éviter de rabaisser le judaïsme biblique ou post-biblique dans le but d'exalter le christianisme.
6. Éviter d'user du mot « juifs » au sens exclusif de « ennemis de Jésus » ou de la locution « ennemis de Jésus » pour désigner le peuple juif tout entier.
7. Éviter de présenter la Passion de telle manière que l'odieux de la mise à mort de Jésus retombe sur tous les juifs ou sur les juifs seuls. En effet, ce ne sont pas tous les juifs qui ont réclamé la mort de Jésus. Ce ne sont pas les juifs seuls qui en sont responsables, car la Croix, qui nous sauve tous, révèle que c'est à cause de nos péchés à tous que le Christ est mort. Rappeler à tous les parents et éducateurs chrétiens la grave responsabilité qu'ils encourent du fait de présenter l'Évangile et surtout le récit de la Passion d'une manière simpliste. En effet, ils risquent par-là d'inspirer, qu'ils le veuillent ou non, de l'aversion dans la conscience ou le subconscient de leurs enfants ou auditeurs. Psychologiquement parlant, chez des âmes

simples, mues par un amour ardent et une vive compassion pour le Sauveur crucifié, l'horreur qu'ils éprouvent tout naturellement envers les persécuteurs de Jésus tournera facilement en haine généralisée des juifs de tous les temps, y compris ceux d'aujourd'hui.

8. Éviter de rapporter les malédictions scripturaires et le cri d'une foule excitée : « Que son sang retombe sur nous et sur nos enfants », sans rappeler que ce cri ne saurait prévaloir contre la prière infiniment plus puissante de Jésus : « Père, pardonne-leur, car ils ne savent ce qu'ils font. »

9. Éviter d'accréditer l'opinion impie que le peuple juif est réprouvé, maudit, réservé pour une destinée de souffrances.

10. Éviter de parler des juifs comme s'ils n'avaient pas été les premiers à être de l'Église.

### **Tradução de 5 de agosto de 1947 - Os Dez Pontos de Seelisberg**

Segundo SIDIC (Serviço Internacional de Documentação Judaico-Cristã, Roma), nº 2, 1970, p. 3.

Uma “Conferência Internacional Extraordinária para Combater o Antissemitismo” foi convocada de 30 de julho a 5 de agosto de 1947 em Seelisberg (Suíça) pelo “Conselho Internacional de Cristãos e Judeus”. Ela aprovou uma série de teses sobre o ensino religioso cristão.

Comovida pelos sofrimentos do povo judeu, a Comissão, durante uma colaboração franca e cordial entre os seus membros judeus e cristãos, reconheceu que certas concepções imprecisas do ponto de vista teológico e certas apresentações falsas dos Evangelhos, totalmente contrárias ao espírito do Cristianismo contribuiu para o desenvolvimento do antissemitismo.

Jules Isaac preparou uma primeira série de teses que serviu de ponto de partida. Desenvolvido em conjunto pelos membros cristãos e judeus da Comissão, o texto foi submetido à assembleia pelos primeiros. Ele recebeu a aprovação das autoridades religiosas cristãs.

Até o Concílio Vaticano II, este era o único documento internacional ao qual os cristãos podiam referir-se.

### **APELO ÀS IGREJAS**

Acabamos de testemunhar uma explosão de antissemitismo que levou à perseguição e ao extermínio milhões de judeus que viviam entre os cristãos.

Apesar da catástrofe que se abateu sobre os perseguidos e os perseguidores, uma catástrofe que nos faz medir a gravidade angustiante e a urgência do problema judaico, o antissemitismo não só não perdeu nada da sua força, mas ameaça atingir partes cada vez mais difundidas da humanidade para envenenar as almas dos cristãos e induzi-los a um erro grave com consequências desastrosas.

Não há dúvida de que as Igrejas Cristãs têm afirmado muitas vezes o carácter anticristão do antissemitismo, mas notamos com consternação que dois mil anos de pregação do Evangelho do Amor não são suficientes para impedir o surgimento entre os cristãos, sob várias formas, de ódio e desprezo para com o povo de Jesus.

Isto seria impossível se todos os cristãos fossem fiéis à mensagem de Jesus Cristo sobre a misericórdia de Deus e o amor ao próximo. Mas esta fidelidade deve incluir o desejo lúcido de evitar qualquer apresentação ou concepção da mensagem cristã que promova o antissemitismo sob qualquer forma. Devemos reconhecer que, infelizmente, esta vontade de despertar tem faltado muitas vezes.

Dirigimo-nos, portanto, às Igrejas para chamar a sua atenção para esta situação alarmante. Temos a firme esperança de que eles farão questão de indicar aos seus fiéis como excluir qualquer animosidade contra os judeus, que poderia dar origem a apresentações e concepções falsas, imprecisas ou equívocas no ensino e na pregação da doutrina cristã, e como, pelo contrário, promover o amor fraterno para com o povo da Antiga Aliança tão duramente provado. Nada, ao que parece, teria maior probabilidade de levar a este resultado feliz do que insistir mais nos seguintes pontos:

1. Lembre-se de que é o mesmo Deus Vivo que fala a todos nós no Antigo e no Novo Testamento.
2. Lembre-se de que Jesus nasceu de uma mãe judia, da raça de David e do povo de Israel e que o seu amor e perdão eternos abrangem o seu próprio povo e o mundo inteiro.
3. Lembre-se de que os primeiros discípulos, os apóstolos, e os primeiros mártires eram judeus.
4. Recordai que o preceito fundamental do cristianismo, o do amor a Deus e ao próximo, já promulgado no Antigo Testamento e confirmado por Jesus, une cristãos e judeus em todas as relações humanas sem qualquer exceção.
5. Evite rebaixar o Judaísmo bíblico ou pós-bíblico para exaltar o Cristianismo.

6. Evite usar a palavra “judeus” no sentido exclusivo de “inimigos de Jesus” ou a frase “inimigos de Jesus” para designar todo o povo judeu.

7. Evite apresentar a Paixão de tal forma que a odiosidade da morte de Jesus recaia sobre todos os judeus ou apenas sobre os judeus. Na verdade, nem todos os judeus clamaram pela morte de Jesus. Não são apenas os judeus os responsáveis, porque a Cruz, que nos salva a todos, revela que foi por causa dos pecados de todos nós que Cristo morreu.

Recordai a todos os pais e educadores cristãos a grave responsabilidade em que incorrem ao apresentar o Evangelho e especialmente a história da Paixão de uma forma simplista. Na verdade, correm o risco de inspirar, gostem ou não, aversão na consciência ou no subconsciente dos seus filhos ou ouvintes. Psicologicamente falando, entre as almas simples, movidas por um amor ardente e por uma compaixão viva pelo Salvador crucificado, o horror que sentem naturalmente pelos perseguidores de Jesus transformar-se-á facilmente num ódio generalizado contra os judeus de todos os tempos, incluindo os de hoje. .

8. Evite relatar maldições bíblicas e o clamor de uma multidão entusiasmada: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos”, sem lembrar que esse clamor não pode prevalecer contra a oração infinitamente mais poderosa de Jesus: “Pai, perdoa-lhes, porque eles não sabem o que estão fazendo. »

9. Evite dar crédito à opinião ímpia de que o povo judeu é réprobo, amaldiçoado, reservado para um destino de sofrimento.

10. Evite falar dos judeus como se não tivessem sido os primeiros a pertencer à Igreja.